

Online ISSN 2447-4878

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Vol. 5 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2019

Faculdade Batista  
Pioneira

ISSN 2447-4878

# REVISTA ENSAIOS TEOLÓGICOS

Bíblia – Teologia – Prática

Volume 05 – Número 01 – Junho / 2019

## Missão

Proporcionar espaço para compartilhamento  
dos saberes teológicos em construção

Projeto de Iniciação Científica

**Faculdade Batista**  
**Pioneira**



---

R454 Revista Ensaios Teológicos : Bíblia, teologia, prática /  
Faculdade Batista Pioneira; editora responsável Marivete Zanoni Kunz  
v. 05, n. 01, Jun. 2019. - Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2019. -  
164 p.

Semestral  
ISSN 2447-4878

1. Bíblia. 2. Teologia. 3. Prática. 4. Ministério. 5. Igreja. I. Faculdade Batista Pioneira. II. Kunz, Marivete Zanoni. III. Título. IV. Título: Bíblia, teologia, prática.

---

CDU : 2(05)

Aline Morales dos Santos Theobald

CRB10/1879

Site: [ensaiosteologicos.fbp.edu.br](http://ensaiosteologicos.fbp.edu.br)

Projeto de Iniciação Científica

Os pontos de vista expostos nos artigos são de inteira responsabilidade de seus autores, e não necessariamente refletem a opinião do editor ou da instituição.

Solicita-se permuta / We request exchange  
Wir erbitten Austausch / Se pide cambio



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

Indexador



**Faculdade Batista**  
**Pioneira**

Rua Dr. Pestana, 1021 – Centro – Ijuí / RS – 98700-000  
(55) 3332-2205 – [faculdade@batistapioneira.edu.br](mailto:faculdade@batistapioneira.edu.br)  
[www.batistapioneira.edu.br](http://www.batistapioneira.edu.br)

# REVISTA ENSAIOS TEOLÓGICOS

## Direção Geral

Dr. Claiton André Kunz

## Editora Responsável

Dr<sup>a</sup> Marivete Zanoni Kunz

## Conselho Editorial

Dr<sup>a</sup>. Analzira Nascimento (Faculdade Batista do RJ)  
Dr. Claiton André Kunz (Faculdade Batista Pioneira)  
Dr. Claus Schwambach (Faculdade Luterana de Teologia)  
Dr. David Bledsoe (Southeastern Baptist Theological Seminary)  
Dr. David Riker (Faculdade Teológica Batista Equatorial)  
Dr. Gerson Fischer (Faculdades Batista do Paraná)  
Dr<sup>a</sup>. Madalena Molochenco (Faculdade Teológica Batista de SP)  
Dr<sup>a</sup>. Monica Pinz Alves (Faculdade Batista Pioneira)  
Dr. Rogel Esteves de Oliveira (PUC / RS)  
Dr. William Lacy Lane (Faculdade Teológica Sul Americana)

## Comissão Consultiva

Me. Anderson Guimarães Cavalcanti (Seminário Teológico Batista de São Luís)  
Me. Carlos Alberto Bezzera (Faculdade Batista do Cariri)  
Me. Cleison R. R. Mlanarczyki (Regent College / Canadá)  
Me. Daniel Torgan (Faculdades Batista do Paraná)  
Me. Edmar Pedrosa (Faculdade Teológica Batista de Campinas)  
Me. Erich Luiz Leidner (Faculdade Batista Pioneira)  
Me. Gabriel Giroto Lauter (Faculdade Batista Pioneira)  
Ma. Harriet Wondracek Krüger (Faculdade Batista Pioneira)  
Me. Igor Pohl Baumann (Durham University / Inglaterra)  
Me. Josemar Valdir Modes (Faculdade Batista Pioneira)  
Dr. Reginaldo P. de Moraes (Faculdades Batista do Paraná)  
Me. Robson Maurício Ghedini (Faculdades Batista do Paraná)  
Dr<sup>a</sup> Sandra Fátima Krüger Gusso (Faculdades Batista do Paraná)  
Dr. Vitor Hugo Schell (Faculdade Luterana de Teologia)

## Revisão

Ma. Juliana Scheibner Dellafavera

## Diagramação

Dr. Claiton André Kunz

## Editoração Eletrônica

Me. Gabriel Giroto Lauter

## Capa

Delize Grando



## LEMA

Vocação levada a sério.

## VISÃO

Ser referência no Brasil pela qualidade no ensino teológico,  
tendo a Bíblia como Palavra de Deus.

## MISSÃO

Formar teólogos capazes de aplicar o conhecimento para melhorar a  
qualidade de vida espiritual, política, econômica e social.

## VALORES

Bíblia como Palavra de Deus  
Amor a Deus e ao próximo na prática  
Cristo como único Senhor e Salvador  
Teoria aliada à prática ministerial  
Excelência no ensino acadêmico  
Estímulo ao senso crítico  
Atitude de cooperação  
Integridade de vida  
Visão Missionária

## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	08
---------------------------	----

### ARTIGOS

#### **Paulo e a escravidão diante do caso Onésimo**

Paul and slavery in the case of Onesimus

<i>Ivanildo Luís dos Santos Gomes</i> .....	11
---------------------------------------------	----

#### **Principais crenças e a concepção do Pentecostalismo sobre o batismo no Espírito Santo**

Main beliefs about baptism in the Holy Spirit and the conception of Pentecostalism

<i>Alyson Bruno Tavares da Cunha</i> .....	31
--------------------------------------------	----

#### **História da Teologia do Reino de Deus – de Barth aos Dias Atuais**

History of God's Kingdom Theology - from Barth to the present day

<i>Evandro R. Rojahn</i> .....	42
--------------------------------	----

#### **Fale agora ou cale-se: uma análise sobre a importância do silêncio do Monaquismo primitivo na contemporaneidade**

Speak now or shut up: an analysis on the importance of the silence of primitive Monaquism in contemporaneity

<i>José Carlos Ferraz, José Fabio Bentes Valente e Paula Miranda Lima</i> .....	64
---------------------------------------------------------------------------------	----

#### **Paulo e o problema do antinomismo**

Paul and the problem of antinomism

<i>Flaviano Nogueira Siedeliske</i> .....	75
-------------------------------------------	----

#### **A prática da administração do tempo no ministério pastoral: entre ações e possibilidades**

The practice of time management in the pastoral ministry: between actions and possibilities

<i>Antonio Hugo Lima Lopes</i> .....	90
--------------------------------------	----

#### **Reforma Protestante e o Pensamento Filosófico Moderno**

Protestant Reform and Modern Philosophical Thought

<i>Jeverson Nascimento</i> .....	102
----------------------------------	-----

#### **A interpretação bíblica sob influência da hermenêutica pós-moderna**

Biblical interpretation of the influence hermeneutics postmodern

<i>Nédia Maria Bizarria dos Santos Galvão</i> .....	114
-----------------------------------------------------	-----

#### **A disciplina eclesiástica na Teologia Cristã Reformada do século XXI**

Ecclesiastic discipline in Reformed Christian Theology of the 21st century

<i>Leonardo Aparecido Reis Bedani</i> .....	127
---------------------------------------------	-----

**Igreja em célula e pregação expositiva: uma relação complementar**

Cell church and expositive preaching: a complementary relationship

*Rafael Blume Pereira de Almeida* ..... 139

**RESENHAS**

**A confiabilidade do texto bíblico**

*Felippe de Amorim Ferreira* ..... 155

**Retomando o que não se devia perder**

*Bernardo Stollmeier Kuss*..... 160

**Normas para publicação** .....162

## APRESENTAÇÃO

Prezado Leitor,

Mais uma edição da Revista *Ensaios Teológicos* está disponível, contanto sempre com 10 artigos que, apresentam assuntos de especialistas do meio teológico, bem como, de acadêmicos que estão iniciando suas publicações.

O primeiro artigo, **“Paulo e a escravidão diante do caso de Onésimo”**, escrito por Ivanildo Luís dos Santos Gomes, mostra males que a igreja cristã enfrenta, dentre estes a escravidão. O foco é a epístola de Paulo a Filemom. Destaques como a liberdade cristã que confronta a injustiça e a opressão, são ênfases deste artigo, bem como, que o senhorio de Cristo é o parâmetro para o perdão, para a tolerância, e demais questões.

Alyson Bruno Tavares da Cunha desenvolveu o artigo dois com o tema ‘Principais crenças e a concepção do pentecostalismo sobre o batismo no Espírito Santo’. A ênfase foi a doutrina do batismo no Espírito Santo ao longo dos séculos e as discussões teológicas ocasionadas por esta. O autor mostra que tais discussões têm ocasionado algumas dificuldades. Além disso, Cunha evidencia algumas linhas teológicas que surgiram, e, também explica o significado do batismo no Espírito Santo.

O terceiro artigo foi escrito pelo mestre Evandro R. Rojahn e tem por tema ‘História da teologia do Reino de Deus – de Barth aos dias atuais’. Rojahn deixa claro que o conceito de Reino de Deus desde os tempos de Jesus foi objeto de estudo de inúmeros teólogos e filósofos, e, isso ocorre devido tal tema ser muito significativo. O pesquisador também relata que erros de interpretação ocorrem devido entendimento reducionista. Os vários estudos, conforme Rojahn, apresentaram perspectivas limitadas do conceito, sendo assim o Reino como conceito, deve ser estudado não somente por conceito, mas a nível de teologia e, este é o olhar que o pesquisador apresenta.

Na sequência, os autores José Carlos Ferraz, José Fabio Bentes Valente e Paula Miranda Lima apresentam o artigo número quatro, que tem por título ‘Fale agora ou cale-se: uma análise sobre a importância do silêncio do monarquismo primitivo na contemporaneidade’. Está reflexão e pesquisa enfatiza a sociedade moderna e a perda da importância e o valor do silêncio. Este artigo revela como os ensinamentos ascéticos dos pais da igreja primitiva podem ser úteis nos dias de hoje.

O quinto artigo, escrito por Flaviano Nogueira Siedeliske, tem por tema ‘Paulo e o problema do Antinomismo’. Siedeliske analisa a questão da abolição ou permanência da lei na vida do cristão. Uma das perguntas que o autor tem por base é: ‘O cristão está livre da lei em todos os seus aspectos ou ainda existem aspectos que o cristão precisa observar?’ A base para tal análise é a teologia de Paulo, especialmente o texto de Romanos 6.14. O pensamento de autores como Thomas Schreiner e George Ladd também são destaques deste artigo.

O sexto artigo foi escrito por Antonio Hugo Lima Lopes. Lopes fala sobre ‘A prática da administração do tempo no ministério pastoral: entre ações e possibilidades’. O objetivo foi a análise da importância da administração do tempo no ministério pastoral. Outros destaques



foram: argumentar sobre a responsabilidade do tempo e demonstrar que as muitas atividades no ministério pastoral podem impedir o bom uso do tempo. Nesse sentido, o autor buscou apontar as reais prioridades que o pastor precisa ter. O propósito do autor foi auxiliar pastores do ministério a entenderem a necessidade da disciplina com o tempo. Vários autores serviram de base, tais como: Anyabwile, DeYoung, Goertzen e outros.

O sétimo artigo, escrito por Jeverson Nascimento, tem por título 'Reforma protestante e o pensamento filosófico moderno'. Neste artigo, o autor traz uma abordagem reflexiva acerca do pensamento moderno. É feita uma análise da vida e das obras de *Rene Descartes*, considerado o pai da filosofia moderna e evidenciado como seus pensamentos influenciam pesquisadores e estudantes na atualidade. Outro destaque para este artigo é a análise do impacto das ideias de pensadores e pensamentos modernos, os quais influenciaram a academia levando muitos ao afastamento da Teologia acadêmica e da prática.

Nédia Maria B. S. Galvão escreveu o oitavo artigo e destacou 'A interpretação bíblica sob a influência da hermenêutica pós-moderna'. A autora teve como objetivo mostrar a influência dos aspectos da pós-modernidade na interpretação bíblica e, distorções desta para os dias atuais. O trabalho ainda destaca a necessidade da correta exegese bíblica, na qual o leitor fica livre de interpretações pessoais e é direcionando ao seu espaço. Assim, o destaque fica para fidelidade hermenêutica.

Leonardo Aparecido Reis Bedani escreveu o nono artigo. Esse artigo tem como título 'A disciplina eclesiástica na teologia cristã reformada do século XXI'. Neste artigo o autor evidenciou as contribuições de teólogos expoentes da teologia reformada do século XXI, com o intuito de verificar e analisar o ensino dos mesmos sobre disciplina eclesiástica. O desafio foi compreender se a igreja contemporânea entende o que é disciplina eclesiástica e como as características culturais da contemporaneidade podem influenciar na aplicação da disciplina corretiva. Outro destaque são textos como, do Evangelho de Mateus 18:15-19, e escritos do Novo Testamento como de Paulo aos Coríntios. Nesse artigo também houve destaque para autores, tais como: Calvino, Dever e Alexander, Leeman e outros.

Para finalizar, o décimo artigo foi escrito por Rafael Blume Pereira de Almeida. Neste artigo, intitulado por 'Igreja em células e pregação expositiva: uma relação complementar', o autor analisa a articulação entre a proposta de igreja em célula e a proposta da pregação expositiva, com a intenção de mostrar que tal prática conjugada resulta em uma igreja com membros que tem profundo relacionamento com as Escrituras e boa formação bíblica. Há destaque para conceituações; necessidade de diálogos entre uma igreja em célula e pregação expositiva, a fim de que, fique claro a proeminência da pregação expositiva como pilar para o trabalho da igreja em células. Algumas igrejas que fazem uso de tal trabalho são destacadas, bem como diversos autores que trabalham nessa perspectiva.

A revista ainda apresenta duas resenhas, uma elaborada por Fellipe de Amorrim, do livro: KOSTENBERGER, Andreas J.; KRUGER, Michael J. **A heresia da ortodoxia**: como o fascínio da cultura contemporânea pela diversidade está transformando nossa visão do cristianismo primitivo. São Paulo: Vida Nova, 2014 e a outra de Bernardo Stollmeier Kuss, do livro BEEKE, Joel. **Pregação reformada**: proclamando a palavra de Deus do coração do pregador para o

coração do povo de Deus. Tradução de Francisco W. Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2019. 600p.

Nosso desejo é que estes textos possam servir de inspiração para todos os leitores e que os mesmos os conduzam a reflexões para melhor servirmos no Reino de Cristo!!

Tenha uma boa leitura e que Deus o abençoe sempre!!

Dr<sup>a</sup>. *Marivete Zanoni Kunz*  
Editora Responsável

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## PAULO E A ESCRAVIDÃO DIANTE DO CASO ONÉSIMO Paul and slavery in the case of Onesimus

Ivanildo Luís dos Santos Gomes<sup>1</sup>

### RESUMO

Dentre os males que a igreja cristã enfrentou desde o seu nascedouro, a escravidão foi certamente um dos maiores. A epístola de Paulo a Filemom é um magnífico espelho que reflete a luz e a beleza do evangelho quando este é vivido realmente. Durante séculos a narrativa de Filemom foi lida como a história de um escravo que fugiu de seu mestre e agora deve ser reconciliado com ele, e continuar o bom relacionamento entre mestre e escravo. Pequena, simples e objetiva, a epístola não está construída em torno de assuntos fáceis, e seu arcabouço encerra discussões que têm acompanhado a igreja cristã por séculos. A liberdade cristã confronta a injustiça e a opressão, mas não pode atrair riscos e afrontas sobre a comunidade mais ampla. Há relações que precisam ser restauradas, testemunhos que precisam ser mantidos, e a proclamação do evangelho da graça que deve continuar livre no meio da comunidade. O senhorio de Cristo é o parâmetro para o perdão, para a tolerância, para a convivência em ambientes hostis e para a saúde espiritual e social da igreja. Em Filemom as estruturas escravagistas são enfrentadas com base numa ética altruísta, humanizada e mais elevada do que o sistema jurídico e ético vigente no governo e na sociedade organizada da época: o *ethos* do Reino de Deus segundo os ensinamentos de Paulo e os modelos de suas comunidades. Mais do que uma pequena carta, Filemom é um tratado de relações humanas, direitos humanos, cura, reconciliação e estabelecimento de novos paradigmas sociais e culturais, como a comunhão dos santos, as relações homem e mulher, judeu e gentio, servo e senhor, todos vivendo segundo os ditames da graça e do amor cristão.

<sup>1</sup> Diretor da Base Regional da Paz Church em Porto Alegre, RS. Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Pará – UFPA. Pós-graduado em Educação pela Universidade Luterana do Brasil – ULBRA. Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Evangélico do Betel Brasileiro (livre). Graduado do *Haggai Institute International*, em Cingapura. Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná – FABAPAR. E-mail: ivansgomes@gmail.com.

**Palavras-chave:** Filemom. Escravidão. Liberdade Cristã. Reconciliação. Ética.

## ABSTRACT

Among all evils that the Christian church has faced since its beginning, slavery has certainly been one of the greatest. Paul's epistle to Philemon is a magnificent mirror that reflects the light and beauty of the gospel when it is lived out with reality. For centuries, the narrative of Philemon has been read as the story of a runaway slave who fled from his master's household and now must be reconciled with him, and continue a good relationship between master and slave. Small, simple, and objective, the epistle is not built around easy subjects, and its framework deals with discussions that have accompanied the Christian church for centuries. Christian freedom confronts injustice and oppression, but it cannot attract risks and affronts to the larger community. Some relationships need to be restored, testimonies that need to be kept, and the proclamation of the gospel of grace that must remain free in the midst of the community. The lordship of Christ is the parameter for forgiveness, tolerance, coexistence in hostile environments, and the spiritual and social health of the church. In Philemon, slavery structures are faced based on an altruistic, humanized, and higher ethics than the judicial and ethical system prevailing in the government and the structured society of the time: the *ethos* of the Kingdom of God according to the teachings of Paul and the models of his communities. More than a short letter, Philemon is a treaty on human relations, human rights, healing, reconciliation and the establishment of new social and cultural paradigms, such as the fellowship among the saints, the relationship man and woman, Jew and Gentile, servant and master, all living according to the dictates of Christian grace and love.

**Keywords:** Filemom. Slavery. Christian Freedom. Reconciliation. Ethics.

## INTRODUÇÃO

A escravidão é uma prática exploratória tão antiga quanto a civilização humana. Quase todas as sociedades que aparecem na Bíblia, por exemplo, praticaram alguma forma de escravidão. Assim, este artigo tem como objetivo destacar algumas das discussões recentes e as conclusões de eruditos cristãos, no que diz respeito à escravidão no Novo Testamento, e lançar reflexões para que pastores, missionários, formadores de opinião e aqueles que ensinam a Bíblia em igrejas locais, possam ter um pano de fundo mais claro sobre as questões suscitadas pela escravidão, ontem e hoje. O lastro é a carta de Paulo a Filemom.

O que se segue são discussões sobre as implicações do caso Onésimo, especificamente o tema da escravidão no contexto da sociedade e das comunidades cristãs do primeiro século, em especial aquelas plantadas ou supervisionadas pelo apóstolo Paulo e suas equipes de colaboradores. O assunto é avaliado à luz do ministério e teologia do apóstolo Paulo, considerando suas implicações sociais, religiosas, econômicas e culturais para a jovem igreja de Colossos. Além dela, por extensão, há reflexos toda a igreja do primeiro século e também do século XXI.

## 1. REALIDADE SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAL DA ESCRAVIDÃO NA ANTIGUIDADE

Os eventos bíblicos se desenrolaram em ambientes nos quais sofreram influências das relações sociais, éticas, econômicas e religiosas. Muitos dos costumes do mundo do Antigo Testamento não eram diferentes daqueles dos povos vizinhos, como é o caso da escravidão. Tratando desse assunto, Haroldo Heimer defende que os textos bíblicos são reflexos das relações sociais, e que de alguma forma eles espelham a sociedade e as relações por trás das palavras do texto escrito.<sup>2</sup> Contudo, o povo de Deus tinha métodos mais humanizados de lidar com as relações sociais, já no antigo Israel.

A Torá hebraica, quando aborda as questões do Código da Aliança, traz uma série de leis casuísticas, as *Mishpatim*.<sup>3</sup> Frank Crüsemann diz que os escravos devem ter formado uma classe social expressiva e considerável no antigo Israel, o que forçou a necessidade de regulamentar as diversas questões referentes a eles. Ele diz que “além de marcar o início das *mishpatim*, o direito dos escravos é o princípio estruturador de toda a primeira metade das leis casuísticas”.<sup>4</sup>

Isso explica a razão de uma dessas leis merecer especial atenção, a relevante questão que é o direito dos escravos. Êxodo capítulo 21 regulamenta os direitos básicos do *escravo hebreu*, tratando em especial de sua libertação (ou da escravidão definitiva), assim como das lesões corporais, maus tratos, e as situações em que pessoas livres eram tratadas ou feridas como escravas.

Um salto temporal para o período do Novo Testamento mostrará que os cristãos do primeiro século viviam e trabalhavam em sociedades nas quais a posse de escravos era comum, sendo muitos deles senhores de servos e escravos. Escravos, proprietários de escravos e cidadãos livres compunham as primeiras igrejas cristãs organizadas. É de Paulo a grande declaração aos gálatas, que diz: "Porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes. Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus" (Gl 3.27,28). Aqui, Paulo

<sup>2</sup> REIMER, Haroldo. Sobre economia no antigo Israel e no espelho dos textos da Bíblia Hebraica. In: REIMER, Ivone Richter (Org). **Economia no mundo bíblico**: Enfoques sociais, históricos e teológicos. São Leopoldo: CEBI/Sinodial, 2006, p. 9.

<sup>3</sup> Após a entrega da Lei no Sinai, Deus outorga um conjunto de leis para a nação de Israel. Estas leis e normas são chamadas de *mishpatim* (מישפטים), e se encontram no livro de Êxodo 21.1—24.18. Elas incluem as leis do escravo contratado; as penas pelo assassinato, sequestro, agressão e roubo; leis civis referentes à reparação de danos, concessão de empréstimos e as responsabilidades dos “Quatro Guardiões”; e as normas que regem a aplicação da justiça pelos tribunais. Nelas estão inclusas também as leis que alertam contra maus tratos a estrangeiros; a observância das festas sazonais e as dádivas agrícolas que serão levados ao Templo Sagrado em Jerusalém; a proibição de cozinhar carne com leite; e a mitzvá da oração. No total, a *Parashá de Mishpatim* contém 53 mitzvot – 23 mandamentos imperativos e 30 proibições. Deus promete levar o povo de Israel à Terra Santa e os adverte contra a adoção dos costumes pagãos de seus habitantes. Cf. Chabad.org. *Mishpatim in a nutshell*. Disponível em [https://www.chabad.org/parshah/article\\_cdo/aid/1298/jewish/Mishpatim-in-a-Nutshell.htm](https://www.chabad.org/parshah/article_cdo/aid/1298/jewish/Mishpatim-in-a-Nutshell.htm). Acesso em 20 de janeiro de 2020.

<sup>4</sup> CRÜSEMANN, Frank. Direito — Estado — Profecia. Questões básicas de uma interpretação sócio-histórica das leis vétero-testamentárias. In: **Estudos Teológicos** – Programa de Pós-Graduação em Teologia. V. 29, Nº 03, 1989. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia (EST), p. 286.

enfoca as três principais áreas de divisão na sociedade humana: raça, etnia e religião. São questões de status, disparidade econômica e gênero.

Jennifer A. Glancy, pesquisadora do Cristianismo antigo no *Le Moyne College*, em Syracuse, estado de Nova Iorque, escreveu o livro *Slavery in Early Christianity* (Escravidão no Cristianismo Primitivo). No capítulo 2 ela aborda especificamente o assunto da escravidão nas igrejas paulinas. Como o cristianismo paulino era um fenômeno urbano, ela argumenta que o contato de Paulo com a escravidão teria se dado principalmente em torno da variedade urbana. Glancy diz que além de encontrar escravos nas casas daqueles que lhe ofereciam hospitalidade, Paulo também encontraria escravos, incluindo mulheres e crianças, em lugares públicos e nas ruas. Escravos também eram encontrados realizando todas as ocupações nas cidades greco-romanas. Baseando-se principalmente em Atos dos Apóstolos, ela chega à conclusão de que os escravos nas famílias cristãs eram “corpos dependentes, sujeitos à autoridade intelectual e espiritual dos proprietários de escravos”.<sup>5</sup> Os proprietários de escravos eram, ao mesmo tempo, o ponto de entrada para a igreja e tinham um perfil mais alto dentro dela, desempenhando o papel principal nos batismos de seus lares, como é caso das conversões e batismos coletivos nas casas de Lídia e do Carcereiro, na cidade de Filipos, em Atos capítulo 16.

Numa primeira leitura, a principal questão da Epístola de Paulo a Filemom parece ser a restauração dos relacionamentos entre o escravo Onésimo e o proprietário de escravos Filemom. Como outras comunidades cristãs, eles tiveram que lidar com o potencial conflito decorrente das novas relações de submissão mútua no corpo de Cristo, seja entre judeus e gentios, seja entre escravos e livres. Margaret Killingray, pesquisadora britânica diz que naquelas conjunturas, eles ainda precisavam viver e trabalhar em sociedades com realidades sociais pré-existentes que não poderiam ser facilmente mudadas.<sup>6</sup>

Não era fácil para as primeiras comunidades cristãs, compostas por discípulos judeus, reconhecer seus irmãos gentios como sendo integralmente sementes e herdeiros de Abraão. O cristianismo para eles era particularmente subversivo, radical e transformador. O cristianismo nascente parecia uma contracultura bastante radical, posto que além de nivelar os relacionamentos entre judeus e gentios, trazia esta proposta também para outras esferas das relações sociais, como ricos e pobres, homem e mulher, escravos e livres. Estas e outras são questões que Brian J. Walsh e Sylvia C. Keesmaat trabalham no seu livro *Colossians Remixed: Subverting the Empire* (*Colossenses remixado: subvertendo o Império*), no qual eles mostram como o Império Romano foi confrontado e subjugado sutilmente pelos elevados valores da fé cristã, como foi o caso da experiência da comunidade cristã de Colossos há dois mil anos.<sup>7</sup> Os cristãos não foram chamados simplesmente para trazer alguma melhora para os

<sup>5</sup> GLANCY, Jennifer A. **Slavery in early Christianity**. Minneapolis: Fortress Press, 2006, p. 48.

<sup>6</sup> KILLINGRAY, Margaret. **The Bible, Slavery and Onesimus**. ANVIL Volume 24 No 2, 2007. London: ANVIL, 2007.

<sup>7</sup> WALSH, Brian J.; KEESMAAT, Sylvia C. **Colossians Remixed: Subverting the Empire**. Westmont, Illinois: InterVarsity, 2004, 256 p. Esta obra lida com as demandas sociais e políticas presentes na comunidade de Colossos do primeiro século e as aplica aos dilemas da geração pós-moderna. A proposta é partir de uma mentalidade presa às incertezas do modernismo e do pós-modernismo para uma mentalidade de Reino de Deus, onde se possa viver os valores de um verdadeiro discipulado bíblico.

piores excessos de poder e opressão, enquanto procuram manter as estruturas existentes. Eles foram chamados para viver e realizar bem mais, seja na *ekklesia* seja na comunidade circundante.

## 2. A SOCIEDADE GRECO-ROMANA E A ESCRAVIDÃO

O que exatamente significava ser escravo durante o primeiro século na sociedade greco-romana? Esta é uma carta subversiva e radical? A escravidão estava profundamente arraigada na vida social, econômica e política da sociedade greco-romana, sendo regulamentada tanto pela lei quanto pelos costumes. Kallingray diz que durante o tempo do Império houve alguma melhora nas condições de escravidão; leis foram aprovadas contra certos abusos contra os escravos e um decreto do imperador Cláudio foi emitido no primeiro século, declarando que os escravos idosos ou doentes não poderiam ser abandonados, a menos que fossem libertados.<sup>8</sup>

Uma lei que limitava o número de escravos que poderiam ser libertados pela vontade de um dono sugere que se tornou habitual colocar cláusulas de alforria nos testamentos. Nero permitiu que os escravos, em certas circunstâncias, pudessem queixar-se em tribunal. Apesar de tudo, os escravos estavam inteiramente à mercê de seus donos, e a história mostra como abusos e torturas foram usados para coibir rebeliões, obter confissões e subjugar os mais fracos.<sup>9</sup>

Na Antiguidade, a hegemonia e o domínio de um grupo sobre outro estava diretamente relacionada à situação política e às guerras. Em muitos sentidos, não existiam raças ou nacionalidades específicas que fossem destinadas à escravidão, o que tornava qualquer pessoa susceptível à escravidão, dependendo das circunstâncias que lhe adviessem. Sobre isso, Moses Finley, historiador americano, escreve:

[...] os gregos escravizavam outros gregos quando podiam, os romanos escravizavam os gregos, e ambos escravizavam qualquer povo em que pudessem deitar mãos, quer por meio da captura quer por meio da compra. A maioria dos escravos era, porém, “incivilizados” do ponto de vista dos gregos e romanos. Em princípio, o escravo era um forasteiro, um “bárbaro”, fato que o distingue de todas as outras forças de trabalho involuntário conhecidos pela história.<sup>10</sup>

Houve também aqueles que foram fortes críticos da escravidão em Roma e na Grécia. Os estoicos defendiam que há uma humanidade comum entre escravos e senhores de escravos, mas pediam moderação e domínio do temperamento aos escravos – diziam que é melhor ser um servo do que viver escravizado às paixões. Sêneca não questionava a escravidão em si, mas escreveu que senhores cruéis de escravos excediam os limites da retidão moral.<sup>11</sup>

<sup>8</sup> KILLINGRAY, 2007, p. 88.

<sup>9</sup> KILLINGRAY, 2007, p. 88.

<sup>10</sup> FINLEY, M. **Aspectos da Antiguidade**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1990, p. 191.

<sup>11</sup> BERG, Peter A. J. van den. Slaves: persons or property? The Roman law on slavery and its reception in Western Europe and its overseas territories. **Osaka University Law Review** No. 63 (February 2016). p. 171-188. p. 176.

Escravos vinham de todas as partes do Império Romano. De maneira geral, os romanos tendiam a desprezar os gregos, particularmente os da Trácia; os gregos desprezavam os bárbaros; os judeus desprezavam os gentios. Mas esses grupos citados, e muitos outros, estavam representados nas populações escravas. Era comum os romanos ricos terem mais de cem escravos, com escravos gregos bem-educados governando suas casas, educando seus filhos e amamentando seus bebês. Em uma sociedade construída sobre o imperialismo em expansão, muitos escravos eram prisioneiros de guerra. Por outro lado, muitos já nasciam escravos, por terem pais escravos, por terem sido vendidos por suas famílias para pagar dívidas, e ainda outros por terem sido abandonados quando bebês em lixões locais e coletados por alguém para serem criados como escravos.<sup>12</sup>

Certos princípios fundamentais da escravidão aplicavam-se a todos os escravos do mundo antigo, a saber, que o *dominus* possuía o escravo, incluindo sua vida, corpo, força de trabalho e propriedade. Portanto, a escravidão significava ser cativo. Nos escombros arqueológicos de Delfos, cidade grega antiga do famoso oráculo, foram encontradas mais de 1300 inscrições, datadas entre os anos 200 a.C. e 100 a.C. Elas tratavam das questões de escravidão e alforria. As inscrições de Delfos definem as quatro características da escravidão da seguinte forma: 1) falta de direitos legais, 2) responsabilidade pela apreensão, 3) incapacidade de a pessoa escolher as próprias atividades e, 4) falta de liberdade para determinar sua residência.<sup>13</sup>

Escravos domésticos, como Onésimo, provavelmente tinham melhores condições de vida. Havia escravos usados nas minas e galés, como era o caso de alguns criminosos condenados, e muitos servindo na produção agrícola. Para estes as condições podiam ser muito desagradáveis, como o conseqüente encurtamento da vida. Nos lares, relacionamentos de longo prazo podiam ofuscar as distinções essenciais entre escravos e livres, apesar dos romanos enxergarem a escravidão como um estado deplorável e humilde, com "tendências viciosas" e falta de moral.<sup>14</sup> Moralidade faltava na sociedade romana quase como um todo.

Colossos era uma cidade pequena, e a proporção de pessoas realmente ricas era muito pequena também. Ainda assim havia ali um número razoável de escravos, apesar de não formarem um grupo expressivo. Escravos urbanos, trabalhando nas casas ou em pequenos negócios não chamavam a atenção quando andavam pelas ruas. Mas convém lembrar também que entre as pessoas livres havia muita pobreza e miséria, vida equivalente ou inferior à das favelas modernas. Comparados a estes, muitos escravos poderiam facilmente ter mais alimentos, mais segurança e um lugar mais aquecido para dormir.

Os escravos podiam chegar ao ponto de comprar sua liberdade se conseguissem os fundos necessários em um *peculium*, que servia como uma medida tangível da produtividade dos escravos. De acordo com Peter Temin, o direito dos escravos de acumular e reter bens e recursos era uma parte importante do sistema de incentivos. Ele diz que os escravos que eram

<sup>12</sup> SCHEIDEL, Walter. **The Roman slave supply**. Princeton University. May 2007. 22 p. p.13. Disponível em <https://www.princeton.edu/~pswpc/pdfs/scheidel/050704.pdf>. Acesso em 26 de março de 2015. p.09

<sup>13</sup> WESTERMANN, W. L. Slavery and the elements of freedom in Ancient Greece. In: FINLEY, M.I. (ed.). **Slavery in Classical Antiquity: Views and controversies**. Cambridge: William Heffer and Sons, 1960. pp. 17-32.

<sup>14</sup> KILLINGRAY, 2007, p. 88.



vendidos ou libertos mantinham seu pecúlio, embora tecnicamente não pudessem possuir propriedades. Os escravos podiam até mesmo possuir outros escravos.<sup>15</sup>

Por outro lado, tem havido fortes debates ultimamente sobre o poder aquisitivo dos membros da igreja antiga. Alguns pesquisadores e comentaristas argumentam que as igrejas primitivas incorporaram pessoas de diferentes níveis sócio-histórico-econômicos, contrapondo a ideia de que o cristianismo era um movimento de escravos, camponeses pobres e indigentes. O mais provável é que apenas cerca de um a dois por cento da população de uma típica cidade romana viveria genuinamente confortável economicamente. A grande maioria seriam os pobres carentes, com um pequeno percentual da população tendo alguma segurança econômica. Glancy comenta sobre isto: “Em outras palavras, nossa evidência implica que o cristão 'típico' estava bastante propenso a ser, provavelmente, tanto um dono de escravo como um escravo”.<sup>16</sup> Tão forte era essa evidência que essa instituição antiga e onipresente influenciou o surgimento e o desenvolvimento inicial do cristianismo, incluindo o dos textos cristãos.<sup>17</sup> John Barclay avalia essas questões da seguinte forma:

É impossível imaginar alguém como Gaio ou Filemom oferecendo hospitalidade a toda a igreja (Rm 16.23; Fm 2) sem a ajuda de escravos: não se podia manter uma casa grande o bastante para acomodar um número significativo de convidados de maneira contínua sem a assistência de escravos, pelo menos para atender à porta, cozinhar e servir à mesa.<sup>18</sup>

Filemom era agora um seguidor da fé cristã, mas esta era uma condição relativamente nova quando comparada ao tempo vivido por ele sob as normas e os costumes da sociedade dominante. Além do mais, a instituição da escravidão permeava todas as esferas daquela sociedade, seja social, política, econômica e, principalmente, a laboral.

Não deveria ser fácil nem para um senhor nem para um escravo cristãos conviverem em meio ao tecido de uma complexa rede de relações que atuavam nos vários níveis da realidade por eles vivida. Era necessário aprender a administrar as relações sociais existentes e todos os processos de transformação que estavam surgindo.<sup>19</sup> Por isso é importante buscar compreender como funcionavam as relações escravo-senhor no âmbito da comunidade cristã nascente.

A pequena Colossos vira palco de um conflito e, ao mesmo tempo, dos esforços de Paulo para trazer reconciliação e entendimento entre as partes em disputa. Uma breve olhada na

<sup>15</sup> TEMIN, Peter. The Labor Market of the Early Roman Empire. **Journal of Interdisciplinary History**, xxxiv: 4 (Spring, 2004), 513–538. MIT Press, p. 527.

<sup>16</sup> GLANCY, 2006, p. 131.

<sup>17</sup> KIRCHSCHLAEGGER, P. G. Slavery and early Christianity – a reflection from a human rights perspective. **Acta Theologica**. Suppl 23: 66-93. Bloemfontein, SOUTH AFRICA. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4314/actat.v23i1S.42016>. Acesso em 18 de agosto de 2018. p. 73

<sup>18</sup> BARCLAY, John M. G. Paul, Philemon and the dilemma of Christian slave-ownership. **New Testament Studies**. Volume 37, Issue 2 April 1991, pp. 161-186. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 166. Disponível em <https://doi.org/10.1017/S0028688500015642>. Acesso em 18 de agosto de 2018.

<sup>19</sup> CLAVEL-LEVEQUE, Monique. La lettre de Paul à Philémon et les rapports esclavagistes. In: **Dialogues d'histoire ancienne**. Vol. 7, 1981. pp. 221-233. Disponível em [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/dha\\_0755-7256\\_1981\\_num\\_7\\_1\\_1432](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/dha_0755-7256_1981_num_7_1_1432). Acesso em 31 de março de 2015, p. 228.

estrutura da epístola, envolvendo seus personagens, tema e contexto mostrará como os ambientes eram afetados pela escravidão, e como lidavam ou deveriam lidar com a questão.

### 3. ASPECTOS GERAIS DA EPÍSTOLA A FILEMOM

Apesar de pequena, composta por 25 versículos e 335 palavras no grego original,<sup>20</sup> Filemom é uma epístola rica em significado e implicações teológicas. É a mais pessoal de todas as epístolas paulinas, mas nem por isso a menos abrangente e aplicável. Paulo escreve a Filemom sobre Onésimo, o escravo supostamente fugido. Filemom havia se tornado cristão através do ministério de Paulo, provavelmente por meio de Epafras, membro da equipe de Paulo que teria plantado a igreja de Colossos. O grande centro irradiador de missões na Ásia Menor era Éfeso, segundo Craig Ott e Gene Wilson. As outras seis igrejas citadas em Apocalipse, capítulos 2 e 3 (Ermirna, Pérgamo, Sardes, Tiatira, Filadélfia e Laodicéia), assim Colossos e Hierápolis (Cl 4.13) seriam fruto deste movimento. Eles dizem que é provável que Paulo não tenha plantado nenhuma dessas igrejas, as quais seriam fruto de um dinâmico movimento de plantação de igrejas lançado a partir do polo efésio.<sup>21</sup>

James Dunn sugere que o título pessoal da epístola pode indicar que Filemom tinha tomado parte ativa no ministério de Paulo, talvez até mesmo tirando um tempo de seus negócios para se unir a Paulo no trabalho evangelístico. O uso do termo comercial *koinōnos* (κοινωνός - parceiro, companheiro) no versículo 17 da epístola a Filemom sugere que Paulo tem um duplo sentido em mente. Filemom não apenas tinha comunhão com Paulo no Senhor, mas ele era também um parceiro de Paulo na obra do Senhor.<sup>22</sup>

De acordo com João Cândido Barbosa, Paulo se utiliza da situação particular da relação rompida entre Filemom e seu escravo Onésimo para escrever uma carta de caráter comunitário e abrangente. Inicialmente, a carta parece endereçada somente a Filemom, mas em seguida ele se dirige também a Áfia e a Arquipo, e por conseguinte a toda a igreja caseira com quem aquela família se reunia. Logo, a carta era para toda a comunidade, que vivia em um sistema escravagista. Nota-se que a concepção de Paulo parecia ser a de que não deveria haver lugar para um sistema de desigualdades entre os seguidores de Jesus.<sup>23</sup>

Paulo também se ofereceu para pagar quaisquer dívidas em que Onésimo houvesse incorrido. Há também a sugestão de que Paulo gostaria de ter Onésimo de volta, com a bênção de Filemom, como apoio e colaborador no seu ministério. Paulo começa a carta com uma saudação a Filemom e a alguns de seus irmãos crentes, e termina com saudações daqueles que estão com ele no local da prisão.

<sup>20</sup> MELICK Jr, Richard R. **The New American Commentary**: an exegetical and theological exposition of the Holy Scripture (Philippians, Colossians and Philemon). Vol. 32. Nashville: B&H Publishing Group: 1991, p. 335.

<sup>21</sup> OTT, Craig; WILSON, Gene. **Plantação global de igrejas**: princípios bíblicos e as melhores estratégias de multiplicação. Curitiba: Esperança, 2013, p. 448.

<sup>22</sup> DUNN, James D. G. **The Epistles to the Colossians and to Philemon**. [The New International Greek Testament Commentary \(NIGTC\)](#). Grand Rapids, MI: 2014, p. 301,336.

<sup>23</sup> BARBOSA, João Cândido. O trabalho e a escravidão na visão do apóstolo Paulo. **FRAGMENTOS DE CULTURA**. Goiânia, v. 24, n. 3, p. 403-411, jul./set. 2014, p. 404.

A carta é particularmente calorosa e pessoal. Paulo chega até mesmo a fazer humor – um trocadilho com o nome de Onésimo, que significa *útil*. Será que Paulo queria dizer que ele não tinha sido bom em seu trabalho, ou que talvez estaria sendo obstrutivo? Além da saudação inicial nos versículos 1-3, e a final nos versículos 23-25, na carta de Filemom, o pronome "tu/você" é singular em todo o restante do texto. A carta está cheia de louvor e apreciação. Paulo trata Filemom como "amado" (v.1), "nosso colaborador" (v.1), "irmão" (v.7), e a Onésimo como "meu filho" (v.10), "meu próprio coração" (v.12), "irmão caríssimo" (v.16). Ele elogia Filemom pela sua fé e amor e diz que recebeu muita alegria e encorajamento da parte dele (vv. 5,7).

Colossenses 4.7-18 traz luz sobre o pano de fundo da carta. Onésimo estava sendo enviado de volta a Colossos, onde vivia seu amo Filemom. Agora um "irmão fiel e amado", Onésimo estava acompanhado de Tíquico, ambos conduzindo duas cartas de Paulo: uma geral, para a igreja de Colossos, e outra, pessoal, para Filemom. É provável que eles também estivessem carregando a carta a Laodiceia, mencionada em Colossenses 4.16. O texto deixa transparecer a ideia de que Paulo tinha contato com amigos do lado de fora da prisão. No caso da prisão domiciliar em Roma, no fim do livro de Atos, ele podia enviar mensageiros, escrever cartas e receber visitantes.<sup>24</sup>

A carta é aparentemente simples, o conteúdo é prático e direto numa primeira leitura, mas muitos aspectos dessa simplicidade têm sido questionados pelos críticos. Avaliações têm sido feitas do ponto de vista da autenticidade, contexto sócio-histórico-cultural-econômico, no qual todos os personagens têm papéis diferentes e ligações uns com os outros. Alguns comentaristas levantaram questões sobre o paradeiro de Paulo quando a carta foi escrita e há discussões sobre o tempo da escrita em comparação com as viagens e atividades eclesíásticas de Paulo, como elas aparecem em suas outras cartas e no livro de Atos.

O contexto geral da epístola gira em torno da missiva que Paulo envia a um rico cristão convertido da cidade de Colossos. Nesta correspondência Paulo não trata primordialmente de questões eclesíásticas comunitárias, como na maioria de suas epístolas, mas de um assunto pessoal pendente entre Filemom e outra pessoa, agora responsabilidade de Paulo.

#### 4. PAULO E SUA RELAÇÃO COM O ESCRAVO ONÉSIMO

Como Onésimo teria encontrado Paulo? É possível que Onésimo tenha deliberadamente decidido ir atrás de Paulo. Se ele tivesse fugido de Filemom e estivesse em apuros, ele precisava encontrar algum tipo de asilo e proteção. Onésimo provavelmente tinha conhecimento do relacionamento de Paulo com Filemom. A lei ateniense, que ainda tinha bastante aplicação naqueles dias – apesar do domínio geral romano –, dava margem a que um escravo fugitivo procurasse asilo na casa de um amigo ou de familiares influentes, e que fosse protegido contra maus tratos.<sup>25</sup>

<sup>24</sup> KILLINGRAY, 2007, p. 86.

<sup>25</sup> DMITRIEV, Sviatoslav. The protection of slaves in the Athenian law against hubris. Vol. 70, No.1/2. Toronto: **Phoenix Journal**, Classical Association of Canada, 2016. p. 64-76.

Onde estava Paulo quando escreveu esta carta para Onésimo levar de volta a Colossos? Alguns comentaristas dizem que em Roma, outros dizem que em Cesareia ou Éfeso. A ideia de ser Éfeso tem ganhando popularidade ultimamente, e parece bastante plausível. Colossos distava cerca de 170 quilômetros mais para o interior de Éfeso, conectada por uma estrada principal na Turquia asiática ocidental, e assim a jornada para encontrar Paulo não teria sido muito difícil. O encontro não teria sido tão fácil se Paulo estivesse preso em Roma. Além disso, Paulo pede a Filemom que prepare um quarto de hóspedes para ele, o que outra vez sugere a ideia de uma viagem administrável.<sup>26</sup> Hoje, Colossos se resume a um grande amontoado de ruínas, com um letreiro de metal ligeiramente desgastado. Colossos foi devastada por um terremoto em 60 d.C., o que pode ajudar na tentativa de datar as epístolas.<sup>27</sup>

Quanto à data e local de escrita da epístola, convém destacar o que dizem os pesquisadores da Escola Bíblica e Arqueológica Francesa de Jerusalém:

A determinação da data da epístola está relacionada à prisão do apóstolo mencionada no texto. Tradicionalmente, esta epístola tem sido datada dentro do cativeiro romano (cerca de 60-63), mas a distância entre Roma e Colossos torna pouco provável a possibilidade de Paulo ver Filemom novamente em breve (v.22). A hipótese do cativeiro em Cesareia (Atos capítulos 23-26, 59-60) cai sob o mesmo argumento. Existe um consenso crescente de que Paulo estaria na prisão em Éfeso, o que dataria a carta nos anos 54-56.<sup>28</sup>

Independentemente do local ou da data da escrita, existe unanimidade entre os eruditos quanto ao fato de que foi Paulo quem escreveu a epístola, dele ter estado deveras preso, e de que o jovem escravo Onésimo tenha entrado em contato com ele. Neste contato, Paulo fez de Onésimo um convertido à fé cristã, discipulou-o e o enviou-o de volta a Filemom para conserto e reconciliação. Pode ser que ele estivesse fugindo de Filemom, a quem ele havia prejudicado de alguma forma, talvez por meio de roubo ou qualquer outro tipo de prejuízo. Paulo manda-o de volta, implorando a Filemom que o receba como a um irmão em Cristo, possivelmente para libertá-lo.

O passado de Paulo como um fariseu bem-educado significava que ele tinha um grande conhecimento do Antigo Testamento. Ele teria conhecimento de todas as leis do Pentateuco envolvendo escravidão, incluindo Deuteronômio 23.15,16: "Não entregarás ao seu senhor o escravo que, tendo fugido dele, se acolher a ti. Contigo ficará, no meio de ti, no lugar que escolher, em alguma de tuas cidades onde lhe agradar; não o oprimirás" (ARA).<sup>29</sup> Mas, apesar de na Ásia Menor o direito romano regulamentar a escravidão em favor dos donos de escravos, Bruce diz que essa mesma lei diz que um escravo que fosse maltratado pelo seu

<sup>26</sup> KILLINGRAY, 2007, p. 87.

<sup>27</sup> PADFIELD, David. **Colosse, Hierapolis, Laodicea.** Disponível em <https://www.padfield.com/acrobat/history/laodicea.pdf>. Acesso em 06 de março de 2019. p.03

<sup>28</sup> [ÉCOLE BIBLIQUE ET ARCHEOLOGIQUE FRANÇAISE](https://www.bibletraditions.org/vd/fr/09.Phm.fr.pdf) DE JERUSALEM. **Épître de saint Paul à Philémon.** La Bible en ses traditions AISBL. Roubaix, France: BEST AISBL. Disponível em: <https://www.bibletraditions.org/vd/fr/09.Phm.fr.pdf>. Acessado em 31.03.2015. p.169

<sup>29</sup> Provavelmente essa prescrição se referia aos escravos que fugiam para ser refugiar em Israel, vindo das nações vizinhas, onde as condições de tratamento eram bem piores que no meio dos israelitas.

senhor poderia procurar um amigo do senhor e buscar asilo, pedindo àquele amigo para mediar entre o escravo e o senhor, o que poderia ter sido a intenção de Onésimo ao procurar Paulo.<sup>30</sup>

Há variáveis a serem consideradas nas motivações e na estratégia de defesa de Onésimo. O "lugar" final de redenção escolhido por ele não poderia ser a prisão de Paulo. Seu único lugar ideal para refúgio, paradoxalmente, estava justamente no lugar onde ele era conhecido – de volta como um irmão em Cristo, em Colossos. Mas será que ele seria oprimido? O desafio de Paulo era garantir que ele encontrasse acolhida e perdão total. Ele o envia de volta com um apelo a Filemom para que o aceite. Talvez Onésimo nem tivesse roubado dinheiro ou objetos de valor de Filemom, sendo possível que a oferta de Paulo para pagar qualquer coisa devida por Onésimo fosse uma resposta à lei que dizia que os dias de trabalho perdidos deveriam ser compensados financeiramente por qualquer pessoa que abrigasse escravos fugitivos.<sup>31</sup>

Pesquisadores como Byron<sup>32</sup>, Killingray<sup>33</sup> e Cadwallader<sup>34</sup> acham difícil descobrir exatamente o que Paulo está pedindo que Filemom faça. Ele estaria simplesmente pedindo uma acolhida calorosa e perdoadora antes de Onésimo retomar suas tarefas como escravo doméstico? Ele está pedindo que Filemom o liberte? Ou Paulo está sendo deliberadamente ambíguo no seu pedido? O tom da carta é conciliatório, mas parece que Paulo quer que Filemom resolva por si mesmo o que fazer com o escravo quando ele retornar. Com relação a esse impasse, Lodovic Nobel diz o seguinte:

...nos 25 versos que compõem a nossa carta, Paulo repete e martela três vezes a palavra *σπλάγχνα* (amor, afeição, ternura - versos 7,13,20). Por essa insistência, Paulo espera suscitar, do mais profundo das entranhas de Filemom, um clamor do coração que o levaria a agir contra a razão, isto é, acolher seu escravo Onésimo como um irmão.<sup>35</sup>

Paulo parece estar pedindo que, quando a relação entre Filemom e Onésimo fosse resolvida, ele gostaria muito de ter Onésimo de volta para ajudá-lo em seu trabalho e ministério. Paulo convoca Filemom e a igreja a receber Onésimo de volta como um irmão cristão, com o mesmo tipo de acolhida que teria sido dado a Paulo. Os paralelos com Jesus e a história do filho pródigo ficam bem evidentes: dar uma festa para o pródigo e recebê-lo não

<sup>30</sup> BRUCE, F. F. **The epistles to the Colossians, to Philemon, and to the Ephesians**: The New International commentary on the New Testament. 2nd revised edition. Grand Rapids: 1984, p. 400.

<sup>31</sup> KILLINGRAY, Margaret. **The Bible, Slavery and Onesimus**. ANVIL Volume 24 No 2, 2007. London: ANVIL, 2007. p. 87.

<sup>32</sup> BYRON, John. The Epistle to Philemon: Paul's strategy for forging the ties of kinship. p. 205-216. In: **Jesus and Paul**: Global Perspectives in Honor of James D.G. Dunn for his 70th Birthday. T & T Clark, 2009. New York, NY, 2009, p. 213.

<sup>33</sup> KILLINGRAY, 2007, p. 87.

<sup>34</sup> CADWALLADER, Alan. Name punning and social stereotyping: re-inscribing slavery in the letter to Philemon. **Australian Biblical Review**, 61, 2013. p. 44-60. Australian Catholic University: Brisbane, 2013. Disponível em [https://researchbank.acu.edu.au/ftp\\_pub/571/](https://researchbank.acu.edu.au/ftp_pub/571/). Acesso em 06 de março de 2019. p. 53.

<sup>35</sup> NOBEL, Ludovic. **Paul, Onésime et Philémon**: Maîtres et esclaves libres. Thèse présentée à la Faculté de théologie de l'Université de Fribourg (Suisse), pour obtenir le grade de docteur. Fribourg (Suisse): UNIFR, 2010, p. 28.

como um servo, mas como a um irmão e um filho, e não aceitar murmurações e resmungos sobre isso vindo lá do quintal.<sup>36</sup>

Por mais que Paulo quisesse ser radical contra a escravidão, nem aqui nem na Carta aos colossenses, que seria lida publicamente, ele gostaria de fazer uma declaração clara e direta contra a escravidão, pois isso poderia atrair a ira e mais suspeitas das autoridades sobre a pequena e nova igreja. E como a sua prisão poderia ter sido consequência de proclamar um rei diferente de César, ou de provocar conflitos civis, não seria politicamente correto nem apropriado fazer declarações radicais em público. Ele não diz que Onésimo fugiu ou desertou, mas usa uma expressão mais vaga: “afastado de ti” (v.15). Mas isso pode ser uma maneira eufemística e diplomática de abordar o status de Onésimo como um escravo fugitivo mesmo. Sobre estas coisas, John MacArthur escreve:

Em nenhum momento o Novo Testamento dirige ataques contra a escravidão. Se assim o fizesse, as consequentes rebeliões de escravos seriam brutalmente reprimidas e a mensagem do evangelho seria irremediavelmente confundida com uma reforma social. Em vez disso, a doutrina cristã combateu os males da escravidão transformando o coração de escravos e donos de escravos.<sup>37</sup>

Considerando que Filemom poderia ter vários escravos sob sua propriedade, não soaria bem para os demais a libertação de apenas um escravo. Se ele libertasse esse que se tornou cristão e irmão, apesar das ofensas e prejuízos, isso poderia afetar a disciplina entre os demais escravos, tanto em sua casa como na vizinhança. Além do mais, devia haver outros escravos já crentes na casa, e eles não terem o mesmo privilégio poderia suscitar insatisfações e motins.

A comunidade cristã de Colossos era relativamente nova e não tinha condições de lidar facilmente sozinha com uma situação de tal magnitude. A escravidão era uma instituição por demais arraigada no *ethos* greco-romano.

## 5. ESCRAVOS NA IGREJA CRISTÃ DO MUNDO MEDITERRÂNEO DO PRIMEIRO SÉCULO

A Ásia Menor, onde Éfeso, Colossos, Laodiceia e Hierápolis se localizavam, era uma região multicultural e multiétnica. Tal era também a realidade no meio das comunidades cristãs, pois os membros dessas igrejas eram pessoas vindas de todas as camadas sociais. Assim, muitas questões ético-pastorais devem ter surgido, sendo o caso Onésimo, em pauta, um dos mais expressivos. Os escravos nem sempre poderiam se manter puros em obediência e consagração ao seu novo Senhor. Havia escravos envolvidos na administração e finanças da estrutura familiar, e eles não podiam recusar subitamente a utilização de práticas e métodos imorais que eram comuns nos negócios domésticos. Em muitas casas os escravos deveriam estar sexualmente disponíveis para seus donos. Seus corpos não pertenciam a si mesmos. Aliás, uma das palavras gregas para escravo é *soma* (σῶμα), que significa, literalmente,

<sup>36</sup> KILLINGRAY, 2007, p. 87.

<sup>37</sup> MACARTHUR, John. **Colossenses e Filemom**: Inteira e reconciliação em Cristo. Tradução de Sérgio Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 88.

“corpo”. Esposas romanas, quando por algum motivo não podiam dormir com seus maridos, disponibilizavam uma de suas jovens escravas para essa função.<sup>38</sup> Expediente semelhante foi usado por Sara com Hagar e Abraão em Gênesis capítulo 16, quando aquela não podia procriar e queria por todos os meios gerar um herdeiro para a família. Era como se a escrava fosse apenas um objeto, uma extensão de si mesma.

Muitas prostitutas dos templos eram escravas. Se alguma delas se tornasse cristã, como poderia obedecer ao mandamento de Paulo para não se envolver na licenciosidade sexual? As famílias de escravos podiam ser separadas e enviadas separadamente para novos proprietários, para nunca mais se reunirem. Como eles poderiam obedecer aos códigos domésticos da igreja, como a proibição do recasamento e o dever de manter a pureza sexual? Que tipos de tensão existiam nas pequenas igrejas onde os senhores, seus escravos e os escravos de outros senhores não-cristãos adoravam juntos? Como os escravos reagiam diante do assédio sexual e maus tratos físicos contra outros escravos mais jovens e vulneráveis? E se um escravo fosse levado a profetizar na igreja, com seu dono sentado, ouvindo? Poderiam eles admoestar-se mutuamente e levar as cargas uns dos outros?

Há ainda que se discutir as práticas coletivas de batismo, quando famílias inteiras eram batizadas. Além dos debates sobre o batismo infantil, vale perguntar se os escravos e seus filhos também eram batizados como parte da família maior. No dia a dia os cristãos tinham que se posicionar contra questões que iam de encontro a sua nova fé e conduta ética, como a punição de criminosos, os espetáculos na arena e a participação nos festivais pagãos regulares, alguns dos quais carregavam elementos da adoração ao Estado e ao Imperador. Escravos cristãos de senhores não cristãos certamente eram obrigados a participar dessas atividades.

Paulo enfatiza em Gálatas 4.7: “De sorte que já não és escravo, porém filho; e, sendo filho, também herdeiro por Deus”. Jesus também enfatizou as duas leis do amor e ampliou o termo “próximo”, que em Levítico 19 se referia aos parentes e à base do clã, para incluir qualquer pessoa. Ele também instruiu os discípulos a amarem seus inimigos. Em Seu discurso sobre o trono do julgamento em Mateus 25, Ele acolhe no Reino aqueles que alimentaram os famintos, deram bebida ao sedento, acolheram os forasteiros, cuidaram dos doentes e visitaram o prisioneiro. “O Rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” (Mt 25.40). Em Mateus 20.26, respondendo a um pedido pelos melhores lugares no Reino, Ele disse: “Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva”.

Sobre a atitude de Jesus, e aquela que deviam ter Seus seguidores diante do problema da escravidão, Glancy escreve:

Uma olhada na frequência e consistência das referências de Jesus aos corpos espancados de escravos deveria nos alertar para a persistente e intensa violência da escravidão antiga. Ao mesmo tempo, a consciência da desonra associada à escravidão deve nos trazer uma nova apreciação da novidade do mandato de Jesus a Seus seguidores para abraçar o papel de “servo de

---

<sup>38</sup> KILLINGRAY, 2007, p. 89.

todos”. Jesus morreu uma morte excruciante e humilhante, a morte de um escravo. Essa morte é um modelo para a vida dos discípulos. Jesus não condenou a instituição da escravidão. O que ele exige é algo inesperado. Ele estipula que Seus seguidores devem se tornar uma comunidade de escravos servindo uns aos outros. Quão estranho este mandato deve ter soado no primeiro século. Quão estranho ele soa ainda hoje.<sup>39</sup>

Em essência, Paulo declara a Filemom a necessidade de superação do sistema escravagista por meio do amor e da fé no Senhor Jesus Cristo, pois entre companheiros de fé não pode existir relação de subordinação, mas de igualdade e fraternidade.<sup>40</sup> Ao escrever este bilhete tão cheio de significado e implicações para seu amigo Filemom, Paulo está passando uma mensagem profunda, perigosa e comprometedora para todos os envolvidos na situação e no contexto que os envolvia.

## 6. A MENSAGEM SUPERIOR DE FILEMOM FACE ÀS RELAÇÕES ESCRAVOCRATAS

Escravos e escravidão, no texto bíblico, levantam a importante questão de como a narrativa é lida pelos cristãos do século XXI. Será que esta carta ensina que os fugitivos devem ser enviados de volta para seus donos, não importando as circunstâncias, como alguns pregadores bíblicos disseram no passado? Ou existem peculiaridades latentes em cada particular situação, o que pode ser compreendido através dos meandros desta carta pequena, mas tão complexa? Ao ler a narrativa, percebe-se que há lutas semelhantes envolvidas nas realidades dos homens e mulheres que lutam para ser fieis à mensagem cristã nas sociedades atuais. Quaisquer julgamentos sobre eles devem ser feitos com base em princípios éticos centrados em Cristo, derivados do texto como um todo.<sup>41</sup>

Esta carta, que é quase um bilhete em tamanho, pois contém apenas 335 palavras, segundo John Byron,<sup>42</sup> ajuda muito na compreensão de como funciona o poder transformador de Cristo nas vidas pessoais, bem como na comunhão dos crentes e na comunidade mais ampla da igreja. Paulo escreve com gentileza e humildade, e para sentir como agora ele é um homem mudado, basta comparar sua vida antes da conversão com o homem agora encarcerado. Paulo defende a necessidade de mudança nas relações entre patrão e empregado em busca de uma sociedade fraterna, denunciando o sistema opressor predominava à época. Nos versículos 17 e 18 da epístola, Paulo pede a Filemom que receba Onésimo como se fosse o próprio Paulo, colocando Onésimo no mesmo nível que o seu. Com isso, Paulo proclama a superação de qualquer desigualdade social, cultural e religiosa. Joel Antônio Ferreira diz que “Onésimo, o escravo, simboliza os endividamentos de qualquer sistema. Paulo aponta a dívida como um obstáculo para se chegar à liberdade total”.<sup>43</sup> Por

<sup>39</sup> GLANCY, Jennifer A. *Slavery as moral problem in the Early Church and today*. Minneapolis, MN: Fortress Press, 2011, p. 27.

<sup>40</sup> BARBOSA, 2014, p. 407.

<sup>41</sup> KILLINGRAY, 2007, p. 93.

<sup>42</sup> BYRON, 2009, p. 205.

<sup>43</sup> FERREIRA, Joel Antônio. *Paulo, Jesus e os marginalizados: leitura conflitual do Novo Testamento*. 2.ed. Goiânia: PUC, 2011, p. 100.



outro lado, Paulo aponta para a supremacia da liberdade cristã como superadora das limitações sociais.

Avaliando como a mensagem do evangelho de Jesus prevaleceu diante de um sistema injusto e opressivo, John Dominic Crossan e Jonathan L. Reed, dizem o seguinte:

A análise das fontes e as informações fornecidas pela pesquisa bibliográfica sugerem que a epístola dirigida a Filemom tinha uma dupla função: comunicar a conversão de Onésimo e apelar em favor de sua liberdade como escravo de Filemom. Diante do paradoxo “irmãos na esfera religiosa, escravo e senhor na esfera social”, percebe-se que Paulo se opõe a esta contradição, e de todas as formas busca persuadir Filemom a libertar o escravo. Usando de argumentos teológicos, uma vez que tinha consciência de sua autoridade sobre a igreja que se reunia na casa de Filemom, ele objetivou alcançar o âmbito social, apelando para que o proprietário cristão reconhecesse Onésimo não apenas como um irmão “segundo o Senhor”, mas também como um irmão “segundo a carne”.<sup>44</sup>

Paulo promove a comunhão cristã, o amor como o dom mais elevado. O termo *koinōnia* (κοινωνία – comunhão) é usado treze vezes apenas nas correspondências paulinas – comparado com apenas seis utilizações no restante do Novo Testamento. O uso que Paulo faz do termo (e seus derivados) na sua construção conceitual da comunidade cristã é bastante apreciado e louvável na igreja cristã atual, como defende o teólogo germânico Ulrich Roth.<sup>45</sup>

Pela comunhão, os crentes juntos modelam e demonstram sua teologia, mostrando o caráter de Deus em seus relacionamentos. Esta postura é consistente com a doutrina paulina em todas as demais epístolas, onde escravos e livres, judeus e gentios, homem e mulher, todos são um em Cristo. Quando Onésimo for recebido de volta como um novo irmão em Cristo, toda a comunidade, seja qual tenha sido o relacionamento anterior com ele, juntar-se-á à alegria acolhedora. Paulo está dizendo a Filemom que ele e Onésimo são agora um projeto unificado com todos os santos, lado a lado no evangelho da reconciliação.

Diante da nova percepção que Paulo esperava que todos tivessem da situação, ele escreve a forte colocação do versículo 16: “*ouketi ôs doulon all uper doulon adelphon agapêton malista emoi posô de mallon soi kai en sarki kai en kuriô*”<sup>46</sup> (“não como escravo; antes, muito acima de escravo, como irmão **caríssimo** [grifo do autor], especialmente de mim e, com maior razão, de ti, quer na carne, quer no Senhor” - ARA). Mas, o que ele queria dizer com esse apelo? À luz do que representava os relacionamentos entre escravos e mestres e entre ex-escravos e libertos, a preocupação de Paulo parece ter sido mais perceptiva e relacional do que estrutural. Craig de Vos diz que Paulo não procura alterar o fato de que legal e estruturalmente Filemom e Onésimo permaneciam como mestre e escravo. Segundo ele,

<sup>44</sup> CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L. **Em busca de Paulo**: como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 109

<sup>45</sup> ROTH, Ulrike, (2014). **Paul, Philemon, and Onesimus**: a Christian design for mastery (Zeitschrift für die Neutestamentliche Wissenschaft). Vol 105, no. 1, p. 102-130. DOI: 10.1515/znw-2014-0006. p.104

<sup>46</sup> “ουκετι ως δουλων αλλ υπερ δουλων αδελφων αγαπητων μαλιστα εμοι ποσω δε μαλλον σοι και εν σαρκι και εν κυριω”. Quando Paulo diz **οὐκέτι ὡς δοῦλον**, ele não está necessariamente inferindo a *alforria*, mas o fato de que, mesmo que a relação externa de escravidão permanecesse inalterada, a relação *ética* tinha se tornado *outra*, mais *alta* (**ὑπὲρ δοῦλον**), uma relação de afeição fraterna. (Meyer’s NT Commentary).

Paulo queria provocar uma mudança fundamental na natureza do relacionamento deles como mestre e escravo. Só então a alforria, se Filemom finalmente escolhesse prosseguir com essa opção, faria alguma diferença.<sup>47</sup>

Esta carta evoca a lembrança de que cada cristão, de certa maneira, convive com algumas limitações, tendo que fazer algumas coisas que não podem ser mudadas. Onésimo não pode mudar seu status de escravo; Paulo, na prisão tem que confiar nos outros, nas cartas, e operar à distância. Filemom precisa decidir o que é possível para ele, ao ter que se posicionar contra um sistema social e legal fortemente arraigado e aceito nos seus dias. A transformação ao longo da vida dos cristãos para se conformarem à imagem de Jesus pode acontecer mais facilmente em situações difíceis do que em situações de facilidade e conforto.<sup>48</sup>

De certo modo, poderia parecer que Paulo estava pedindo demais. Contudo, para os padrões do Reino de Deus e do sistema dominante, o evangelho “pede demais” mesmo. É como se Paulo quisesse que Filemom desafiasse os valores errados sobre os quais os pilares da cultura greco-romana estavam firmados. Mesmo assim, Paulo e Filemom estavam cientes de que ao tratar Onésimo desta maneira, Filemom estaria indo de encontro a padrões sociais e culturais, o que poderia atrair sobre si a vergonha pública.<sup>49</sup>

A epístola também ensina uma lição sobre a resolução de conflitos. Há um estremecimento profundo entre dois homens cristãos. Envolve possivelmente roubo, traição, abandono, prejuízos e ressentimento. Requer perdão, reconciliação e novos começos. Paulo relembra Filemom que ele é moralmente responsável por viver uma vida cristã consistente. Mas Paulo também elogia Filemom, dizendo o quanto ele aprecia tudo o que ele faz por amor à igreja. Bem mais que isso, Paulo também promove a autonomia de Filemom e deixa por conta dele tomar as decisões que se ajustem à sua nova vida transformada. Como apoio, ao devolver Onésimo ao seu dono, Paulo envia Tíquico junto, um homem que tem posição e autoridade sobre as igrejas da Ásia ocidental. Assim, ele protegeria Onésimo, agindo como um possível intermediário para a tensa chegada a Colossos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje, ainda existe muita escravidão em regiões como a África e o extremo Oriente, apesar de que o Ocidente não está imune a estas práticas. Contudo, nos ambientes eclesiais, a metáfora da escravidão é usada quase que exclusivamente em termos da vida religiosa dos crentes, e não em termos da vida social real. Ao tentar viver como cristão, a pessoa é tentada por muitos fatores, como dinheiro, honra, conhecimento, reputação. Esses fatores podem impedir que os cristãos vivam como autênticos discípulos de Jesus. Os cristãos, às vezes, perdem sua identidade cristã por causa da tentação e dos instintos. Em outras

---

<sup>47</sup> VOS, Craig Steven de. Once a slave, always a slave? Slavery, manumission and relational patterns in Paul's letter to Philemon. *Journal for the Study of the New Testament* – JSNT. Volume 23 Issue 82, July 2001. pp. 89-105. Manchester, UK. p. 102.

<sup>48</sup> KILLINGRAY, 2007, p. 93.

<sup>49</sup> VOS, 2001, p. 103-104.

palavras, as pessoas se tornam escravos de seus desejos e buscam os prazeres mundanos, tornando-se escravos deles e não escravos de Cristo. Eles perdem a noção da verdadeira liberdade em Cristo. Assim, a imagem da escravidão levanta questões importantes em termos do que é a identidade de um cristão e como os cristãos devem viver como servos de Jesus Cristo. Aqueles que são chamados escravos de Jesus Cristo são pessoas livres. Somente eles podem experimentar a verdadeira liberdade em Cristo Jesus.

Há cerca de 200 anos, alguns cristãos britânicos e americanos resistiam aos abolicionistas, não apenas por razões econômicas, mas também usando bases bíblicas! Há apenas 140 anos, intelectuais e alguns políticos brasileiros lutavam pela abolição da escravatura no país, mas sem apoio ou militância por parte dos primeiros missionários protestantes que aqui se instalavam.

Tal como nos dias de Paulo e Filemom, a igreja precisa estar ciente dos abusos contra os direitos humanos, análogos à escravidão, que existem atualmente. São pessoas compelidas a trabalhar em atividades semiescravas e no comércio sexual, por exemplo. Ela é conclama a apoiar ativamente os movimentos legítimos que lutam contra as várias formas de escravidão nos dias atuais. A Declaração Universal dos Direitos Humanos, carta da ONU de 1948, diz o seguinte: “Ninguém será submetido à tortura nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante”<sup>50</sup>. E assim, o desafio é agir com justiça e honestidade para com aqueles que servem em toda e qualquer relação laboral.

Será que Filemom aceitou as sugestões e pedidos fortes de Paulo, e agiu como este esperava que ele agisse? A sobrevivência da carta, sua aceitação no cânon e o próprio contexto literário e linguístico do texto sugerem que sim.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, João Cândido. O trabalho e a escravidão na visão do Apóstolo Paulo. **Fragments de Cultura**, Goiânia, v. 24, n. 3, p. 403-411, jul./set. 2014.

BARCLAY, John M. G. Paul, Philemon and the dilemma of Christian slave-ownership. **New Testament Studies**. Volume 37, Issue 2 April 1991, p. 161-186. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. Disponível em <https://doi.org/10.1017/S0028688500015642>. Acesso em 18 de agosto de 2018.

BERG, Peter A.J. van den. Slaves: persons or property? The Roman law on slavery and its reception in Western Europe and its overseas territories. **Osaka University Law Review**. No. 63 (February 2016). p.171-188.

BORGES, Airan dos S.; SANTOS, Karina D. O discurso paulino e as representações da escravidão romana no século I E.C.: um estudo de caso sobre a Epístola a Filemon. **Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos**, n. 9, 2017 p. 177-193.

<sup>50</sup> ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Artigo 4. Rio de Janeiro: UNIC/Rio, 2009. p. 5. Disponível em <http://www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf>. Acesso em 18 de agosto de 2018.

BRUCE, F. F. **The Epistles to the Colossians, to Philemon, and to the Ephesians: The New International Commentary on the New Testament.** 2nd revised edition. Grand Rapids: 1984. 470 p.

BYRON, John. **The Epistle to Philemon: Paul's strategy for forging the ties of kinship.** pp. 205-216. In: Jesus and Paul: Global Perspectives in Honor of James D.G. Dunn for his 70th Birthday. T & T Clark, 2009. New York, NY, 2009.

CADWALLADER, Alan. Name punning and social stereotyping: re-inscribing slavery in the letter to Philemon. **Australian Biblical Review**, 61, 2013. pp. 44-60. Australian Catholic University: Brisbane, 2013. Disponível em [https://researchbank.acu.edu.au/ftp\\_pub/571/](https://researchbank.acu.edu.au/ftp_pub/571/). Acesso em 06 de março de 2019.

CHABAB.org. **Mishpatim in a nutshell.** Disponível em [https://www.chabad.org/parshah/article\\_cdo/aid/1298/jewish/Mishpatim-in-a-Nutshell.htm](https://www.chabad.org/parshah/article_cdo/aid/1298/jewish/Mishpatim-in-a-Nutshell.htm). Acesso em 20 de janeiro de 2020.

CLAVEL-LEVEQUE, Monique. La lettre de Paul à Philémon et les rapports esclavagistes. In: **Dialogues d'histoire ancienne.** Vol. 7, 1981. p. 221-233. Disponível em : [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/dha\\_0755-7256\\_1981\\_num\\_7\\_1\\_1432](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/dha_0755-7256_1981_num_7_1_1432). Acesso em 31 de março de 2015.

CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L. **Em busca de Paulo: como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano.** São Paulo: Paulinas, 2007. 432 p.

DMITRIEV, Sviatoslav. **The protection of slaves in the Athenian law against hubris.** Vol. 70, No.1/2. Toronto: Phoenix Journal, Classical Association of Canada, 2016.

DUNN, James D. G. **The Epistles to the Colossians and to Philemon.** The New International Greek Testament Commentary (NIGTC). Grand Rapids, MI: 2014. 408 p.

ÉCOLE BIBLIQUE ET ARCHEOLOGIQUE FRANÇAISE DE JERUSALEM. **Épître de saint Paul à Philémon.** La Bible en ses traditions AISBL. Roubaix, France: BEST AISBL. Disponível em: <https://bibletraditions.org/vd/fr/09.Phm.fr.pdf>. Acessado em 31.03.2015. p.169-181

FERREIRA, Joel Antônio. **Paulo, Jesus e os marginalizados: leitura conflitual do novo testamento.** 2.ed. Goiânia: PUC, 2011. 236 p.

GLANCY, Jennifer A. **Slavery in early Christianity.** Minneapolis: Fortress Press, 2006. 216 p.

GLANCY, Jennifer A. **Slavery as moral problem in the Early Church and today.** Minneapolis, MN: Fortress Press, 2011. 96 p.

HENRY, Natasha L. **Slavery Abolition Act.** Chicago: ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Disponível em <https://www.britannica.com/topic/Slavery-Abolition-Act>. Acesso em 06 de março de 2019.

KIRCHSCHLAEGGER, P. G. Slavery and early Christianity – a reflection from a human rights perspective. **Acta Theologica.** Suppl 23: 66-93. Bloemfontein, SOUTH AFRICA. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4314/actat.v23i15.42016>. Acesso em 18 de agosto de 2018.

MACARTHUR, John. **Colossenses e Filemom: Inteira e reconciliação em Cristo**. Tradução de Sérgio Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. 96 p.

MELICK, JR, Richard R. **The New American Commentary: an exegetical and theological exposition of the Holy Scripture (Philippians, Colossians and Philemon)**. Vol. 32. Nashville: B&H Publishing Group: 1991. 416 p.

NOBEL, Ludovic. Paul, **Onésime et Philémon: Maîtres et esclaves libres**. Thèse présentée à la Faculté de théologie de l'Université de Fribourg (Suisse), pour obtenir le grade de docteur. Fribourg (Suisse): UNIFR, 2010.

OH, JUNGHWAN. **Onesimus as slave in the Philemon letter: social and theological implications for ethos and identity**. (Thesis presented in fulfilment of the requirements for the degree Master of Theology at the University of Stellenbosch). Stellenbosch, SA: University of Stellenbosch, 2010. 113 p.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Artigo 4. Rio de Janeiro: UNIC/Rio, 2009. p. 5. Disponível em <http://www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf>. Acesso em 18 de agosto de 2018.

OTT, Craig; WILSON, Gene. **Plantação global de igrejas: princípios bíblicos e as melhores estratégias de multiplicação**. Curitiba: Esperança, 2013. 448 p.

PADFIELD, David. **Colosse, Hierapolis, Laodicea**. Disponível em <https://www.padfield.com/acrobat/history/laodicea.pdf>. Acesso em 06 de março de 2019.

REIMER, Ivone Richter (Org). **Economia no mundo bíblico: Enfoques sociais, históricos e teológicos**. São Leopoldo: CEBI/Sinodal, 2006. 2013 p.

ROTH, Ulrike, (2014). **Paul, Philemon, and Onesimus: a Christian design for mastery** (Zeitschrift für die Neutestamentliche Wissenschaft). Vol 105, no. 1, pp. 102-130. DOI: 10.1515/znw-2014-0006. pp. 102-130

SCHEIDEL, Walter. **The Roman slave supply**. Princeton University. May 2007. 22 p. p.13. Disponível em <https://www.princeton.edu/~pswpc/pdfs/scheidel/050704.pdf>. Acesso em 26 de março de 2015.

TEMIN, Peter. The Labor Market of the Early Roman Empire. **Journal of Interdisciplinary History**, xxxiv: 4 (Spring, 2004), 513–538. MIT Press. p.527.

THE ABOLITION PROJECT. **Slave Trade Abolition Bill**. HC Deb 10 February 1807 Vol 8 cc717-22. Disponível em: [http://abolition.e2bn.org/slavery\\_113.html](http://abolition.e2bn.org/slavery_113.html). Acesso em 18 de agosto de 2018.

VOS, Craig Steven de. Once a slave, always a slave? Slavery, manumission and relational patterns in Paul's letter to Philemon. **Journal for the Study of the New Testament – JSNT**. Volume 23 Issue 82, July 2001. pp. 89-105. Manchester, UK. p. 102.

WALSH, Brian J., KEESMAAT, Sylvia C. **Colossians Remixed: Subverting the Empire**. Westmont, Illinois: InterVarsity, 2004. 256 p.

WESTERMANN, W. L. Slavery and the elements of freedom in Ancient Greece. In: FINLEY, M. I. (ed.). **Slavery in Classical Antiquity**: Views and controversies. Cambridge: William Heffer and Sons, 1960. p. 17-32.

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## PRINCIPAIS CRENÇAS E A CONCEPÇÃO DO PENTECOSTALISMO SOBRE O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

Main beliefs about baptism in the Holy Spirit and the conception of  
Pentecostalism

Alyson Bruno Tavares da Cunha<sup>1</sup>

### RESUMO

A doutrina do batismo no Espírito Santo ao longo dos séculos tem ocasionado discussões teológicas e até mesmo gerado desconforto em alguns ao apresentá-la. Diante disso, surgiram algumas linhas teológicas para explicar o significado do batismo no Espírito Santo. Alguns entendem que o batismo no Espírito Santo está diretamente ligado a regeneração e conversão. Porém, outros entendem que esse batismo significa uma total santificação ou perfeição cristã. Já na perspectiva pentecostal clássica o batismo no Espírito Santo significa um revestimento de poder, o qual capacita o cristão para o serviço e para testemunhar de Jesus Cristo. Assim sendo, o artigo apresenta uma exposição da doutrina do batismo no Espírito Santo como revestimento de poder sob a ótica do pentecostalismo clássico.

**Palavras-chave:** Batismo. Espírito Santo. Revestimento. Poder. Pentecostalismo.

### ABSTRACT

The doctrine of baptism in the Holy Spirit over the centuries has caused theological discussions and even caused some discomfort in presenting it. Given this, some theological lines emerged to explain the meaning of baptism in the Holy Spirit. Some understand that baptism in the Holy Spirit is directly linked to regeneration and conversion. However, others understand that this baptism means total Christian sanctification or perfection. In the classic Pentecostal perspective, the baptism in the Holy

<sup>1</sup> O autor cursa Teologia na Universidade Metodista de São Paulo e possui graduação em Tecnologia Logística pela Universidade de Pernambuco. E-mail: [brunotavares105@gmail.com](mailto:brunotavares105@gmail.com)

Spirit means a covering of power which enables the Christian to serve and to witness for Jesus Christ. Therefore, this article presents an exposition of the doctrine of baptism in the Holy Spirit as a cladding of power from the standpoint of classical Pentecostalism.

**Keywords:** Baptism. Holy Spirit. Coating. Power. Pentecostalism.

## INTRODUÇÃO

A doutrina do batismo no Espírito Santo como um revestimento de poder é a principal marca do pentecostalismo clássico. A declaração de fé das Assembleias de Deus no Brasil traz a definição do batismo no Espírito Santo com sendo um revestimento de poder do alto e uma promessa divina aos salvos.<sup>2</sup> Conforme Stamps, uma das doutrinas principais das Escrituras é a doutrina do batismo no Espírito Santo que é um revestimento de poder que outorga ao crente ousadia e poder celestial para este realizar grandes obras em nome de Cristo e ter eficácia no seu testemunho e pregação.<sup>3</sup>

O batismo no Espírito Santo tem sido motivo de várias discussões teológicas ao longo dos séculos. Para alguns grupos teológicos o batismo no Espírito Santo é visto como sendo o mesmo que a regeneração. Para outros, essa doutrina diz respeito a santificação completa ou perfeição cristã e até mesmo pode ser o batismo em águas. Já para os pentecostais o batismo no Espírito Santo é um revestimento de poder do alto que capacita o crente e lhe confere ousadia para testemunhar de Cristo.

Diante desse contexto, surge o seguinte questionamento: quais são os fundamentos da doutrina do batismo no Espírito Santo sob a perspectiva pentecostal? Assim, a pesquisa tem como objetivo geral expor a importância do batismo no Espírito Santo para os pentecostais. Para tal, estabelece-se os seguintes objetivos específicos: a) mostrar as diferentes visões doutrinárias sobre a doutrina do batismo no Espírito Santo; b) compreender a estrutura doutrinária do batismo no Espírito Santo sob uma ótica pentecostal. Portanto, o que justifica a importância desta pesquisa é o fato de que ela permitirá compreender as diferentes visões sobre o batismo no Espírito Santo. Outra razão para a relevância da pesquisa, é que ela contribuirá na literatura sobre o batismo no Espírito Santo na perspectiva pentecostal clássica.

## 1. ALGUMAS VISÕES SOBRE O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

O batismo no Espírito Santo tem sua doutrina fundamentada nas escrituras sagradas, principalmente no Novo Testamento (Mt 3.11; Mc 1.8; Lc 3.16, 24.49; Jo 1.33; At 1.4-8, 2.1-4). É uma doutrina clara e fundamental para o cristianismo. Porém, essa doutrina tem muitas vezes gerado desconforto e discussões doutrinárias. Conforme Oliveira, o evento do batismo no Espírito Santo não deveria surpreender, nem confundir os estudantes das escrituras, pois é uma benção já prometida, relacionada com o plano divino da salvação em Cristo, predito por Joel, Isaías, João Batista e Jesus (At 2.16-18; Is 44.3; Mt 3.11; Jo 14.16,17).<sup>4</sup> Sendo assim, na sequência apresentam-se as principais crenças sobre o batismo no Espírito Santo.

<sup>2</sup> SILVA, Esequias S. (Org.). **Declaração de Fé das Assembleias de Deus**. 3.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 165.

<sup>3</sup> STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 1627.

<sup>4</sup> OLIVEIRA, Raimundo Ferreira. **As grandes doutrinas da bíblia**. Rio de Janeiro: CPAD, 1987, p. 128.



### 1.1 O batismo no Espírito Santo está diretamente relacionado a regeneração e conversão

Essa linha teológica, a saber, defende que o batismo no Espírito Santo está diretamente relacionado a conversão de pecados e a regeneração. Assim sendo, todos os salvos em Cristo que nasceram de novo são batizados no Espírito Santo. Essa ótica de que a regeneração é o batismo no Espírito Santo é uma posição defendida principalmente pelas igrejas reformadas. Conforme Stott, que defende essa posição doutrinária, "quando pecadores se arrependem e creem, Jesus não somente tira seus pecados, mas também os batiza com o seu Espírito<sup>5</sup>".

Para os pentecostais essa interpretação não leva em consideração os fatos históricos das Escrituras sagradas que mostram que os discípulos tinham crido em Jesus Cristo e tinham sido regenerados (Jo 20.22) antes de receberem o batismo no Espírito Santo (At 2). Sobre esse assunto comenta Stamps:

O batismo no Espírito Santo é uma obra distinta e à parte da regeneração, também por Ele efetuada. Assim como a obra santificadora do Espírito é distinta e completiva em relação a obra regeneradora do mesmo Espírito, assim também o batismo no Espírito complementa a obra regeneradora e santificadora do Espírito. No mesmo dia em que Jesus ressuscitou, Ele assoprou sobre seus discípulos e disse: 'Recebei o Espírito Santo' (Jo 20.22), indicando que a regeneração e a nova vida estavam-lhes sendo concedidas. Depois, Ele lhes disse que também deviam ser 'revestidos de poder' pelo Espírito Santo (Lc 24.49; At 1.5,8). Portanto, este batismo é uma experiência subsequente à regeneração.<sup>6</sup>

Na perspectiva pentecostal, o batismo no Espírito Santo ocorre posteriormente à regeneração. Conforme Rodrigues:

A princípio é válido lembrar que o derramamento do Espírito que é narrado em Atos, tem como alvo pelo menos 120 pessoas que estavam reunidas em oração (At 1.13-15; 2.14), em Jerusalém. Contudo, este evento profético acontece dias depois deles haverem sido regenerados pelo Espírito Santo (Jo 20.22). No evangelho de João (20.22) vemos Jesus (ressurreto) falando aos discípulos em um cenáculo e na oportunidade o mestre afirma: "[...] Recebei o Espírito Santo". Neste ato é entendido que os discípulos receberam o fortalecimento do Espírito e a regeneração.<sup>7</sup>

Ainda sob a perspectiva pentecostal de que o batismo no Espírito Santo não é a regeneração, Gilberto afirma que o batismo no Espírito Santo não é a salvação. A salvação é uma milagrosa transformação que se realiza na alma e na vida da pessoa que, pela fé, recebe Jesus Cristo como seu Salvador. Sua origem está na graça de Deus (Rm 3.24; Tt 2.11). Seu fundamento é o sangue de Jesus Cristo (Rm 3.25; I Jo 2.2). Seu meio de recebimento ou apropriação é a nossa fé em Cristo (At 16.31; Ef 2.8). Os discípulos de Jesus que foram

<sup>5</sup> STOTT, John R. W. **Batismo e plenitude do Espírito Santo**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1988, p. 19.

<sup>6</sup> STAMPS, 1996, p. 1627.

<sup>7</sup> RODRIGUES, Jefferson. **Escudo Pentecostal: uma visão panorâmica das principais doutrinas pentecostais**. São Paulo: Reflexão, 2017.

batizados com o Espírito Santo no dia de Pentecostes já eram salvos. Na conversão, recebemos vida de Deus; no batismo com o Espírito recebemos poder de Deus.<sup>8</sup>

## 1.2 O batismo no Espírito Santo é a santificação completa ou perfeição cristã

O batismo no Espírito Santo como sendo a perfeição cristã está firmemente ligada ao metodismo de Wesley. A inteira santificação é uma segunda bênção distinta da regeneração conhecida por vários termos diferentes, tais como: batismo com Espírito Santo, perfeição cristã, perfeito amor, pureza do coração, plenitude da bênção e santidade cristã. Conforme John Wesley, a perfeição cristã “é amar a Deus com todo o nosso coração, entendimento, alma e força. Isto implica que nada de mau gênio, nada contrário ao amor, permanece na alma; que todos os pensamentos, palavras e ações, são governados pelo puro amor”.<sup>9</sup>

Conforme a igreja do Nazareno:

Creemos que a inteira santificação é aquele ato de Deus, subsequente à regeneração, pelo qual os crentes são libertados do pecado original, ou depravação, e levados a um estado de inteira devoção a Deus e à santa obediência do amor tornado perfeito. É operada pelo batismo com o Espírito Santo e compreende, numa só experiência, a purificação do coração e a permanente presença íntima do Espírito Santo, dando ao crente poder para uma vida santa e para serviço. A inteira santificação é garantida pelo sangue de Jesus, realiza-se instantaneamente pela fé, precedida pela inteira consagração; e desta obra e estado de graça o Espírito Santo testifica.<sup>10</sup>

Segundo Wiley e Culbertson, o batismo no Espírito Santo refere-se à purificação do coração para tornar-se cheio de amor divino. Perfeição cristã e santificação completa são expressões que traduzem a plenitude da salvação do pecado, ou a inteireza da vida cristã. Outros termos usados amiúdo com semelhante propósito são: "plena salvação", "santidade", "amor perfeito", "batismo no Espírito Santo" e "segunda bênção". Em adição ao significado comum, cada um destes termos tem ênfase singular. "Perfeição cristã" ressalta a inteireza do caráter cristão e o recebimento dos dons espirituais. "Inteira santificação" destaca a limpeza de todo o pecado, incluindo a mente carnal ou o pecado inerente. "Salvação completa" lembra que o sacrifício do Senhor Jesus Cristo é perfeitamente adequado para todo o problema do pecado. "Amor perfeito", expressão usada entre os metodistas primitivos, ressalta o espírito e a têmpera da vida moral dos inteiramente santificados. Implica libertação completa do egoísmo, devoção total a Deus e amor desinteressado para com todos os homens.<sup>11</sup>

Ainda de acordo com Wiley e Culbertson, a expressão "batismo no Espírito Santo" ressalta os meios de graça pelos quais o coração pode ser limpo de todo o pecado e cheio do amor divino. "Segunda bênção" é expressão usada com discriminação por John Wesley para

<sup>8</sup> GILBERTO, Antônio; *et. al.* **Teologia Sistemática Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 190.

<sup>9</sup> WESLEY, John. **Explicação Clara da Perfeição Cristã**. Imprensa Metodista, 1933. Disponível em: <[https://www.whdl.org/sites/default/files/publications/john\\_wesley-explicacao\\_clara\\_da\\_perfeicao\\_crista.pdf](https://www.whdl.org/sites/default/files/publications/john_wesley-explicacao_clara_da_perfeicao_crista.pdf)>. Acesso em 11 jan. 2019.

<sup>10</sup> **IGREJA do Nazareno**. Disponível em: <<http://www.nazareno.osasco.br/blog/2018/04/05/inteira-santificacao-ou-batismo-no-espírito-santo/>>. Acesso em: 11 jan. 2019.

<sup>11</sup> WILEY, Orton; CULBERTSON, Paul T. **Introdução à teologia cristã**. São Paulo: Casa Nazarena, 1990, p. 339.

acentuar o fato de que a completa santificação é uma segunda e distinta obra da graça, posterior à regeneração. O termo "santidade" refere-se mais particularmente ao estado ou condição do santificado do que à experiência pela qual se torna santo. Descreve um estado de pureza moral e espiritual ou de saúde completa da alma em que o Espírito Santo e a imagem de Deus são possuídos com a exclusão de todo o pecado. Uma vez que as verdades espirituais só podem ser discernidas por meios espirituais, a obra gloriosa da graça divina, à qual se referem os termos acima mencionados, só pode ser entendida e apreciada completamente através da experiência pessoal.<sup>12</sup>

Os pentecostais divergem totalmente da crença de que o batismo no Espírito Santo é a perfeição cristã ou santificação completa. Para eles, o batismo no Espírito Santo não é a santificação do crente. A santificação posicional é, a um só tempo, instantânea e completa, no momento do milagre da regeneração ou conversão. É a santificação objetiva, em Cristo. Também não é a santificação subjetiva e progressiva da vida cristã diária neste mundo.<sup>13</sup>

### 1.3 O batismo no Espírito Santo como um poder que une a Cristo

Os adventistas do Sétimo Dia crêem que o batismo no Espírito Santo significa tornar-se de Cristo ou pertencer a Cristo. Conforme os adventistas, o poder do batismo no Espírito é primeiro e acima de tudo um poder que une a Cristo. A grandeza do batismo no Espírito Santo consiste não no fato de levar o homem além de Cristo, mas exatamente de o levar a Cristo. Ser batizado no Espírito significa tornar-se de Cristo. Ou seja, o batismo no Espírito Santo é o sinal da ligação espiritual entre o crente e Cristo.<sup>14</sup>

Os adventistas, ao comentar a passagem bíblica de 1 Coríntios 12.13, afirmam que a expressão “batizados em um Espírito” descreve o ato soberano de Deus, pelo qual todos os cristãos são incorporados, no corpo de Jesus, por ocasião de sua conversão. Paulo identifica o batismo no Espírito com a conversão ou regeneração.<sup>15</sup>

Par os católicos existem na igreja dois tipos de batismo no Espírito Santo. O primeiro, está tradicionalmente ligado com o sacramento da iniciação da caminhada cristã ou batismo em águas, que lava o homem de todo pecado. O segundo, experiencial, que vem da presença efetiva do Espírito Santo, que já foi recebido outrora, no sacramento de iniciação.<sup>16</sup> Essa posição católica sustenta que o batismo no Espírito Santo é recebido no momento do batismo em águas e que a partir desse momento a pessoa que foi batizada passa a ter a presença do Espírito Santo.

Stamps, ao comentar 1 Coríntios 12.13, afirma que o batismo em um Espírito não se refere nem ao batismo em águas, nem ao batismo no Espírito Santo que Cristo concedeu ao

<sup>12</sup> WILEY; CULBERTSON, 1990, p. 339-340.

<sup>13</sup> GILBERTO, *et. al.*, 2008, p. 190.

<sup>14</sup> SÉTIMO Dia. **Batismo com água, com fogo e com Espírito Santo**. Disponível em: <<https://setimodia.wordpress.com/2008/04/20/batismo-com-agua-com-fogo-e-com-espirito-santo/>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

<sup>15</sup> SÉTIMO Dia. Acesso em: 15 jan. 2019.

<sup>16</sup> PORTAL Católicos. **"Batismo no Espírito Santo". O que é isso?** Disponível em: <<http://portalcaticos.blogspot.com/2014/06/batismo-no-espirito.html>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

crente no dia de Pentecostes (Mc 1.8; At 2.4). Ser batizado em um Espírito refere-se, pelo contrário, ao ato do Espírito Santo batizar o crente no corpo de Cristo, a igreja, unindo-o a esse corpo; fazendo com que seja um só com os demais crentes. É a transformação espiritual ou regeneração que ocorre na conversão e que coloca o crente em Cristo biblicamente.<sup>17</sup>

#### 1.4 O batismo no Espírito Santo como um revestimento de poder

Para os pentecostais o batismo no Espírito Santo é um revestimento de poder do alto que capacita o crente para o serviço cristão e para testemunhar de Jesus. É uma segunda bênção distinta da regeneração. Logo, para recebê-la, é necessário ter nascido de novo. Andrade define esse batismo como sendo um revestimento de poder que, segundo os evangelhos e o livro de Atos dos Apóstolos, segue-se à conversão a Cristo Jesus. Tornando-se realidade no cenáculo, na casa de Cornélio e entre os doze de Éfeso, a experiência do batismo no Espírito Santo fez-se padrão na vida dos seguidores de Jesus Cristo.<sup>18</sup>

De acordo com Horton e Menzies:

O batismo no Espírito Santo era necessário antes de os primeiros discípulos deixarem Jerusalém e antes de cumprir a Grande Missão. Eles precisavam de poder, e o próprio Espírito Santo, está vinculado ao poder. Ele veio como o dom e poder. Ele mesmo é as primícias da colheita final, que veio para iniciar uma obra que levava alguns, vindos de todas as raças, línguas, povos e nações, a reunirem-se em torno do Trono (Ap 5.9).<sup>19</sup>

Segundo Gee, o batismo no Espírito Santo é uma experiência perfeitamente diferente da conversão, o que está de acordo com o testemunho claro das Escrituras (At 8.16, 9.17, 19.2, e outros). Segundo ele, o exemplo de Cornélio (At 10.44) permanece como uma prova de que é possível para Deus levar um recém-convertido à plenitude do Espírito instantaneamente, mas a verdade é que poucos têm essa experiência.<sup>20</sup> De acordo com Arrington e Stronstad, o significado do verbo 'batizar' (*baptizo*) significa literalmente 'mergulhar' ou 'submergir'. É uma experiência espiritual intensa pela qual a vida do crente é submersa no Espírito de Deus. É cercada, coberta e cheia do poder e presença de Deus. Como uma roupa que é imersa na água, assim os crentes se acham cercados, cobertos e cheios do poder e presença do Espírito Santo.<sup>21</sup>

Para Gilberto o batismo no Espírito Santo é:

Um revestimento e derramamento de poder do Alto, com a evidência física inicial de línguas estranhas, conforme o Espírito Santo concede, pela instrumentalidade do Senhor Jesus, para o ingresso do crente numa vida de

<sup>17</sup> STAMPS, 1996, p. 1755.

<sup>18</sup> ANDRADE, Claudino Correia. **Dicionário teológico**. 6.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1998, p. 65.

<sup>19</sup> HORTON, Stanley M.; MENZIES, William W. **Doutrinas bíblicas**. 3.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p. 131.

<sup>20</sup> GEE, Donald. **Como receber o batismo no Espírito Santo: vivendo e testemunhado com poder**. 11.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 29,30.

<sup>21</sup> ARRINGTON, French L.; STRONSTAD, Roger. **Comentário Bíblico Pentecostal: Novo Testamento**. 4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, Vol. 1, p. 625.

mais profunda adoração e eficiente serviço para Deus (Lc 24.49; At 1.8; 10.46; 1 Co 14.15,26).<sup>22</sup>

Conforme os autores mencionados, pode-se observar que o batismo no Espírito Santo é uma obra completamente distinta da regeneração, alguns a consideram como uma segunda benção à parte do novo nascimento. O batismo no Espírito é uma experiência pessoal que marca a vida do cristão. Logo, alguém que é batizado com o Espírito Santo sabe que foi batizado. Diante disso, surgem alguns questionamentos: qual é a evidência do batismo no Espírito Santo? Como saber se uma pessoa foi batizada? A resposta clara e objetiva dos pentecostais clássicos a essas perguntas é que a evidência de que uma pessoa foi revestida de poder é se essa pessoa falou em outras línguas como uma manifestação sobrenatural do Espírito. O livro de Atos descreve o falar em outras línguas como a evidência inicial do batismo no Espírito Santo. Conforme Stamps, o falar noutras línguas, era entre os crentes do Novo Testamento, um sinal da parte de Deus para confirmar o batismo no Espírito Santo (At 2.4; 10.45-47; 19.6).<sup>23</sup>

Ao falar sobre a evidência inicial do batismo no Espírito Santo Oliveira afirma que em todos os casos de batismo no Espírito Santo relatados no livro de Atos dos Apóstolos constituem uma sólida base para a afirmação de que o falar em línguas estranhas é a evidência física inicial de que o crente foi batizado no Espírito Santo.<sup>24</sup>

## 2. FUNDAMENTOS DA DOCTRINA DO BATISMO NO ESPÍRITO SANTO COMO REVESTIMENTO DE PODER

Para os pentecostais os fundamentos ou pilares da doutrina do batismo no Espírito Santo como revestimento de poder são encontradas somente nas escrituras - *sola scriptura*<sup>25</sup>. A Bíblia fornece a base para este ensino. No livro de Atos dos Apóstolos capítulo 1 versículo 8, Jesus diz o seguinte “Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós, e sereis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda Judéia e Samaria e até os confins da terra<sup>26</sup>” (Versão Almeida Revista e Corrigida). Em Lucas capítulo 24, versículo 49, Jesus diz: “E eis que sobre vós envio a promessa de meu Pai; ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder<sup>27</sup>” (Versão Almeida Revista e Corrigida).

Assim sendo, o revestimento de poder através do batismo no Espírito Santo é fundamental para a vida cristã. O poder do Espírito foi singular no ministério terreno de Jesus Cristo. O poder do Espírito Santo no ministério de Jesus fica evidente no livro de Lucas 4.18, a saber: “O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres,

<sup>22</sup> GILBERTO, *et al.*, 2008, p. 191.

<sup>23</sup> STAMPS, 1996, p. 1631.

<sup>24</sup> OLIVEIRA, 1987, p. 130.

<sup>25</sup> *Sola Scriptura* significa que somente as Escrituras são autoridade de fé e prática do cristão. Esse termo foi usado durante a Reforma Protestante para designar que a Bíblia tem absoluta primazia ante a tradição ou experiência cristã. Se houver divergências entre a Bíblia e a tradição ou a experiência cristã, a Bíblia terá primazia.

<sup>26</sup> **BÍBLIA Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida. Barueri: SBB, 2003, p. 1066.

<sup>27</sup> **BÍBLIA Sagrada**, 2003, p. 1036.

envio-me a curar os quebrantados do coração, a apregoar vista aos cegos, a pôr em liberdade os oprimidos, a anunciar o ano aceitável do Senhor<sup>28</sup>” (Versão Almeida Revista e Corrigida). Conforme o versículo mencionado acima, o ministério terreno de Cristo foi cheio do poder e da virtude do Espírito Santo. Durante o seu batismo Jesus foi ungido com o Espírito (Lc 3.22). O poder do Espírito Santo na vida de Jesus fica claro e evidente na declaração de que Ele expulsava demônios pelo Espírito de Deus (Mt 12.28). O Espírito Santo capacitou Jesus para sua missão e ministério. Sobre este assunto comenta Stamps:

Quando Jesus fez referência ao cumprimento da profecia de Isaías acerca do poder do Espírito Santo sobre Ele, usou também a mesma passagem para sintetizar o conteúdo do seu ministério, a saber: pregação, cura e libertação (Is 61.2,3; Lc 4.16-19).

1. O Espírito Santo ungiu Jesus e o capacitou para a sua missão. Jesus era Deus (Jo 1.1), mas também era homem (1Tm 2.5). Como ser humano, Ele dependia da ajuda e do poder do Espírito Santo para cumprir as suas reponsabilidades diante de Deus (Mt 12.28; Lc 4.1,14; Rm 8.11; Hb 9.14).
2. Somente como homem ungido pelo Espírito, Jesus podia viver, servir e proclamar o evangelho (At 10.38). Nisto, Ele é um exemplo perfeito para o cristão; cada crente deve receber a plenitude do Espírito Santo (At 1.8; 2.4).<sup>29</sup>

Além do que foi exposto sobre o Espírito Santo na vida terrena de Cristo, os discípulos receberam o revestimento de poder do Espírito Santo com o propósito de testemunhar de Jesus para o mundo (At 1.8). Esse revestimento de poder sob a perspectiva pentecostal foi o responsável pelo avanço do evangelho de Cristo no livro de Atos e continua sendo hoje a força motriz<sup>30</sup> para a evangelização e para as missões mundiais. Segundo Palma, “nos círculos pentecostais, nenhum aspecto dos propósitos do batismo no Espírito tem recebido mais atenção do que a sua utilização para a evangelização do mundo”.<sup>31</sup> Ainda conforme Palma, “a evangelização mundial pelos pentecostais, que aconteceu no século XX, é um testemunho da realidade da experiência Pentecostal”.<sup>32</sup>

O propósito principal do batismo no Espírito Santo para os pentecostais é o revestimento de poder para o serviço cristão e para testemunhar de Jesus. Ao comentar Atos 1.8, Stamps afirma que:

O termo original para virtude é *dunamis*, que significa poder real; poder em ação. Esse é o versículo-chave do livro de Atos. O propósito principal do batismo no Espírito Santo é o recebimento de poder divino para testemunhar de Cristo, para ganhar os perdidos para Ele, e ensinar-lhes a observar tudo quanto Cristo ordenou. Sua finalidade é que Cristo seja conhecido, amado, honrado, louvado e feito Senhor do povo de Deus (Mt 28.18-20; Lc 24.49; Jo 5.23, 15.26,27).

<sup>28</sup> **BÍBLIA Sagrada**, 2003, p. 1001.

<sup>29</sup> STAMPS, 1996, p. 1529.

<sup>30</sup> Na termodinâmica, a expressão força motriz representa um agente, como água ou vapor, usada para transmitir movimento. Força que impulsiona, que faz mover ou ocasiona movimento.

<sup>31</sup> PALMA, Anthony D. **O batismo no Espírito Santo e com fogo**: os fundamentos bíblicos e a atualidade da doutrina pentecostal. 10.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 86.

<sup>32</sup> PALMA, 2018, p. 87.

1. Poder (gr. *dunamis*) que significa mais do que força ou capacidade; designa aqui, principalmente, o poder divino em operação, em ação. O batismo no Espírito Santo trará poder pessoal do Espírito Santo à vida do crente.
2. Note que neste versículo Lucas não relaciona o batismo no Espírito Santo com a salvação e regeneração da pessoa, mas com o poder celestial no interior do crente para este testemunhar com grande eficácia.

A obra principal do Espírito Santo no testemunho e proclamação do evangelho diz respeito à obra salvífica de Cristo, à sua ressurreição e à promessa do batismo no Espírito (At 2.14-42).<sup>33</sup>

Para os pentecostais, o Espírito Santo encoraja a igreja para sua missão de evangelização. Rodrigues faz uma comparação e traça as diferenças que se encontravam nos discípulos antes e depois do dia de Pentecostes. Segundo o autor, os discípulos antes fracos, amedrontados e confusos se tornaram pregadores eloquentes impulsionados pelo agir do Espírito Santo. Pedro que havia negado Jesus anteriormente (Mt 26.75) e fugido voltou a viver como pescador (Jo 21.3) deixando a chamada de Jesus. Após receber o revestimento de poder (At 2.4), o mesmo Pedro, em um único discurso, consegue ganhar três mil almas para a igreja de Cristo (At 2.41).<sup>34</sup>

O revestimento de poder que os discípulos receberam também era responsável pela realização de milagres. Os testemunhos dos discípulos eram acompanhados por sinais e milagres que confirmavam a veracidade do evangelho e do poder de Deus. O quadro 01 apresenta os milagres realizados pelo poder do Espírito Santo no livro de Atos.

**Quadro 01: Milagres realizados em Atos dos Apóstolos**

Milagre	Referência Bíblica em Atos
Línguas	2.4; 10.46; 19.6
Profecia	11.27,28; 13.1,2; 21.4; 21.11
Palavra da ciência/discernimento de espírito	5.3,4
Palavra da sabedoria	4.8-13; 15.28
Declarações gerais sobre curas/milagres	2.43; 5.15,16; 6.8; 8.6-8; 14.3; 15.12; 19.11,12; 28.9
Curas	3.1-10; 9.33-35; 14.8-10; 28.3-5; 28.8
Exorcismos	5.16; 8.7; 16.16-18; 19.13-16
Ressurreição de mortos	9.36-42; 20.9,10
Visões	10; 16.9,10
Libertações milagrosas	5.19; 12.7-10; 16.23-26; 27.23-25
Transportes milagrosos	8.39,40
Milagres “ao contrário”	5.1-11; 12.23; 13.9-12

Fonte: Adaptado de Palma.<sup>35</sup>

<sup>33</sup> STAMPS, 1996, p. 1626.

<sup>34</sup> RODRIGUES, 2017, p. 58.

<sup>35</sup> PALMA, 2018, p. 88.

Para os pentecostais os sinais e milagres realizados no livro de Atos não se restringem aos apóstolos. Pelo contrário, os sinais e milagres continuam atuais para a igreja. Conforme Stamps, foi da vontade de Deus que a pregação do evangelho fosse acompanhada por sinais e milagres para confirmar a veracidade do evangelho. Dessa maneira, Deus cooperava com o seu povo e dava testemunho da mensagem do evangelho. Semelhante confirmação da graça de Deus, com sinais e prodígios, é necessária hoje.<sup>36</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou apresentar as principais crenças sobre a doutrina do batismo no Espírito Santo, como também apresentou os fundamentos doutrinários do batismo no Espírito Santo sob a ótica do pentecostalismo. Observou-se que a ênfase dada pelos pentecostais na doutrina do revestimento de poder é um dos motivos centrais para o sucesso do movimento pentecostal, principalmente nas missões mundiais e na evangelização. Este revestimento de poder capacita o cristão para o serviço, pregar o evangelho e realizar sinais miraculosos com o objetivo de comprovar a veracidade do evangelho e do poder de Deus. O principal objetivo do batismo no Espírito Santo, para os pentecostais, é o poder capacitado, pelo qual o testemunho a Jesus pode ser levado adiante em palavras e ações.

Para o pentecostalismo, a ascensão do movimento pentecostal é fruto do poder do Espírito Santo na vida da igreja de Cristo. E a base ou fundamento para este poder do Espírito são encontrados nas Escrituras sagradas e, principalmente, no livro de Atos dos Apóstolos, o qual é chamado por muitos biblicistas de Atos do Espírito Santo.<sup>37</sup> Conforme Collins, “os pentecostais, não contentes apenas com a forma da religião (que era religião mais que suficiente para os ricos e para a mais determinada classe média alta), desejavam o poder da religião”.<sup>38</sup> E este poder da religião que Collins se refere é o poder do Espírito Santo na vida da igreja de Cristo que é tão propagado pelos pentecostais.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Claudino Corrêa. **Dicionário Teológico**. 6.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

ARRINGTON, French L.; STRONSTAD, Roger. **Comentário Bíblico Pentecostal: Novo Testamento**. 4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009. Vol. 1.

**BÍBLIA Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida. Barueri: SBB, 2003.

COLLINS, Kenneth J. **Teologia de John Wesley**. 6.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

---

<sup>36</sup> STAMPS, 1996, p. 1662.

<sup>37</sup> Esta expressão “Atos do Espírito Santo” é apresentada na introdução ao livro de Atos dos Apóstolos da Bíblia Obreiro Aprovado. Para mais informações vede introdução ao livro de Atos: **Bíblia Obreiro Aprovado**: síntese, artigos, liturgia, concordância dicionário, Harpa Cristã. Rio de Janeiro, CPAD, 2011, p. 1284.

<sup>38</sup> COLLINS, Kenneth J. **Teologia de John Wesley**. 6.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 200.



GEE, Donald. **Como receber o batismo no Espírito Santo**: vivendo e testemunhado com poder. 11.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

GILBERTO, Antônio; et. al. **Teologia Sistemática Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

HORTON, Stanley M.; MENZIES, William W. **Doutrinas Bíblicas**. 3.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

**IGREJA do Nazareno**. Disponível em:

<<http://www.nazareno.osasco.br/blog/2018/04/05/inteira-santificacao-ou-batismo-no-espírito-santo/>>. Acesso em: 11 jan. 2019.

OLIVEIRA, Raimundo Ferreira. **As grandes doutrinas da Bíblia**. Rio de Janeiro: CPAD, 1987.

PALMA, Anthony D. **O batismo no Espírito Santo e com fogo**: os fundamentos bíblicos e a atualidade da doutrina pentecostal. 10.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

PORTAL Católicos. **"Batismo no Espírito Santo". O que é isso?** Disponível em:

<<http://portalcaticos.blogspot.com/2014/06/batismo-no-espírito.html>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

RODRIGUES, Jefferson. **Escudo Pentecostal**: uma visão panorâmica das principais doutrinas pentecostais. São Paulo: Reflexão, 2017.

SÉTIMO Dia. **Batismo com Água, com Fogo e com Espírito Santo**. Disponível em:

<<https://setimodia.wordpress.com/2008/04/20/batismo-com-agua-com-fogo-e-com-espírito-santo/>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

SILVA, Esequias S. (Org.). **Declaração de Fé das Assembleias de Deus**. 3.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

STOTT, John R. W. **Batismo e plenitude do Espírito Santo**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1988.

WESLEY, John. **Explicação clara da perfeição cristã**. Imprensa Metodista, 1933. Disponível em: <[https://www.whdl.org/sites/default/files/publications/john\\_wesley-explicacao\\_clara\\_da\\_perfeicao\\_crista.pdf](https://www.whdl.org/sites/default/files/publications/john_wesley-explicacao_clara_da_perfeicao_crista.pdf)>. Acesso em 11 jan. 2019.

WILEY, Orton; CULBERTSON, Paul T. **Introdução à Teologia Cristã**. São Paulo: Casa Nazarena, 1990.

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## HISTÓRIA DA TEOLOGIA DO REINO DE DEUS – DE BARTH AOS DIAS ATUAIS History of God's Kingdom Theology - from Barth to the present day

Evandro R. Rojahn<sup>1</sup>

### RESUMO

O conceito de Reino de Deus desde os tempos de Jesus foi objeto de estudo de inúmeros teólogos e filósofos. É um tema impossível de ser ignorado. Os erros de interpretação gerados normalmente por um entendimento reducionista, fizeram com que esse conceito se tornasse abstrato e, muitas vezes, vazio de sentido. Cada indivíduo que estudou este conceito apresentou uma perspectiva limitada, pois não via o todo do conceito, apenas uma parte dele. Ao analisar o Reino como conceito, é possível traduzi-lo como o Governo de Deus. Mas não é possível dizer muita coisa a partir de uma definição tão simples. Não é possível compreender a amplitude do Reino de Deus ao estudá-lo apenas como conceito, é preciso elevá-lo ao nível de uma teologia por causa de sua abrangência teológica e temática. Entender o Reino de Deus apenas como conceito significa reduzi-lo e limitar seu alcance. Por isso este tema é analisado aqui como uma Teologia do Reino de Deus.

**Palavras-chaves:** Teologia do Reino de Deus. Reino de Deus. Interpretação. Ideologia. Politização.

### ABSTRACT

The concept of the Kingdom of God has been the subject of study by numerous theologians and philosophers since the time of Jesus. It is a subject that cannot be ignored. The errors of interpretation usually generated by a reductionist understanding have made this concept abstract and often meaningless. Each individual who studied this concept

<sup>1</sup> Evandro R. Rojahn é licenciado em Artes Visuais, Letras e Filosofia. É bacharel em Teologia, pós-graduado em Teologia do Novo Testamento Aplicada e Mestre em Teologia com ênfase em Leitura e Ensino da Bíblia. Atualmente é professor, pesquisador e escritor nas áreas de Teologia Bíblica e Filosofia. E-mail: [teologiaevandro@gmail.com](mailto:teologiaevandro@gmail.com)

presented a limited perspective, as he did not see the whole concept, only a part of it. By analyzing the Kingdom as a concept, it can be translated as the Ruling of God. But it is not possible to say much from such a simple definition. It is not possible to understand the breadth of the Kingdom of God by studying it only as a concept; it must be raised to the level of theology because of its theological and thematic scope. To understand the Kingdom of God only as a concept means to reduce it and limit its scope. For this reason, this theme is analyzed here as a theology of the Kingdom of God.

**Keywords:** Kingdom of God Theology. Kingdom of God. Interpretation. Ideology. Politicization.

## INTRODUÇÃO

O Reino de Deus é um tema que dificilmente pode ser ignorado por um pesquisador sério. Ou o conceito é a base de uma teologia ou é uma referência para justificá-la e servir de apoio. Visto que o Reino de Deus apesar de ser um conceito que aparece na Escritura e, portanto, pertence ao âmbito da Teologia Cristã, foi tomado por filósofos cristãos ao longo da história e para estes foi empregado com um sentido alheio ao cristianismo, se faz necessário analisar o tema também na História da Filosofia a fim de pontuar cronologicamente o desenvolvimento do tema. O propósito deste artigo é justamente realizar essa pontuação cronológica do desenvolvimento do tema na história da teologia e da filosofia a fim de identificar seus desdobramentos e consequências.

Karl Barth, um teólogo acusado pelos teólogos conservadores de ser liberal demais ao passo que é acusado pelos liberais de ser muito conservador. O método da teologia de Karl Barth é a dialética, muito difundida a partir de Hegel. O Reino de Deus para Karl Barth será retomado quase que integralmente em termos escatológicos. Será o ponto de fuga para o qual se convergem todas as linhas da história humana. Será o ápice da própria história humana. O momento de realização plena e consumação desta era. Para Karl Barth o Reino de Deus é o propósito do próprio Deus.

Paul Tillich aborda o Reino de Deus diferentemente de Barth. Enquanto Barth vê o Reino como consumação final e, portanto, escatológica, Paul Tillich concebe uma interpretação mais próxima da humanidade, na própria história e acima dela. Deus está realizando seu Reino ao desenrolar o pergaminho da história. A ideologia socialista mais uma vez contamina a hermenêutica dando a ideia de que o Reino de Deus está de alguma forma ligado à própria história e próximo da sociedade civil. O Reino de Deus é correlacional à própria cultura. É como se o próprio Deus estivesse se realizando na cultura moderna. A perspectiva existencialista que força a Escritura a se ajustar a existência humana de forma filosófica, também muito difundida no século passado, é tomada pelos teólogos e filósofos com o propósito de ser o elo entre a Escritura e a sociedade. O ser humano nas ideologias totalitárias sempre é alguém somente na coletividade, não há liberdade individual, nem direitos individuais, tudo pelo Estado, nada contra o Estado, nada fora do Estado, esse era o mantra do Fascismo, muito presente nas ideologias de esquerda.

Rudolf Bultmann segue a linha teológica existencialista da mesma forma que Tillich. Bultmann, no entanto, entende o Reino como puramente escatológico. Rudolf Bultmann ficou

famoso no mundo acadêmico pelo seu infeliz programa de desmitologização, no qual ele propõe reinterpretar os mitos e lendas presentes no texto a fim de chegar ao núcleo dos ditos de Jesus. Joachim Jeremias é outro teólogo liberal que segue a linha de Bultmann. Jeremias emprega eufemismos para descrever a mesma conclusão sobre o Reino não ter chegado como previsto. Contudo, Jeremias, sugere um Reino em processo de realização. George Eldon Ladd vai apresentar uma Teologia Bíblica do Reino de Deus. Para George Eldon Ladd o Reino de Deus é o ponto de partida para toda a teologia. Do apreço que Ladd nutria pelo Reino de Deus emergiram diversas obras, muitas em língua portuguesa. O Reino de Deus é um tema central na teologia de Ladd. Sua teologia do Reino de Deus é equilibrada. Ladd trata da maioria dos desdobramentos históricos do Reino de Deus, porém, com a característica principal de não envolver filosofias e ideologias políticas na interpretação. Por isso sua abordagem é mais voltada à própria Escritura.

Jürgen Moltmann e Wolfhart Pannenberg são os defensores da Teologia da Esperança. Segundo eles o Reino de Deus, que será estabelecido na consumação desta era, projeta um sentimento de esperança no presente. A diferença entre ambos Moltmann e Pannenberg é novamente a questão da ideologia. Moltmann permanece ligado a uma aversão gritante da política hierárquica, enquanto Pannenberg se afasta da ideologia e se aproxima de uma teologia mais bíblica. Embora Pannenberg analise teológica e filosoficamente o aspecto político do Reino em relação ao Estado, sua teologia não corre o risco de se tornar politizada essencialmente. Como já era de se esperar, com a sedução das ideologias em vigência por todo o século XX, muitos teólogos e filósofos, protestantes e católicos se deixaram ludibriar pela expectativa de uma revolução social e econômica que, no final das contas, não passou de um grande embuste. As teologias feminista, negra e a falaciosa teologia da Libertação são evidências de uma hermenêutica que serve ao totalitarismo e a abolição da liberdade individual.

## 1. BARTH – O REINO TELEOLÓGICO

Karl Barth<sup>2</sup> (1886-1968)<sup>3</sup> ao falar sobre o Reino de Deus, afirma que houve certa falha dos reformadores em compreender o aspecto escatológico desta realidade que é o Reino de Deus. Barth define o Reino de Deus como sendo a vida e o propósito do mundo que correspondem às intenções do Criador. Nesse sentido, o Reino de Deus seria a finalidade de toda a existência humana. O Reino de Deus é a defesa contra o mal que ronda o mundo. O Reino de Deus é a vitória derradeira sobre o pecado.<sup>4</sup> É a reconciliação do mundo com Deus. Consequente ao Reino de Deus há uma nova vida, um novo céu e uma nova terra. São novos porque são admitidos na paz de Deus e envolvidos por ela.

---

<sup>2</sup> GONZÁLEZ, Justo L. **Dicionário Ilustrado dos Intérpretes da Fé**. Tradução de Reginaldo Gomes de Araújo. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 83.

<sup>3</sup> BARTH, Karl. **Carta aos Romanos**. 5.ed. São Paulo: Novo Século, 2003, p. 7.

<sup>4</sup> BARTH, Karl. **O Pai Nosso: a oração que Jesus ensinou aos seus discípulos**. Tradução de Josef Blustein. São Paulo: Novo Século, 2003, p. 44.

Reino de Deus é a justiça de Deus. O fim e o propósito do mundo é a vinda do Reino. O Reino de Deus está acima das possibilidades humanas, pois aquilo que se pode fazer está ameaçado por um perigo. A vinda do Reino é totalmente independente do poder humano. A contribuição do homem para a vinda do Reino de Deus é a petição na oração. De acordo com Barth a oração pela vinda do Reino somente pode ser feita por alguém que conhece o Reino, e que, lá onde se ora, o Reino já tenha vindo. Isso significa que, na irmandade dos cristãos na qual se ora pela vinda do Reino, o Reino já veio. Barth vê em Jesus a vinda do Reino de Deus na qual, Deus reconciliou consigo o mundo. Isso significa que, para Barth, o Reino de Deus já veio, isto é, em Cristo, que é o fim e propósito de toda a humanidade, em toda sua profundidade, na totalidade da sua glória, sem qualquer atenuação nem reticência. Barth afirma que “anunciamos a palavra que se fez carne, anunciamos o Reino de Deus que veio”.<sup>5</sup>

Barth questiona sobre a necessidade de orar pela vinda do Reino. Se o Reino já veio, por que então se deveria orar pela sua vinda? Segundo Barth, aquilo que foi passado, que está atrás deste tempo, deve ser também o propósito, o futuro, pois o Cristo que foi, também voltará. É necessário orar pela vinda do Reino, pois o mundo, a igreja, a política, enfim, toda a realidade é como um pano que encobre o que realmente está por detrás, isto é, Cristo e o Reino de Deus. Daí a necessidade de clamar pela vinda daquilo que realmente é verdadeiro, o Reino de Deus. Barth entende o Reino de Deus, não como os reformadores entendiam, como uma igreja perfeita, antes, como o fim e o propósito de todas as coisas, a vinda do Reino de Deus é o fim de tudo que existe e a implantação de um novo estado de coisas. O Reino de Deus é a causa de Deus. Barth afirma: “que teu Reino venha, este Reino já veio”.<sup>6</sup>

## 2. TILlich – O REINO HISTÓRICO

O Reino de Deus na perspectiva de Paul Tillich (1886-1965)<sup>7</sup> é algo que se desenvolve na história. Para ele, o Reino de Deus possui tanto um aspecto intra-histórico como trans-histórico, isto é, um Reino de Deus na história e acima dela. Paul Johannes Tillich era teólogo e filósofo protestante. Era filho de um pastor luterano e durante a segunda guerra mundial serviu de capelão no exército alemão. Tillich pertenceu ao movimento socialista<sup>8</sup> cristão em Frankfurt e teve de fugir para os EUA<sup>9</sup> quando os nazistas chegaram ao poder em 1933. O objetivo de Tillich em sua teologia era construir uma ligação entre a fé, a revelação cristã e a cultura<sup>10</sup> moderna. Para isso desenvolveu um método próprio, o método de correlação ou “teologia da cultura”. Segundo esse método o conteúdo da revelação cristã<sup>11</sup> se apresenta

<sup>5</sup> BARTH, 2003, p. 45.

<sup>6</sup> BARTH, 2003, p. 48.

<sup>7</sup> GONZÁLEZ, 2008, p. 616.

<sup>8</sup> GRENZ, Stanley J.; OLSON, Roger E. **A Teologia do século 20 e os anos críticos do século 21**. Tradução de Suzana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 135.

<sup>9</sup> MILLER, Ed L.; GRENZ, Stanley J. **Teologias contemporâneas**. Tradução de Antivan G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 69.

<sup>10</sup> HÄGLUND, Bengt. **História da Teologia**. Tradução de Mário Rehfeldt e Gládis Knak Rehfeldt. 8.ed. Porto Alegre: Concórdia, 2013, p. 321.

<sup>11</sup> McGRATH, Alister E. **Teologia Sistemática, histórica e filosófica: uma introdução a teologia cristã**. Tradução de Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Shedd, 2005, p. 495.

como resposta às questões existenciais modernas. Segundo Tillich, a correlação entre o cristão e o moderno não pode falsificar a revelação e nem as questões mais profundas da humanidade moderna. Por isso Tillich consta no rol dos teólogos existencialistas.<sup>12</sup>

Empregando o método de correlação, Paul Tillich aplicou o sentido da história e o Reino de Deus à correlação de diversos temas.<sup>13</sup> O Reino de Deus para Tillich é indubitavelmente o estágio final de realização plena do ser humano. Isso significa que, semelhante a Barth, para Tillich o Reino de Deus é o propósito, o *telos* da humanidade. Tillich, provavelmente pelo apreço que nutria pelo socialismo, defendia que o ser humano somente se efetiva, isto é, se realiza plenamente como pessoa em comunidade. Mesmo quando há alguma peculiaridade, esta, só será efetivada coletivamente. Para ele, os portadores da história são unicamente grupos e o indivíduo isolado só é portador da história indiretamente. Isso é claramente uma perspectiva ideológica coletivista.<sup>14</sup> Tillich acredita que a esfera política é essencial para a realização do indivíduo<sup>15</sup> como pessoa. Ele afirma que o elemento de centralidade que caracteriza a esfera política torna-a um símbolo adequado para o alvo último da história que, segundo Tillich, é o Reino de Deus. Diante dessas e outras posições de Tillich torna-se inútil qualquer tentativa de livrar sua teologia do Reino de uma perspectiva altamente politizada. Para ele, o Reino de Deus em seu aspecto intra-histórico, se realiza politicamente.

Paul Tillich também defende a espacialidade do Reino de Deus. O Reino de Deus não pode ser entendido por meio de uma perspectiva espiritualizada. O Reino de Deus não é um lugar ao lado de outros lugares, mas um lugar acima de todos os lugares em sentido trans-histórico. O lugar onde Deus governa não é um lugar ao lado de outros lugares, mas um lugar acima de todos os lugares. Em certo trecho de sua Teologia Sistemática, Tillich cita possíveis respostas à pergunta pelo sentido da história. Tillich primeiramente emprega uma resposta “positiva” da ideologia progressista. Para Tillich o progressismo é uma interpretação genuinamente histórica da história.<sup>16</sup> Mas a ideologia progressista já estava em colapso na época de Tillich. Outra ideia que nasceu da ideologia progressista é chamada por Tillich de utopismo. Segundo Tillich o utopismo é um progressismo com um alvo definido. Isto parece ser um tipo do ideal comunista<sup>17</sup> utópico de Karl Marx.<sup>18</sup>

Longe de apresentar o Reino de Deus como manifestação moral (Kant) ou religiosa (Schleiermacher), Tillich correlaciona o Reino de Deus como um evento político na história e acima dela. Por causa do aspecto duplo (intra-histórico e trans-histórico), Paul Tillich entende que o Reino de Deus o símbolo mais importante e complexo do pensamento cristão, tanto para o absolutismo político quanto eclesiástico.<sup>19</sup> Para explicar melhor o conceito de Reino de

<sup>12</sup> SAYÃO, Luiz Alberto Teixeira. **Cabeças feitas**: filosofia prática para cristãos. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 40.

<sup>13</sup> Razão e revelação, ser e Deus, existência humana e Cristo, etc.

<sup>14</sup> TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. Tradução de Getúlio Bertelli e Geraldo Korndörfer. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 746.

<sup>15</sup> TILLICH, 2005, p. 749.

<sup>16</sup> TILLICH, 2005, p. 786.

<sup>17</sup> REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**: Do Romantismo até nossos dias. São Paulo: Paulus, 1991, p. 202,203.

<sup>18</sup> SPROUL, R. C. **Filosofia para iniciantes**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2002, p. 142.

<sup>19</sup> TILLICH, 2005, p. 790.

Deus como símbolo, Paul Tillich apresenta quatro características distintas.<sup>20</sup> A primeira característica do Reino de Deus é política. Para justificar essa característica, Tillich cita o Antigo Testamento como expressão do governo de Deus. Deus não apenas governa todas as coisas, mas governará também no final dos tempos quando sujeitar todos os seus inimigos. O âmbito do governo divino implica em um lugar de base. No Antigo Testamento esse lugar era o monte Sião, no futuro será o Novo Céu e a Nova Terra. O próprio termo “Rei” aplicado a Deus é usado para designar o mais elevado e consagrado centro de controle político.

A segunda característica do Reino de Deus é a conotação social. Para Tillich o Reino de Deus inclui ideias de paz e justiça. O Reino de Deus seria, portanto, a realização utópica de um reino de paz e justiça. Porém, o fato de ser o Reino “de Deus” liberta o Reino de seu aspecto utópico, pois, significa que há uma inviabilidade de realização terrestre, isto é, humana. Assim, apenas Deus poderia realizar esse ideal. Esse ideal de paz e justiça seria um imperativo moral. Em terceiro lugar Reino de Deus segundo Tillich também é personalista. Em contrapartida com filosofias que defendem o retorno do indivíduo e sua união como o “uno” na eternidade, o Reino de Deus confere ao indivíduo a realização de sua individualidade. Segundo Tillich, na eternidade cada ser se realizará individualmente.<sup>21</sup>

Por último o Reino de Deus também possui universalidade.<sup>22</sup> Não seria um reino no qual apenas a humanidade se realiza, antes, a plenitude desse Reino abrange toda a vida. Segundo Tillich é isso que Paulo quer dizer quando afirma que “Deus será tudo em todos”.<sup>23</sup> Quando Cristo entregar o governo da história ao Pai, a história terá cumprido sua meta e Deus será tudo em todos. Tillich também acredita que o Reino de Deus possua elementos de imanência e transcendência. Mas defende, contudo, que o Reino não possa ser criado unicamente pelo elemento intra-histórico, isto é, realizado por meios terrestres. Tillich partilha de uma perspectiva corrente no século XX, de que o Reino de Deus deverá ser estabelecido por meio de catástrofes naturais, guerras, enfermidades etc. Essas coisas precedem o estabelecimento do Reino onde Deus será o governante das nações. Isso não ocorrerá por desdobramentos históricos, mas Deus mesmo intervirá no final deste *éon* e estabelecerá o Novo Céu e Nova Terra.<sup>24</sup>

Tillich também acredita que as igrejas sejam representações do Reino de Deus, embora, todas as religiões na perspectiva de Tillich estejam no mesmo nível. Tillich acredita que o Reino de Deus mudo a história ao entrar nela.<sup>25</sup> Tillich fala positivamente do socialismo, do socialismo religioso, e incorpora em sua teologia aquele espírito de “antifascista bonzinho” que ocorreu na segunda guerra mundial, no qual os comunistas da antiga URSS se passaram

<sup>20</sup> TILLICH aponta quatro características do Reino de Deus como símbolo, a saber: Política, Social, Personalista e Universal (TILLICH, 2005, p. 791).

<sup>21</sup> TILLICH, 2005, p. 791.

<sup>22</sup> TILLICH, 2005, p. 791.

<sup>23</sup> 1 Coríntios 15. 23-28. In BÍBLIA, Português. **Bíblia Sagrada - Harpa Sagrada**. Almeida Revista e Corrigida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil; Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 1135.

<sup>24</sup> TILLICH, 2005, p. 794.

<sup>25</sup> TILLICH, 2005, p. 806.

por “bonzinhos” ao empregar alguns exércitos na batalha contra Hitler.<sup>26</sup> Tillich usa uma perspectiva política progressista para afirmar que o Reino de Deus se realiza na história alcançando “algumas vitórias”. Segundo Tillich o Reino de Deus não está onde um governante trata seus governados como objetos, mas certamente está presente onde há democracia.<sup>27</sup> Tillich aponta que os “aristocratas hierárquicos” de forma alguma são expressões da vontade de Deus. Na medida em que ocorre o equilíbrio entra a centralização e a libertação do poder, significa que o Reino de Deus estaria superando as ambiguidades da vida. A despeito disso, Tillich revela grande incoerência ao afirmar que as igrejas não têm função de controlar os poderes políticos em nome do Reino de Deus ao mesmo tempo em que afirma que o Reino de Deus se realiza por meio de “vitórias” de uma suposta democratização.<sup>28</sup>

Para concluir a perspectiva de Tillich, o autor ainda afirma que uma vitória do Reino de Deus pode criar uma unidade de tradição e revolução em que se supera a injustiça do crescimento social e suas consequências destrutivas. Isso remonta ao pensamento progressista de que o cristianismo deve se opor de forma revolucionária contra as injustiças sociais, como se a função do cristianismo fosse apenas isso. Na teologia marxista o Reino de Deus é apenas a necessidade fantasiosa de uma luta de classes. Parece que para os teólogos desta corrente os mais abastados não têm salvação. Tal perspectiva reduz o Reino de Deus a penas um aspecto social. Mas o Reino de Deus é muito mais complexo que isso.

### 3. BULTMANN – O REINO ESCATOLÓGICO

Rudolf Bultmann (1884-1976)<sup>29</sup> é considerado um dos maiores teólogos do século XX.<sup>30</sup> Foi professor em diversas instituições. Sua disciplina era especificamente Teologia do Novo Testamento. Também serviu como diácono de uma igreja luterana. A corrente bultmaniana é uma das principais discussões teológicas do século XX.<sup>31</sup> Bultmann é conhecido principalmente por sua controversa<sup>32</sup> proposta de “demitologização”.<sup>33</sup> Essa proposta pressupõe que o Novo Testamento está repleto de “mitos” e, portanto, para se chegar ao “núcleo das palavras de Jesus” deve-se demitologizar o texto bíblico. A demitologização consiste em interpretar<sup>34</sup> as narrativas que apresentam elementos míticos, isto é, todas as passagens que contém elementos sobrenaturais, contudo, sem eliminar o mito,<sup>35</sup> pois com isso correr-se-ia o risco de perder o kerigma. Nem é preciso mencionar que essa proposta de

<sup>26</sup> COURTOIS, Stephane; [et al.]; com a colaboração de Rémi Kauffer [et al.]. **O Livro Negro do Comunismo: crimes, terror e repressão**. Tradução Caio Meira. 11.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018, p. 35.

<sup>27</sup> TILLICH, 2005, p. 815.

<sup>28</sup> TILLICH, 2005, p. 815.

<sup>29</sup> GONZÁLEZ, 2008, p. 134.

<sup>30</sup> LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes**. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 207.

<sup>31</sup> GIBELLINI, Rosino. **A Teologia do século XX**. Tradução de João Paixão Neto. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2012, p. 34. Rosino Gibellini quando se refere a obra Novo Testamento e Mitologia de Bultmann emprega a figura de Manifesto da demitização.

<sup>32</sup> McGRATH, 2005, p. 633.

<sup>33</sup> REALE e ANTISERI (1991, p. 746) empregam o termo correlato “demitização” e destacam a influência de Bultmann e seu método histórico morfológico também no campo da filosofia.

<sup>34</sup> GRENZ; OLSON, 2013, p. 104.

<sup>35</sup> HAGGLUND, 2013, p. 322.



Bultmann lhe rendeu muitas críticas desde a época de sua publicação até a atualidade. Sua contribuição para a hermenêutica, porém, é um marco importante na história da interpretação bíblica.<sup>36</sup> Seus questionamentos, contudo, não devem ser ignorados.

Sobre o Reino de Deus Bultmann também traz certa inovação. Visto que Bultmann acredita que existe um núcleo na tradição sinótica, isto é, um núcleo de ditos que realmente podem ser atribuídos a Jesus.<sup>37</sup> Um desses ditos é o Reino de Deus. Logo o Reino de Deus é um dito autêntico de Jesus. Bultmann analisa os ditos do Reino de Deus não apenas no Novo Testamento, mas emprega também seu uso e sua expectativa como é apresentada na literatura judaica, mais precisamente aquelas influenciadas pelo livro de Daniel. Essa interpretação judaica tardia postula que o Reino de Deus seria estabelecido por meio de uma catástrofe cósmica que, segundo Bultmann, colocaria fim em todo sofrimento e aflição.<sup>38</sup> Bultmann acredita que o Reino de Deus apresentado por Jesus não se cumpriu.<sup>39</sup> Parecia ser um tipo de fantasia da mente de Jesus.<sup>40</sup> Como Bultmann é um teólogo existencialista, o anúncio do Reino de Deus deve ter uma conotação ativa, isto é, relevância para os crentes da atualidade.

Segundo Bultmann, diante do anúncio do Reino de Deus (pregação escatológica) o indivíduo deve tomar uma decisão e esta decisão deve ser radical. Diante do anúncio do Reino de Deus o indivíduo deve escolher entre Deus e seu Reino e o mundo e seus bens, e essa escolha deve ser radical, integral e imediata.<sup>41</sup> A decisão radical do indivíduo pelo Reino de Deus tornará sua existência autêntica. O Reino de Deus na perspectiva de Bultmann põe o ser humano em tensão.<sup>42</sup> Ao mesmo tempo que o Reino como anunciado não se cumpriu, este mesmo Reino pode ser desfrutado na existência autêntica<sup>43</sup> do indivíduo. Essa posição de Bultmann ao ser duramente criticada por Oscar Cullmann deu origem a tensão escatológica do Reino de Deus denominada “já e ainda não”.<sup>44</sup> Foi largamente discutida por outros pesquisadores após Bultmann e ainda persiste na atualidade como uma das maiores controvérsias relacionadas ao Reino de Deus.<sup>45</sup>

#### 4. JEREMIAS – O REINO DE DEUS EM REALIZAÇÃO

Joachim Jeremias (1900-1979)<sup>46</sup> foi um teólogo alemão contemporâneo de Bultmann. Embora sua influência não seja tão ampla como a de Bultmann, seu trabalho é fundamental em pesquisas sobre o ambiente sociocultural da época de Jesus. Em sua Teologia do Novo

<sup>36</sup> MILLER; GRENZ, 2011, p. 49.

<sup>37</sup> MILLER; GRENZ, 2011, p. 50.

<sup>38</sup> BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Ilson Kayser. Santo André: Academia Cristã, 2008, p. 41.

<sup>39</sup> GRENZ; OLSON, 2013, p. 104.

<sup>40</sup> BULTMANN, 2008, p. 60.

<sup>41</sup> BULTMANN, 2008, p. 46.

<sup>42</sup> ROJAHN, Evandro Roque. **O Reino de Deus e a missão da igreja**. Curitiba: ADSantos, 2018, p. 75.

<sup>43</sup> GRENZ; OLSON, 2013, p. 109.

<sup>44</sup> MILLER; GRENZ, 2011, p. 63.

<sup>45</sup> OLSON, 2001, p. 475.

<sup>46</sup> GONZÁLEZ, 2008, p. 366.

Testamento, Jeremias dedica os primeiros capítulos a reconstruir o ambiente sociocultural de Jesus a fim de identificar o que ele chama de “voz real”,<sup>47</sup> isto é, o núcleo que compõe as palavras autênticas de Jesus. Jeremias era sem dúvidas um erudito notável. Seu trabalho era muito bem embasado em instrumentos de pesquisa, como por exemplo, teologia, filologia, história, geografia, arqueologia e línguas orientais.<sup>48</sup> Instrumentos que Jeremias dominava com maestria. Empregando tais instrumentos, Jeremias contribui significativamente para a busca do Jesus histórico, muito sedutora no século XX.

Sobre o Reino de Deus a contribuição de Jeremias torna-se um tipo de ponte para uma compreensão ainda mais ampla do tema. Jeremias constrói seu “Jesus histórico” e assinala, assim como inúmeros outros pensadores, que o Reino de Deus é o tema central<sup>49</sup> da proclamação pública de Jesus e, portanto, é *ipsissima vox*.<sup>50</sup> Jeremias, por meio de análise linguística, postula que o conceito de Reino desde o Antigo Testamento possui conotação dinâmica, isto é, indica propositalmente ação e movimento, nunca algo estático. O Reino de Deus é a soberania real de Deus em ação, basicamente é Deus reinando. Por isso Jeremias se refere ao Reino como o Reinado de Deus.<sup>51</sup> Com base na literatura judaica analisada por Jeremias, é possível chegar a mesma conclusão de Bultmann, de que o Reino (Reinado) de Deus não veio por meio da catástrofe descrita em Daniel. Jeremias entende que certas coisas não ocorreram precisamente<sup>52</sup> como eram esperadas. Mas o Reinado de Deus está se realizando.<sup>53</sup> Primeiramente o Reinado de Deus se opõe a soberania humana, bem como a qualquer outro tipo de soberania. Apenas o Reinado de Deus é uma soberania autêntica.<sup>54</sup> Este Reinado está se realizando à medida que Deus realiza seu ideal de justiça dando proteção aos desamparados.<sup>55</sup>

## 5. LADD – O DOMÍNIO DE DEUS

George Eldon Ladd (1911-1982)<sup>56</sup> foi um importante teólogo e pesquisador do Novo Testamento do século XX. Empregou o Reino de Deus como chave para interpretar a escatologia em sua época. Ladd se decepcionou<sup>57</sup> com os pesquisadores e teólogos de sua

<sup>47</sup> Jeremias emprega o latim “*ipsissima vox*”.

<sup>48</sup> GONZÁLEZ, 2008, p. 366.

<sup>49</sup> JEREMIAS, Joachim. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 77.

<sup>50</sup> A expressão é traduzida por JEREMIAS como sendo a “Voz Real” de Jesus a fim de distingui-la dos ditos que não pertencem a Jesus, mas teriam sido atribuídos tardiamente. Em JEREMIAS, 2008, p. 69, o autor aponta as características da *ipsissima vox*.

<sup>51</sup> ROJAHN, 2018, p. 58.

<sup>52</sup> JEREMIAS, 2008, p. 202.

<sup>53</sup> KUNZ, Claiton André. **As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus**. Curitiba: ADSantos, 2014, p. 40.

<sup>54</sup> BRUEGGMANN, Walter. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Jonathan Luis Hack. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2014, p. 334.

<sup>55</sup> JEREMIAS, 2008, p. 162.

<sup>56</sup> GONZÁLEZ, 2008, p. 408.

<sup>57</sup> Revista Impacto. Edição 66. Acesso em 19 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://www.revistaimpacto.com.br/biblioteca/o-reino-de-deus-como-chave-escatologica/>

época por não o incluírem nos principais círculos teológicos do século XX. Sua compreensão do conceito de Reino de Deus lhe rendeu diversas obras, algumas delas traduzidas para o português. Seria desonroso escrever sobre o Reino de Deus e ignorar a contribuição de Ladd. Praticamente todas as obras de Ladd trazem observações sobre o Reino de Deus. Em língua portuguesa, porém, duas merecem destaque; *O Evangelho do Reino*<sup>58</sup> e *Teologia do Novo Testamento*.<sup>59</sup> Essas duas obras foram estruturadas em torno do conceito de Reino de Deus. Ao definir o conceito de Reino, Ladd se depara com um problema altamente complexo, a enorme quantidade de informações sobre o tema o torna quase impossível de ser conceituado.<sup>60</sup>

Ladd esclarece diversos pontos importantes sobre o Reino de Deus. Ele parte dos pontos empregados anteriormente por Bultmann e Jeremias sobre a literatura judaica e a interpretação de Daniel sobre o estabelecimento do Reino por meio de uma catástrofe cósmica que, de fato, não ocorreu. Isso não significa que o Reino de Deus não tenha vindo em Jesus, antes, apenas ressalta a necessidade de conciliar as passagens que tratam do tema como presente e futuro a fim de compreender como isso ocorrerá. A interpretação judaica de que o Reino de Deus seria estabelecido por meio de uma catástrofe apenas surgiu como opção após se esvaír a expectativa anterior de que o Reino seria um governo terreno de um descendente de Davi.<sup>61</sup> Duas expectativas que não ocorreram como esperado.<sup>62</sup> Na teologia de Ladd, a dualidade temporal não constitui problema,<sup>63</sup> antes, tenta conciliar o Reino como presente e futuro simultaneamente. O Reino foi inaugurado em Cristo e será estabelecido plenamente no futuro. Ladd também esclarece que não há diferença entre as expressões Reino de Deus e Reino dos Céus.<sup>64</sup> Isso é apenas uso de metonímia e circunlóquio, o que torna as duas expressões sinônimas.

Outro ponto importante é o distanciamento substancial entre o Reino de Deus e a Igreja. Desde Agostinho o Reino de Deus<sup>65</sup> estava associado de alguma forma com a igreja.<sup>66</sup> Dessa forma o crescimento da igreja implica em crescimento do Reino. A igreja pode ser considerada como composta pelo povo de Deus. A afirmação de que o Reino e a Igreja são idênticos não possui o mínimo de respaldo bíblico. Essa concepção que associa o Reino de Deus à igreja gerou inumeráveis confusões em séculos passados. Vale mencionar a confusão política gerada por essa compreensão inadequada do Reino de Deus. Quando a igreja é associada ao Reino de Deus, ela (a igreja) se vê como entidade imbuída de autoridade capaz de impor a religião

<sup>58</sup> LADD, George Eldon. **O Evangelho do Reino**: estudos bíblicos sobre o Reino de Deus. Tradução de Hope Gordon Silva. São Paulo: Sheed, 2008.

<sup>59</sup> LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Degmar Ribas Júnior. São Paulo: Hagnos, 2003.

<sup>60</sup> LADD, 2008, p. 15.

<sup>61</sup> CARAGOUNIS, Chrys C. In: REID, Daniel G. (Edit). **Dicionário Teológico do Novo Testamento**. Tradução de Márcio L. Redondo e Fabiano Medeiros. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 1063.

<sup>62</sup> ROJAHN, 2018, p. 64.

<sup>63</sup> GUTHRIE, Donald. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 423.

<sup>64</sup> LADD, 2003, p. 90.

<sup>65</sup> LADD, 2008, p. 16.

<sup>66</sup> LADD, 2003, p. 84.

como norma. Isso torna o cristianismo banal. Pode se dizer que após esse tempo de confusão, a relação entre Igreja e Estado foi abalada de tal forma que ainda hoje há diversas dificuldades em tentar conciliar essas duas entidades.<sup>67</sup> A igreja é composta pelo povo de Deus, mas em hipótese alguma deve ser considerada o Reino de Deus. Visto que o Reino de Deus gerou a igreja, é anterior e mais elevado que ela.

## 6. MOLTMANN – O REINO COMO ESPERANÇA

Jürgen Moltmann (1926-)<sup>68</sup> é considerado o fundador da Teologia da Esperança.<sup>69</sup> Considerando que na década de 1960 tanto a Europa como os Estados Unidos assistiram ao surgimento de uma explosão de otimismo em relação ao futuro da humanidade,<sup>70</sup> a Teologia da Esperança surge como resposta a esses anseios. Essa teologia consiste basicamente em entender a esperança como cerne do cristianismo,<sup>71</sup> sendo o “Reino da Glória<sup>72</sup> de Deus” o alvo de tal esperança.<sup>73</sup> Moltmann está correto ao empregar o Reino de Deus como a esperança principal cristianismo. Sobre o Reino de Deus, contudo, Moltmann se precipita e cria certa confusão. Primeiramente sua perspectiva sobre o Reino de Deus é unilateral, o Reino corresponde a uma esperança escatológica que se projeta no passado e no presente e molda o cristianismo. Sabe-se que uma percepção mais adequada do Reino de Deus permite a dualidade temporal, o Reino presente e futuro.

Todavia o problema principal da perspectiva de Moltmann é sua análise do Reino de Deus na Trindade a partir de Joaquim de Fiore.<sup>74</sup> A partir da concepção linear de Reino em Fiore, Moltmann cria uma concepção de Reino de Deus distinguindo drasticamente as pessoas da trindade e atribuindo a cada uma delas um reino distinto por meio de saltos qualitativos. Parece que o Reino de Deus passa por um processo de instalação e se desenvolve a medida que um membro da trindade passa ao próximo membro a tarefa que lhe foi confiada.<sup>75</sup> Dessa forma o reino<sup>76</sup> do Pai consiste na criação de um mundo que se abre para o futuro, essa abertura para o futuro culmina no reino da glória.<sup>77</sup> O Pai governa abrindo espaço para a liberdade das criaturas. O reino do Filho é um reino cristiforme. Consiste e libertação para a liberdade. Tal liberdade é mais sentida no reino do Espírito. Pela presença de “Deus em nós” o homem passa a ser amigo de Deus. O reino da glória é o estágio final no qual ocorre a consumação da criação do Pai.

---

<sup>67</sup> GRUDEM, Wayne. **Política segundo a Bíblia**: princípios que todo cristão deve conhecer. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 25-76.

<sup>68</sup> GONZÁLEZ, 2008, p. 476.

<sup>69</sup> REALE; ANTISERI, 1991, p. 759.

<sup>70</sup> McGRATH, 2005, p. 635.

<sup>71</sup> GRENZ; OLSON, 2013, p. 205.

<sup>72</sup> GIBELLINI, 2012, p. 290.

<sup>73</sup> MILLER, 2011, p. 129.

<sup>74</sup> MOLTMANN, Jürgen. **Trindade e Reino de Deus**: uma contribuição para a teologia. Tradução de Ivo Martinazzo. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 208.

<sup>75</sup> MILLER, 2011, p. 139.

<sup>76</sup> Reino empregado com inicial minúscula para evidenciar desacordo com a concepção de Moltmann.

<sup>77</sup> MOLTMANN, 2011, p. 213.

Com relação à liberdade no Reino de Deus, Moltmann acredita que no reino do Pai, sendo Senhor das criaturas, o homem é propriedade de Deus. No reino do Pai o homem é tido como “servo de Deus”. No reino do filho o homem deixa de ser servo e passa a ser filho de Deus. Ocorre em cada “estágio do reino” uma transformação qualitativa (reino do Pai: servos; reino do Filho: filhos; reino do Espírito: amigo etc.). No reino do Espírito o homem passa a ser amigo de Deus. Moltmann conclui que a liberdade dos servos, a liberdade dos filhos e a liberdade dos amigos de Deus refletem a história do Reino de Deus. Para Moltmann esses saltos qualitativos são etapas de uma caminhada, são níveis no conceito de liberdade.<sup>78</sup> A liberdade plena é desfrutada apenas no “reino da glória”.<sup>79</sup> Essa perspectiva é inadequada, pois trata-se de uma concepção imposta que, mesmo citando alguns textos no intuito de abalar sua doutrina, Moltmann decai na heresia do triteísmo,<sup>80</sup> visto que, a Bíblia fala do Reino divino como sendo o “Reino de Deus” e, mesmo que a regência passe temporariamente por Jesus, este Reino continua sendo o Reino de Deus. Este Reino de Deus em passagem alguma da Escritura é apresentado como saltos qualitativos de liberdade.

Talvez a causa principal dessa concepção inadequada de Moltmann sobre o Reino de Deus tenha ocorrido pela politização do conceito. O Reino de Deus foi analisado por Moltmann tendo como base hermenêutica a ideologia marxista<sup>81</sup> de Ernest Bloch.<sup>82</sup> Moltmann conduz uma verdadeira difamação<sup>83</sup> do poder e da hierarquia, o que ele chama de monoteísmo político e monoteísmo clerical.<sup>84</sup> Moltmann nutria clara intenção política ao discorrer sobre a trindade e o Reino de Deus.<sup>85</sup> Talvez sua intenção fosse positiva, contudo, ao empregar uma hermenêutica politizada acabou torcendo o conceito do Reino de Deus e sacrificando a verdade bíblica no altar da ideologia marxista. A antipatia social e política de Moltmann para com a hierarquia distorceu sua abordagem do Reino de Deus e decaiu em um tipo desequilibrado de triteísmo.<sup>86</sup> Esse é o perigo de se interpretar a Bíblia por meio de ideologias

<sup>78</sup> MOLTSMANN, 2011, p. 222.

<sup>79</sup> GRENZ; OLSON, 2013, p. 211.

<sup>80</sup> GRENZ; OLSON, 2013, p. 211.

<sup>81</sup> Em Trindade e Reino de Deus Moltmann emprega diversas vezes conceitos e linguagem típicos do marxismo.

Ele critica a *monarquia* do Deus único (p. 202), afirma que ao Deus uno e trino não corresponde a monarquia de um dominador, mas sim a comunidade de homens sem privilégios e sem sujeições (p. 203). Critica também o poder e a posse (p. 204). Fala da socialidade das pessoas divinas (p. 204), do aspecto social dos homens (p. 204), supõe que sua proposta trinitária pode acabar com a antítese entre personalismo e socialismo (p. 205). Cita diretamente Karl Marx e o comunismo para defender sua concepção de reino da liberdade (p. 211, 212). Fala do reino da liberdade empregando o fantasioso conceito marxista da luta de classes (p. 217, 219). Critica o liberalismo burguês e a luta pelo poder e pela propriedade (p. 218). Fala em função social, sociedade burguesa e defende explicitamente o coletivismo em detrimento da liberdade e direitos individuais como caminho para a verdadeira liberdade (p. 220).

<sup>82</sup> GIBELLINI, 2012, p. 288.

<sup>83</sup> GRENZ; OLSON, 2013, p. 217.

<sup>84</sup> MOLTSMANN, 2011, p. 208.

<sup>85</sup> GRENZ; OLSON, 2013, p. 207. GIBELLINI, 2012, p. 296.

<sup>86</sup> GRENZ; OLSON, 2013, p. 219.

viciadas<sup>87</sup> que, no fim das contas, revelam um tipo de pensamento errôneo, uma falsificação da realidade.<sup>88</sup>

## 7. PANNENBERG – O REINO FUTURO

Wolfhart Pannenberg<sup>89</sup> (1928-2014)<sup>90</sup> estudou teologia e filosofia e está entre os mais importantes pensadores do século XX. Sua primeira impressão sobre o cristianismo foi negativa,<sup>91</sup> oriunda da leitura de uma obra de Nietzsche.<sup>92</sup> Pannenberg mudou de concepção mais tarde após um breve contato com um professor cristão que havia sido membro da igreja confessante durante o Terceiro Reich. Isso despertou o interesse pelo cristianismo diante da necessidade de conhecê-lo com maior profundidade. No início de seus estudos ficou fascinado pelo marxismo, mas (diferentemente de Moltmann) logo rejeitou a alternativa marxista, pois, o marxismo não resiste a um teste intelectual mais rigoroso.<sup>93</sup> Pannenberg, após observar os efeitos do Comunismo de Stálin e o Nazismo de Hitler, ficou convencido de que nenhum sistema político humano jamais seria capaz de produzir uma estrutura social perfeita.<sup>94</sup> Apenas o Reino de Deus futuro e glorioso é capaz de produzir a paz social perfeita. Daí a aproximação de Pannenberg e Moltmann por meio da Teologia da Esperança.<sup>95</sup>

A teologia do Reino de Deus na perspectiva de Pannenberg é expressa com amplitude no terceiro volume de sua Teologia Sistemática. Primeiramente Pannenberg trata de distinguir a Igreja do Reino de Deus. Para Pannenberg a igreja historicamente se equivocou ao associar e assimilar-se ao Reino de Deus. A distinção ocorre entre o sinal e a coisa em si.<sup>96</sup> O Reino de Deus é a coisa em si, o governo de Deus que se revelará plenamente no futuro, mas que já irrompe. A igreja é o sinal concreto do Reino de Deus através de sua proclamação e vida de celebração.<sup>97</sup> A igreja é composta pelo povo que detém a missão de proclamar o Senhorio de Deus, de dizer a todos que Deus Reina. A ceia é a comunhão entre os salvos que serve de sinal da comunhão final de todos os salvos na celebração das bodas do Cordeiro.

Pannenberg também analisa a relação da Igreja com o Estado por meio do conceito de Reino de Deus, nesse caso, Senhorio de Deus. A relação entre o Reino de Deus e o Estado se dá pela incumbência de assegurar o direito e a paz na convivência dos seres humanos. De

<sup>87</sup> Esse mesmo vício ideológico de torcer os fatos para se adequarem à ideologia do pesquisador pode ser percebido em CAVALCANTI, Robinson. **Cristianismo e política: teoria bíblica e prática histórica**. Viçosa: Ultimato, 2002.

<sup>88</sup> KOYZIS, David T. **Visões e ilusões políticas: uma análise e crítica cristã das ideologias contemporâneas**. Tradução de Lucas G. Freire. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 25.

<sup>89</sup> GONZÁLEZ, 2008, p. 513.

<sup>90</sup> MILLER, 2011, p. 145.

<sup>91</sup> GRENZ; OLSON, 2013, p. 220.

<sup>92</sup> Nietzsche culpava o cristianismo pela situação catastrófica do mundo atual. Isso influenciou negativamente a percepção de Pannenberg.

<sup>93</sup> McGRATH, 2005, p. 461.

<sup>94</sup> GRENZ; OLSON, 2013, p. 221.

<sup>95</sup> MILLER, 2011, p. 152.

<sup>96</sup> PANNENBERG, Wolfhart. **Teologia Sistemática**. V. 3. Tradução de Werner Fuchs. Santo André: Academia Cristã; Paulus, 2009, p. 90.

<sup>97</sup> PANNENBERG, 2009, p. 70.

acordo com Pannenberg o Estado visa assegurar essa convivência de forma temporária e secular, mas apenas o Reino de Deus irá concretizar de forma definitiva o direito, a paz e a comunhão entre os seres humanos. É necessário considerar que jamais houve um governo humano perfeitamente justo e, evidentemente não haverá. As tensões e injustiças dos governos geram insatisfação e angústia. Essa angústia alimenta a esperança do Reino de Deus, pois apenas no Governo de Deus haverá plenamente o direito e a paz entre os seres humanos. Pannenberg faz uma sucinta análise história da Teologia Política.

Pannenberg considera que desde o início das instituições políticas, o governante estava associado a divindade. Era um tipo de representante da divindade e, devido a isso, seu governo era divinamente aprovado. No antigo Testamento é possível observar que Reis como Davi e Salomão poderiam ser entendidos dessa forma. Assim, Deus Reinava por meio do rei humano. Pannenberg também considera o Reino de Deus como iniciado na pessoa de Jesus. Ao anunciar que o Reino de Deus está chegando, Jesus relativiza toda a ordem política humana.<sup>98</sup> Pannenberg considera que a existência de direitos humanos constitui uma recordação de que a ordem jurídica estatal ainda não é nem pode ser a realização da justiça do Reino de Deus. Em outras palavras, nenhuma ordem política, jurídica ou ideológica pode arrogar para si a possibilidade de estar realmente cumprindo o Reino de Deus. O Reino de Deus não será estabelecido por nenhuma ordem política, jurídica ou ideológica humana. Quem estabelece o Reino de Deus é o próprio Deus.

Pannenberg acredita que o Reino de Deus é a consumação final do homem, individual e coletivamente. Deus estabeleceu um alvo para todas as suas criaturas, esse alvo alcançará a consumação no estabelecimento do Reino de Deus. Pannenberg entende que a maior parte das aflições humanas decorrem da falta de reconhecimento mútuo entre elas. De forma que, do reconhecimento mútuo emerge a paz entre os povos.<sup>99</sup> Segundo Pannenberg a insistência das instituições políticas em implementar o direito é decorrente dessa falta de reconhecimento mútuo. Pannenberg afirma que, para que haja uma sociedade livre de discórdias, seria necessária uma intervenção direta de Deus no coração dos indivíduos, para que deixassem valer um ao outro se perdoassem e se apoiassem mutuamente. Evidentemente tal coisa somente pode ser concretizada por Deus em seu Reino. É justamente daí que brota a necessidade do homem de seguir para um alvo escatológico.

A esperança pelo Reino escatológico de Deus já contém a ideia da reconciliação do indivíduo com a sociedade.<sup>100</sup> Segundo Pannenberg as instituições políticas e ideologias humanas jamais poderiam reconciliar o homem com a sociedade de maneira perfeita. Mesmo um governo terreno não poderia reconciliar o homem com a sociedade humana em geral, pois os mortos não poderiam ser reconciliados desta forma, apenas os vivos. Daí a necessidade de ressurreição dos mortos para a reconciliação escatológica. Essa participação na consumação escatológica é positiva para alguns e negativa para outros. Para alguns significa o cumprimento dos anseios na vida eterna, para outros significa aflição eterna por causa de sua

---

<sup>98</sup> PANNENBERG, 2009, p. 89.

<sup>99</sup> PANNENBERG, 2009, p. 764.

<sup>100</sup> PANNENBERG, 2009, p. 766.

conduta contraditória na terra. Portanto, para Pannenberg, a consumação escatológica do Reino de Deus implica na reconciliação do homem com a sociedade humana.

Pannenberg refaz o caminho filosófico da dupla concepção do *eschaton*<sup>101</sup> como fim e consumação da história. O *eschaton* deixa de ser um problema quando se entende que não o nada, mas o próprio Deus é o fim e a consumação da própria história temporal da mesma forma que o finito é limitado pelo infinito, assim o tempo e a temporalidade são limitados pela eternidade. O *eschaton* não representa o estabelecimento do nada, antes é o fim de uma era e sua consumação que representa a transição para a eternidade.<sup>102</sup> Dessa forma o Reino escatológico de Deus é o *eschaton*.

Pannenberg também analisa a relação do tempo com a eternidade e como se dará essa transição. O tempo é captado pela alma humana de forma fragmentária. A lei da entropia indica ao homem a proximidade de seu fim com a chegada da morte. Novamente o Reino de Deus é a solução para esse problema temporal. Em Deus não ocorre a finitude, pois ele é anterior à própria eternidade. Com a vinda de Jesus, a eternidade de Deus invadiu a temporalidade fragmentária, o Reino de Deus é a eternidade de Deus. Os indivíduos podem participar da eternidade de Deus, isto é, da realidade do Reino de Deus aceitando sua mensagem e se abrindo para a atuação dele. Mas a realidade eterna de Deus é mais elevada que o tempo e o homem comum, embora possa desfrutar parcialmente das benesses da eternidade, não pode fazer parte da eternidade sem que seja transformado. Daí a necessidade de haver uma transformação do corpo finito e seu revestimento pela eternidade. Homens comuns não podem ver a Deus como ele é, isso ocorre apenas na eternidade de Deus. Para viver a eternidade, todos terão de passar pela transformação daquilo que é temporal e sujeito a entropia.

## 8. ATUALIDADE – O REINO POLITIZADO

Além da diversidade de concepções históricas sobre o Reino de Deus, surge no cenário da atualidade a Teologia Negra, Latino-Americana (Teologia da Libertação) e Teologia Feminista. Cada uma com suas peculiaridades. A Teologia da libertação surge das posições de Gustavo Gutiérrez propostas na conferência de Medellín no final da década de 60 e nos primeiros anos da década de 70. Embora seja comum entender as bases da teologia da libertação ligadas a Johannes Metz e Jürgen Moltmann. Metz é o precursor da teologia política e Moltmann é expoente da teologia da esperança. Essas duas teologias já foram analisadas anteriormente e possuem forte conotação política. A Teologia da Libertação alega se posicionar “ao lado dos pobres”. Foi questionada e exposta por Joseph Ratzinger em 1984. Ratzinger aponta dois problemas cruciais na teologia da libertação; a) sua base ideológica marxista<sup>103</sup> e b) sua afirmação como igreja popular. Ratzinger acusa a teologia da libertação de aceitar acriticamente a ideologia marxista e de criar um tipo de igreja alternativa paralela

<sup>101</sup> *Éschaton* significa fim, o fim desta era e da história que nela transcorre. Assim, o Reino de Deus não vem pelo curso da história, mas como fim da história (PANNENBERG, 2009, p. 768).

<sup>102</sup> PANNENBERG, 2009, p. 777.

<sup>103</sup> MILLER, 2011, p. 171.



a institucional. No Brasil o expoente da Teologia da Libertação é Leonardo Boff. A força propulsora da Teologia da Libertação seria a luta<sup>104</sup> em defesa dos marginalizados.<sup>105</sup>

Arraigada na longa história dos negros na América do Norte, principalmente nas atuações de Martin Luther King Jr. e do surgimento do movimento do poder negro, a Teologia Negra começa a ganhar forma entre 1966 e 1969. A Declaração sobre a Teologia Negra ou Declaração de Atlanta, promulgada em 13 de junho de 1969 articula a Teologia Negra em quatro pontos fundamentais; a) a Teologia Negra é produto da reflexão de cristãos negros e, portanto, afirma sua identidade. b) A Teologia Negra é uma teologia da libertação negra em relação à opressão dos brancos. c) A Teologia Negra confronta-se com temas pertencentes à realidade da opressão negra. d) Assumir o risco à vida da comunidade negra ao afirmar sua humanidade, dignidade e personalidade negra. A tese principal da Teologia Negra é: “Deus é Negro”! Isso pode significar que Deus fez da condição dos negros sua própria condição. Em 1975 os teólogos negros reconheceram a necessidade de assumir a análise social como instrumento de elaboração teológica. Assim, a Teologia Negra passa a empregar também a base marxista em sua teologia.<sup>106</sup>

A Teologia Feminista tem seus primórdios com Rosemary Ruether paralelamente à Teologia Negra e a Teologia da Libertação. Segundo Ruether a força propulsora da teologia feminista é a experiência feminina da opressão por um sistema social machista e patriarcal.<sup>107</sup> Para justificar suas posições, Ruether emprega o método de correlação de Tillich e recorre sobretudo a religiões pagãs, movimentos periféricos e filosofias contemporâneas, principalmente o tratado de Simone de Beauvoir.<sup>108</sup> Assim, a própria Teologia Feminista passa a empregar também os conceitos da ideologia marxista.

Ao submeter essas três teologias (libertação, negra e feminista) ao conceito de Reino de Deus será possível perceber o quão ideológicas são e o quão distantes estão do cristianismo autêntico. Essas três teologias são exclusivistas como qualquer ideologia moderna, são unilaterais, e não cristãs. Elas não se localizam no Reino de Deus e sim no reino das ideologias puras.<sup>109</sup> Seria realmente possível explicar ou mesmo corrigir o cristianismo empregando um método oriundo de uma ideologia totalitária e antirreligiosa como é o marxismo? A resposta é certamente um estridente “Não”!

O problema é que as ideologias leem toda a realidade por meio de uma só ideia central, negando a possibilidade de que qualquer conhecimento genuíno seja alcançado por meio de experiência, à parte dessa ideia.<sup>110</sup> A universalidade do cristianismo<sup>111</sup> é o principal obstáculo a essas três teologias ideológicas. O Reino de Deus é singular, isto é, um mesmo Reino composto por pobres, ricos, negros, brancos, homens e mulheres, todos governados pelo

<sup>104</sup> GIBELLINI, 2012, p. 354.

<sup>105</sup> MILLER, 2011, p. 168.

<sup>106</sup> GIBELLINI, 2012, p. 413.

<sup>107</sup> MILLER, 2011, p. 185.

<sup>108</sup> GIBELLINI, 2012, p. 416.

<sup>109</sup> MILLER, 2011, p. 199.

<sup>110</sup> KOYZIS, 2014, p. 24.

<sup>111</sup> A afirmação de Deus a Abraão de que nele “seriam benditas todas as famílias da terra” (Gn 12); a afirmação do amor universal de Deus pela humanidade declarado em João 3.16.

mesmo Deus. O verdadeiro teólogo nasce da Escritura<sup>112</sup> e não de ideologias totalitárias e assassinas. Estudar o cristianismo por meio de ideologias é corrompê-lo miseravelmente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Karl Barth apresenta uma avaliação cuidadosa e equilibrada sobre o Reino de Deus. Suas afirmativas são acertadas e possuem fundamento sólido quando analisadas por meio da Teologia Bíblica. Como Karl Barth fornece uma perspectiva teleológica do Reino de Deus, fica evidente em uma leitura inicial o forte apelo escatológico. A escatologia do Reino de Deus é um dos temas fundamentais da Teologia do Reino de Deus, pois é esta característica do Reino que representa o futuro, a esperança, a consumação. É a expectativa da vinda do Reino de Deus que estimula a missão cristã no mundo. Já houve uma vitória inicial decretada e executada de Cristo sobre o pecado e, o estabelecimento do Reino de Deus será o golpe final, pois extinguirá a morte juntamente com toda a oposição a Deus. Karl Barth acredita que o Novo Céu e Nova Terra é consequente ao Reino de Deus. Pode se dizer que, o Reino Milenar é uma demonstração do Governo de Deus sobre crentes e descrentes e, o Novo Céu e Nova Terra é o estabelecimento pleno deste estado de Glória. É o Reino de Deus sendo estendido para a eternidade.

O Reino segundo Karl Barth é a execução da justiça divina que é a base do Trono de Deus.<sup>113</sup> Também a petição do Pai Nosso pela vinda do Reino de Deus somente pode ser realizada por alguém que já conhece o Reino. São aqueles que estão no Reino que pedem pela vinda do Reino. Segundo Barth a petição pela vinda do Reino é a única contribuição do cristão para o Reino de Deus. Na verdade, não é a única, mas uma das contribuições. Visto que o cristão já é cidadão do Reino de Deus, sua vida já é uma contribuição para o Reino. O sentido destas palavras de Barth é que o Reino de Deus absolutamente não pode ser estabelecido pelo homem. Nisso ele está completamente certo. Nenhum homem, grupo, partido político ou ideologia pode estabelecer o Reino de Deus. Todas as ideologias prometem liberdade ou igualdade, mas seu produto final é a fome, escravidão e morte. O mundo perfeito com a sociedade perfeita só pode ser realizado por Deus. O Reino em Barth possui maior destaque em escatologia, mas há um aspecto presente do Reino, na vinda de Cristo. A vinda de Cristo foi a vinda do Reino. Anunciamos a Cristo, anunciamos o Reino que já veio. Nos bastidores da realidade história está o Reino de Deus. Tudo que Deus fez e está fazendo converge para o estabelecimento do seu Reino.

Se em Barth o Reino está por detrás das cortinas da história, na teologia de Paul Tillich o Reino se realiza na própria história e acima dela. Paul Tillich fez parte de um grupo de “cristãos socialistas” em Frankfurt. Isso já fornece uma visão inicial do que será sua teologia. É uma insanidade pensar que um indivíduo possa concretamente ser cristão ao mesmo tempo que é socialista, comunista, nazista, fascista, etc. As ideologias, grosso modo, são falsas

---

<sup>112</sup> COMENIUS. **Didática Magna**. Aparelho crítico Marta Fatori; Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 20.

<sup>113</sup> Salmos 89.14.

religiões baseadas em esquemas racionais puramente humanos.<sup>114</sup> As ideologias deixam claro sua tara de sempre perseguir ou os judeus ou os cristãos.<sup>115</sup> Richard<sup>116</sup> Wurmbbrand<sup>117</sup> que o diga.<sup>118</sup> O próprio Marx, idealizador do comunismo<sup>119</sup> era contra a religião cristã. As quatro ideologias mais insanas do século XX, (fascismo,<sup>120</sup> comunismo,<sup>121</sup> nazismo e socialismo<sup>122</sup>)<sup>123</sup> são derivadas do pensamento totalitário de Marx.<sup>124</sup> Diante desse sincretismo, a teologia de Tillich tende a se adequar a ideologia vigente.

O Reino de Deus é interpretado por Tillich como se desenvolvendo historicamente em direção a um ápice, como fora visto em Barth. Tillich, na perspectiva socialista, acredita que o ser humano se realiza coletivamente. O Reino de Deus seria uma realização coletiva, uma comunidade que se realiza politicamente. O sentido trans-histórico<sup>125</sup> do Reino de Deus coloca o Reino de Deus com um aspecto acima da própria história simultaneamente. Para Tillich o Reino de Deus não é moral, nem religioso, é apenas político ou, no caso dele, politizado. Tillich vê a igrejas como manifestações do Reino de Deus. O Reino de Deus se realiza na história humana por meio de conquistas temporais, as vitórias da democracia seriam exemplos disso. A palavra “democracia” para os progressistas (comunistas, socialistas, enfim, a esquerda em geral) somente é usada para suas próprias políticas. Se eles estão no poder é democracia, se eles não estão é golpe contra a democracia. Por fim, a função do cristianismo é puramente social, aquele desgastado mantra da esquerda de “lutar contra as injustiças sociais”.

Rudolf Bultmann traz o Reino novamente para a Teologia Bíblica afastando-o assim das lutas sociais e da política em si. Bultmann é liberal e existencialista em sua teologia. Apresenta o Reino de Deus como puramente escatológico, contudo, pela filosofia existencialista, ele põe a o convite do Reino para agora, nesse tempo. O convite do Reino de Deus é extremamente radical, o indivíduo tem de escolher imediatamente entre o Reino de Deus e as trevas, entre Deus e o diabo, entre o céu e o inferno. A resposta ao convite deve ser igualmente radical. A

<sup>114</sup> KOYZIS, 2014.

<sup>115</sup> WURMBRAND, Michael. **Cristo ou a bandeira vermelha**. Equipe de tradução Voz dos Mártires. São Paulo: Voz dos Mártires, 1982.

<sup>116</sup> WURMBRAND, Richard. **Torturado por amor a Cristo**. Tradução de Aquias Valasco. 11.ed. Curitiba: A Voz dos Mártires, 2005, contracapa.

<sup>117</sup> WURMBRAND, Richard. **Era Karl Marx um satanista?** Tradução de Márcio E. Blay e A. Parisi. São Paulo: Lux, 2013, p. 107.

<sup>118</sup> Richard Wurmbbrand era um pastor evangélico romeno capturado e torturado pela polícia secreta comunista. Basta ler algumas de suas obras para perceber de maneira vívida a incompatibilidade entre o cristianismo e o comunismo.

<sup>119</sup> MARX, Karl. **Manifesto do partido comunista**. Tradução de Antônio Carlos Braga. São Paulo: Lafonte, 2012.

<sup>120</sup> MISES, Ludwig Von. **Caos planejado: intervencionismo, socialismo, fascismo e nazismo**. Tradução de Beatriz Caldas. São Paulo: LVM, 2017.

<sup>121</sup> KENGOR, Paul. **Manual politicamente incorreto do Comunismo**. Tradução de William Campos da Cruz e Ana Simões. Campinas: VIDE, 2019.

<sup>122</sup> HAYEK, Friedrich A. Von. **Os erros fatais do socialismo**. Tradução de Eduardo Levy. Barueri: Faro, 2017.

<sup>123</sup> WILLIAMSON, Kevin D. **O livro politicamente incorreto da esquerda e do socialismo**. Tradução de Roberto Fernando Muggiati. Rio de Janeiro: Agir, 2013.

<sup>124</sup> D’SOUZA, Dinesh. **A grande mentira: expondo as raízes nazistas da esquerda**. Tradução de Elmer Pires. São Paulo: Trinitas, 2019.

<sup>125</sup> Tillich emprega uma linguagem hermética por toda sua teologia. Sabe-se lá Deus com que propósito.

ética sem lei apresentada por Bultmann sugere, na verdade, uma ética de alto contexto,<sup>126</sup> além da ética comum. O que sugere ao cristão uma ética concreta não puramente enraizada no dogma e sim no relacionamento direto com Deus. Essa ética é excepcional, pois é capaz de fundamentar o relacionamento dos patriarcas anteriores a própria lei escrita. Joachim Jeremias segue a linha interpretativa de Bultmann, diferenciando apenas a abordagem que faz do “Jesus histórico” que recebe muita atenção em sua Teologia do Novo Testamento. Jeremias vê o Reino em Realização no exercício dos sinais, tais como, curas, libertações, etc. Mas o Reino em si tem sua realização final escatologicamente. Assim como Bultmann, Jeremias suspeita da Escritura e sua teologia é permeada pela busca do núcleo das palavras de Jesus que ele chama “*ipsissima vox*”, voz real de Jesus.

George Eldon Ladd é, de longe, o teólogo que mais dá atenção ao Reino de Deus em seus estudos. Ele aborda a distinção entre as concepções judaica e cristã do Reino de Deus, a diferença entre Reino e igreja e, talvez sua maior contribuição para a Teologia do Reino, a concepção da dualidade temporal do Reino de Deus. Enquanto a maioria dos teólogos e filósofos fala do Reino em um aspecto central (social, civil, político, moral, escatológico), Ladd tenta conciliar todos os aspectos do Reino de Deus e, assim, pode ser considerado, um precursor da Teologia do Reino de Deus. Seu livro *O Evangelho do Reino e sua Teologia do Novo Testamento*, apresentam um vasto conteúdo sobre o Reino de Deus. A conciliação da dualidade temporal, isto é, o Reino presente e futuro simultaneamente, é característico de Ladd. Isso foi visto na era medieval, em Aquino e Kempis, mas é mais aprofundado por Ladd. A sugestão de Ladd de que o Reino de Deus deve ser estudado a partir de todas as suas passagens literais é razoavelmente boa, contudo, há muitas evidências mais atuais de diversas passagens não literais que descrevem algum aspecto do Reino que não fora abordado por Ladd, político, social e estrutural, por exemplo.

O Reino de Deus na perspectiva de Jürgen Moltmann é escatológico essencialmente. Contudo, a Esperança é o cerne do cristianismo em si, a esperança do estabelecimento do Reino de Deus. Essa esperança projetada do futuro faz o cristão mudar sua postura no presente. Jürgen Moltmann divaga do tema quando faz uma abordagem triteísta do Reino a partir de Joaquim de Fiore. Por isso foi acusado por alguns teólogos de retomar a heresia triteísta, isto é, que Deus não é uma Trindade e sim três deuses. A despeito disso, o sentimento de esperança do estabelecimento final do Reino de Deus é um apelo interessante e uma base para uma mudança de vida com vistas a esse Reino. Pela esperança futura do Reino o cristão move suas escolhas morais no presente. Wolfhart Pannenberg também defende a Teologia da Esperança, porém, diferentemente de Moltmann, Wolfhart Pannenberg se afasta da ideologia socialista que permeia a teologia de Moltmann. Moltmann empregou a filosofia marxista de Ernest Bloch<sup>127</sup> como hermenêutica para interpretar o Reino de Deus. Isso configura o afastamento maior das teologias de Moltmann e Pannenberg. Após analisar as ideologias

<sup>126</sup> Quando a constituição e as leis são poucas e o contexto de comportamento é maior, cabe ao indivíduo julgar moralmente bem alguma situação. Um exemplo disso é o julgamento moral que José faz do adultério logo que é assediado pela esposa de Potifar.

<sup>127</sup> Ernst Bloch tentou realizar uma conciliação entre socialismo e catolicismo (SANTOS, Thomas Giulliano dos (Edit.). **Desconstruindo Paulo Freire**. Porto Alegre: História Expressa, 2017, p. 26).

vigentes em sua época, Pannenberg ficou convencido de que nenhuma ideologia puramente humana seria capaz de trazer paz e justiça perfeita, isso só ocorre no Reino de Deus.

A diversas concepções históricas sobre o Reino de Deus fornecem uma visão interessante, porém, parcial na perspectiva da Teologia Bíblica. O maior problema não é a parcialidade histórica da concepção do Reino de Deus, antes, é o perigo de uma perspectiva do conceito por meio do emprego de ideologias. O emprego de ideologias na interpretação da teologia cristã resulta em tendenciosidade política, pois tudo terá de ser reinterpretado à luz exclusivista da ideologia do teólogo, configurando maior subjetividade e tendenciosidade. A dialética torna-se uma conversa de “comadres” onde não há contraposição de ideias, apenas citações de pensamentos concordantes a fim de justificar o ponto de vista do pesquisador. Isso se chama “politização da teologia”. É a teologia cristã servindo aos interesses de políticos e ideólogos, para os quais, o cristianismo não é um fim em si mesmo, antes, um meio de justificar determinada ideologia.

A politização do Reino de Deus é, até o momento, a maior subjugação da teologia ao secularismo, pois, a Hermenêutica Bíblica deixa se servir ao seu verdadeiro propósito – interpretar a Bíblia para fins puramente cristãos – e passa a ser escrava de um projeto de poder, maligno, sedutor e pretensioso sob o manto de uma falsa piedade. Parece que as palavras de Paulo ressoam e tomam um sentido mais que apropriado: “Tenham cuidado para que ninguém os escravize a filosofias vãs e enganosas, que se fundamentam nas tradições humanas e nos princípios elementares deste mundo, e não em Cristo” (Cl 2.8). Os teólogos que se dizem de esquerda – por ignorância ou parvoíce, não se sabe! – trocaram sua herança eterna por um reino político e secular, subvertido, escravizante e puramente humano.

## REFERÊNCIAS

BARTH, Karl. **Carta aos Romanos**. 5.ed. São Paulo: Novo Século, 2003.

BARTH, Karl. **O Pai Nosso: a oração que Jesus ensinou aos seus discípulos**. Tradução de Josef Blustein. São Paulo: Novo Século, 2003.

BÍBLIA, Português. **Bíblia Sagrada - Harpa Sagrada**. Almeida Revista e Corrigida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil; Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

BRUEGGMANN, Walter. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Jonathan Luis Hack. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2014.

BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Ilson Kayser. Santo André: Academia Cristã, 2008.

CAVALCANTI, Robinson. **Cristianismo e política: teoria bíblica e prática histórica**. Viçosa: Ultimato, 2002.

COMENIUS. **Didática Magna**. Aparelho crítico Marta Fatori; Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

COURTOIS, Stephane; [et al.]; com a colaboração de Rémi Kauffer [et al.]. **O Livro Negro do Comunismo**: crimes, terror e repressão. Tradução Caio Meira. 11.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

D'SOUZA, Dinesh. **A grande mentira**: expondo as raízes nazistas da esquerda. Tradução de Elmer Pires. São Paulo: Trinitas, 2019.

GIBELLINI, Rosino. **A Teologia do século XX**. Tradução de João Paixão Neto. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2012.

GONZÁLEZ, Justo L. **Dicionário Ilustrado dos Intérpretes da Fé**. Tradução de Reginaldo Gomes de Araújo. São Paulo: Hagnos, 2008.

GRENZ, Stanley J.; OLSON, Roger E. **A Teologia do século 20 e os anos críticos do século 21**. Tradução de Suzana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

GRUDEM, Wayne. **Política segundo a Bíblia**: princípios que todo cristão deve conhecer. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2014.

GUTHRIE, Donald. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

HÄGLUND, Bengt. **História da Teologia**. Tradução de Mário Rehfeldt e Gládis Knak Rehfeldt. 8.ed. Porto Alegre: Concórdia, 2013.

HAYEK, Friedrich A. Von. **Os erros fatais do socialismo**. Tradução de Eduardo Levy. Barueri: Faro, 2017.

JEREMIAS, Joachim. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Hagnos, 2008.

KENGOR, Paul. **Manual politicamente incorreto do Comunismo**. Tradução de William Campos da Cruz e Ana Simões. Campinas: VIDE, 2019.

KOYZIS, David T. **Visões e ilusões políticas**: uma análise e crítica cristã das ideologias contemporâneas. Tradução de Lucas G. Freire. São Paulo: Vida Nova, 2014.

KUNZ, Claiton André. **As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus**. Curitiba: ADSantos, 2014.

LADD, George Eldon. **O Evangelho do Reino**: estudos bíblicos sobre o Reino de Deus. Tradução de Hope Gordon Silva. São Paulo: Sheed, 2008.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Degmar Ribas Júnior. São Paulo: Hagnos, 2003.

LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes**. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

MARX, Karl. **Manifesto do partido comunista**. Tradução de Antônio Carlos Braga. São Paulo: Lafonte, 2012.

McGRATH, Alister E. **Teologia Sistemática, histórica e filosófica: uma introdução a teologia cristã**. Tradução de Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Shedd, 2005.

MILLER, Ed L.; GRENZ, Stanley J. **Teologias contemporâneas**. Tradução de Antivan G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2011.

MISES, Ludwig Von. **Caos planejado: intervencionismo, socialismo, fascismo e nazismo**. Tradução de Beatriz Caldas. São Paulo: LVM, 2017.

MOLTMANN, Jürgen. **Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia**. Tradução de Ivo Martinazzo. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

PANNENBERG, Wolfhart. **Teologia Sistemática**. V. 3. Tradução de Werner Fuchs. Santo André: Academia Cristã; Paulus, 2009.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Do Romantismo até nossos dias**. São Paulo: Paulus, 1991.

REID, Daniel G. (Edit). **Dicionário Teológico do Novo Testamento**. Tradução de Márcio L. Redondo e Fabiano Medeiros. São Paulo: Vida Nova, 2012.

ROJAHN, Evandro Roque. **O Reino de Deus e a missão da igreja**. Curitiba: ADSantos, 2018.

SANTOS, Thomas Giulliano dos (Edit.). **Desconstruindo Paulo Freire**. Porto Alegre: História Expressa, 2017.

SAYÃO, Luiz Alberto Teixeira. **Cabeças feitas: filosofia prática para cristãos**. São Paulo: Hagnos, 2001.

SPROUL, R. C. **Filosofia para iniciantes**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2002.

TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. Tradução de Getúlio Bertelli e Geraldo Korndörfer. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

WILLIAMSON, Kevin D. **O livro politicamente incorreto da esquerda e do socialismo**. Tradução de Roberto Fernando Muggiati. Rio de Janeiro: Agir, 2013.

WURMBRAND, Michael. **Cristo ou a bandeira vermelha**. Equipe de tradução Voz dos Mártires. São Paulo: Voz dos Mártires, 1982.

WURMBRAND, Richard. **Era Karl Marx um satanista?** Tradução de Márcio E. Blay e A. Parisi. São Paulo: Lux, 2013.

WURMBRAND, Richard. **Torturado por amor a Cristo**. Tradução de Aquias Valasco. 11.ed. Curitiba: A Voz dos Mártires, 2005.

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## FALE AGORA OU CALE-SE: UMA ANÁLISE SOBRE A IMPORTÂNCIA DO SILÊNCIO DO MONAQUISMO PRIMITIVO NA CONTEMPORANEIDADE

Speak now or shut up: an analysis on the importance of the silence of primitive  
Monaquism in contemporaneity

José Carlos Ferraz<sup>1</sup>

José Fabio Bentes Valente<sup>2</sup>

Paula Miranda Lima<sup>3</sup>

### RESUMO

A sociedade moderna perdeu quase que por completo a noção da importância e o valor do silêncio e de como sua prática é muito útil hodiernamente. A busca de experimentar a Deus é uma experiência que leva a uma visão de unidade que é transmitida pela tradição cristã. Infelizmente, vive-se um aumento crescente do sentimento de ausência de Deus na sociedade, na qual “surge uma preocupação de como o ser humano poderá sobreviver não no que se refere à raça, mas sim da humanidade da raça”.<sup>4</sup> Este artigo tem uma metodologia de caráter bibliográfico, cujo resultado demonstra como os ensinamentos ascéticos dos pais da igreja primitiva podem ser úteis nos dias de hoje, concernente ao ato de ficar em silêncio em Deus, uma vez que a cultura cristã tem deixado os indivíduos falantes demais e cada vez menos ouvintes e reflexivos.

<sup>1</sup> Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória / ES. Graduado em Filosofia e Teologia, Pós-Graduado em Filosofia e Ensino de Filosofia, pelo Centro Universitário Claretiano. É atualmente professor da disciplina de Ciências Humanas nos cursos da área da saúde, administração, nutrição e comunicação social da Faculdade Objetivo de Rio Verde / GO. E-mail: carlosferraz2203@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Ciências de Religião pela Faculdade Unida do Espírito Santo. Graduado em Ciências Teológicas pela Faculdade Boas Novas. Pós-graduando em Docência do Ensino Superior pela Uniasselvi. E-mail: fbarmas@gmail.com

<sup>3</sup> Advogada, Pós-graduada em Direito Penal e Processos Penal e Mestre em Ciências de Religião pela Faculdade Unida do Espírito Santo e Pós-graduando em Docência do Ensino Superior pela Uniasselvi. E-mail: Paula.lima.gv@hotmail.com

<sup>4</sup> GRÜN, A. **Se quisier experimentar Deus**. 6.ed. São Paulo: Vozes, 2014, p. 42.



**Palavras-chaves:** Silêncio. Deus. Pais da Igreja. Cultura Cristã.

## ABSTRACT

Modern society has almost completely lost the notion of the importance and value of silence and how its practice is beneficial today. The quest to experience God is an experience that leads to a vision of unity that is transmitted by the Christian tradition. Unfortunately, there is an increase in the feeling of the absence of God in a society where "a concern arises as to how the human being can survive not concerning race, but with the humanity of the race." The methodology of this article is a bibliographic approach. The result demonstrates how the ascetic teachings of the fathers of the early church can be useful today concerning the act of being silent in God's presence given the fact that the Christian culture has made individuals who speak more and listen and reflect less.

**Keywords:** Silence. God. Church fathers. Christian culture.

## INTRODUÇÃO

A cada dia as pessoas estão em busca de terem uma vida confortável e bem-sucedida, mesmo que diante da incerteza do próprio ser, tal fato acaba mexendo com os indivíduos na atualidade da mesma forma que tocou as pessoas na antiguidade. A busca para responder à questão de como se pode ter uma vida de sucesso, teve início com a filosofia e com seus protagonistas, os filósofos do século IV como o monge João Cassiano. Mas essa busca também partiu de outras pessoas que através de uma inspiração divina, afastaram-se da sociedade em busca de descobrir o seu castelo interior, como dizia Teresa D'Ávila em sua obra "castelo interior".<sup>5</sup>

Estes homens e mulheres que deixaram tudo para buscar contemplar a face de Deus em meio ao deserto, viveram entre os séculos terceiro e sexto depois de Cristo. "Pessoas, que haviam experimentado a fragilidade de sua existência, que as levou a uma crise, fazendo com que procurassem no isolamento caminhos para defrontar-se com sua própria verdade".<sup>6</sup> Apesar de possuírem alguma experiência anterior, tinham a intenção de redirecionar suas vidas, enfrentando os seus "demônios" que apareciam diante das dificuldades da vida no deserto e pelo confronto com a própria solidão, sempre na busca de encontrar a tão sonhada paz interior.

Destarte, este artigo analisa em seu primeiro momento, a importância dos ensinamentos ascéticos dos Pais da Igreja no período da Igreja Cristã Primitiva, cujo ideário se fixa no saber calar-se e saber falar, em momentos certos, pois tais ensinamentos inspiram no que se deve falar e de que modo se deve falar. Na segunda parte, aborda-se como esses ensinamentos podem ser úteis para os dias de hoje, haja vista que na correria hodierna dos labores de cada pessoa dificilmente encontra-se um espaço para refletir em silêncio em Deus, pois a cultura cristã atualmente tem deixado os indivíduos falantes demais, preocupados com os diversos afazeres da vida cotidiana.

---

<sup>5</sup> DE ÁVILA, T. (Santa). *As moradas do castelo interior*. São Paulo: É Realizações, 2014.

<sup>6</sup> GRÜN, A. *Sabedoria do deserto*. São Paulo: Vozes, 2017, p. 9.

## 1. OS PAIS DA IGREJA: ASCESE, ESCUTA, SINÔNIMOS DO SILÊNCIO

Estes homens, conhecidos como Pais da Igreja, ainda na contemporaneidade, são um exemplo a ser seguido por muitas pessoas. Pais ou Padres do deserto como são conhecidos, foi uma expressão que surgiu para posteriormente indicar os primeiros monges cristãos na igreja primitiva que buscavam fora da vida comunitária uma vida de renúncia determinada pela ascese, oração e trabalho principalmente, no deserto do Egito, da Palestina e da Síria, na condição de eremitas, sendo monges que vivem fora do cenóbio, ou seja, fora dos mosteiros e da vida comunitária.<sup>7</sup>

Esses homens do deserto, como já possuíam uma familiarização com a fragilidade do ser humano, aprenderam a lidar com essa situação, buscando um sentido para sua existência. A força que vinha deles foi iluminando e contagiando muitas outras pessoas que estavam em busca de um conselho, de uma palavra amiga, chegando a fasciná-las a ponto de que buscarem viver do mesmo modo que esses Pais do deserto. Nesse aspecto, pode surgir a seguinte pergunta: Mas será que tanto naquela época quanto hoje, em pleno século XXI, existem pessoas que encontram em sua alma uma incredulidade com a sua descrença pessoal? E esta abala a sua fé? Com esse tipo de dúvida, acaba-se percebendo que não é possível ter uma experiência com Deus. Nesse sentido, aparecem outras indagações como: Quem é realmente este Deus? O que significa dizer que Deus se fez homem em Jesus Cristo? O que significa a ressurreição?

Essas e muitas outras perguntas devem tomar a consciência de que existem dois polos: A fé e a descrença. Na antiguidade, as pessoas buscavam escutar desses Padres seus conselhos e orientações para saberem lidar com as dificuldades de suas vidas. Esses monges, porém, possuíam uma sensibilidade tão acurada que conseguiam saber se alguém se achava em um dilema existencial, se precisava de uma palavra orientadora que “pudesse indicar o caminho para tirá-lo de uma crise vivencial”.<sup>8</sup> Conta-se que certo dia, uma pessoa em dúvida, buscou o conselho de Abbas Siso de como poderia buscar a Deus. E assim ele disse:

Não devemos imaginar Deus como uma pessoa que tem um lugar fixo de morada. Deus está em toda parte; Ele perpassa a natureza; Ele se encontra no coração do ser humano; Ele se faz presente na comunidade dos que rezam, mas não permite ser enclausurado em local específico. Por isso, devemos desistir de fixá-lo num local e de procurar por esse lugar. A procura de Deus requer, antes, que o procuremos sempre em todos os lugares, mas sem pretender possuí-lo.<sup>9</sup>

Isso ainda serve para o ser humano nos dias atuais. Olhando para este período da história da Antiguidade, pode parecer para um mundo distante, sendo incompreensível, principalmente, ao tentar entendê-lo por mera curiosidade. É claro que as palavras de sabedoria desses monges só podem curar se perceber em suas palavras um reflexo, pelo qual

<sup>7</sup> GRÜN, 2014, p. 77.

<sup>8</sup> LACARRIÈRE, J. **Padres do deserto**: homens embriagados de Deus. São Paulo: Loyola, 2002, p. 107.

<sup>9</sup> GRÜN, 2017, p. 133.

se reconhece a própria fragilidade “nosso próprio risco e tentação”.<sup>10</sup> Sendo assim, deve-se buscar experimentar os conselhos dos Pais do deserto como remédios que podem curar e salvar, como disse Abbas Siso. Essas histórias mostram o caminho que se deve seguir para lidar com as emoções e pensamentos.

O deserto era tido como um lugar de tentações e de lutas constantes contra os demônios. Nesse campo de batalha árido, enfrentavam todos os perigos experimentados no mundo sempre de uma forma nova. Assim sendo, “os monges tinham por objetivo purificar-se no deserto de todos os maus pulsos interiores”.<sup>11</sup> Hoje em dia, ao falar sobre deserto ou algo semelhante, imagina-se lugares devastados, em experiências extremas e ameaçadoras, principalmente em relação a devastação da alma. Para os monges, além do silêncio conduzir ao encontro com Deus ele também serve como uma terapia. O silêncio permite que se mantenha afastada a inquietação e a raiva, na busca de um autoconhecimento, que proporciona uma análise do comportamento humano em relação a raiva. Antes de ter uma atitude de raiva com o outro, deve-se buscar adentrar no silêncio da razão de sua própria raiva.<sup>12</sup>

Um abade de um mosteiro trapista, disse que um dos seus monges não conseguia controlar a sua raiva. Então lhe disse:

A raiva muitas vezes revela como a gente pensa e sente a respeito de si próprio e qual a importância que a gente atribui às próprias ideias e opiniões. Quando Deus voltar a ocupar o centro de tua vida e conseguires apresentar-te a ele com tuas fraquezas, então talvez possas ganhar distância para deixares passar o teu rancor e voltares a orar.<sup>13</sup>

O silêncio também é uma arma que ajuda a se manter longe dos rancores e raivas. Claro que no falar, as emoções não resolvidas podem acabar vindo à tona. O silêncio não abafa as emoções e as agressões, mas ajuda a domar, impondo ordem sobre elas. Com o falar, pois todas as emoções são reviradas, e com o silêncio pode-se fazer com que elas se assentem novamente. É como o vinho, quando ele é mexido, torna-se turvo, mas quando o deixa estático ele fica claro e transparente. Esta disposição do silêncio de causar clareza ao coração é apresentada em uma poesia chinesa. “Quem é aquele que consegue clarear o turvo por meio da calma? Quem é que pode demonstrar toda a tranquilidade que seria necessária para clarear o opaco? Silêncio, portanto, como a capacidade de clarear a água turva”.<sup>14</sup>

Certo dia um irmão fez uma pergunta para o abba Poimém: “O que é melhor, falar ou calar-se?” O ancião respondeu: “Quem fala por Deus faz bem e quem se cala por Deus, também”.<sup>15</sup> Em poucas palavras, abba Poimém define com sabedoria este caso de consciência, que foi colocado para ele. Claro que ele poderia ter levado certo tempo para poder chegar a uma conclusão, levando em consideração as várias alternativas que se

<sup>10</sup> LACARRIÈRE, 2002, p. 155.

<sup>11</sup> GRÜN, 2017, p. 13.

<sup>12</sup> NOUWEN, H. J. M. **Pare o silêncio**. Freiburg: Sto Paul, 1979, p. 124.

<sup>13</sup> NOUWEN, 1979, p. 126.

<sup>14</sup> KÄSTNER, E. **O urbano das coisas**. Frankfurt: Das dramatische Werk, 1973, p. 60.

<sup>15</sup> REGNAULT, L. **À escuta dos pais do deserto hoje**. Juiz de Fora: Subiaco, 2014, p. 77.

encontra o monge no sentido de: Devo falar algo? Ou devo permanecer calado? O sábio monge simplifica tudo em apenas duas palavras: “Põe Deus”.

Independente da sua postura em falar ou calar-se, tudo deve ser feito para agradar somente a Deus. Se esse não for o objetivo, corre-se o perigo de desviar-se do propósito e acabar cometendo o pecado, principalmente no que se refere ao falar. Na maioria das vezes o ser humano nem pensa em sua pergunta. Acaba falando ou se calando de acordo com a sua vontade. As pessoas são levadas a abrir a boca para na maioria das vezes “não dizer nada”, para se por algo em destaque, para agradar ou seduzir, para criticar, falar mal ou caluniar, diversos são os motivos que não se confessa que são difíceis de se encarar frente a frente.<sup>16</sup>

A boca costuma falar do que está cheio o coração. Portanto, nesse aspecto as pessoas devem ser atenciosas e saberem guardar com zelo o apoftegma de Poimém. Deve-se questionar algumas premissas: Quando as pessoas falam ou permanecem caladas, isso será feito realmente para agradar a Deus? Ou elas não estariam fazendo isso numa atitude de vaidade, orgulho e até por respeito humano? Será interessante analisar essa questão sob olhar de Deus, sem jamais deixar que esquecer que o Espírito Santo habita em cada pessoa, e as leva a um esclarecimento, que guia e inspira no que se deve, e o modo como falar. Sabe-se que o silêncio não é vazio, não é a morte e, sim, aproxima da vida plena. “Se nos calamos é porque as palavras de que desejam viver nossas almas, não se exprimem com palavras desta vida”.<sup>17</sup>

O monge é aquele em que sua espiritualidade está pautada pela escuta. A comunhão da humanidade está na palavra que é o meio: a unidade do ser humano com o Senhor também possui um alicerce na Palavra de Deus. Não se deve esquecer que a vida do monge é uma herança vivida através da mística de interioridade do Papa Gregório, mas a vida monástica também depende de Agostinho no privilegiar do texto de Gênesis, na forma de entendimento em que o ser humano foi criado a imagem e semelhança de Deus. O Senhor se ofereceu ao homem e habita em seu coração. E, um dos propósitos que o monge tem é de buscar adentrar o mais profundo de seu ser, no qual Deus habita em seu sagrado silêncio. Nessa comunhão, se realizam a aliança da alma com o verbo, dessa intimidade se eleva a “estrela da manhã”<sup>18</sup> que vem anunciar o novo dia que está surgindo.<sup>19</sup>

Segundo o Livro de II Coríntios, capítulo três, versículo dezoito: “Nós todos, de face descoberta, refletindo como em um espelho a glória do Senhor, seremos transformados naquela mesma imagem, de glória em glória, segundo a ação do Espírito do Senhor. Esse texto possui algo de fundamental que “diz-nos qual é a condição para o processo que termina na transparência do homem em Deus: a condição é a vida na presença. Deus que habita no seu íntimo, atrai a si a alma e a transforma nele.”<sup>20</sup> Madre Amma Teodora diz que:

<sup>16</sup> GUILLERAND, A. **Silêncio da cartuxa**. Tradução do francês de Doroteia Rondon Amarante. Juiz de Fora: Subiaco, 2011, p. 21.

<sup>17</sup> GUILLERAND, 2011, p. 23.

<sup>18</sup> **BÍBLIA Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida: Revista e Corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995, p. 1615.

<sup>19</sup> REGNAULT, 2014, p. 77.

<sup>20</sup> BARSOTTI, D. **Monaquismo e mística**. Juiz de Fora: Subiaco, 2009, p. 81-83.

Bom é o silêncio, e um homem sensato exercita o silêncio. Pois é verdadeiramente grande para uma virgem ou monge estarem em silêncio, mas principalmente para os mais novos. Mas saiba: quando alguém se propõe a ficar em silêncio, vem de imediato o mal sobrecarregar a alma com tédio, fraqueza de ânimo e pensamentos. Também o corpo ele o sobrecarrega com doenças, cansaço, desarticulação dos joelhos e de todos os membros. Ele, portanto, elimina a força da alma e do corpo. E, quando, porém, estamos atentos, tudo isso se desfaz. Houve um monge que, ao iniciar a celebração do culto divino, ficou assolado por frio e febre, sendo que a cabeça ficou perturbada por uma tentação. E assim, disse para si: Eis que estou doente e logo vou morrer. Antes de morrer, quero levantar-me e celebrar o culto divino. E quando terminou desse pensamento coagiu-se e realizou o culto divino. E quando terminou o culto divino, também cessou a febre. E mais uma vez um irmão se opôs a esse pensamento, celebrou o culto divino e venceu, assim, o pensamento.<sup>21</sup>

Vale lembrar que não existiam apenas os Pais do deserto, e haviam também as Mães do deserto. Na maioria das vezes elas também davam conselhos parecidos com os dos Padres do deserto. Se suas palavras forem analisadas, em relação as dos Pais, é perceptível algumas pequenas diferenças. Pode-se perceber que as Mães falam sempre algo que envolve o corpo e (as) doenças, coisa que não acontece com os homens. Madre Teodora é conhecedora da bênção que consiste no silêncio, mas ao mesmo tempo o seu perigo. Quando se busca ficar em silêncio, os pensamentos, tidos como “demônios” afastam-se. Para os monges e monjas antigos, esses demônios liquidam com a força do corpo e da alma.<sup>22</sup>

Assim sendo, o monge perde a vontade de rezar e celebrar o ofício divino; acaba criando várias desculpas para não celebrar. A doença vai fornecer motivos suficientes para que se mantenha afastado desses cultos. Isso é algo que não traz benefício à vida do monge. Madre Amma Teodora dá um exemplo oposto através de uma história. Havia um monge muito doente e, primeiramente, não desejava ir celebrar o culto divino. Então, ele disse: Estou muito doente e em breve vou morrer. E por isso, devo ir celebrar o culto divino. Em vez dele deixar de ir ao culto divino por estar enfermo, ele usa a doença como motivo para participar juntamente com os irmãos da celebração. No momento em que ele permanece firme e fiel a esse propósito, a sua febre acaba cessando de modo repentino. É nesse momento que o velho monge percebe que a febre era apenas uma desculpa para que ele dispensasse os seus compromissos religiosos.<sup>23</sup>

Desse conselho de Madre Anna Teodoro não quer dizer que se deve deixar de lado e ignorar toda doença. Possivelmente, todos conhecem pessoas que, independente da doença que tenham, trabalham. Talvez seria importante que essas pessoas, sentissem o convite para a sua recuperação. Mas existem também outras pessoas que se utilizam de qualquer desculpa para não encararem a vida de frente, numa eterna fuga de si mesmo. Também, nesse ponto, é importante ter o discernimento para perceber que a doença está sendo utilizada como

---

<sup>21</sup> MILLER, B. *Apophthegmata Patrum*. Weisung der Väter. Trier, 1965, p. 46.

<sup>22</sup> GRÜN, 2017, p. 118-120.

<sup>23</sup> MILLER, 1965, p. 68-75.

motivo para deixar de celebrar o culto divino ou o trabalho, ou se a doença deveria ser aceita com toda a humildade e reservar para si um tempo necessário para convalescença.<sup>24</sup>

## 2. À ESCUTA DOS PAIS DO DESERTO NA CONTEMPORANEIDADE

Silêncio, uma palavra que chama a atenção e que ao mesmo tempo aterroriza, capaz de trazer tanto paz e recolhimento, como medo e solidão. Mesmo que algumas pessoas sintam certa atração pela ideia do silêncio, é certo que, nem sempre, as pessoas se dão bem com esse recolhimento absoluto que o silêncio proporciona. Ao entrar em recolhimento consigo mesmo, passa-se a prestar mais atenção com os movimentos dos pensamentos, que invadem a mente. Todas as angústias, ansiedades, situações que foram dolorosas e difíceis de serem enfrentadas, voltam de uma vez para a consciência, deixando os seres humanos inquietos, não gostando de se deparar com o mais íntimo do ser, desse embate com essa confusão do coração. Dessa forma, deixa-se de lado o silêncio, buscando algum tipo de distração.<sup>25</sup>

“No silêncio e no recolhimento progride a alma devota, e aprende os segredos das Escrituras”.<sup>26</sup> Os monges do século IV, que foram conhecidos como Pais do deserto, eram pessoas que viviam em constante silêncio. Não deixaram nada registrado e dificilmente falavam. Mas os seus conselhos e palavras, que foram transmitidas oralmente a seus discípulos possuem um valor incalculável, são, ao mesmo tempo, uma profunda experiência de Deus e autêntica expressão da sabedoria humana. O antigo Oriente serviu de cenário para esses homens desenvolverem a sua sabedoria, por isso, eram chamados de Pais, em sentido metafórico. Na tradição cristã, é possível encontrar o reconhecimento de uma doutrina, na qual existe o pleno exercício e o verdadeiro sinal de paternidade espiritual. Vale lembrar que somente os bispos eram chamados de Pais nesse período.

Os monges egípcios que possuíam certa fama tanto por sua santidade quanto sabedoria, mereceram o título de Pais do deserto. Sua paternidade espiritual e a própria espiritualidade que desenvolveram no deserto, se tornaram um patrimônio de espiritualidade cristã, e os apotegmas, servindo como um grande referencial que ultrapassou os séculos, chegando até os dias atuais. Agora, será que suas palavras, seus conselhos ainda podem ecoar nos corações dos cristãos do século XXI, que se quer vivem no deserto e muito menos em mosteiros?<sup>27</sup> Viver totalmente em solidão, e principalmente, em silêncio, em total ascese e renúncia, temor de Deus e humildade, em constante combate espiritual através da oração, amor a Deus e ao semelhante, possui sem dúvida lugar na vida diária dos cristãos. Os Padres do deserto foram os que mais viveram e colocaram em prática os elementos evangélicos essenciais, e possuem com absoluta certeza, o direito de falar deles, ainda hoje em dia.

O que esses monges disseram e dizem deve ser escutado não somente com os ouvidos, mas com a pureza dos corações. Esses monges ensinam a viver e a buscar uma verdadeira

---

<sup>24</sup> GRÜN, 2017, p. 122.

<sup>25</sup> KEMPIS, T. *Imitação de Cristo*. 7.ed. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 87.

<sup>26</sup> KEMPIS, 2015, p. 88.

<sup>27</sup> É o plural de apotegma. O mesmo que: adágios, aforismos, anexins, ditados, ditos, máximas, provérbios, rifões, rifões.

espiritualidade através da base transmitida pelos apóstolos desde os tempos de Jesus Cristo. Para eles, o caminho que leva para Deus é o caminho da busca de conhecer-se a si mesmo. Certa vez, Evágrio Pôntico formulou isso da seguinte maneira: “Se queres conhecer a Deus, aprende primeiramente a conhecer a ti mesmo!”<sup>28</sup> Sem se conhecer, corre-se o risco dos pensamentos acerca de Deus se transformarem em meras projeções pessoais. Mesmo que hoje em dia, há pessoas que aparentam ser piedosas, elas não são transformadas por suas orações, mas acabam se aproveitando dessa tal “piedade” para buscar certa ostentação diante das pessoas.

A espiritualidade desses primeiros monges é mistagógica, ou seja, ela leva para experimentar o mistério de Deus e do próprio homem. A atitude de se manter calado é elogiada por esses monges, pois, manter-se em silêncio é o caminho que conduz ao autoconhecimento e à verdade do próprio coração. Não se deve esquecer que esse caminho liberta do mal de criticar e julgar as pessoas. O permanecer calado não permite julgamentos, e faz com que se confronte, sempre de novo a si mesmo. Ele age no indivíduo como uma barreira que não permite projetar o lado sombrio sobre as pessoas.

Conta-se que por três anos pai Agatão teria levado uma pedra em sua boca até conseguir ficar calado; até conseguir não mais julgar o irmão, nem mesmo com o coração.<sup>29</sup> Sabe-se que tanto o calar e o falar são atitudes que trazem grandes efeitos para a vida das pessoas. Por isso, é que em todos os diversos tipos de cultura, como também em todas as religiões, a palavra possui grande valor, como também o próprio silêncio.

Na Sagrada Escritura, são os livros sapienciais que melhor revelam a relação entre essas atitudes e o mistério de Deus. A sabedoria desses antigos monges fazia parte da vida de ensinamentos teórico-prático, da vida em perfeita harmonia com a criação e o Criador, sendo muito frequente, na tradição monástica, essa sabedoria. O estar em silêncio é uma preparação que o monge faz para escutar o Espírito Santo e, então, adquire coragem, força para edificar, exortar e consolar as pessoas que buscam uma palavra de consolo. Esses monges eram chamados *pneumatoforoí*, isto é, portadores do Espírito.<sup>30</sup>

A atitude de manter-se calado é para os monges um caminho que leva à libertação de pensamentos, que ocupam constantemente a mente. Deve-se entender que não basta o calar exterior. Isso se faz necessário para ajudar a calar o coração, deixar que os anseios se acalmem e, assim, não mais irão desempenhar controle sobre o indivíduo. Os antigos padres dificilmente saíam de sua cela e aconselhavam as pessoas a permanecer a maior parte do tempo, se possível, em suas celas, buscando auto suportar-se e não fugir de si mesmo. Atualmente essa “cela” é o coração. A permanência, ou seja, o suportar-se a si mesmo, é a forma pela qual se atinge o progresso espiritual e humano. Não existe homem tão maduro

---

<sup>28</sup> Foi um escritor, asceta e monge cristão. Evágrio dirigiu-se ao Egito, a “Pátria dos Monges”, a fim de ver a experiência desses homens no deserto, e acabou por se juntar a uma comunidade monástica do Baixo Egito.

<sup>29</sup> Era de origem siciliana e vivia num mosteiro em Palermo. Foi eleito em 27 de junho de 678 aos 58 anos de idade foi eleito Papa (MILLER, 1965, p. 81).

<sup>30</sup> Do Antigo Testamento são: Jó ou Job (português de Portugal), Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Sabedoria e Ben Sirac ou Eclesiástico.

quanto aquele que, tenha buscado enfrentar o seu eu e suportar-se a si mesmo, e encontrar-se com sua própria verdade. A tradição espiritual levou a experiência do profeta Elias a sério.<sup>31</sup>

Nesse aspecto, o verdadeiro lugar da experiência de Deus é o silêncio. Importante perceber que o silêncio não serve apenas para suprimir o barulho no coração, pois não significa exclusivamente que se livre das inquietações e chateações, mas que também se busque refletir sobre Deus. No silêncio, ficam quietos os pensamentos das pessoas e todas as imagens que se tem de Deus. Só então, diz Evágrio, “haveremos de experimentar Deus”.<sup>32</sup> Essa virtude que os monges praticam de permanecer calados não possui um fim em si mesmo, mas para buscarem a plena união com Deus. O estar consigo mesmo e o desligar-se são passos importantes e necessários para nos conduzirem a Deus e permanecermos em plena união com Ele. Deve-se estar atento ao chamado de Deus para viver certos períodos de silêncio no dia a dia, como reflexão, meditação e “escuta”.

É necessário entender que o serviço de Deus e da igreja não está apenas no conceito de falar e de fazer. Também deve ser constituído por períodos de escuta, de espera no Senhor. Talvez seja extremamente importante, nesta época em que se vive com tamanha violência e agitação, redescobrir a meditação, a oração unitiva, interior, silenciosa e o silêncio criativo cristão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No coração do indivíduo existe um silêncio natural, porque é nesse silêncio que Deus habita no mais íntimo do ser humano. Deus está em silêncio, e esse silêncio sagrado é o que habita o ser humano. Em Deus se permanece ligado a este profundo silêncio. A Igreja afirma que a humanidade inteira é fruto de um Deus plenamente silencioso, pois o ser humano é filho do silêncio. Deus ampara, e vive-se a todo o momento ao lado d’Ele conservando o silêncio. Não há nada melhor do que buscar descobrir a Deus através do silêncio que está inscrito no centro de cada ser humano. Se não há busca em cultivar este silêncio, como se pode encontrar verdadeiramente a Deus? A maioria das pessoas gostam de fazer diversas coisas como: viajar, criar, realizar grandes descobertas. Mas tudo isso acontece fora de si mesmo, distante de Deus, que vive silenciosamente na alma do ser humano. Não se pode esquecer da importância de se adquirir o hábito de viver em silêncio para buscar estar verdadeiramente com Deus.<sup>33</sup>

Usando como base o livro do Deuteronômio, o apóstolo Paulo explica:

Não digas em teu coração: Quem subirá ao céu? Isto é, para fazer Cristo descer do alto, ou: Quem descerá ao abismo? Isto é, para reconduzir Cristo dentre os mortos. Que ela [a justiça que vem da fé] diz então? A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração. Isto é, a palavra da fé, que

<sup>31</sup> SARAH, R.; DIAT, N. **A força do silêncio contra a ditadura do ruído**. São Paulo: Fons Sapientiae, 2017, p. 28.

<sup>32</sup> SARAH; DIAT, 2017, p. 43.

<sup>28</sup> De acordo com os textos de: Romanos 10.6-9; Deuteronômio 30.12; 14.16.

<sup>33</sup> SARAH; DIAT, 2017, p. 30.



pregamos. Porque se confessas, com tua boca, que Jesus é o Senhor, e crês, em teu coração, que Deus o ressuscitou dentre os mortos, tu serás salvo.<sup>28</sup>

Diante da Sagrada Escritura, no momento de reflexão e escuta, as bênçãos de Deus são derramadas sobre as pessoas de fé. É na fé, e não em uma viagem por todo o mundo, que se contempla e encontra-se com Deus. Com certeza, será sondando por um bom tempo as Escrituras Sagradas e, depois de um certo tempo, lutando e suportando a todas as investidas do inimigo, é que verdadeiramente chega-se a Deus. Augustin Guillerand não se enganou ao dizer que “os homens não encontram em nenhum outro lugar aquilo que têm em si mesmos”.<sup>34</sup> Não existe outro lugar em todo o mundo, onde Deus esteja tão presente como no coração das pessoas. O Espírito Santo de Deus faz a sua morada em nosso coração, templo do silêncio.

Ao mesmo tempo, não se pode esquecer do sofrimento que muitas pessoas estão passando e que muitas vezes são terríveis, levando-as a interrogar: “Para que serve invocar Deus? Porventura Ele não desvia o olhar para o lado? Nada tem a ver com este mundo e com toda a dor? Não se preocupa com o sofrimento?”<sup>35</sup> Tendo essas questões tão claras na mente das pessoas, busca-se uma resposta por meio da leitura da Bíblia. Pela qual é possível encontrar o sentido do sofrimento na história da paixão, morte e ressurreição de Jesus.

Aparentemente não se encontra nada que possa responder tais questões. Mas, ao deparar-se com a figura Jesus sofredor, as pessoas são apresentadas, de um modo novo, ao mistério de Deus. Percebe-se, então, que Deus sofre com o indivíduo. Ele faz com que a imagem que se tem d’Ele caia por terra e “do alto tudo rege soberanamente”.<sup>36</sup> Ele através de Jesus, foi capaz de experimentar o sofrimento do mundo.

Deus sofre com todos os seres humanos. De igual modo, se desponta nas pessoas o argumento de uma projeção falha e cheia de ilusão. Mesmo não querendo que as imagens e projeções de Deus se tornem algo precipitado, em que se vislumbra os desejos de criança, que trazem segurança e acolhimento, de proteção e de amor, ou, então, de fazer de Deus algo que substitua a imagem inexistente de um amor que vem dos pais. Deus não se limita ao encontro com a morada eterna, na qual o indivíduo se sente acolhido e aceito. “Deus também é desconhecido, e que possui o mistério inexplicável”.<sup>37</sup> Deus é aquele que traz a verdade nua e crua, e que faz com que as pessoas sejam confrontadas com a verdade de cada uma, com o próprio ser.

Nesse momento, experimenta-se o seguinte: “Se rejeitasse Deus, recusaria igualmente a responsabilidade pela minha realidade pessoal e desviaria para outros a responsabilidade o mundo”.<sup>38</sup> Assim, Deus é para cada um aquele que desafia constantemente, a colocar no mundo esse preceito, a saber, que é necessário e cabe as pessoas assumirem essa responsabilidade por Ele.

<sup>34</sup> GUILLERAND, 1976, p. 88.

<sup>35</sup> GRÜN, A.; HALIK, T. **Livrar-se de Deus?** Quando a crença e descrença se encontram. São Paulo: Vozes, 2017, p. 32.

<sup>36</sup> GRÜN; HALIK, 2017, p. 33.

<sup>37</sup> WAAL, E. **Vivendo com a contradição.** Juiz de Fora: Subiaco, 2012, p. 13.

<sup>38</sup> GRÜN; HALIK, 2017, p. 34.

## REFERÊNCIAS

BARSOTTI, D. **Monaquismo e mística**. Juiz de Fora: Subiaco, 2009.

**BÍBLIA Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida: Revista e Corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

DE ÁVILA, T. (Santa). **As moradas do castelo interior**. São Paulo: É Realizações, 2014.

GUILLERAND, A. **Silêncio da cartuxa**. Tradução do francês de Doroteia Rondon Amarante. Juiz de Fora: Subiaco, 2011.

GRÜN, A. **Se quiser experimentar Deus**. 6. ed. São Paulo: Vozes, 2014.

GRÜN, A. **Sabedoria do deserto**. São Paulo: Vozes, 2017.

GRÜN, A.; HALIK, T. **Livrar-se de Deus?** Quando a crença e descrença se encontram. São Paulo: Vozes, 2017.

LACARRIÈRE, J. **Padres do deserto: homens embriagados de Deus**. São Paulo: Loyola, 2002.

KÄSTNER, E. **O urbano das coisas**. Frankfurt: Das dramatische Werk, 1973.

KEMPIS, T. **Imitação de Cristo**. 7.ed. São Paulo: Paulinas, 2015.

MILLER, B. **Apophthegmata Patrum**. Weisung der Väter: Trier, 1965.

NOUWEN, H. J. M. **Pare o silêncio**. Freiburg: Sto Paul, 1979.

REGNAULT, L. **À escuta dos pais do deserto hoje**. Juiz de Fora: Subiaco, 2014.

SARAH, R.; DIAT, N. **A força do silêncio contra a ditadura do ruído**. São Paulo: Fons Sapientiae, 2017.

WAAL, E. **Vivendo com a contradição**. Juiz de Fora: Subiaco, 2012.

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## PAULO E O PROBLEMA DO ANTINOMISMO

Paul and the problem of antinomism

Flaviano Nogueira Siedeliske<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo analisa a questão da abolição ou permanência da lei na vida do cristão: o cristão está livre da lei em todos os seus aspectos ou ainda existem aspectos que o cristão precisa observar? Outra questão é: estaria o cristão livre de toda obrigação moral referente à lei? Para responder essas perguntas, faz-se uma análise com base na teologia de Paulo, especialmente no texto de Romanos 6.14, além de uma breve exposição da corrente teológica conhecida como *antinomismo*. Assim, com base no pensamento de autores como Thomas Schreiner e George Ladd, este artigo defende que o cristão não está livre dos padrões morais da lei, necessitando observá-la, livre de qualquer ideia legalista, em seu aspecto moral, sendo ela o formato moral que a salvação pela fé assume. Além disso, também chega à conclusão que o relacionamento do cristão com a lei deve ser observado a partir de seu relacionamento com Cristo.

**Palavras-chaves:** Lei. Paulo. Antinomismo.

### ABSTRACT

This article aims to analyze the question of the abolition or not of the law in the Christian's life: is the Christian free from the law in all the aspects, or are there any aspects that the Christian has to observe? Another question is: is the Christian free from all moral obligations concerning the law? To answer these questions, an analysis is made based on Paul's theology, especially the text of Rom 6.14, and a brief exposition of the current theological line known as *antinomism*. Based in the thinking of authors such as Thomas Schreiner and George Ladd, this article argues that the Christian is not free from the moral

<sup>1</sup> O autor é Bacharelado em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR); Pós-graduado em Teologia e Interpretação Bíblica pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR); Licenciado em Letras pelas Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba (FARESC). E-mail: Flavianosiedeliske@gmail.com.

standards concerning the law, and needs to observe it, free from every legalistic idea, in its moral aspect, being it the moral format that the salvation by faith takes. Besides that, the conclusion is that the Christian's relationship with the law must be observed from his relationship with Christ.

**Keywords:** Law. Paul. Antinomism.

## INTRODUÇÃO

A questão da função da lei na teologia de Paulo vem sendo discutida ao longo da história da teologia: afinal, algum aspecto da lei continua a vigorar na vida do cristão ou ela foi completamente abolida? Dentre os que defendem a continuidade da lei, destaca-se a escola Reformada e o ensino do terceiro uso da lei moral. Por outro lado, os que pregam a descontinuidade da lei, dentre eles os Luteranos,<sup>2</sup> não ensinam o terceiro uso da lei, sendo essa substituída pela lei de Cristo e do amor.<sup>3</sup>

Todavia, alguns dos que ensinam a descontinuidade da lei caem no equívoco teológico conhecido como *antinomismo*, que é a ideia que o cristão está livre de implicações morais e da mudança ética após a salvação em Cristo.<sup>4</sup> Assim, com base numa perspectiva paulina, as perguntas que este artigo pretende responder são: 1) Paulo ensina a liberdade de todos os aspectos da lei, inclusive o moral?; e 2) o cristão está livre de todas as obrigações morais referentes à lei?

A hipótese trabalhada para as duas questões é que não, Paulo não ensina a liberdade de todos os aspectos da lei e o cristão não está livre de todas as obrigações morais. Assim, o cristão estaria debaixo do aspecto moral da lei, observando-a como uma maneira de gratidão a Deus, se tornando o formato moral da salvação. A escolha do tema é justificada, primeiramente, pela importância histórica do apóstolo Paulo<sup>5</sup> e, segundo, pela importância que o mesmo concede ao tema do papel da lei.<sup>6</sup>

---

<sup>2</sup> Como o próprio Lutero comenta, “os mandamentos nos ensinam e prescrevem todo tipo de boas obras, mas não é assim que se efetivam. Eles orientam, mas não ajudam; ensinam o que se deve fazer, mas não dão a força para isso. Consequentemente, eles só foram ordenados para que o ser humano veja neles a sua incapacidade de fazer o bem e aprenda a desesperançar-se consigo mesmo” (LUTERO, Martinho. **Da liberdade do cristão (1520)**: prefácios à Bíblia. São Paulo: UNESP, 1998, p. 31).

<sup>3</sup> BIENERT, Davi. A descontinuidade e a continuidade da lei mosaica na vida do cristão: uma perspectiva Paulina. **Vox Scripturae**: Revista Teológica Internacional, São Paulo, v.7, n.2, p.29-50, Dez. 1997, p. 29.

<sup>4</sup> É importante destacar que também é conhecido o risco de, ao defender a continuidade da lei, cair no erro do legalismo. Todavia, apesar de ser um pensamento tão prejudicial quando o antinomismo, também sendo um equívoco na interpretação da lei e da graça, o legalismo não é o foco desse trabalho, e em momento algum objetiva-se defender essa corrente teológica.

<sup>5</sup> Hernandes Dias Lopes comenta que Paulo foi “o maior evangelista, o maior teólogo, o maior missionário e o maior plantador de igrejas de toda a história do cristianismo”, além de “o maior bandeirante do cristianismo, seu expoente mais ilustre, seu arauto mais eloquente, seu embaixador mais conspícuo” (LOPES, Hernandes Dias. **Paulo, o maior líder do cristianismo**. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 9).

<sup>6</sup> Millard Erickson afirma que, excluindo as questões relacionadas a Cristo, “poucos assuntos receberam tratamento mais extenso de Paulo do que o papel da Lei” (ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 947). Diante disso, Sinclair explica que “ao longo de seu ministério, ele costumava deparar com duas respostas erradas. Uma delas levava ao legalismo porque introduzia a lei no evangelho; a outra levava ao antinomianismo com a implicação de que o evangelho havia acabado de vez com a lei”

Por fim, outro motivo para a escolha desse tema está relacionado com as interpretações equivocadas quando se fala na continuidade da lei na vida do cristão. Como aponta Thomas Schreiner, “alguns estudiosos, quando escrevem sobre a lei, dão a impressão que qualquer observância rouba o crente da liberdade em Cristo, destrói a vida no Espírito e é contrária ao evangelho que Paulo pregava”<sup>7</sup>, isso se dá pelo temor de cair na outra concepção equivocada da lei, o *legalismo*. Dessa maneira, tentando combater tanto o erro do antinomismo quanto o do legalismo, essa pesquisa busca demonstrar que o cristão ainda possui determinado relacionamento com a lei, todavia, esse relacionamento deve observar o prévio relacionamento com o próprio Cristo, sendo a lei interpretada a partir do viés da salvação pela fé.

## 1. A LIBERDADE DA LEI NA TEOLOGIA DE PAULO

O apóstolo Paulo, quando fala de seu passado (At 22.3-4; Fp 3.4-6), deixa claro alguns pontos como: 1) sua etnia judaica; 2) sua pertença à tribo de Benjamim; 3) sua instrução na lei judaica; 4) seu posto de fariseu; 5) seu cumprimento ao rito de circuncisão; e 6) seu zelo no cumprimento da lei.<sup>8</sup> Talvez pelo fato de ter sido instruído na lei e, durante sua época de fariseu, zelar pelo seu cumprimento, esse é um dos assuntos que ele mais aborda em seus escritos.

A importância desse tema na teologia de Paulo é provada pelo fato de que, das 191 ocorrências do termo *nomos* – lei<sup>9</sup> – no Novo Testamento, 119 são em suas epístolas,<sup>10</sup> sendo que o uso mais comum seja referindo-se à lei mosaica, entregue a Moisés no estabelecimento da aliança de Deus com Israel.<sup>11</sup>

Até chegar a epístola aos Romanos, o leitor se depara com algumas passagens em que o apóstolo se apresenta “contrário” a essa lei entregue a Moisés, seja em seus discursos, seja em seus escritos.<sup>12</sup> Logo, a partir desses versos, percebe-se que Paulo ensina, em certo sentido, a liberdade da lei. Todavia, vale entender em que sentido o apóstolo proclama essa liberdade.

(FERGUSON, Sinclair B. **Somente Cristo**: legalismo, antinomianismo e a certeza do evangelho. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 92).

<sup>7</sup> SCHREINER, Thomas R. **Teologia de Paulo**: o apóstolo da glória de Deus em Cristo. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 293-294.

<sup>8</sup> GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo: Vida, 2005, p. 507.

<sup>9</sup> Esser (ESSER, “Lei, costume, elementos” in: BROWN, Colin; COENEN, Lothar (Orgs.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 1152) comenta que, no original grego, o sentido de *nomos* está relacionado à conceitos como distribuir, partilhar, atribuir e conceder, ou seja, “àqueles processos que são essenciais sempre quando os homens vivem juntos numa comunidade”.

<sup>10</sup> MORRIS, Leon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2003, p. 72.

<sup>11</sup> BIENERT, 1997, p. 30.

<sup>12</sup> Exemplos dessas passagens podem ser encontradas no livro de Atos, seja em seus problemas com os judeus (9.20-25; 13.44-52; 14.1-7, 19; 17.1-9, 13; 18.5-6; 12-13; 23.12-14; 25.1-3; 25.7); em seu posicionamento no Concílio de Jerusalém (15.1-5); ou nas mentiras levantadas contra ele (At 21.17-26, 27-28). Também é possível encontrá-las em suas epístolas aos Gálatas (2.3,16, 19, 21; 3.1-29; 4.4-5, 8.11; 5.1-6, 13-15, 16-18; 6.12-13) e aos Coríntios (1Co 7.18-20; 8.8; 9.20-21; 15.56; 2Co 3.7-11).

O primeiro sentido, e mais importante, é a proclamação da liberdade do aspecto histórico-salvífico da lei (Gl 3.17, 19, 23-25; 4.1-7).<sup>13</sup> O cristão está livre da lei nesse sentido graças ao sacrifício de Cristo, pois: 1) Cristo se fez maldição em seu lugar; e 2) satisfizes as exigências da aliança das obras.<sup>14</sup>

A razão da necessidade de Cristo intervir na relação Deus–lei–homem reside no fato de que “sobreveio a lei para que se avultasse a ofensa” (Rm 5.20a),<sup>15</sup> ou seja, “a promulgação da lei foi concomitante com a difusão do pecado”.<sup>16</sup> Todavia, é necessário que sejam explicados três problemas que surgem desse fato: 1) primeiramente, que o fracasso da lei em justificar o pecador é decorrência da fraqueza da *carne*,<sup>17</sup> e não da lei em si; 2) segundo, a lei não “produz” o pecado, apenas o coloca em destaque;<sup>18</sup> 3) por fim, por mais que a lei aponte o pecado com maior nitidez, ela não deve ser reduzida a uma vara para “açoitar as costas dos pecadores”,<sup>19</sup> pois a mesma também serve para demonstrar a vontade de Deus para com seu povo (Rm 7.12). Assim, diante da incapacidade de o homem alcançar a salvação mediante a lei, Cristo interfere e realiza aquilo que a lei não poderia: justificar, redimir e propiciar o pecador (Rm 3.21-26), libertado o cristão da lei em seu sentido histórico-salvífico.

O segundo sentido em Paulo proclama a liberdade da lei é no aspecto que pode ser chamado de *étnico-cultural*, ou seja, as leis envolvendo: 1) o Sábado (Rm 14.5-6; Gl 4.10; Cl 2.16-17); 2) os Alimentos (Rm 14.1-15.13; 1Co 8.1-11.1); e 3) a Circuncisão (Rm 2.28-29; 4.9-12; Gl 2.3-5; 5.2-6, 11, 12; 6.12-13).<sup>20</sup> Além disso, Bienert elenca os seguintes textos nos quais os que defendem a descontinuidade da lei se apoiam: Romanos 2.27-29; 5.20; 7.4, 6; 10.4 – com *telos* significando *fim*; Gálatas 2.19; 3.19; 6.2; e 2Coríntios 3.6.<sup>21</sup>

Assim, percebe-se a existência do tema da liberdade da lei na teologia de Paulo, relacionada principalmente aos seus sentidos histórico-salvífico e étnico-cultural. Todavia, o problema que surge é se essa liberdade se estende a todos os seus demais aspectos: afinal, estaria Paulo ensinando que o cristão está livre de todas as obrigações morais referentes à

<sup>13</sup> SCHREINER, 2015, p. 294.

<sup>14</sup> BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. 4.ed. Revisada. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 566. Diante desse fato, F. F. Bruce, que defende a descontinuidade da lei, comenta, com vistas ao texto de Romanos 10.4, que, uma vez que Cristo é o término da lei, a mesma “era uma provisão temporária”, sendo que “a vinda de Cristo significou que o seu período de validade tinha chegado ao fim” (BRUCE, F. F. **Paulo: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia**. São Paulo: Shedd, 2003, p. 186).

<sup>15</sup> Todas as citações de textos bíblicos nesse artigo serão da versão Almeida Revista e Atualizada – ARA.

<sup>16</sup> SCHREINER, 2015, p. 294-295. João Calvino, no Livro II, Capítulo VII, 3 de sua obra *Institutas*, comenta que, diante do fato da lei fazer o pecado perceptível, “nos tornamos mais inescusáveis, para que a condição de culpados nos incite a buscar o perdão” (CALVINO, João. **As Institutas**. Vol. 2. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006a, p. 114-115). Em outro momento, no Livro III, Capítulo XIX, 2, o reformador explica que, se a lei não justifica ninguém, apenas mostra o pecado, ou deve-se excluir a esperança de justificação ou é necessário ser liberto dessa lei (CALVINO, João. **As Institutas**. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006b, Vol. 3, p. 303).

<sup>17</sup> BRUCE, 2003, p. 192.

<sup>18</sup> Leon Morris (2003, p. 73) compara a lei a uma lente de aumento: não é função dessa lente produzir novas marcas de sujeira, mas sim prover a possibilidade de enxergar-se a sujeita já existente com mais nitidez, ajudando, dessa maneira, a perceber algumas marcas que não eram visíveis a olho nu.

<sup>19</sup> FERSUSON, Sinclair B. **Somente Cristo: legalismo, antinomianismo e a certeza do evangelho**. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 141-142.

<sup>20</sup> SCHREINER, 2015, p. 297.

<sup>21</sup> BIENERT, 1997, p. 31-32.

lei? Para iniciar a resposta desta questão, faz-se necessário revisitar o conceito das *três divisões da lei*. Estas serão avaliadas na sequência do texto.

## 2. AS TRÊS DIVISÕES DA LEI: CIVIL, CERIMONIAL E MORAL

A divisão da lei mosaica em *Civil, Cerimonial e Moral* é registrada no Capítulo XIX da Confissão de Fé de Westminster:<sup>22</sup>

Seção III – Além dessa lei, comumente chamada moral, aprouve a Deus dar ao povo de Israel, como uma Igreja em menoridade, leis cerimoniais, contendo diversas ordenanças típicas: em parte referentes ao culto, prefigurando Cristo, suas graças, ações, sofrimentos e benefícios; e em parte representando diversas instruções e deveres morais. Todas essas leis cerimoniais estão agora abolidas sob o Novo Testamento.

Seção IV – A esse povo também, como um corpo político, Deus deu diversas leis judiciais que expiraram juntamente com o estado desse povo, e que agora não obrigam a ninguém além do que requeira sua equidade geral.

Seção V – A lei moral obriga a todos a prestar-lhe obediência para sempre, tanto as pessoas justificadas quanto as demais, e isso não só em consideração à matéria nela contida, mas também pelo respeito à autoridade de Deus, o Criador, que a deu. Tampouco Cristo no evangelho de modo algum desfaz essa obrigação, antes a reveste de maior vigor.<sup>23</sup>

Primeiramente, a *Lei Civil* é o aspecto da lei que define os deveres e direitos do povo de Israel como uma nação governada teocraticamente por Deus,<sup>24</sup> sendo que muitas das leis que se encaixam nessa definição são aplicações dos Dez Mandamentos.<sup>25</sup> Como exposto na Seção IV do capítulo supracitado da Confissão de Fé de Westminster, esse aspecto da lei não é aplicável ao cristão hoje em dia, pois elas *expiraram juntamente com o estado* de Israel.

Em segundo lugar, a *Lei Cerimonial* relaciona-se com as partes da lei pelas quais os israelitas demonstravam sua fé e santidade.<sup>26</sup> Além do fato de distinguir o povo de Deus, também o ensinava sobre a vinda do Messias, pois a mesma é “cercada de símbolos, sinais, tipos e sombras das realidades espirituais reveladas e cumpridas por Cristo na sua vinda”.<sup>27</sup>

<sup>22</sup> É interessante notar a posição de G. K. Beale e F. F. Bruce: Beale afirma que, apesar de útil para a compreensão da lei, essa divisão não possui “nenhum fundamento exegético” (BEALE, G. K. **Teologia bíblica do Novo Testamento**: a continuidade teológica do Antigo Testamento no Novo. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 730); já Bruce (2003, p. 187), em concordância a essa ideia, demonstra que, apesar dessa divisão poder ser mantida com coerência, “não se deve imaginar que ela goza de autoridade paulina”.

<sup>23</sup> Comentando a Seção V, A. A. Hodge escreve que “a lei moral continua com sua autoridade intocável, não só porque seus elementos sejam intrinsecamente obrigatórios, mas por causa também da autoridade divina que continua a impô-la. E Cristo, em vez de reduzir a obrigação de obedecê-la, a tem aumentado sensivelmente” (HODGE, Archibald Alexander. **Confissão de fé Westminster**: comentada por A. A. Hodge. 2.ed. São Paulo: Os Puritanos, 1999, p. 344).

<sup>24</sup> MEISTER, Mauro. **Lei e graça**. São Paulo: Cultura Cristã, 2016, p. 46.

<sup>25</sup> Mauro Meister (2016, p. 46-47), para defender esse ponto de vista, utiliza-se do exemplo das leis sobre as *idades refúgio* (Nm 35.6, 10-12) que, em sua visão, são uma aplicação do mandamento “não matarás” (Êx 20.13), ou seja, uma aplicação “do princípio moral da preservação da vida”.

<sup>26</sup> MEISTER, 2016, p. 49.

<sup>27</sup> MEISTER, 2016, p. 49. Para ilustrar, o autor explica que “o sacrifício de animais foi dado a Israel como uma sombra do sacrifício a ser feito pelo Messias na cruz do Calvário. O povo de Israel precisava compreender a misericórdia de Deus ao permitir que o pecado fosse pago por um substituto” (p. 52).

Assim como a Lei Civil, a Confissão de Fé de Westminster afirma que a Lei Cerimonial está *abolida sob o Novo Testamento*, pois foi cumprida em Cristo.

Por fim, chega-se a *Lei Moral*, que, dentre outros, expressa a vontade de Deus, testemunhando de Sua justiça (Rm 3.21).<sup>28</sup> Apesar de comumente associada aos Dez Mandamentos, Meister ressalta que não se pode pensar que toda a Lei Moral está contida no Decálogo.<sup>29</sup> Além disso, como já demonstrado, a Lei Moral é a parte da lei que possui a função de tornar o homem consciente de sua pecaminosidade, conduzindo-o a Cristo (Rm 5.20; Gl 3.24).<sup>30</sup> Ao contrário do que afirma das leis Cívicas e Cerimoniais, a Confissão de Fé de Westminster aponta a permanência da Lei Moral, tanto pela *matéria nela contida* quanto pelo *respeito à autoridade de Deus*. Segundo a Confissão, Cristo *não desfaz essa lei*, mas, como explica Sinclair Ferguson, Ele é “a perfeita personificação da lei moral”.<sup>31</sup>

Desta maneira, percebe-se que a liberdade do cristão em relação à lei se estende a seus aspectos Civil e Cerimonial. Todavia, segundo a Confissão de Fé de Westminster, o cristão ainda está sujeito à Lei Moral, pois a mesma representa a vontade de Deus para seus filhos. Logo, o questionamento que ainda perdura é se essa visão pode encontrar algum embasamento em Paulo: na teologia do apóstolo, o cristão deve observar a chamada *Lei Moral* ou está livre de quaisquer obrigações referentes à lei? Para evoluir na pesquisa, necessita-se discorrer sobre a visão que discorda da Confissão de Fé de Westminster: o *antinomismo* – ou *antinomianismo*. Esse é o debate do próximo ponto deste artigo.

### 3. O PROBLEMA DO ANTINOMISMO

O termo *antinomismo* – ou *antinomianismo* – é originário do grego e significa *contra a lei* (*anti + nomos*), sendo um neologismo inventado por Martinho Lutero.<sup>32</sup> Esse termo designa

<sup>28</sup> LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 680.

<sup>29</sup> MEISTER, 2016, p. 45,59. Sobre essa questão, Portela comenta que “as proposições explícitas nos Dez Mandamentos, são formas resumidas de encasular conceitos morais mais bem abrangentes que o mandamento propriamente dito” (PORTELA, 2000, p. 140 apud MEISTER, 2016, p. 59).

<sup>30</sup> Como explica Russel Shedd, além de salientar a santidade de Deus, a Lei Moral avultava a imperfeição de Seu povo (SHEDD, Russel P. **Lei, graça e santificação**. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 14).

<sup>31</sup> FERGUSON, 2019, p. 204. Essa questão da permanência da Lei Moral pode ser encontrada, também, talvez de uma maneira “embrionária”, nos escritos de Agostinho de Hipona, pois, em sua obra *Confissões*, no Livro III, Capítulo 7.13, o bispo escreve que “desconhecia a verdadeira justiça interior que não julga pelos costumes, mas pela retíssima lei de Deus onipotente, com a qual se devem conformar os costumes das nações e dos tempos; ela permanece a mesma sempre e em qualquer lugar, sem se alterar, enquanto mudam as nações e os tempos” (AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1997, p. 76).

<sup>32</sup> SHEDD, 2016, p. 29. É de suma importância entender que Lutero cria esse termo para designar um movimento histórico, cuja análise não é foco desse trabalho. Assim, para entender toda a controvérsia envolvendo João Agrícola e, posteriormente, Richard Baxter, recomenda-se as pesquisas realizadas por Héber Carlos de Campos Júnior (CAMPOS JÚNIOR, H. C. O lugar da fé e da obediência na Justificação: um apanhado histórico das discussões reformadas do século XVII. **Fides Reformata**: São Paulo, v. 13, n. 1, p. 53-69, 2008; CAMPOS JÚNIOR, H. C. Lutero e os Antinomistas: qual é a visão evangélica da lei? **Fides Reformata**: São Paulo, v. 22, n. 2, p. 43-65, 2017). De qualquer maneira, a conclusão de Lutero é que “é impossível aprender teologia ou política dos antinomistas [...]. Pois não servem a Cristo, mas a seu ventre” (LUTERO, Martinho. **Debates e controvérsias, II**. São Leopoldo: Comissão Interluterana de Literatura, 1993, p. 394). O foco desse trabalho não é analisar o antinomismo como *movimento histórico*, mas sim como *conceito teológico*, presente desde a época de Paulo.



a corrente teológica que prega que “a graça anula toda a obrigação da lei”.<sup>33</sup> Logo, o antinomismo defende a total liberdade da lei, ensinando que o cristão está livre de qualquer obrigação moral referente a ela, pois compreendem que é completamente excluída pela graça.

Ao escrever contra os mestres dessa corrente de pensamento, Judas (v. 4-19) descreve-os como “homens ímpios, que transformaram em libertinagem a graça de nosso Deus” (Jd 4), também que eles “não só contaminam a carne, como também rejeitam governo e difamam autoridades superiores” (v. 8) e que “são estes os que promovem divisões, sensuais, que não têm o Espírito” (v. 19). Pedro, por sua vez, os condena por seguirem “as suas práticas libertinas” (2Pe 2.2), pois eles “andam em imundas paixões e menosprezam qualquer governo” (v. 10).<sup>34</sup>

Ferguson aponta a existência de duas principais correntes antinomistas: 1) a Corrente Dogmática – ou Hipercalvinista –, que prega a lei como inimiga da graça; e 2) a Corrente Exegética, que acusa a tríplice divisão da lei de ser uma imposição ao texto bíblico.<sup>35</sup> Já Mauro Meister elenca a existência de, pelo menos, oito tipos de antinomismo:<sup>36</sup>

- Antinomismo Primitivo: Deus salva a alma, então o que se faz com o corpo é irrelevante.
- Antinomismo de Marcião: o Antigo Testamento e qualquer opinião positiva sobre ele devem ser rejeitados; o cristão agora é guiado pelo Novo Testamento e pelo seu coração.
- Antinomismo centrado no Espírito: destaque exacerbado na ação do Espírito Santo; rejeita o ensino da lei defendendo que a orientação do Espírito a substitui.
- Antinomismo centrado em Cristo: Cristo cumpriu a lei, então o que o cristão faz não interessa, contanto que tenha fé.
- Antinomismo dispensacional: o cristão não vive mais na dispensação da lei, mas sim da graça; a lei é irrelevante.<sup>37</sup>
- Antinomismo Dialético: influência da neo-ortodoxia; nega a lei bíblica como mandamento direto de Deus.
- Antinomismo Situacionista: somente o amor deve motivar o cristão; relativiza os princípios morais.
- Antinomismo Revelacionista: despreza a lei por causa das “novas revelações” dos espirituais contemporâneos.<sup>38</sup>

<sup>33</sup> SHEDD, 2016, p. 29.

<sup>34</sup> MEISTER, 2016, p. 78.

<sup>35</sup> FERGUSON, 2019, p. 167,169-170.

<sup>36</sup> MEISTER, 2016, p. 78-83.

<sup>37</sup> Meister (2016, p. 80) afirma que “esse é, possivelmente, o movimento que mais influência exerce na interpretação do papel da lei e da graça entre os evangélicos ao redor do mundo hoje”.

<sup>38</sup> Além de todos esses tipos, Ferguson (2019, p. 184), comenta a existência do Antinomismo da Autoaceitação, que é guiado pelo pensamento de que Deus aceita o cristão do jeito que ele é, então ele deve continuar desse jeito, sem buscar a mudança ou transformação de caráter.

Assim, é possível notar que o antinomismo é o movimento que nega o arrependimento e a mudança ética ao aceitar a salvação somente em Cristo.<sup>39</sup> Dessa forma, Ferguson conclui que o antinomismo não é apenas uma visão distorcida da lei, mas uma visão distorcida da graça, “e, no fundo, uma visão distorcida do próprio Deus”.<sup>40</sup>

Como visto, tanto Pedro quanto Judas combatiam o antinomismo, a visão de que o cristão estava livre das obrigações morais da lei. Todavia, será que Paulo não defendia essa doutrina ao escrever: “pois não estais debaixo da lei, e sim da graça” (Rm 6.14)? Pelo contrário, Russel Shedd chega a afirmar que o apóstolo na verdade escreve Romanos 6 tendo o objetivo de combater esse erro.<sup>41</sup> Assim, é necessário um rápido esclarecimento sobre esse polêmico texto, o que segue descrito no ponto 4 deste artigo.

#### 4. O TEXTO DE ROMANOS 6.14

O verso em questão, a saber Romanos 6.14, pode dar margem para crer que Paulo defendia a total liberdade da lei, ao mesmo tempo de pode servir de base para uma defesa do antinomismo, tanto que Douglas Moo comenta que a afirmação *“não estais debaixo da lei, e sim da graça”* “poderia implicar que não há mais regras às quais o cristão deva obedecer, e nenhuma pena para qualquer pecado que ele cometer”.<sup>42</sup> Todavia, vale uma análise mais aprofundada do texto em questão para que se chegue a seu real significado.

Paulo escreve a Epístola aos Romanos motivado, em parte, pelo contexto cultural daquela igreja: o número de judeus era elevado no Império Romano, totalizando cerca de 5% de sua população, entre vinte e cinquenta mil pessoas;<sup>43</sup> todavia, estes mesmos judeus eram desprezados pelos romanos devido sua observância da circuncisão, do sábado e das leis alimentares;<sup>44</sup> o problema da perseguição chega a tal ponto que os mesmos são expulsos de Roma, dentre eles, os judeus convertidos à fé cristã, como dito em At 18.2;<sup>45</sup> logo, os gentios da igreja de Roma iniciaram um grande movimento evangelístico dentro da própria comunidade gentílica; assim, durante os cinco anos em que os judeus ficaram exilados, a igreja de Roma foi exclusivamente gentílica, mas agora eles retornam, então a igreja se torna

<sup>39</sup> SHEDD, 2016, p. 31. Louis Berkhof (2012, p. 565), comentando sobre os antinomistas, escreve que “ao que parece, eles se esquecem de que, embora Cristo tenha levado sobre si a maldição da Lei, e tenha cumprido as suas exigências como uma condição da aliança das obras, ele não cumpriu a lei por eles como norma de vida, à qual o homem está sujeito em virtude da sua criação, independentemente de qualquer acerto pactual”.

<sup>40</sup> FERGUSON, 2019, p. 193-194.

<sup>41</sup> SHEDD, 2016, p. 29.

<sup>42</sup> MOO, Douglas J. “Romanos” in: CARSON, D. A., et al. **Comentário bíblico**: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 1710.

<sup>43</sup> KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 505.

<sup>44</sup> KEENER, 2017, p. 505.

<sup>45</sup> O historiador Suetônio, em sua *Vita Claudii*, XXV.4, relata que, “visto que os judeus, instigados por Cresto, estavam continuamente provocando distúrbios, [Cláudio] os expulsou de Roma” (BETTENSON, Henry. **Documentos da Igreja Cristã**. São Paulo: ASTE, 2007, p. 28).

composta, quase que na mesma porcentagem, de judeus e gentios;<sup>46</sup> assim, na igreja romana, os judeus desprezavam os gentios que não receberam a lei de Deus, orgulhando-se por terem-na recebido, e os gentios desprezavam os judeus pelo seu legalismo com relação a essa mesma lei,<sup>47</sup> orgulhando-se de sua liberdade. Dessa maneira, um dos motivos de Paulo escrever a Epístola aos Romanos é seu desejo de sanar esse conflito étnico-teológico, que possui, em certa medida, relação com o papel da lei na vida do cristão.

Um segundo motivo que levou Paulo a escrever aos romanos é, uma vez que o mesmo desejava evangelizar na Espanha (Rm 15.24), conseguir o apoio daquela igreja. Assim, como o apóstolo nunca estivera naquela igreja anteriormente (Rm 1.9-13), ele precisava apresentar ordenadamente o evangelho que pregava, visto que falsos rumores sobre sua pessoa haviam chegado a essa igreja (Rm 3.8). Provavelmente esses rumores dizem respeito à anteriormente mencionada questão de Paulo ser contrário a lei (Rm 1.16; 7.7-12; cap. 9-11). Assim, o outro motivo da escrita aos romanos foi a necessidade de Paulo esclarecer seu ensino do Evangelho diante das falsas acusações que recebeu.<sup>48</sup>

Todavia, o leitor que se deparasse com os primeiros capítulos de Romanos encontraria declarações como “ninguém será justificado [...] por obras da lei” e “pela lei vem o pleno conhecimento do pecado” (3.20); “sem lei [...] se manifestou a justiça de Deus” (3.21); “a lei suscita a ira” (4.15); e “sobreveio a lei para que avultasse a ofensa” (5.20). Logo, este mesmo leitor poderia concluir que Paulo realmente era contrário à lei, pois o mesmo pregava o evangelho da graça, não das obras (3.20-28), sendo suscetível de acusações de antinomismo.<sup>49</sup> Até que se chega ao capítulo 6, em que Paulo inicia com uma *reductio ad absurdum* desta oposição que vem sofrendo:<sup>50</sup> “Que diremos pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante?” (6.1).

O contexto imediato da passagem está relacionado com o texto de Romanos 5.20b: “mas onde abundou o pecado, superabundou a graça”,<sup>51</sup> ou seja, numa interpretação

<sup>46</sup> BLOMBERG, Craig L. **Introdução de Atos a Apocalipse**: uma pesquisa abrangente de Pentecostes a Patmos. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 321.

<sup>47</sup> Herman Ridderbos afirma que a soteriologia judaica colocava a lei como “o meio singular de adquirir para si mérito, recompensa e justiça diante de Deus” (RIDDERBOS, Herman. **A teologia do apóstolo Paulo**: a obra clássica sobre o pensamento do apóstolo dos gentios. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 140). O autor ainda comenta que “o judaísmo não conhecia nenhum outro modo de salvação a não ser a lei, e que via até mesmo a misericórdia e o amor perdoador de Deus como estando no centro do fato de estes capacitam os pecados para, mais uma vez, construir seu futuro eterno com base na lei” (p. 140-141).

<sup>48</sup> É interessante observar o ponto de vista de Hayward Armstrong, que enfatiza o *caráter didático* das cartas de Paulo: em todos os seus escritos seu propósito foi ensinar alguma coisa. Por curiosidade, o autor comenta que a escrita da Epístola aos Romanos se dá com foco em ensinar “que todos pecaram, que todos estão privados da glória de Deus, e que todos podem ser justificados por meio da fé” (ARMSTRONG, Hayward. **Bases da educação cristã**. Rio de Janeiro: JUERP, 1992, p. 37).

<sup>49</sup> A respeito dessas acusações, John Stott comenta que se pode notar que o apóstolo realmente pregava a salvação pela fé, sem as obras, e que a mesma coisa ocorre atualmente: ao pregar o evangelho como Paulo, “com essa ênfase na gratuidade da graça e na impossibilidade de salvar-se a si mesmo”, acabar-se-á por sofrer as mesmas acusações de antinomismo (STOTT, John, R. W. **A mensagem de Romanos**. São Paulo: ABU, 2007, p. 197).

<sup>50</sup> Keener (2017, p. 506) comenta que essa estratégia é padrão nos debates da época, em que se faz uma caricatura do oponente buscando uma “redução ao absurdo”.

<sup>51</sup> MOO, Douglas J. “Romanos” in: CARSON, 2009, p. 1708.

equivocada pode-se dizer que, ao continuar na prática do pecado, tem-se a alavanca para, com a própria força, mover a graça de Deus.<sup>52</sup> Essa interpretação poderia estar fomentando o antinomismo, a ideia da completa liberdade dos deveres morais referentes a lei, e também pode ter a ver com a acusação que se fazia contra o próprio apóstolo.

No entanto, o próprio Paulo responde à pergunta que faz no primeiro verso de maneira muito enfática: “Que diremos pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante? De modo nenhum! Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morreremos?” (Rm 6.1-2). Assim, no contexto imediatamente anterior a Romanos 6.14, Paulo começa a falar de *santificação*: sobre a mudança de caráter após a salvação; sobre crescer em santidade como consequência da justificação pela fé.<sup>53</sup> Assim como comenta C. E. B. Cranfield:

Os que aprenderam pela mensagem do evangelho a verdade da decisão benévola de Deus em benefício deles, estão obrigados a se esforçar agora, com todo o seu coração e com toda a sua força, por avizinhar-se cada vez mais, no seu viver concreto presente, àquilo que na decisão divina eles já são.<sup>54</sup>

Dessa maneira, pode-se perceber que, enquanto o antinomismo, como já visto, *nega a mudança ética após a salvação*, Paulo, no trecho de Romanos 6.1-13, aponta para a *necessidade de uma mudança ética decorrente da salvação*, pois, como o mesmo escreve, “assim também vós vos considerai mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus” (6.11). Ou seja, para Paulo, o cristão *não está livre de suas obrigações morais*, e esse entendimento é de suma importância para se entender o real significado de Romanos 6.14.

Há alguns entendimentos interessantes sobre o que seriam as expressões *debaixo da lei* e *debaixo da graça*: 1) seguindo o pensamento de John Stott, *debaixo da lei* seria estar sob a obrigação de guardá-la, incorrendo, assim, em condenação, enquanto que *debaixo da graça* seria o reconhecimento da dependência da salvação somente em Cristo, resultando, assim, na justificação;<sup>55</sup> 2) Cranfield apresenta posição semelhante ao analisar o contraste entre lei e graça nesse verso, pois *graça* é o favor imerecido de Deus, logo, seu oposto – representado nessa passagem pela lei – é o desagrado e condenação de Deus, assim, não estar *debaixo da lei* não a abrangeria como um todo, mas sim seu aspecto condenatório;<sup>56</sup> por fim, 3) Bienert afirma que a posição dos que defendem a continuidade da lei na teologia de Paulo é a de que essa liberdade com relação a lei “é a liberdade do terror de encontrar a lei sem Cristo e sem o Espírito”.<sup>57</sup> Dessa maneira, percebe-se que uma interpretação possível para *não estar debaixo da lei* nesse verso é que essa frase diz respeito à lei em seu sentido condenatório, e não à

<sup>52</sup> POHL, Adolf. **Carta aos Romanos**. Curitiba: Esperança, 1999, p. 102.

<sup>53</sup> BLOMBERG, 2019, p. 337. Sobre essa questão, Hernandes Dias Lopes comenta que “a graça nos salvou do pecado, e não no pecado. O pecado é inadmissível ao cristão” (LOPES, Hernandes Dias. **Romanos: o evangelho segundo Paulo**. São Paulo: Hagnos, 2010, p. 240).

<sup>54</sup> CRANFIELD, C. E. B. **Comentário de Romanos Versículo por Versículo**. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 129.

<sup>55</sup> STOTT, 2007, p. 216.

<sup>56</sup> CRANFIELD, 2005, p. 139.

<sup>57</sup> BIENERT, 1997, p. 45.

liberdade de toda obrigação moral: o cristão não está debaixo do poder condenatório da lei, mas sim do poder salvífico e redentor da graça de Deus.<sup>58</sup>

Logo, percebe-se, segundo a linha interpretativa dos autores supracitados, que o texto de Romanos 6.14 não pode ser usado como base para uma teologia antinomista, e quem o faz age erroneamente. Diante desse fato, é interessante a colocação de Thomas Schreiner: “é preciso cautela para que se entenda exatamente o que o apóstolo [Paulo] tem em mente quando proclama a liberdade em relação à lei, de modo que não concluamos que o evangelho que Paulo pregava ensina a liberdade do dever”.<sup>59</sup> Assim, assumindo que Paulo ensina a liberdade da lei em seus aspectos histórico-salvífico, étnico-cultural e condenatório, mas não prega a total liberdade do dever, resta saber se em algum momento o apóstolo aponta, em sua teologia, algo que dê base para a crença na permanência de determinados aspectos da lei na vida do cristão.

## 5. A PERMANÊNCIA DA LEI: DESTAQUE A PARTIR DE PAULO

Interpretar a questão da lei na teologia de Paulo somente do viés da abolição seria insatisfatório, pois, em seus escritos, também se encontra presente o tema do cumprimento da lei.<sup>60</sup> Além disso, é possível notar que o apóstolo se utiliza de mandamentos específicos da lei para: 1) expressar a norma da conduta cristã, ou seja, a nova obediência e a vontade de Deus (Rm 13.8-10; Ef 6.2);<sup>61</sup> e 2) listar os vícios da natureza humana (1Tm 1.9-11).<sup>62</sup> Por fim, é interessante salientar que Bienert, da mesma maneira que aponta os textos nos quais se apoiam os que defendem a descontinuidade da lei, lista os que servem de base para o pensamento dos que creem na sua continuidade: Romanos 2.12, 26, 3.31, 7.12, 14, 8.2, 4, 7, 10.4 [*telos* significando *alvo*], 13.8-10; 1Coríntios 7.19; Gálatas 5.14.<sup>63</sup>

O “problema” que alguns criam a partir relação entre a permanência da lei e a graça de Deus é respondido por Agostinho, que, em sua obra *Do Espírito e da letra*, Capítulo IX.15, defende que a vontade do homem se revela enferma pela lei, mas a graça opera para que essa vontade seja curada, para que, sem ser oprimida nem necessitada da lei, cumpra a lei.<sup>64</sup> O

<sup>58</sup> Calvino também afirma algo semelhante: segundo ele, o verso significa que “não mais nos achamos sujeitos à lei no que se refere ao fato de ela exigir de nós perfeita justiça e de pronunciar morte contra todos aqueles que transgridem qualquer parte dela” (CALVINO, João. **Romanos**. São José dos Campos: Fiel, 2014, p. 252-253).

<sup>59</sup> SCHREINER, 2015, p. 294. Importante também é a posição de John Murray, que comenta que a expressão *não estais debaixo da lei* não possibilita ao cristão a prática do pecado como transgressão da lei, e o autor ainda afirma que o cristão não está *debaixo da lei* em um aspecto – o condenatório –, mas em outro aspecto ele está (1Co 9.21) (MURRAY, John. **Romanos**. São José dos Campos: Fiel, 2003, p. 257).

<sup>60</sup> SCHREINER, 2015, p. 298. Como exemplo, o autor se utiliza de textos como Rm 1.29, 7.7, 13.8-10; 1Co 5.10-11, 6.9,10; 2Co 9.5; Gl 5.14, 20; Ef 4.19, 25, 28; 5.3, 5, 6.2; Cl 3.5, 9.

<sup>61</sup> LADD, 2003, p. 684, 685; RIDDERBOS, 2013, p. 312.

<sup>62</sup> SCHREINER, 2015, p. 298.

<sup>63</sup> BIENERT, 1997, p. 38-40.

<sup>64</sup> AGOSTINHO, Santo. **A Graça (I)**. São Paulo: Paulus, 1998, p. 33. Calvino (2006b, p. 304) segue a linha do bispo quando, no Livro III, Capítulo XIX, 4 de sua *Institutas*, ensina que a consciência do cristão não guarda a lei como se coagida por ela, mas na liberdade do jugo da lei ela obedece espontaneamente a vontade de Deus.

bispo, então, no Capítulo XIX.34 da supracitada obra, redige a famosa frase: “portanto, a Lei foi dada para que se procurasse a graça; a graça foi dada para dar pleno cumprimento à Lei”.<sup>65</sup>

Todavia, alguns ainda podem questionar que a lei mosaica foi substituída pela *lei de Cristo* (Gl 6.2), estando o cristão livre desta primeira. Porém, vale ressaltar, como bem aponta George Ladd, que a lei de Cristo é a *lei do amor* (Mt 22.34-40), que, segundo Paulo, cumpre a Lei Mosaica (Rm 13.8-10; Gl 5.14).<sup>66</sup> A explicação para isso é que a vontade de Deus não mudou, entretanto, antes estava registrada em tábuas de pedra, exteriormente ao homem, e agora está gravada em corações humanos, que, através de seu impulso interior, consegue realizar o que antigamente era impossível apenas pela compulsão exterior (Jr 33.31).<sup>67</sup>

Assim, com base no que foi levantado, opta-se pela interpretação da Confissão de Fé de Westminster, na qual as leis civis e cerimoniais foram abolidas, mas que a lei moral permanece na vida do cristão.<sup>68</sup> De maneira resumida, Schreiner afirma que

Parece que alguns dos mandamentos de Deus na Torá continuam obrigatórios para o povo de Deus: as proibições contra a idolatria, o homicídio, o adultério, o roubo e a mentira, bem como o mandamento de honrar pai e mãe. Contudo, outros mandamentos – como a circuncisão, a observância do sábado e a prática das leis de pureza – não são mais obedecidos literalmente.<sup>69</sup>

Neste ponto, vale ressaltar o importante posicionamento de G. K. Beale, que encara Cristo como um *filtro hermenêutico* para interpretar a lei: as leis de natureza nacionalista, como as civis e cerimoniais, não passam por esse filtro, já as partes da lei de natureza moral conseguem atravessá-lo.<sup>70</sup> Numa ideia semelhante, Ridderbos comenta que “a lei como um todo e a vida como um todo devem ser compreendidos à luz da salvação revelada em Cristo”.<sup>71</sup> Dessa maneira, é possível notar que o aspecto moral da lei não foi abolido da vida do cristão, e que o cristão não está livre de toda obrigação moral ao receber a salvação pela fé. No entanto, todo o relacionamento do cristão com a lei deve ser baseado em seu relacionamento com Cristo: Cristo é o filtro da lei, sendo a mesma interpretada a partir da salvação revelada na cruz.<sup>72</sup>

<sup>65</sup> AGOSTINHO, 1998, p. 55.

<sup>66</sup> LADD, 2003, p. 685. Beale (2018, p. 731) ainda lembra que a lei de Cristo em Mateus 22.34-40 se divide em dois mandamentos: 1) *amar a Deus*, que é o resumo da primeira parte dos Dez Mandamentos; e 2) *amar ao próximo*, que é o resumo da segunda parte.

<sup>67</sup> BRUCE, 2003, p. 193.

<sup>68</sup> Na realidade, Berkhof (2012, p. 566) ainda comenta que “é impossível imaginar alguma condição na qual o homem pudesse reivindicar liberdade da Lei nesse sentido”.

<sup>69</sup> SCHREINER, 2015, p. 300.

<sup>70</sup> BEALE, 2018, p. 733. Como afirma o próprio Lutero (1993, p. 389): “Por isso a lei não é abolida por meio de Cristo, mas é restabelecida, para que Adão se torne tal qual era, e até melhor”.

<sup>71</sup> RIDDERBOS, 2013, p. 319.

<sup>72</sup> Ferguson (2019, p. 191) ilustra esse fato comentando que “o relacionamento do cristão com a lei é semelhante ao relacionamento de alguém que se torna parente dos parentes do marido! Não temos mais um relacionamento direto com a lei nem com a lei isolada como mero conjunto de mandamentos. O relacionamento depende de nosso relacionamento anterior com Cristo e é fruto dele”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do que foi exposto nessa pesquisa, obtêm-se algumas conclusões. Primeiramente que, na teologia de Paulo, pode ser encontrado o tema da liberdade da lei em seus aspectos histórico-salvífico e étnico-cultural. Em segundo lugar, que, para uma compreensão da lei mosaica, a Confissão de Fé de Westminster divide seus mandamentos em Civis, Cerimoniais e Morais, sendo que os dois primeiros foram abolidos e o último aspecto permanece. Após isso, foi visto que o antinomismo, que nega o arrependimento e a mudança ética no cristão, é uma visão distorcida da lei e da graça. Também foi visto que, no texto de Romanos 6.14, Paulo afirma que o cristão não está mais debaixo do poder condenatório da lei, mas sim do poder salvífico de Deus. E, por fim, pôde-se notar que na teologia de Paulo também aparece o tema da permanência da lei para a vida do cristão, sendo que esse relacionamento deve ser filtrado e pautado pelo relacionamento do cristão com o próprio Cristo.

A observância aos padrões morais da lei não é contrária à teologia da salvação pela fé, pelo contrário, a lei se torna o formato moral da salvação.<sup>73</sup> A lei como caminho de justiça e como código cerimonial chegou a seu fim em Cristo, todavia, a lei como a expressão da vontade de Deus permanece, ela *passa pelo filtro* que é Cristo, “e o homem habitado pelo Espírito Santo e, portanto, fortalecido pelo amor, está capacitado a cumprir a Lei como aqueles que estiveram sujeitos à Lei nunca foram capazes de fazer”.<sup>74</sup>

Assim, a conclusão da pesquisa é que, quando Paulo fala da liberdade da lei, essa liberdade não envolve as exortações e mandamentos, ou seja: a liberdade da lei não envolve a liberdade dos padrões morais e da retidão de caráter do cristão; e a observância ao aspecto moral da lei não asfixia nem retira a liberdade no Espírito: não incorre no erro do legalismo.<sup>75</sup> O cristão, agora livre da condenação da lei e com sua consciência redimida, tendo a lei do amor gravada em seu coração, pode, pelo poder do Espírito Santo, observar a lei em seu aspecto moral, relacionando-se com ela a partir de seu relacionamento com o próprio Cristo.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **A Graça (I)**. São Paulo: Paulus, 1998. (Patrística; 12).

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1997. (Patrística; 10).

ARMSTRONG, Hayward. **Bases da educação cristã**. Rio de Janeiro: JUERP, 1992.

BEALE, G. K. **Teologia bíblica do Novo Testamento: a continuidade teológica do Antigo Testamento no Novo**. São Paulo: Vida Nova, 2018.

BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. 4.ed. Revisada. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

<sup>73</sup> FERGUSON, 2019, p. 143. Schreiner (2015, p. 301), nesse sentido, comenta que “guardar a lei pelo poder do Espírito não é legalismo, tampouco sufoca a liberdade. Pelo contrário, é a expressão mais elevada de liberdade (2Co 3.17)”. Novamente pontua-se que não é o foco tratar de legalismo nesse trabalho, muito menos defendê-lo.

<sup>74</sup> LADD, 2003, p. 686.

<sup>75</sup> SCHREINER, 2015, p. 301.

BETTENSON, Henry. **Documentos da igreja cristã**. São Paulo: ASTE, 2007.

BIENERT, Davi. A descontinuidade e a continuidade da lei mosaica na vida do cristão: uma perspectiva Paulina. **Vox Scripturae**: Revista Teológica Internacional, São Paulo, v.7, n.2, p.29-50, Dez. 1997.

BLOMBERG, Craig L. **Introdução de Atos a Apocalipse**: uma pesquisa abrangente de Pentecostes a Patmos. São Paulo: Vida Nova, 2019.

BROWN, Colin; COENEN, Lothar (Orgs.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

BRUCE, F. F. **Paulo**: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia. São Paulo: Shedd, 2003.

CALVINO, João. **As Institutas**. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. Vol. 2.

CALVINO, João. **As Institutas**. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. Vol. 3.

CALVINO, João. **Romanos**. São José dos Campos: Fiel, 2014.

CAMPOS JÚNIOR, H. C. Lutero e os Antinomistas: qual é a visão evangélica da lei? **Fides Reformata**: São Paulo, v. 22, n. 2, p. 43-65, 2017.

CAMPOS JÚNIOR, H. C. O lugar da fé e da obediência na Justificação: um apanhado histórico das discussões reformadas do século XVII. **Fides Reformata**: São Paulo, v. 13, n. 1, p. 53-69, 2008.

CARSON, D. A.; et al. **Comentário bíblico**: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009.

CRANFIELD, C. E. B. **Comentário de Romanos Versículo por Versículo**. São Paulo: Vida Nova, 2005.

ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

FERGUSON, Sinclair B. **Somente Cristo**: legalismo, antinomianismo e a certeza do evangelho. São Paulo: Vida Nova, 2019.

GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo: Vida, 2005.

HODGE, Archibald Alexander. **Confissão de fé Westminster**: comentada por A. A. Hodge. 2.ed. São Paulo: Os Puritanos, 1999.

KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003.

LOPES, Hernandes Dias. **Paulo, o maior líder do cristianismo**. São Paulo: Hagnos, 2009.

LOPES, Hernandes Dias. **Romanos**: o evangelho segundo Paulo. São Paulo: Hagnos, 2010.



LUTERO, Martinho. **Da liberdade do cristão (1520)**: prefácios à Bíblia. São Paulo: UNESP, 1998.

LUTERO, Martinho. **Debates e controvérsias, II**. São Leopoldo: Comissão Interluterana de Literatura, 1993. (Obras Seleccionadas; 4).

MEISTER, Mauro. **Lei e graça**. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.

MORRIS, Leon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2003.

MURRAY, John. **Romanos**. São José dos Campos: Fiel, 2003.

POHL, Adolf. **Carta aos Romanos**. Curitiba: Esperança, 1999.

RIDDERBOS, Herman. **A teologia do apóstolo Paulo**: a obra clássica sobre o pensamento do apóstolo dos gentios. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

SCHREINER, Thomas R. **Teologia de Paulo**: o apóstolo da glória de Deus em Cristo. São Paulo: Vida Nova, 2015.

SHEDD, Russel P. **Lei, graça e santificação**. São Paulo: Vida Nova, 2016.

STOTT, John, R. W. **A mensagem de Romanos**. São Paulo: ABU, 2007.

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## A PRÁTICA DA ADMINISTRAÇÃO DO TEMPO NO MINISTÉRIO PASTORAL: ENTRE AÇÕES E POSSIBILIDADES

The practice of time management in the pastoral ministry: between actions  
and possibilities

Antonio Hugo Lima Lopes<sup>1</sup>

### RESUMO

O objetivo geral desta pesquisa é analisar a importância da administração do tempo no ministério pastoral, tendo como objetivos específicos argumentar sobre a responsabilidade do tempo; demonstrar que as muitas atividades no ministério pastoral podem ser impeditivas ao bom uso do tempo; e apontar quais as reais prioridades que precisam ser priorizadas na vida de um pastor. A pesquisa trabalha com o seguinte problema: Por que é tão importante enfatizar sobre a administração do tempo no ministério pastoral? Aponta-se como justificativas, para este trabalho que o tempo é muito valioso para todas as pessoas. Atualmente, com o desenvolvimento da tecnologia, aumenta-se também as variadas formas de entretenimento que podem conduzir muitos pastores à perda de tempo. A motivação para esta pesquisa está na realidade do próprio autor compreender o quão difícil é remir o tempo quando se está no ministério, a serviço da igreja. O propósito desta reflexão é auxiliar os amigos de ministério, ou os que ainda o almejam, a entender que é necessária uma vida de disciplina no que diz respeito ao tempo. A metodologia desta pesquisa elege como procedimento técnico a pesquisa bibliográfica. Tal investigação ocorrerá em livros no âmbito da teologia pastoral. A análise dos dados escolhido para este trabalho teve como ponto de partida as comparações por intermédio de literatura similar sobre o assunto. Alista-se como aporte teórico, autores contemporâneos, como: Anyabwile (2015); DeYoung (2014); Goertzen (2014); Piper (2009), como também autores clássicos que tiveram suas obras reeditadas, como: Bonar (2007); Baxter (2013) e Jones (2013), entre outros mais. Por fim, conclui-se que o tempo

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia, Pós-graduado em Teologia Bíblica, ambos pela Faculdade Batista do Cariri e mestrando em Ministério pela Piedmont International University. O autor serve como missionário em uma igreja Batista na cidade de Pomerode, Santa Catarina: [jesustocoume@yahoo.com.br](mailto:jesustocoume@yahoo.com.br).

não precisa ser o alvo das frustrações de um pastor. O ministério pastoral pode ser cumprido de forma honrosa e prazerosa, desde que se considere a responsabilidade da administração do tempo.

**Palavras-chaves:** Tempo. Pastor. Administração. Ministério. Prioridades.

## ABSTRACT

The purpose of this research is to analyze the importance of time management in pastoral ministry. Specific goals are arguing about the responsibility concerning time, demonstrating that the multiple activities in pastoral ministry can impede good use of time, and to point out what are the real priorities that need to be prioritized in the life of a pastor. The research addresses the following problem: why is it so important to emphasize time management in pastoral ministry? It is pointed out as justifications for this work that time is precious for all people. Nowadays, with the development of technology, the variety of entertainment that can lead many pastors to waste time is also increasing. The motivation for this research is the reality of the author himself, to understand how difficult it is to redeem the time when one is in the ministry serving the church. The purpose of this reflection is to help friends of ministry or others who still desire to discover early that a life of discipline is necessary concerning time. The methodology of this research is bibliographic research. Such research will take place in books within the scope of pastoral theology. The analysis of the data chosen for this work was based on comparisons through the literature on the subject. Contemporary authors, such as Anyabwile (2015), are listed as theoretical contributions used to construct the object. DeYoung (2014); Goertzen (2014); Piper (2009), as for classic authors who had their works reissued, such as Bonar (2007); Baxter (2013) and Jones (2013), among others. Finally, the conclusion is that time has not to be the target of a pastor's frustrations. Pastoral ministry can be fulfilled in an honorable and pleasurable way, as long as the responsibility of time management is considered.

**Keywords:** Time. Pastor. Management. Ministry. Priorities.

## INTRODUÇÃO

O objetivo geral dessa pesquisa é analisar a importância da administração do tempo no ministério pastoral. Como objetivos específicos para esta análise estão em primeiro lugar argumentar sobre a responsabilidade do tempo. Em segundo, demonstrar que as muitas atividades no ministério pastoral podem ser impeditivas ao bom uso do tempo e em terceiro, apontar quais as reais prioridades que devem ser priorizadas na vida de um pastor. Portanto, o problema que esta pesquisa levanta é o seguinte: Por que é tão importante enfatizar sobre a administração do tempo no ministério pastoral?

Pode-se apontar como justificativas para este trabalho que o tempo é muito valioso para todas as pessoas. Atualmente, com o desenvolvimento da tecnologia, aumenta-se também as variadas formas de entretenimento que podem conduzir muitos pastores à perda de tempo, como por exemplo, pode-se mencionar: redes sociais, Netflix, televisão, entre outros. Por isso, torna-se válido discutir sobre esse assunto. A motivação para esta pesquisa está na realidade do próprio autor conhecer bem o quão difícil é remir o tempo quando se está no ministério, a serviço da igreja. O propósito desta reflexão é auxiliar os amigos de ministério, ou os que ainda o almejam, a entender que é necessária uma vida de disciplina no que diz respeito ao tempo.

A metodologia desta pesquisa elege como procedimento técnico a pesquisa bibliográfica, sendo esta uma pesquisa que se dá em materiais já publicados, principalmente em livros, revistas, publicações em periódicos, artigos científicos, entre outros.<sup>2</sup> Esta investigação ocorrerá em livros no âmbito da teologia pastoral. A análise dos dados escolhido para este trabalho será a de comparações por intermédio de literatura similar acerca do assunto.

De início, confere-se que o tempo é implacável sobre tudo. O ser humano que aprendeu a mensurá-lo, precisa aprender a conviver com ele. Não é difícil encontrar pessoas reclamando pelo pouco tempo que dispõem para as suas obrigações, mas será que o problema está realmente no tempo? Ou será que está na forma como se utiliza este tempo, ou melhor dizendo, na forma como não se utiliza este tempo?

No ministério pastoral não é diferente, observa-se dificuldades na administração do tempo. Quando não há disciplina e planejamento por parte do pastor, não faltará compromissos não realizados, atividades adiadas e pessoas frustradas. Por esse motivo, esta pesquisa intenciona apresentar três formas para que este problema seja suficientemente amenizado: Em primeiro lugar, compreendendo a responsabilidade com o tempo. Em segundo, mapeando as atividades a serem feitas; e em terceiro, identificando quais delas são prioridades em relação às outras.

Vale salientar que esta pesquisa não tem o objetivo de exaurir o assunto sobre a temática, mas oferecer uma discussão sob a ótica da administração do tempo. Acredita-se que essa pesquisa possa ser ampliada, ou ainda, redimensionada por outras pesquisas sobre novos prismas e possibilidades.

## 1. A RESPONSABILIDADE COM O TEMPO

Antes de tudo, faz-se necessário explicar o que se quer dizer por “administrar” nesta pesquisa. Esse termo pode ter muitos significados, todavia, o sentido nesta pesquisa é o de “manter (situação, e outros) sob controle”.<sup>3</sup> No caso desta pesquisa, argumentar-se-á sobre manter o tempo sob controle.

Nota-se no livro *Disciplinas espirituais*, que o autor Whitney apresenta a responsabilidade que o cristão deve ter para com o seu tempo.<sup>4</sup> Ele se baseia em um sermão de Jonathan Edwards e informa dez razões para o cristão considerar a administração de seu tempo essas razões são discutidas por este artigo, em virtude de apresentarem uma estreita conexão com o objeto investigado.

A primeira razão declara que é necessário disciplinar a forma como se faz uso do tempo, pois os dias são maus. A segunda razão é que ele deve ser utilizado em preparação para a

<sup>2</sup> FREITAS, Ernani Cesar de; PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do Trabalho científico [recurso eletrônico]:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2.ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013, p. 54.

<sup>3</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio:** o dicionário da língua portuguesa. 8.ed. rev. atual. Curitiba: Positivo, 2010, p. 18.

<sup>4</sup> WHITNEY, Donald S. **Disciplinas Espirituais.** São Paulo: Batista Regular, 2014.

eternidade. O autor argumenta que só se vive uma única vez, logo, só há uma oportunidade para se preparar para o encontro com Deus.<sup>5</sup> Informa-se que Edwards recusou viver uma vida desorganizada, pois ele tinha o objetivo de conhecer e servir a Deus. Visando esse propósito, Edwards submeteu a sua vida a uma rigorosa disciplina.<sup>6</sup>

Acrescenta-se que ele colocou todas as áreas de sua vida debaixo da disciplina, isso envolvia o ato de comer, beber, dormir, exercitar-se, meditar nas Escrituras, ler livros teológicos, entre outras coisas. Tudo isso fez visando unicamente a glória de Deus em sua vida.<sup>7</sup> A administração do tempo para Edwards não era um fim em si mesmo, mas tinha como alvo principal a eternidade. Ele viveu na terra, mas com os seus olhos fitos no porvir.

A terceira razão indica que o tempo é curto. Por maior que seja o tempo de uma pessoa sobre a terra, ele será ainda muito curto se comparado com a eternidade, eis a razão dele ser tão precioso. Logo, é importante utilizá-lo de modo sábio. A quarta razão está relacionada com a anterior, pois além do tempo ser curto, ele está em constante andamento, ou seja, diminuindo ainda mais. Ele não para, nem espera por ninguém. Se não houver uma utilização dele em atividades significativas, não há garantia de que restará oportunidades para essas realizações posteriormente.<sup>8</sup>

Horatius Bonar acrescenta que não há zelo na administração do tempo entre muitos ministros a quem ele se refere em sua obra *Um recado para ganhadores de Almas*.<sup>9</sup> Em virtude disso, muitas horas e dias inteiros findam por serem gastos de maneiras tolas, envoltos na preguiça e prazeres, quando poderiam ser melhor aproveitados no estudo da Palavra, em preparação de sermões ou até mesmo em encontros relevantes. É dito ainda que o pastor sofre um grande risco de perder muito de seu tempo em suas manhãs semanais, sem fazer ações realmente significativas.<sup>10</sup>

A quinta razão é a de que o tempo é incerto. Não é possível ter certeza sobre nada que venha a ocorrer no dia seguinte. Com base nesta compreensão é fundamental que se busque fazer o que deve ser feito hoje, já que o amanhã é incerto. Já a sexta razão informa que o tempo perdido não pode ser recuperado. Não há como retornar ao passado para cumprir o que não foi realizado.<sup>11</sup>

Acerca disso, declara-se que Edwards compreendia que o tempo perdido possuía um caráter singular quando comparado com outras perdas. O dinheiro poderia ser perdido, mas havia a possibilidade de reavê-lo. A saúde poderia ser perdida por um tempo, mas haveria, igualmente, a possibilidade de adquiri-la novamente. Todavia, tratando-se do tempo perdido, não existe a possibilidade de adquiri-lo uma vez mais.<sup>12</sup>

<sup>5</sup> WHITNEY, 2014, p. 164-166.

<sup>6</sup> LAWSON, Steven J. **As firmes resoluções de Jonathan Edwards**: um perfil de homens piedosos. São Paulo: Fiel, 2014, p. 104.

<sup>7</sup> LAWSON, 2014, p. 117.

<sup>8</sup> WHITNEY, 2014, p. 167-168.

<sup>9</sup> BONAR, Horatius A. **Um recado para ganhadores de almas**. 2.ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 45. Título original: *Words to Winners of Souls*.

<sup>10</sup> LLOYD-JONES, D. Martyn. **Pregação e Pregadores**. 2.ed. São Paulo: Fiel, 2013, p. 156.

<sup>11</sup> WHITNEY, 2014, p. 168-169.

<sup>12</sup> LAWSON, 2014, p. 93.

A sétima razão afirma que um dia todos os cristãos prestarão contas diante de Deus pelo tempo que tiveram. Os desperdícios das horas e a negligência delas serão motivos para os cristãos serem inquiridos por Deus.<sup>13</sup> Essa responsabilidade para com o tempo é enfatizada também por Zack Eswine, que divide o dia de 24 horas em quatro períodos, a saber: manhã, meio-dia, entardecer e noite. Em seguida, afirma que se trata de quatro períodos bem grandes para se dar atenção e, ao mesmo tempo, bem pequenos para se buscar administrá-los.<sup>14</sup> Certamente, Deus não deu ao homem um dia com muito tempo para esbanjá-lo, nem com pouco, para se sentir falta dele. Deus sendo perfeito deu ao homem um tempo equilibrado e preciso para que ele viesse a administrá-lo com sabedoria.

A oitava razão é devido a facilidade de se perder tempo. Ele pode ser desperdiçado de uma forma muito fácil. Isso não exige esforço, basta que não se faça nada e já se estará perdendo-o.<sup>15</sup> Um diagnóstico atual revela que muitos pastores se encontram derrotados pelo impulso de estarem conectados à internet, sendo esse um problema mais comum dos tempos modernos.<sup>16</sup> Os homens viveram por séculos sem o uso da internet, todavia, verifica-se que tem sido um grande fardo tão somente passar alguns dias sem estar no mundo virtual. Isso tem reduzido ainda mais o tempo que poderia ser investido em prioridades, como vida com Deus ou família, por exemplo.

A nona razão é a de que o homem descobre o real valor do tempo quando está nos momentos finais de sua vida. Este é o instante quando ele desejaria ter vivido de uma outra forma e percebe que já não é possível crescer tempo algum ao final de sua vida.<sup>17</sup> Manter em mente o final da vida possibilitou a Edwards priorizar o que era mais importante em sua vida. Suas ações não se restringiam unicamente na escolha entre o bom e o mau, mas, ainda, entre o bom, o melhor e o melhor de tudo. Viver a vida como se estivesse no final dela permitiu que ele optasse pelo melhor possível, visando sempre a glória de Deus.<sup>18</sup> Whitney declara que há grande sabedoria na forma como Edwards resolveu viver: “Resolvido, que vou viver assim, da mesma forma como hei de desejar que tivesse feito quando vier a morrer”.<sup>19</sup>

A décima e última razão é o valor do tempo na eternidade. O modo como o cristão usa o tempo hoje na terra terá uma grande consequência no amanhã, quando se estiver na eternidade. O tempo como se vive aqui pode redundar em glórias a Deus e no crescimento de seu reino.<sup>20</sup> Certa vez, um professor do seminário deste autor mencionou que os homens que mais impactaram este mundo foram aqueles que viveram com os olhos na eternidade.<sup>21</sup>

<sup>13</sup> WHITNEY, 2014, p. 170-171.

<sup>14</sup> ESWINE, Zack. **O pastor imperfeito**: descobrindo a alegria em nossas limitações através do aprendizado diário com Jesus. São José do Campos: Fiel, 2016, p. 233.

<sup>15</sup> WHITNEY, 2014, p. 171-172.

<sup>16</sup> DEYOUNG, Kevin. **Super ocupado**: um livro (misericordiosamente) pequeno sobre um problema (realmente) grande. São José dos Campos: Fiel, 2014, p. 96.

<sup>17</sup> WHITNEY, 2014, p. 173-174.

<sup>18</sup> LAWSON, 2014, p. 96.

<sup>19</sup> EDWARDS apud WHITNEY, 2014, p. 174.

<sup>20</sup> WHITNEY, 2014, p. 174-175.

<sup>21</sup> Declaração feita pelo professor Daniel Soares Simões, na disciplina de História da Igreja.

Essas dez razões mencionadas transmitem a grande responsabilidade de um cristão para com o seu tempo. Um pastor, antes de tudo, é um cristão e isso também se aplica a ele e, como será explicitado, ele precisará ter uma plena consciência da responsabilidade com o seu tempo, porque o ministério pastoral possui muitas atividades.

## 2. AS ATIVIDADES NO MINISTÉRIO PASTORAL

É certo que um pastor tem muitas obrigações e que é de grande importância que ele seja um hábil administrador do tempo, mantendo uma autodisciplina bem exercitada. Afinal, um pastor tem que dividir o seu tempo entre a família, a igreja e um tempo para ele mesmo. Essa questão é apresentada por Goertzen, no livro *A pregação expositiva e o pastor*, observa-se que o seu trabalho pode ser dividido em duas questões básicas: o cuidado das pessoas e a supervisão das pessoas. Sobre essa questão do tempo, ele informa:

Na área do cuidado das pessoas, um pastor deve aprender a discernir como gastar sabiamente seu tempo. Conhecer o seu povo o ajudará a determinar a profundidade e a relevância das necessidades que surgem e como então designar tempo. Poderíamos todos ter ajuda para encontrar meios para se interessar profundamente pelas pessoas, para comunicar esse cuidado, e economizar tempo.<sup>22</sup>

Como foi observado, conhecer as suas ovelhas é o caminho para descobrir as suas necessidades e, conseqüentemente, o tempo devido para tratá-las. Por isso, que é tão importante discutir sobre algumas das atividades que, de modo geral, um pastor deverá executar, sendo que todas elas reivindicarão tempo.

A primeira atividade é a visitação. Um pastor deverá visitar os irmãos sempre que for necessário e por diferentes motivos. É claro que é correto que ele delegue irmãos com este dom do Espírito para que possam fazer algumas destas visitas. Contudo, haverá aquelas em que a sua presença será imprescindível, como por exemplo, quando os irmãos estiverem demasiadamente enfermos. Goertzen cita o exemplo de um pastor com o qual pode trabalhar que agia de forma muito sábia em suas visitas, mostrando o cuidado necessário, mas simultaneamente, utilizando o tempo de forma bem objetiva, direcionando suas perguntas sobre o estado de cada irmão, não se detendo em nenhum assunto secundário em suas visitas.<sup>23</sup>

Pode-se dizer que um efeito colateral para esse serviço pastoral está na possibilidade de seu tempo se tornar ainda mais escasso. Isso porque muitos membros da igreja exigem regularmente bastante tempo de seu pastor, por julgarem que o seu trabalho seja atendê-los, uma vez que são eles que pagam o seu salário.<sup>24</sup>

A segunda atividade é escrever e-mails e cartas. É muito importante que o pastor separe um tempo durante a semana para encorajar os irmãos ou fazer agradecimentos por meio

---

<sup>22</sup> GOERTZEN, Richard R. **A pregação expositiva e o pastor**: redescobrimo o lugar da pregação expositiva no ministério pastoral. Fortaleza: Syllabus, 2014, p. 26.

<sup>23</sup> GOERTZEN, 2014, p. 27.

<sup>24</sup> PIERRE, Jeremy; REJU, Deepak. **O pastor e o aconselhamento**: um guia básico para o pastoreio de membros em necessidade. São José dos Campos: Fiel, 2015, p. 25-26.

destas formas de correspondência. Ele pode escrever mensagens simples para cinco a dez pessoas, utilizando uma média de trinta minutos. Isso seria uma forma de estar mais próximo de suas ovelhas e elas apreciariam isso. Essa, porém, será mais uma atividade que requererá planejamento de tempo.<sup>25</sup>

É importante enfatizar que quando se falha em planejar, planeja-se falhar. O ministério pastoral tem muitas atividades que quando não organizadas poderão sair do controle e trazer problemas para sua família e comunidade. Muitos males no ministério poderão ser evitados com o binômio: prudência e autodisciplina. Ao homem foi confiado um tempo finito de horas. Cabe a ele administrá-lo para glória de Deus, para o bem de sua família e igreja.<sup>26</sup> Até as mínimas coisas, como enviar e-mails de encorajamento ou respondê-los, quando não realizados sob planejamento poderão criar problemas, à semelhança do efeito dominó, pelo seu poder acumulativo.

Uma terceira atividade é o aconselhamento. Um pastor que prega regularmente mensagens expositivas já estará aconselhando biblicamente, mas haverá ocasiões em que um irmão necessitará de um acompanhamento mais próximo e mais direcionado. Logo, é o pastor que deverá investir tempo em aconselhamento. É bom que ele esteja atento aos irmãos com esta prática de serviço para auxiliá-lo nesta função, já que essa é uma atividade que demanda muito tempo e dependendo da quantidade de membros de uma igreja, é importante que haja outros que saibam desempenhar essa função, semelhantemente.<sup>27</sup>

Sobre isso, Zack Eswine reitera que o pastor pode chegar ao esgotamento, caso não desfrute de auxílio, uma vez que o obreiro sofre de desânimo devido ao peso do ministério.<sup>28</sup> Ajuda é muito importante e, quando se trata de ajuda ministerial, nunca é demais. O pastor deve estar com seus olhos atentos para enxergar ajudadores em potencial, mas também com sua memória ativa para reconhecer os feitos de tais auxiliadores sempre que houver ocasião.

Sabe-se que à medida que a igreja cresce em quantidade de membros, aumenta-se proporcionalmente a necessidade de uma equipe de cooperadores. O pastor deverá supervisionar os ministérios liderados pelos membros dessa equipe, assegurando que todos sigam em unidade de pensamento no desenvolvimento de suas funções.<sup>29</sup>

A quarta atividade corresponde ao ato de pastorear. Esse ato pode ser verificado na hospitalidade oferecida por um pastor, e até se estender ao tempo de discipulado com pessoas que necessitarão de um investimento de tempo em suas vidas. Sobre isso o autor Goertzen declara:

Muitos homens hoje no ministério veem a função que consome tempo de um pastor como um aborrecimento e dor de cabeça, mantendo-os fora do ministério real da Palavra de Deus. O outro lado é verdade, que muitos

---

<sup>25</sup> GOERTZEN, 2014, p. 27.

<sup>26</sup> ALEXANDER, Paul; DEVER, Mark. **Igreja intencional**: edificando seu ministério sobre o evangelho. 2.ed. São José dos Campos: Fiel, 2015, p. 120.

<sup>27</sup> GOERTZEN, 2014, p. 217.

<sup>28</sup> ESWINE, 2016, p. 222.

<sup>29</sup> ALEXANDER; DEVER, 2015, p. 118.



homens tentam preencher cada necessidade de cada pessoa em detrimento do estudo da Palavra de Deus.<sup>30</sup>

É necessário enxergar o ato de pastorear como um serviço amoroso, dirigido às pessoas criadas à imagem e semelhança de Deus (Cf. Gn 1.26). Essas ações não devem representar um fardo todavia, não se pode negar que há muitas atividades que demandam grande tempo de um pastor, e ele pode vir a falhar no que seria a maior ênfase de seu ministério, a saber: a pregação da Palavra.

Sobre o ato de pastorear relacionado com a pregação, pode-se destacar três grandes responsabilidades embutidas nessa função. Primeiro, alimentar, ou seja, instruir por meio da Palavra a sua igreja (Jo 21.15-17; 2 Tm 4.2). Segundo, guiar, significando o ato de iniciar as conversas espirituais, de elaborar estratégias para a disseminação do evangelho, por meio do exemplo (1 Pe 5.1-5), preocupando-se com a unidade entre os que creem, mas sem deixar de ir atrás daqueles que se afastam (Ez 34.4-12,16), entre outras coisas. Terceiro, guardar, referindo-se ao dever de encorajar os seus liderados a perseverarem na sã doutrina e, ao mesmo tempo, persuadir aqueles que a contradizem (Tt 1.9).<sup>31</sup>

Como foi visto, um ministério pastoral exige muitas áreas de atuação e o pastor precisará adequar-se a todas elas dentro do tempo que dispõe. Para tanto, será importante a disciplina para que se consiga dar conta de tudo, quando se busca executar um ministério de excelência, o que demanda compreender sobre quais são as suas prioridades.

### 3. AS PRIORIDADES NO MINISTÉRIO PASTORAL

Um pastor terá que aprender a conciliar o seu tempo com as variadas atividades de seu ministério a fim de que venha a cumprir o seu chamado com fidelidade, pois, assim como qualquer outro trabalho, o ministério pastoral também possui rotina, testes e necessidades de aperfeiçoamento.<sup>32</sup> Ele desempenhará o papel de líder da igreja; deverá ser um estudioso da Palavra; precisará preparar mensagens bíblicas para instruir sua igreja no conhecimento sobre Deus e a sua Palavra e será sua função pastorear os seus liderados, atentando para as necessidades individuais de cada um deles.<sup>33</sup>

Além disso, é importante lembrar que um pastor também é um discípulo do Senhor Jesus, logo, ele deverá ter tempo para a sua vida pessoal com Deus. Normalmente, um pastor será um esposo que precisará dar atenção às necessidades de sua esposa, e provavelmente, ele será um pai, então, necessitará investir tempo no cuidado de filhos. Para ter tempo para todas essas atividades é fundamental que o pastor entenda a importância de se ter bem definido a ordem de prioridades dentro do chamado de Deus para a sua vida.<sup>34</sup>

O pastor possui prioridades perante Deus que quando seguidas deverão auxiliá-lo na administração de seu tempo. Em primeiro lugar, um pastor precisa ser um cristão. Ele deverá

<sup>30</sup> GOERTZEN, 2014, p. 28.

<sup>31</sup> ALENXANDER; DEVER, 2015, p. 120-122.

<sup>32</sup> ANYABWILE, Thabiti. **Encontrando presbíteros e diáconos fiéis**. São José dos Campos: Fiel, 2015, p. 203.

<sup>33</sup> ASCOL, Tom. **Amado Timóteo**. São Paulo: Fiel, 2005, p. 23.

<sup>34</sup> ASCOL, 2005, p. 24.

manter como a sua maior prioridade a leitura, meditação e memorização das Escrituras, juntamente com a sua vida de oração. Essas disciplinas espirituais devem vir em primeiro lugar em sua lista de atividades diárias.<sup>35</sup>

Uma analogia prática para isso é verificada em uma viagem de avião, por exemplo. Nessa ocasião, informa-se que em caso de despressurização, as máscaras de oxigênio cairão de seus compartimentos e cada indivíduo deverá preocupar-se em primeira instância consigo mesmo para só em seguida ajudar ao seu próximo a colocar a sua máscara. Com a vida espiritual não é diferente, um pastor terá maiores chances de servir uma outra pessoa no âmbito espiritual se o mesmo estiver em dia com a sua vida espiritual. Do contrário, se não houver esse cuidado, o seu papel como líder espiritual estará comprometido.

Portanto, o pastor deve vigiar para não desfazer por meio de suas próprias ações aquilo que ele edificou por meio de sua língua. Ele deverá cuidar para não se tornar o seu principal obstáculo dentro de seu ministério.<sup>36</sup> Essa ação é necessária, pois o pastor possui maiores tentações e está mais exposto a elas do que qualquer outro homem. Ele é o alvo principal de Satanás que busca atingi-lo como forma de dispersar o rebanho.<sup>37</sup> Todo pastor deve compreender que o seu preparo espiritual é mais importante do que o próprio preparo do sermão em si.<sup>38</sup>

Em segundo lugar, a esposa tem uma enorme prioridade na vida e no ministério do pastor. Ela é simplesmente mais importante que todos os ministérios na igreja. Ela representa o relacionamento pessoal mais importante que um pastor pode ter depois de Jesus Cristo.<sup>39</sup> Quando o pastor ama e cuida de sua esposa, ele traz benefícios diversos sobre a igreja, sobre sua família e sobre o ofício pastoral. Sobre a igreja, porque ele a preserva dos escândalos matrimoniais, e ilustra em seu relacionamento o amor que Cristo tem para com sua própria igreja. Sobre seus filhos, porque os filhos serão criados em um ambiente seguro e confiante. Por fim, sobre o ofício pastoral, uma vez que sustenta a honra do episcopado.<sup>40</sup> Havendo tantos benefícios assim, o pastor deverá assegurar que essa prioridade seja cumprida.

Em terceiro lugar, na lista das prioridades de um pastor deve constar a paternidade, pois assim como a esposa, os filhos necessitam de tempo investido em suas vidas por seu pai. Antes do ministro ser reconhecido como pastor por seus filhos, ele já havia sido reconhecido por eles como pai. É importante que a igreja compreenda isso e não queira competir com a atenção destinada aos filhos. O pastor deverá estar preparado também para ocasiões em que ele necessitará cancelar planos com os seus filhos para cumprir urgências ministeriais. Contudo, deverá compensá-los com sabedoria por estes imprevistos e na medida do amadurecimento deles precisará explicar as razões para esses compromissos quebrados.<sup>41</sup>

<sup>35</sup> ASCOL, 2005, p. 24-25.

<sup>36</sup> BAXTER, Richard. **O pastor aprovado**: modelo de ministério e crescimento pessoal. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2013, p. 65.

<sup>37</sup> BAXTER, 2013, p. 69-70.

<sup>38</sup> LLOYD-JONES, 2013, p. 156.

<sup>39</sup> ASCOL, 2005, p. 26-28.

<sup>40</sup> PIPER, John. **Irmãos, nós não somos profissionais**: um apelo aos pastores para ter um ministério radical. São Paulo: Shedd, 2009, p. 259.

<sup>41</sup> ASCOL, 2005, p. 28-29.

Em quarto lugar, vem o serviço à igreja por intermédio do ministério pastoral. O pastorado corresponde a entrega do ministro ao ministério da Palavra e da oração. Essa será a sua prioridade antes de quaisquer atividades de lazer ou algo que não se enquadre no que está envolvido o ministério pastoral.<sup>42</sup> O pastor precisará assegurar que tenha tempo para se preparar para servir à igreja do Senhor Jesus Cristo. Quando ele se encontrar estudando, deverá ter auxílio de quem puder para não ser interrompido. Até mesmo os assuntos da igreja deverão ser evitados em tais momentos de preparo para o seu serviço no púlpito.<sup>43</sup>

Piper apela para que os pastores invistam em leituras enriquecedoras, visando não somente o seu próprio bem, mas ainda o de suas igrejas. Ele informa que há muitos benefícios para alma, coração e mente nas grandes obras. Piper indica que as obras mais importantes do século poderão ser lidas a partir de uma disciplina de vinte minutos ao dia.<sup>44</sup> Contudo, vale destacar a consideração para essa ação proferida por Martyn Lloyd-Jones, ao ressaltar que o propósito de tais leituras é estimular o leitor a pensar e criar a possibilidade para que ele aprenda a pensar por si só.<sup>45</sup>

É fundamental também que o pastor leia sua Bíblia por completo anualmente, fugindo da leitura ao acaso ou daquelas dirigidas pelos textos favoritos.<sup>46</sup> A leitura sistemática de toda a Bíblia é uma ação indispensável para todo expositor regular das Sagradas Escrituras.

A quinta prioridade consiste em auxiliar outros pastores, sendo uma bênção para seus ministérios e, assim, somando frutos para o reino de Deus. Deus capacita cada pastor com habilidades que podem ser de grande utilidade para os outros. Contudo, em nível de prioridade, esta última aqui mencionada fica em um nível inferior quando comparada com as quatro anteriores.<sup>47</sup> Essas prioridades representam o caminho que quando seguido evitará muita dor de cabeça no ministério pastoral.

Além disso tudo que foi apontado, há também uma sexta prioridade a ser ponderada: o descanso. Faz-se necessário salientar que um pastor deve ter seus momentos de descanso, nas quais ele poderá desfrutar de um período de recreação, do contrário, seu ministério poderá sucumbir, levando o pastor a perder não somente a batalha, mas também a guerra, caso essa necessidade legítima não seja satisfeita em sua vida. Essa precaução evita tornar o seu ministério extenuante.<sup>48</sup>

É válido acrescentar que o descanso não precisa necessariamente seguir uma fórmula rígida, é possível que um só dia de descanso não ofereça a restauração suficiente. O essencial é compreender que o descanso é uma atividade estratégica quando se busca continuar com vigor. Negligenciar essa pausa ocasionará em folgas não planejadas, a fim de que se possa lidar com problemas de saúde proporcionados por uma agenda desgastante.<sup>49</sup>

---

<sup>42</sup> ASCOL, 2005, p. 30.

<sup>43</sup> LLOYD-JONES, 2013, p. 157.

<sup>44</sup> PIPER, 2009, p. 82,84,86.

<sup>45</sup> LLOYD-JONES, 2013, p. 169.

<sup>46</sup> LLOYD-JONES, 2013, p. 161.

<sup>47</sup> ASCOL, 2005, p. 30-31.

<sup>48</sup> ANYABWILE, 2015, p. 215.

<sup>49</sup> ESWINE, 2016, p. 237-238.

O descanso é fundamental porque Deus criou o ser humano, necessitando de tempos regulares de repouso. É certo que a Bíblia argumenta sobre o trabalho diligente (Pv 6.6-11; Mt 25.14-30; 1 Ts 2.9; 4.11-12; 2 Ts 3.10). Todavia, o mesmo texto sagrado defende o período de repouso (Êx 20.8-11; Dt 5.12-15; Sl 127.2). Nota-se que ambos (trabalho e descanso) possuem o seu lugar, muito embora se reconheça que a dificuldade por partes de muitos é colocá-los em seus devidos lugares.<sup>50</sup> O pastor deverá cuidar, por exemplo, de seu sono, pois uma noite reparadora pode trazer excelentes benefícios sobre sua vida, influenciando, inclusive, os relacionamentos que mantém com sua família, igreja e comunidade. Ele precisará de planejamento para conseguir controlar o seu ritmo de trabalho e descanso. Cedo perceberá que até mesmo planejar o seu descanso demandará um esforço de sua parte.<sup>51</sup>

Em suma, o ministério pastoral tem prioridades legítimas, mas há uma ordem nessas prioridades que deverão ser respeitadas para o bem de si mesmo, de sua família e comunidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que foi observado nesta pesquisa, pode-se concluir que o tempo não precisa ser o alvo das mais profundas frustrações das pessoas, quanto menos de um pastor. Se houver disciplina e planejamento em tudo que se tenciona fazer sempre haverá tempo. Como disse Salomão em Eclesiastes 3.1: “[...] há tempo para todo o propósito debaixo do céu”. Um pastor sentirá o peso do tempo sobre seu ministério, caso venha a se afastar dos princípios mencionados, como disciplina, planejamento, entre outros.

Sabe-se que não é nada agradável ouvir falar a respeito de um ministro de Cristo que está constantemente faltando com as suas responsabilidades e lançando a sua culpa sobre o tempo. Não se espera jamais encontrar sobre a lápide de um pastor: “Fiz o que pude, só não tive tempo”.

Pode-se ter a certeza de que o ser humano tem, entre outras obrigações atribuídas, o dever de administrar o seu tempo. O ministério pastoral pode ser cumprido de forma prazerosa e honrosa, mas é preciso considerar a responsabilidade dessa administração. É válido esclarecer que cada ser humano não foi feito para o tempo e, sim, o tempo para o ser humano, o que inclui a ação e o trabalho do pastor.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Paul; DEVER, Mark. **Igreja intencional**: edificando seu ministério sobre o evangelho. 2.ed. São José dos Campos: Fiel, 2015.

ANYABWILE, Thabiti. **Encontrando presbíteros e diáconos fiéis**. São José dos Campos: Fiel, 2015.

ASCOL, Tom. **Amado Timóteo**. São Paulo: Fiel, 2005.

---

<sup>50</sup> DEYOUNG, 2014, p. 108-109.

<sup>51</sup> DEYOUNG, 2014, p. 116-117.

BAXTER, Richard. **O pastor aprovado**: modelo de ministério e crescimento pessoal. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2013.

**BÍBLIA SAGRADA**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BONAR, Horatius A. **Um recado para ganhadores de almas**. 2.ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2007.

DEYOUNG, Kevin. **Super ocupado**: um livro (misericordiosamente) pequeno sobre um problema (realmente) grande. São José dos Campos: Fiel, 2014.

ESWINE, Zack. **O pastor imperfeito**: descobrindo a alegria em nossas limitações através do aprendizado diário com Jesus. São José do Campos: Fiel, 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8.ed. rev. atual. Curitiba: Positivo, 2010.

FREITAS, Ernani Cesar de; PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do Trabalho científico [recurso eletrônico]**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2.ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

GOERTZEN, Richard R. **A pregação expositiva e o pastor**: redescobrimo o lugar da pregação expositiva no ministério pastoral. Fortaleza: Syllabus, 2014.

LAWSON, Steven J. **As firmes resoluções de Jonathan Edwards**: um perfil de homens piedosos. São Paulo: Fiel, 2014.

LLOYD-JONES, D. Martyn. **Pregação e Pregadores**. 2.ed. São Paulo: Fiel, 2013.

PIERRE, Jeremy; REJU, Deepak. **O pastor e o aconselhamento**: um guia básico para o pastoreio de membros em necessidade. São José dos Campos: Fiel, 2015.

PIPER, John. **Irmãos, nós não somos profissionais**: um apelo aos pastores para ter um ministério radical. São Paulo: Shedd, 2009.

WHITNEY, Donald S. **Disciplinas Espirituais**. São Paulo: Batista Regular, 2014.

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## REFORMA PROTESTANTE E O PENSAMENTO FILOSÓFICO MODERNO Protestant Reform and Modern Philosophical Thought

Jeverson Nascimento<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo contempla uma abordagem reflexiva acerca do pensamento moderno, uma análise resumida da vida e das obras de *Rene Descartes* que é considerado, por muitos estudiosos, o pai da filosofia moderna. Seus pensamentos influenciam muitos pesquisadores e estudantes na atualidade. Presentes no texto estão: *o pensamento filosófico moderno* e o discurso do método. Na pesquisa do artigo observou-se que *Rene Descartes* expressou seu desapontamento com o saber de sua época, que as obras de *Rene* formaram uma base sobre a qual os racionalistas desenvolveram seus trabalhos e formularam suas hipóteses. Analisa-se também o afastamento da teologia do prestígio da ciência, o impacto das ideias dos pensadores. Esses pensamentos modernos foram capazes de influenciar até mesmo o mais alto escalão da academia, tal ação levou muitos acadêmicos ao afastamento da Teologia acadêmica e prática em sua época.

**Palavras-chaves:** Reforma Protestante. Discurso do Método. Pensamento Cartesiano.

### ABSTRACT

This article contemplates a reflective approach to modern thought, a brief analysis of the life and works of Rene Descartes, who is considered, by many scholars, the father of modern philosophy. His thoughts influence many researchers and students today; present

<sup>1</sup> Possui Licenciatura e Especialização em Filosofia pelas Faculdades Entre Rios de Piauí (2016), graduação em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Maringá (2014), pós-graduação em Psicopedagogia Clínica pela FACEI (2018). É mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (2017) e doutorando em Teologia pela PUC do Paraná. Atualmente é bolsista da CAPES e pesquisador do Centro de Teologia de Santa Catarina. Tem experiência na área de teologia, com ênfase em práticas ministeriais, atuando principalmente nos seguintes temas: divergências e convergências, Deus, métodos de interpretação bíblica, Bíblia Sagrada e filosofia. E-mail: prjeverson@gmail.com. <http://orcid.org/0000-0003-2738-5222>.

in the text is the modern philosophical thought, the discourse of method. In the article's research, it was observed that Rene Descartes expressed his disappointment with the knowledge of his time, that Rene's works formed a basis on which the rationalists developed their works and formulated their hypotheses. It is also analyzed the departure of theology from the prestige of science, the impact of the ideas of the thinkers, these modern thoughts were able to influence even the highest echelon of the academy, such action led many academics to move away from academic and practical theology in their time.

**Keywords:** Reformation. Speech of the method. Cartesian Thinking.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata de uma análise do pensamento “*filosófico moderno*” resumido na vida e nas obras do autor que é considerado por muitos o pai da filosofia moderna. Neste texto, analisar-se-á o pensamento filosófico moderno, o discurso do método, textos em que Descartes expressou seu desapontamento com o saber de sua época. Em continuação é desenvolvida uma breve apresentação do então conhecido método cartesiano, demonstrando que tal método consiste em um ceticismo metodológico. Observa-se que as obras de Descartes formaram uma base sobre a qual os racionalistas desenvolveram seus trabalhos e formularam suas hipóteses.

Em seguida procura-se entender o afastamento da teologia do prestígio da ciência e como esse afastamento influenciou a teologia de nossos dias. Para chegar-se a tal conclusão é feita uma análise de como o método científico de Descartes e o pensamento filosófico moderno foram capazes de influenciar a academia de tal forma que acabou por levar os acadêmicos ao afastamento da Teologia.

Procura-se ainda demonstrar a importância da teologia como ciência, não eliminando os aspectos da fé, nem os aspectos práticos da teologia. Tais aspectos para alguns autores, são elementos indispensáveis para se fazer teologia. A intenção do trabalho é conduzir o leitor a reflexões sobre o tema, ampliando, assim, o horizonte para o surgimento de novas ideias, o diálogo é sobre um tema de importância histórica. A relevância deste trabalho se dará pela ampliação da pesquisa e pelas comemorações dos mais de 500 anos da Reforma Protestante. Acredita-se ser esse o momento propício para dialogar sobre este tema.

A metodologia utilizada na produção do texto foi a leitura, interpretação de livros, periódicos e artigos. Cada texto foi selecionado cuidadosamente, com o intuito de contribuir com o tema já mencionado. Cada tópico foi produzido com a intenção de cativar o leitor a se aprofundar no assunto, esse aprofundamento poderá ter seu início durante a leitura deste trabalho, e continuar após a leitura dele, pois não se pretende esgotar o assunto.

## 1. O PENSAMENTO FILOSÓFICO MODERNO

*René Descartes*, matemático e filósofo francês, é considerado fundador da filosofia moderna e pai da matemática; um homem brilhante em sua época, porém tinha a saúde frágil, necessitando constantemente de cuidados; a avó do filósofo dedicou muito tempo de sua vida cuidando dele. *Descartes* entrou no colégio Jesuíta de Le Flèche e nesse estabelecimento teve

a formação filosófica e científica, aprendeu a filosofia pelo *método escolástico*. O que mais agradava a *Descartes* era a matemática. Por dar a seus questionamentos respostas exatas. Entrou para a Universidade de Pitiers e se formou em direito. Como não ficou satisfeito com os conhecimentos adquiridos, resolveu entrar para o exército. Fez, então, uma forte amizade com um entusiasta da Física e da Matemática, Isaac Beckman um jovem médico holandês. Após ter se alistado no exército em 1617, *Descartes* descobriu que tinha talento para matemática, de modo que ele passou a maior parte de seus anos militares estudando matemática pura, principalmente geometria analítica. *Descartes* tinha um projeto filosófico cada vez mais ligado na matemática, queria associar as leis numéricas com as leis do mundo, resgatando a antiga doutrina pitagórica. Sua principal teoria afirmava-se na eficácia da razão. Queria refletir sobre a questão da autonomia da ciência e objetividade da razão frente ao Deus todo poderoso.<sup>2</sup>

A chamada Idade da Razão surgiu para redefinir os padrões científicos e filosóficos já existentes. O conhecido método cartesiano consiste no ceticismo metodológico, que nada tem a ver com a atitude cética: duvida-se de cada ideia que não seja clara e distinta. Ao contrário dos gregos antigos e dos escolásticos, que acreditavam que as coisas existem simplesmente porque "precisam" existir *Descartes instituiu* a dúvida: "só se pode dizer que existe aquilo que puder ser provado", sendo o ato de duvidar indubitável. Baseado nisso, o autor buscou provar a existência do próprio eu (que duvida: portanto, é sujeito de algo. *Ego cogito ergo sum*, "eu que penso, logo existo").<sup>3</sup> O filósofo nesta declaração descobriu o homem como um ser racional por natureza com a capacidade de alcançar o conhecimento; destacando que, a existência do homem é definida pelo ato de pensar.

As obras de *Descartes* formaram a base sobre a qual os racionalistas desenvolveram seus trabalhos e formularam suas hipóteses. As principais obras do filósofo são: "*Discurso sobre o Método (1637)*", "*Meditações sobre Filosofia Primeira (1641)*", "*Princípios de Filosofia (1644)*". Na obra "*Homem*" o filósofo tem seu pensamento influenciado por: *Platão, Pitágoras, Aristóteles, Sexto Empírico, Pirro, Agostinho, Aquino, Anselmo, Ockham, Sanches, Suáres, Scotus, Mersenne, Montaigne*. Dessa forma percebe-se que o método racionalista de *Descartes* descrito como "*Método Cartesiano*", contrariava o pensamento teológico da época sobre a existência de Deus, causando um enorme desconforto na igreja católica que era a religião predominante da época.<sup>4</sup>

## 2. O DISCURSO DO MÉTODO

Em o *Discurso do Método*, sua principal obra, *Descartes* expressou seu desapontamento com o saber de sua época. Grande parte daquilo em que ele acreditava se revelara falso. Questionando a influência teológica de sua época, o autor resolveu buscar somente o

<sup>2</sup> STRATHERN, Paul. **Descartes em 90 minutos**. Filósofos em 90 minutos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

<sup>3</sup> DAMÁSIO, António R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>4</sup> DESCARTES, René. "Penso, logo existo" In: **O livro da Filosofia**. Tradução Rosemarie Ziegelmaier. São Paulo: Globo, 2011, p. 116-122.



conhecimento que pudesse encontrar dentro de si mesmo ou na natureza. Empenhou-se em encontrar uma verdade irrefutável que servisse como princípio elementar do conhecimento. Descartes foi considerado o fundador da filosofia moderna por ter incentivado os indivíduos a questionarem todas as crenças tradicionais e por ter proclamado a *inviolável autonomia da mente*, sua habilidade e direito de compreender a verdade. Suas declarações conscientizaram as pessoas de sua capacidade de entender o mundo através de suas próprias faculdades mentais.<sup>5</sup>

Segundo Descartes, a certeza somente poderá ser alcançada pela razão, e para se chegar a uma conclusão sobre qualquer hipótese é necessário a utilização de um método. Para tanto ele desenvolve o seu próprio método científico baseado em quatro regras clássicas<sup>6</sup>, que são:

- Não aceitar jamais como verdadeiro uma coisa que não se reconheça evidentemente como verdadeira, abolindo a precipitação, o preconceito e os juízos subjetivos (EVIDÊNCIA);
- O dividir as dificuldades em tantas partes quantas for possível e necessário para resolvê-las (ANÁLISE);
- O conduzir ordenadamente o pensamento, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer até culminar com os objetos mais complexos, em uma sequência natural de complexidade crescente (SÍNTESE);
- O realizar sempre discriminações e enumerações as mais completas e revisões as mais gerais, de forma a se ter certeza de nada haver sido omitido (ENUMERAÇÃO).

O método de Descartes tem influenciado até os dias de hoje inúmeras pessoas. Desse modo, ele é proclamado pela comunidade científica e é chamado de o pai da ciência moderna, quem sabe, seja ele o responsável pelo afastamento da teologia do prestígio da ciência. Mesmo tendo desenvolvido o método científico, ainda assim considerava a matemática como sendo caminho prático e seguro para se chegar ao conhecimento de diversas hipóteses. Para ele, aplicando o raciocínio matemático aos problemas filosóficos, poder-se-ia alcançar a mesma certeza e clareza evidenciadas na geometria analítica. Tal afirmação foi publicada em seu livro “*Discurso do Método*”, em 1637, e sobre tal conhecimento destaca que:

Penso que é possível usar a palavra “conhecer” para referir-se a certas modalidades de apreensão que não são nem científicas, nem metodológicas, nem lógicas – como algum tipo de percepção intuitiva, por exemplo. Mas eu não chamaria isso de “conhecimento”, mas sim de conhecer.<sup>7</sup>

Para Descartes, a utilização do método geométrico, matemático é importante e pode ser aplicado a tudo. Ele diz que as longas cadeias de raciocínios dos geômetras poderiam ser aplicadas a todas as coisas conhecíveis e que não havia nada de tão distante ou oculto que

<sup>5</sup> BECERRA, Luiza. **René Descartes e o método científico**. Disponível em: <<http://parquedaciencia.blogspot.com.br/2013/03/rene-descartes-e-o-metodo-cientifico.html>>. Acessado em 09-05-2017.

<sup>6</sup> SILVA, Guilherme Diniz. **Sobre a noção de certeza na filosofia cartesiana**. Disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/guilhermesilva.pdf>>. Acesso em 09-05-2019.

<sup>7</sup> PETER, Kreeft; MELATTI, Gabriel. **Sócrates encontra Descartes**. São Paulo: Vide, 2014, p. 73.

não pudesse ser revelado por meio delas.<sup>8</sup> O pensamento do autor na obra *“Discurso do Método”* encadeia-se linearmente, indo de um ponto a outro como das premissas se vai à conclusão, o seu sistema filosófico, tal como o resumido em seu livro, pode ser também dividido em seis etapas: Primeiro, a *“dúvida universal”* como ponto de partida metodológico. Segundo, sua *“primeira certeza”*, ou o ponto arquimédico de sua filosofia, *“Penso, logo existo”*. Terceiro, sua *“antropologia”*, ou a resposta que deste à pergunta *“o que sou”*. Quarto, sua *“epistemologia”*, em especial o seu critério de veracidade: as ideias *“claras e distintas”*. Quinto, sua *“metafísica ou teologia filosófica”*: as provas da existência de Deus. Sexto, sua *“fundamentação filosófica das ciências”*: a prova da realidade do mundo físico.<sup>9</sup>

Para Hedi, o *“Discurso do Método”* foi a obra em que Descartes lançou as bases do pensamento que viria modificar toda a história da filosofia. Alguns anos depois suas ideias foram retomadas nas *“Meditações Metafísica”*. O filósofo estava disposto a encontrar uma base sólida para servir de alicerce a todo conhecimento.<sup>10</sup>

Segundo Stranthern, Descartes morreu de pneumonia em 11 de fevereiro de 1650, em Estocolmo, depois de dez dias doente. Neste período, o autor estava trabalhando como professor a convite da rainha Christina. Acostumado a permanecer na cama até meio-dia, sofreu muito com as demandas da rainha Christina, cujos estudos começavam às 5 da manhã. Como católico num país protestante, ele foi enterrado num cemitério de crianças não batizadas, na Adolf Fredrikskyrkan, em Estocolmo. Em 1667, os restos mortais de Descartes foram repatriados para a França e enterrados na Abadia de Sainte-Geneviève de Paris. Um memorial construído no século XVIII permanece na igreja sueca. No mesmo ano, a Igreja Católica envia os nomes de seus livros para uma lista de livros proibidos. Embora a Convenção, em 1792, tenha projetado a transferência do seu túmulo para o Panthéon, ao lado de outras grandes figuras da França, desde 1819, seu túmulo está na Igreja de Saint-Germain-des-Prés, em Paris. Em homenagem ao filósofo, uma vila no vale do Loire onde ele nasceu foi renomeada *“La Haye-Descartes”*.<sup>11</sup> Uma mente tão brilhante, com métodos que estão influenciando a academia até os dias de hoje, pode-se dizer que *Descartes* morreu prematuramente e que ainda tinha muito a contribuir com seus métodos, os quais são considerados por muitos filósofos atuais como inacabados.

Pode-se dizer que Rene Descartes continua vivo ainda nos dias atuais, sua filosofia, seus métodos nunca morreram. Porém, a filosofia com todos os seus métodos filosóficos atuais poderá ser questionada como ciência, e também cair no descrédito como afirma *Maxwell*: *“não basta à filosofia constatar uma realidade, mas deve ir além, para encontrar a causa ou*

<sup>8</sup> PETER, 2014, p. 73-76.

<sup>9</sup> PETER, 2014, p. 73-76.

<sup>10</sup> STRECKER, Heidi. **Especial para Página 3 Pedagogia & Comunicação**. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/rene-descartes-1-o-metodo-cartesiano-e-a-revolucao-na-historia-dfilosofia.htm?cmpid=copiaecola>>. Acessado em 09-05-217.

<sup>11</sup> STRATHERN, 1997.

as causas através da razão. É justamente essa qualidade peculiar que garante ‘cientificidade’ à filosofia”.<sup>12</sup>

### 3. O AFASTAMENTO DA TEOLOGIA DO PRESTÍGIO DA CIÊNCIA

O dilema entre a razão e a fé religiosa é um problema que envolve uma diversidade de diálogos filosóficos e teológicos que se desenvolveram ao longo dos anos. A sociedade atual nomeia esse período de diálogos como antiguidade, Idade Média, Modernidade e, de certa forma, a contemporaneidade. De um modo mais específico, esses problemas concentraram-se no âmago da filosofia e teologia cristã durante a Idade Média, não chegando a um consenso entre a filosofia e a teologia.<sup>13</sup>

Para Cavalcante, outros pensadores medievais, como Duns Scotus (1266-1308) e Guilherme de Ockham (1285 – 1347), tentaram mostrar que não é possível conciliar “*as verdades da fé*” com as “*verdades da razão*”, uma vez que a filosofia e a ciência têm dificuldades para compreender a fé, conceitos sem provas físicas.<sup>14</sup> Nesse sentido Cavalcante afirma que a crença em si é um estado mental cuja disposição é desejar ser verdadeira. As crenças sem demonstrações e provas não fazem parte do estudo da epistemologia tradicional e nem de uma teologia racional.<sup>15</sup>

Com base em pensamentos assim, não é possível conciliar “*as verdades da fé*” com as “*verdades da razão*”, que no século XV surgiu o humanismo renascentista, na península itálica, em um período de transição entre a Idade Média e a Moderna. Nesse período, rompeu-se com a filosofia, com a teologia cristã da escolástica medieval. Com esse rompimento, valoriza-se o saber dos gregos antigos abandonado a teologia da escolástica e retomando a concepção do humanismo. O período medieval, anterior, foi marcado por uma forte visão hierárquica e religiosa de mundo, em que a arte está voltada para o sagrado. Nesse período, a filosofia está vinculada à teologia e à problemática religiosa. Com o começo do afastamento da teologia do prestígio da ciência e da filosofia, o homem e seus atributos liberdade e razão passam a ser importantes novamente, e não mais apenas as questões do mundo divino.

Nessa época, nas artes predominam os temas pagãos, totalmente afastados da temática religiosa. É a arte voltada para o homem comum e simples, não mais a reis e santos. Surge um período em que se valoriza o corpo físico e a dignidade humana. Nesse período, surge a ruptura com a tradição cristã, a qual era fundamentada em Deus, na teologia, passou-se a valorizar mais o homem e deixar Deus de lado. É o período chamado pela ciência de Humanismo Renascentista: conhecido pelo destaque nas artes plásticas, valorização do homem, liberdade e criatividade. Esse é o momento do rompimento com visão do sagrado,

<sup>12</sup> MAXWELL. **Origem, história e descrédito** - Maxwell - PUC-Rio. Disponível em: <[https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10064/10064\\_3.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10064/10064_3.PDF)>. Acessado em 09-05-2017.

<sup>13</sup> ALBUQUERQUE, Leila Marrach Bastos de; SANTOS, Frederik Moreira dos. Religião e Ciência: tensões, sincretismos e diálogos II. **Revista Nures**. Ano XIV, Número 34, setembro-dezembro de 2016.

<sup>14</sup> ALBUQUERQUE, 2016.

<sup>15</sup> ALBUQUERQUE, 2016.

bem como o rompimento do diálogo entre teologia e arte, que posteriormente acontece no pensamento, na política, na literatura.

Valoriza-se o homem e rompe-se com o pensamento teocêntrico (Deus como o centro de tudo) e a Ciência Antiga. É o momento de novos pensadores e artistas, tais como: *Leonardo da Vinci*, *William Shakespeare*, *Rafael*, *Maquiavel*, *Michelangelo*, *Montaigne* entre outros. Essas transformações, na maneira de pensar e ver o mundo, são resultado de várias condições históricas no mundo europeu, entre elas pode-se destacar: O Humanismo Renascentista do século XV; A descoberta do Novo Mundo século XV. A Reforma Protestante do século XVI; A revolução científica do século XVII.<sup>16</sup>

O afastamento da ciência da teologia tem seu auge durante os séculos XV e XVI. Nesse período *Galileu* (1564 d.C. – 1642 d.C.) propõe a renovação da ciência de sua época, abandonando a confiança na autoridade, no senso comum e na tradição. Na busca por uma ciência livre de tudo aquilo que a prende tanto na cultura como na teologia. Para ele, os textos da tradição filosófica ou teológica não devem servir para responder as questões científicas. As questões científicas devem ser confirmadas ou refutadas através da experiência e da observação feitas diretamente sobre o objeto que está sendo examinado.<sup>17</sup>

Embora seja um defensor da ciência, para Galileu ciência e fé não interferem uma na outra, pois ambas trabalham em planos diferentes. Para ele, a fé trabalha e dialoga sobre um plano metafísico de mundo, enquanto a ciência age sobre o mundo físico. Galileu faz a comparação de que no mundo existem dois livros com o objetivo de revelarem a mesma verdade, mas de forma diferente. O primeiro livro é a Bíblia que busca a salvação e a redenção das almas e cujos escritos científicos são simplificados e próprios para o entendimento do povo. A natureza é o segundo livro que para ser interpretado tem que ser lido de forma científica e objetiva. Os dois livros são obras de um único autor, por isso mesmo não podem ser contraditórios.<sup>18</sup> Sendo assim, tanto a ciência como a fé devem ser interpretadas de formas diferentes.

#### 4. TEOLOGIA COMO CIÊNCIA

A pergunta básica que não quer calar é: a teologia é ciência? É a pergunta que ainda é feita constantemente nos círculos acadêmicos. Para *Sinner*, pergunta-se, conseqüentemente “a teologia tem lugar na academia, na comunidade científica, junto com as demais disciplinas, filosofia, a história, a sociologia, mas também a física, a biologia, a matemática?”<sup>19</sup>

Um segundo questionamento precisa ser feito, pois há uma preocupação que permeia os alunos que buscam instituições teológicas no Brasil: fazendo teologia como ciência, de modo acadêmico, não se perde a fé? Ou como dizem nos jargões populares pentecostais,

<sup>16</sup> OLIVEIRA, Paulo de Eduardo. **Filosofia e educação: aproximações e convergências**. Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes, 2012.

<sup>17</sup> MEDEIROS, Luciano de Frontino. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 2, n. 2, p. 43-56.

<sup>18</sup> GALILEI, Galileu. **Ciência e fé**. Rio de Janeiro: Nova Stella, 1988, p. 21.

<sup>19</sup> SINNER, Rudolf von. Teologia como ciência. **Estudos Teológicos**, v. 47, n. 2, p. 57-66, 2007.

quem faz teologia acaba se desviando e se esfriando na fé? Este questionamento ainda hoje é legítimo e pertinente.

Já em 1972 a ideia de que a teologia seria uma ciência era negada tanto pela ciência, como também no âmbito da própria Teologia. Segundo *Brandt*, as objeções levantadas contra a possibilidade de uma Teologia Científica no âmbito da ciência, pressupõem as seguintes características de ciência:

A ciência deve ser “pura” e sem pressuposições. Não se exige apenas uma terminologia exata, mas também a independência de pressuposições “estranhas ao assunto”. Com isso, p. ex., exigência pelo relacionamento prático de uma ciência ou por sua aplicabilidade num campo concreto é tida como a científica. Ciência só pode determinar aqueles objetos, aos quais qualquer homem sensato tem acesso. Ciência ocupa-se exclusivamente com o reconhecimento de objetos intramundanos.<sup>20</sup>

*Brandt* afirma que, caso sejam estas as pressuposições de uma ciência, a teologia não pode ser ciência, como também do mesmo modo as demais ciências já reconhecidas e destacadas a seguir não poderiam fazer parte da ciência atual:

Todas as ciências que trabalham com línguas e história, com a interpretação de textos e acontecimentos anteriormente dados, e as, que, como a ciência jurídica (ou mesmo a medicina), são inimagináveis sem uma referência a uma realidade concreta, não seriam ciências puras no sentido do ideal da matemática pura, p. ex. O fato de a Teologia não pressupor apenas a razão, mas também a fé, em termos gerais significa: ela não é possível sem uma atitude específica frente a seu objeto. Também isto não se restringe apenas à Teologia, porém, da mesma maneira, p. ex., ao âmbito total da arte (ciência musical, ciência teatral etc.).<sup>21</sup>

Dessa forma, pressupõem-se que se a teologia não pode ser tratada como ciência as demais disciplinas já mencionadas por *Brandt*, também não deveriam ter seu reconhecimento como ciência. Na demonstração do que poderia ser chamado de ciência, *Plantinga* tenta mostrar quais critérios poderiam identificar algo como ciência. Então parte, afirmando que:

Talvez, o melhor que possamos fazer, em caracterizar algo como científico, é dizer que o termo “ciência” se aplica a uma atividade que é (1) um empreendimento sistemático e disciplinado objetivando encontrar verdade sobre o mundo e (2) tenha um envolvimento empírico significativo. Isso, é claro, é muito vago (Quão sistemático? Quão disciplinado? Quanto envolvimento empírico?) e, talvez, indevidamente permissivo. (Astrologia seria contada como ciência mesmo se fosse apenas uma ciência ruim?) Ainda, temos muitos excelentes exemplos de ciência e excelentes exemplos de não ciência.<sup>22</sup>

Nesse sentido, *Plantinga* reconhece que mesmo propondo esses critérios ainda assim não se poderia ter uma definição concreta do que realmente é ciência. A princípio, quando comparada com as demais ciências, a teologia parece inadequada e incoerente. Entretanto,

<sup>20</sup> BRANDT, Hermann. Por que teologia “científica”? *Estudos Teológicos*, v. 12, n. 2, p. 94, 1972.

<sup>21</sup> BRANDT, 1972, p. 94-95.

<sup>22</sup> PLANTINGA, Alvin. Religion and Science, *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 2007.

percebe-se que cada ciência possui suas próprias especificidades, métodos, objetos de estudo e pressupostos. Portanto, isso não é diferente para a teologia e é com base em uma análise desses elementos: “características próprias da teologia”, que a ciência teológica deve ser delineada.<sup>23</sup> Pode-se dizer, por exemplo, que a filosofia não tem elementos empíricos para certificar que alguma proposta sua seja de fato verdadeira, todavia, ninguém trata a filosofia como incoerente ou como uma não ciência ou desprovida de valor.

Manzatto afirma que “desde os tempos de *Santo Anselmo*, a teologia foi configurada como “*fides quaerens intellectum*”. Há, portanto, uma clara referência à racionalidade na elaboração da teologia, de onde deriva a afirmação de sua cientificidade.<sup>24</sup>

Porém, a elaboração a teologia tem o seu começo com o “*auditus fidei*”, a escuta da fé que precede o “*intellectus fidei*”, sua elaboração científica e racional. Para Manzatto a racionalidade e a cientificidade da teologia são, por isso, específicas: sem deixar de sê-lo, não se reduzem ao paradigma de “ciência exata”. Até porque os conteúdos da fé não são derivados de conclusões afirmadas por via de racionalidade.<sup>25</sup>

## 5. TEOLOGIA COMO CIÊNCIA E OS ASPECTOS DA FÉ E A SUA IMPORTÂNCIA

Na defesa da teologia como ciência dentro das universidades, Manzatto afirma que é importante levar em consideração aspectos da própria teologia como a fé, portanto ela é a primeira em relação à elaboração teológica. Sendo assim, é possível afirmar que:

Os elementos e afirmações básicos da fé cristã não são, conclusões de raciocínios ou silogismos, mas dados pela revelação. O Deus em quem se crê não se conhece por dedução lógica a partir de raciocínios, mas por sua própria revelação, que fundamenta a possibilidade de conhecê-lo. Em outras palavras, não é o homem que “descobre” Deus ou a ele chega, mas é ele quem vem em direção ao humano, revelando-se e possibilitando-lhe conhecê-lo. A aceitação dessa sua revelação fundamenta a possibilidade da elaboração teológica. A fé é, portanto, primeira em relação à elaboração teológica. Necessariamente, por exigência epistemológica, o teólogo é homem de fé; sem ela, pode ser um estudioso da religião, fazer estudo da evolução das práticas, conhecimentos e comportamentos religiosos, estudo dos ritos e suas diferentes significações segundo as culturas, estudo dos comportamentos humanos derivados das afirmações religiosas, elaboração de teorias e afirmações sobre as influências psicológicas dos comportamentos religiosos, estudo da evolução dos estudos bíblicos ou assemelhados, mas não fará teologia. Nela a fé é uma exigência. A fé funda, pois, a especificidade da racionalidade teológica, inclusive porque ela será o elemento a partir do qual todos os outros conhecimentos serão vistos e analisados pela teologia.<sup>26</sup>

<sup>23</sup> PLANTINGA, 2007.

<sup>24</sup> MANZATTO, Antônio. **A Teologia na Universidade**. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleto/article/view/6749/4880>>. Acessado em 09-05-2017.

<sup>25</sup> MANZATTO, 2017.

<sup>26</sup> MANZATTO, 2017.

A aceitação da fé como premissa para elaboração teológica é defendida por Manzatto, pois a revelação deverá ser fundamental na elaboração teológica. “A fé é, portanto, primeira em relação à elaboração teológica”. A fé faz parte da vida do teólogo e deve ser levada em consideração, pois o olhar teológico para qualquer situação da vida humana será pelas lentes da fé. Isso é teologia para o autor, a qual afirma que: “por exigência epistemológica, o teólogo é homem de fé; sem ela, pode ser um estudioso da religião”<sup>27</sup>, mas não um teólogo. Então, para se elaborar a defesa da teologia como ciência deve-se levar em consideração o aspecto da fé e não somente da racionalidade.

Ainda segundo Manzatto, um aspecto da teologia que destaca a sua importância como ciência para sociedade é seu aspecto prático. Para se fazer teologia sem descartar a fé é preciso pôr em prática essa teologia discutida nos círculos acadêmicos e ver seus desdobramentos na prática. *Tillich* afirma, que para fazer teologia é preciso levar a sério a situação em que se está vivendo. O termo “situação” tem neste autor um sentido fundamental. Só se faz teologia a partir da situação. Ou seja, toda teologia é uma reflexão sobre a história do passado, do presente e do futuro. Ao usar o método de correlação, *Tillich* tenta unir mensagem e situação; tenta correlacionar as perguntas implícitas na situação com as respostas implícitas na mensagem. Ele relaciona perguntas e respostas, situação e mensagem, existência humana e manifestação divina.<sup>28</sup>

Segundo Zabatiero, a teologia é o movimento dos corpos, cujos sentidos estão sintonizados aos sentidos de Deus, remetendo, assim, que a imagem do ser “pastoral” é “estar a serviço” do próximo.<sup>29</sup> A teologia prática e disciplinar para atingir seu objetivo, ter relevância na sociedade, deveria ser portadora de uma mensagem bíblica com uma prática pastoral modelo, respondendo de forma clara a todos os questionamentos e problemas do ser humano moderno, bem como sendo um pronto socorro às pessoas que dela precisarem. A própria igreja, como comunidade peregrina de fé e portadora da teologia, deveria situar-se em um plano, no qual expõe a palavra viva, fonte de toda inspiração teológica, tendo a mensagem, a resposta de Deus para os anseios da humanidade, oferecendo paz, cura e salvação através do Cristo ressurreto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todas as análises chega-se a um consenso que Descartes é o pai da ciência moderna e de fato sua morte foi prematura, pois seus métodos inacabados poderiam contribuir muito para o meio acadêmico. Ficou evidente que seu método científico tem influenciado pensadores até os dias atuais. Portanto ainda não se sabe se seu método foi o único responsável pelo afastamento da teologia do prestígio da ciência.

---

<sup>27</sup> MANZATTO, 2017.

<sup>28</sup> TILLICH. Paul. **Teologia Sistemática**. Tradução de Getúlio Bertelli. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 1984, p. 17.

<sup>29</sup> ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. **Para uma teologia pública**. 2.ed. São Paulo: Fonte; Faculdade Unida, 2012, p. 17.

Não foram identificadas as causas definitivas do afastamento da teologia do prestígio da ciência, apenas se elencou possíveis causas, pois para se chegar a tal conclusão requer-se uma pesquisa mais ampla sobre o assunto. Quanto a teologia como ciência, é possível afirmar que, embora ela tenha caído em descrédito, ela tem ganhado espaço no meio acadêmico atualmente. Porém, a mesma tem características próprias, tais como: a fé e seu aspecto, prático entre outros que foi impossível elencar neste texto por ser uma questão mais ampla, como tal deve ser respeitada como ciência.

As análises e contribuições para o meio acadêmico estão presentes em cada tópico do texto. Com cada tópico, procura-se elencar questões que precisam ser debatidas no meio acadêmico, abrindo, assim, um leque de possibilidades para trabalhos futuros, ficando aberto para uma série de sugestões. Fazer teologia sem o uso da fé não é teologia de verdade “a fé é, portanto, primeira em relação à elaboração teológica”. A fé faz parte da vida do teólogo e deve ser levada em consideração, pois o olhar teológico para qualquer situação da vida humana será pelas lentes da fé. Isso é teologia,

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Leila Marrach Bastos de; SANTOS, Frederik Moreira dos. Religião e Ciência: tensões, sincretismos e diálogos II. **Revista Nures**. Ano XIV, Número 34, setembro-dezembro de 2016.

BECERRA, Luiza. **René Descartes e o método científico!** Disponível em: <<http://parquedaciencia.blogspot.com.br/2013/03/rene-descartes-e-o-metodo-cientifico.html>>. Acessado em 09-05-2017.

BRANDT, Hermann. Por que teologia “científica”? **Estudos Teológicos**, v. 12, n. 2, p. 94, 1972.

DAMÁSIO, António R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DESCARTES, René. “Penso, logo existo” In: **O livro da Filosofia**. Tradução Rosemarie Ziegelmaier. São Paulo: Globo, 2011. p. 116-122.

GALILEI, Galileu. **Ciência e fé**. Rio de Janeiro: Nova Stella, 1988.

MANZATTO, Antônio. **A Teologia na Universidade**. Disponíveis em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleiteo/article/view/6749/4880>>. Acessado em 09-05-2017.

MAXWELL. **Origem, história e descrédito** - Maxwell - PUC-Rio. Disponível em: <[https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10064/10064\\_3.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10064/10064_3.PDF)>. Acessado em 09-05-2017.

MEDEIROS, Luciano de Frontino. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 2, n. 2, p. 43-56.



OLIVEIRA, Paulo de Eduardo. **Filosofia e educação**: aproximações e convergências. Curitiba: Círculo de Estudos Bandeirantes, 2012.

PETER, Kreeft; MELATTI, Gabriel. **Sócrates encontra Descartes**. São Paulo: Vide, 2014.

PLANTINGA, Alvin. Religion and Science, **Stanford Encyclopedia of Philosophy**, 2007.

SILVA, Guilherme Diniz. Sobre a noção de certeza na filosofia cartesiana. Disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/guilhermesilva.pdf>>. Acessado em 09-05-2019.

SINNER, Rudolf von. Teologia como ciência. **Estudos Teológicos**, v. 47, n. 2, p. 57-66, 2007.

STRATHERN, Paul. **Descartes em 90 minutos**. Filósofos em 90 minutos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

STRECKER, Heidi. **Especial para Página 3 Pedagogia & Comunicação**. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/rene-descartes-1-o-metodo-cartesiano-e-a-revolucao-na-historia-dfilosofia.htm?cmpid=copiaecola>>. Acessado em 09-05-2017.

TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. Tradução de Getúlio Bertelli. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 1984.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. **Para uma teologia pública**. 2.ed. São Paulo: Fonte; Faculdade Unida, 2012.

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## A INTERPRETAÇÃO BÍBLICA SOB INFLUÊNCIA DA HERMENÊUTICA PÓS-MODERNA

Biblical interpretation of the influence hermeneutics postmodern

Nédia Maria Bizarria dos Santos Galvão<sup>1</sup>

### RESUMO

O objetivo deste trabalho é trazer um vislumbre da influência dos aspectos da pós-modernidade na interpretação bíblica. As implicações da hermenêutica pós-moderna que resultam na distorção da interpretação e espúria aplicação para os dias atuais. O trabalho também reforçou a urgente necessidade do retorno a uma correta exegese bíblica e, conseqüentemente, uma correta hermenêutica, livre de interpretações pessoais, direcionando o leitor ao seu devido lugar, de mero leitor, não co-autor do texto. A pós-modernidade é um período marcado pela demolição de conceitos, princípios e valores. Diante disso, o presente artigo enfatizou a importância de uma fiel hermenêutica.

**Palavras-chaves:** Escritura. Hermenêutica. Interpretação. Pós-modernidade.

### ABSTRACT

The goal of this research is to bring a glimpse of the influence of the aspects of postmodernity in biblical interpretation, and the implications of postmodern hermeneutics that result nowadays in distortions of interpretation and spurious application. The work also strengthened the urgent need to return to a correct biblical exegesis and right hermeneutic, free of personal interpretations, besides the need to direct the reader to its rightful place, as a mere reader, not a coauthor of the text. Postmodernism is a period marked by the demolition of concepts, principles and values. Thus, the present study emphasized the importance of faithful hermeneutic.

**Keywords:** Hermeneutics. Interpretation. Postmodernity. Scripture.

<sup>1</sup> A autora é Bacharela em Teologia pela Faculdade de Teologia Integrada. E-mail: nediagalvao@yahoo.com.br.

## INTRODUÇÃO

A sociedade pós-moderna é formada pela subjetividade do relativismo, metamorfose comportamental, demolição de padrões em nome do pluralismo, busca de resultados em detrimento à ética e uma espiritualidade esotérica e sincrética. Uma sociedade que abandonou o pensamento moderno de que a verdade é objetiva, traz a ideia da existência de múltiplas verdades, em que cada indivíduo tem seus próprios conceitos.<sup>2</sup> Sendo assim, há um cenário de ambiguidade, sem a existência de absolutos.

Paralelamente, o pluralismo reforça a existência dessa cultura líquida, sem consistência. O próprio Bauman afirmou que: “O paradigma de hoje é precisamente a rejeição de paradigmas”.<sup>3</sup> Em um contexto em que cada indivíduo cria seu padrão, falta identidade e a atual geração torna-se um espectro. A sociedade também é marcada pela busca de resultados, os quais aferem o sucesso.<sup>4</sup> É esse pragmatismo que rege a geração pós-moderna, a busca de resultados em detrimento dos meios, em detrimento à ética.

Também é neste contexto pós-moderno, que o indivíduo tem dado maior importância a espiritualidade. Porém, aboliu a ideia de uma única religião, doutrina ou mensagem como único caminho para a salvação.<sup>5</sup> No sincretismo, politeísmo, esoterismo estão disponíveis à formação da percepção de cada verdade.

Aspectos tais, como superficialidade e inconsistência caracterizam a pós-modernidade. Nesta falta de profundidade e inconsistência a sociedade passou por uma metamorfose comportamental e diluição de princípios básicos. Tais mudanças sociais no contexto pós-moderno possuem também implicações na interpretação bíblica.

A cantora Madonna, ícone da pós-modernidade, ainda que antagônico, cultiva a imagem de iconoclasta, ou seja, destruidora de imagens da atualidade, a saber: a autoridade, estruturas, dogmas e valores absolutos.<sup>6</sup> Esta demolição de conceitos, valores, princípios, autoridade, estruturas, dogmas e absolutismo, evidenciam uma radical mudança social imposta pela era pós-moderna, e isto interfere diretamente na ciência da interpretação de uma forma geral.

Este desconstrucionismo toma forma hermenêutica. Jacques Derridá, o mestre do desconstrutivismo, defende que todo significado é relativo à cultura e a situação, toda verdade é condicionada pela perspectiva da pessoa, não há correspondência única entre palavras e significado e o leitor diante de um texto deve buscar o desconhecido. Portanto, a intenção do autor não tem valor e o significado do texto passa pela percepção e interpretação

<sup>2</sup> LAUTER, G. G. Os desafios da Hermenêutica na Pós-modernidade: um estudo introdutório sobre o pós-modernismo e sua influência na interpretação bíblica. **Revista Batista Pioneira**, v. 03, n. 02, p. 261-276, Dezembro 2014, p. 269.

<sup>3</sup> BAUMAN, S. A cultura é um campo de batalha e um parque de diversões. Entrevista ao jornalista Luis Antônio Giron. **Revista Época online**. Publicado em 08 de fevereiro de 2014. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2014/02/bzygmunt-baumanb-cultura-e-um-campo-de-batalha-e-um-parque-de-diversoes.html>> Acesso em 29 de fevereiro de 2016.

<sup>4</sup> LOPES, H. D. **Pregação expositiva**. São Paulo: Hagnos, 2008b, p. 229.

<sup>5</sup> LAUTER, 2014, p. 272.

<sup>6</sup> PALLISTER, A. **Ética cristã hoje**. São Paulo: Shedd, 2005, p. 49.

de cada leitor. Traz a ideia de brincar com o texto, já que o autor original e suas intenções são descartados e o que vale é a relação do leitor com o texto para determinar o sentido.<sup>7</sup>

O indivíduo pós-moderno, no intuito de agradar a si mesmo (pois este é o alvo do homem pós-moderno), termina por fazer uma interpretação particular dos fatos, desprezando o sentido original, isso em todo âmbito, inclusive na interpretação bíblica. É um período estigmatizado pelo novo, pelo inovador, não há espaço para o tradicional, para o convencional, para o conservadorismo.

Diante desse contexto, o objetivo deste artigo é trazer um vislumbre da influência dos aspectos da pós-modernidade na interpretação bíblica. As implicações da hermenêutica pós-moderna, seus danos e mazelas que resultam na distorção da interpretação e espúria aplicação para os dias atuais, reforçando a urgente necessidade do retorno a uma correta exegese bíblica e conseqüentemente uma correta hermenêutica, livre de interpretações pessoais e parciais, direcionando o leitor ao seu devido lugar, de mero leitor, não co-autor que dá novo sentido ao texto.

## 1. DEFINIÇÃO DE HERMENÊUTICA

“Hermenêutica é uma transliteração modificada do verbo grego *hermeneuein*, que significa expressar em alta voz, explicar ou interpretar, e traduzir”.<sup>8</sup> A hermenêutica é a ciência da interpretação e esse processo de interpretar inclui a exegese que é a busca do sentido original do texto e a aplicação do mesmo para a atualidade, consiste num conjunto de regras que permite determinar o sentido real da obra literária, sem vitimá-la à relativização e desconstrucionismo.

Tecnicamente pode-se definir a hermenêutica como ciência e arte da interpretação. Como ciência ela tem regras e como arte tem uma aplicação flexível. É fundamental para o intérprete conhecer as regras da hermenêutica bem como dominar a arte de aplicá-las.<sup>9</sup> A hermenêutica parte de uma exegese que é a base de um estudo histórico-literário que resgata a mensagem transmitida pelo autor ao seu público alvo, aplicando esta mensagem a um contexto distinto sem ferir a originalidade textual, antes respeitando a transição histórica.<sup>10</sup>

Fazendo uma disjunção de maneira simples, pode-se dizer que exegese se relaciona à real interpretação de um texto, enquanto a hermenêutica relaciona-se ao processo interpretativo; ambas estão correlacionadas e pode-se dizer que a hermenêutica serve à exegese.<sup>11</sup>

---

<sup>7</sup> LAUTER, 2014, p. 273.

<sup>8</sup> SCHMIDT, L. K. **Hermenêutica**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012, p. 14.

<sup>9</sup> VIRKLER, H. A. **Hermenêutica avançada**: princípios e processos de interpretação bíblica. São Paulo: Vida, 2001, p. 9.

<sup>10</sup> BRASILEIRO, J. C. **Hermenêutica bíblica avançada**. Apostila para estudos individuais do curso bíblico para treinamento de obreiros, 2014, p. 7.

<sup>11</sup> CARSON, D. A. **Os perigos da interpretação bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 23.

O indivíduo pós-moderno desconstrói este conceito elementar da hermenêutica, como expressa Nietzsche “não há fatos, apenas interpretações”.<sup>12</sup> A interpretação deve seguir as regras da hermenêutica, o pensamento do escritor e não a percepção ou interpretação do leitor é determinante para o significado do texto.<sup>13</sup>

A hermenêutica não é feita em função do leitor e sua percepção, visto que a correta hermenêutica se opõe à hermenêutica pós-moderna, pois na regra hermenêutica há uma única interpretação, ainda que haja diversificação em sua aplicação. A hermenêutica abrange a interpretação, a exegese e a relevância contemporânea do texto para a aplicação.<sup>14</sup> A hermenêutica possui sentido singular, embora variadas aplicações em diferentes contextos culturais, tem como objetivo a busca da intenção autoral sem influência filosófica, mística ou científica se não houver coerência com a obra.<sup>15</sup>

O objetivo é manter o texto intacto, íntegro, isento de interferências e modificações. A pureza do texto, a não violação do sentido original, ou seja, o que diz o autor, a sua intenção expressa no texto ante seu contexto histórico, gramatical e literário é o escopo da legítima hermenêutica.

Levando em conta que quando é lido e ouvido algo é feita instantaneamente uma interpretação automática e inconsciente desprovida de legitimidade, a hermenêutica é em essência uma codificação dos processos empregados em um nível de consciência para se compreender dentro de uma investigação metodológica.<sup>16</sup>

As etapas para uma fiel hermenêutica parte de uma correta exegese, não do abandono exegético como é proposto na pós-modernidade. Os passos são detalhados a seguir e sumarizados na figura 1.<sup>17</sup>

- O primeiro passo é chamado sentido comum, que trata da interpretação gramatical do texto, buscando o sentido usual e comum das palavras. Stott<sup>18</sup> ressalta a evolução das palavras, ou seja, o que uma palavra significa hoje pode não ter o mesmo significado outrora, porém essa divergência não dá o direito de confundir os dois significados, antes distingui-los, isto é chamado de exegese gramático-histórica. Cabe ao leitor a responsabilidade de estudar as palavras tanto no contexto gramatical quanto histórico.<sup>19</sup>
- Retornando com Stewart, o segundo passo é o contexto menor, ou seja, contexto próximo, que estuda as palavras ou frases que estão antes e depois daquelas que queremos interpretar. É importante conhecer as circunstâncias da fala, a maneira como foi falado, o transmissor e o receptor da mensagem.

<sup>12</sup> BARREIRA, M.M. Cristianismo e pós-modernidade segundo Vattimo. **Revista Redescobertas**: Revista on line do GT de Pragmatismo e Filosofia Norte-americana, ano 01, v. 02, p. 1-8, 2009, p. 5.

<sup>13</sup> LOPES, 2008b, p. 144.

<sup>14</sup> STEWART, A. **As bases da interpretação bíblica**. Apostila de Hermenêutica do Seminário Teológico Batista Nacional, 2º Semestre, 2013, p. 9.

<sup>15</sup> LAUTER, 2014, p. 274.

<sup>16</sup> VIRKLER, 2001, p. 12.

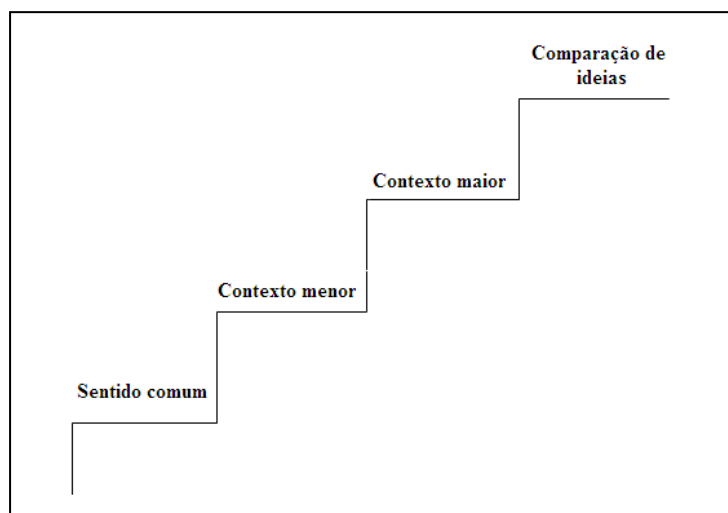
<sup>17</sup> STEWART, 2013, p. 11-15.

<sup>18</sup> STOTT, J. **A missão cristã no mundo moderno**. Viçosa: Ultimato, 2010, p. 16.

<sup>19</sup> STOTT, 2010, p. 16.

- Terceiro passo, contexto maior, que considera o objetivo do livro ou texto lido, analisa o tipo de literatura.
- O quarto passo é comparar ideias paralelas e ampliadas na mesma obra, essa comparação elucida o texto em foco.

Figura 1 – Passos para uma fiel hermenêutica.



Fonte: Adaptado de Stewart.<sup>20</sup>

Realizados os quatro passos foi feita a exegese, isto é, foi estabelecido o significado original do texto, o que ele significou para os primeiros leitores. Após essas etapas, passa-se para a interpretação para o leitor atual, o que o texto significa hoje, sempre fazendo uso do bom senso.<sup>21</sup>

Visualiza-se algumas questões básicas para a compreensão de um texto, quer seja bíblico ou não<sup>22</sup>:

1. **Quem?** Quem é o autor? Quem está falando? Quem é retratado?
2. **Para quem?** A quem está falando? A quem se dirige? Qual o relacionamento existente entre autor(es) e destinatário(s)?
3. **Quando?**
4. **Onde?** Onde foi escrito? Onde estava o autor? Onde viviam/estavam os recipientes?
5. **Como?** Qual o tipo literário? Qual a linguagem utilizada?
6. **Por quê?** Quais eram as circunstâncias presentes? Que situação histórica ocasionou o escrito? Qual era o propósito do autor?

Deve ser lembrado que hermenêutica é a aplicação do texto sem perder a conexão do sentido original. Não se deve fazer uso de uma hermenêutica especulativa, mas uma hermenêutica genuína. Não se deve falar o que o texto não fala, ele não pode significar o que

<sup>20</sup> STEWART, 2013, p. 11-15.

<sup>21</sup> STEWART, 2013, p. 11-15.

<sup>22</sup> BRASILEIRO, 2014, p. 7.

nunca significou. A proposta pós-moderna é brincar, desconstruir, relativizar, pluralizar, fragmentar, diluir, criar, manipular os textos lidos, porém este é um caminho antiético ante a correta hermenêutica. O alvo da boa hermenêutica não é a originalidade, não é trazer à tona o que ninguém jamais viu, mas simplesmente alcançar o sentido claro do texto.

Considerando o dilema de Naphtunkian que traz a situação de uma carta de cunho pessoal a um amigo íntimo. No entanto, essa correspondência se perdeu no percurso ao destinatário e permaneceu perdida por dois mil anos. Passado esse período, a correspondência foi reencontrada; história, cultura, filosofias e a questão linguística sofreram transições. O dilema em questão apresenta três poetas da sociedade contemporânea que interpretam a carta separadamente e terminam por chegar a significados diferentes. Esse é o problema mais decisivo de toda hermenêutica, banir o autor primitivo e desconsiderar as lacunas histórica, cultural, filosófica e linguística. A necessidade da hermenêutica se dá em diversos aspectos. No que se refere as Escrituras Sagradas, deve-se levar em conta o abismo histórico, o abismo cultural e a diferença linguística. Há um abismo histórico bastante profundo dos escritores bíblicos para nossa era, há um abismo cultural com significativas diferenças entre a cultura dos antigos hebreus e a cultura do século XXI e a diferença linguística em que a Bíblia foi escrita em hebraico, aramaico e grego – três línguas que possuem estruturas e expressões idiomáticas bem distintas da nossa língua, no caso, o português. Portanto, é imprescindível uma correta hermenêutica para a compreensão exata das Escrituras.<sup>23</sup> O texto jamais deve significar, na interpretação do leitor, o que nunca significou para o autor. Esta é regra áurea do intérprete.<sup>24</sup>

A proposta atual, da hermenêutica pós-moderna, consiste no abandono deste processo hermenêutico, sendo que temos uma geração pouco interessada em argumentos racionais, dada ao automatismo e sensorial, que busca e cria novos conceitos, crenças e valores. O texto não é material de manipulação, mas determinante e subordinado à intenção do autor. Nessa pluralidade de interpretações atuais, o autor original morre e cada leitor produz seu próprio significado, daí os textos se tornam verdadeiros reservatórios de sentidos diversos. O método histórico-gramatical é abandonado pela hermenêutica pós-moderna, a exegese desprezada, o foco deixa de ser o autor para ser o leitor.

É através de uma interpretação crítica, que possui justificção adequada – lexical, gramatical, cultural, histórica, geográfica e outros, que é demolida a opinião, pessoal, reivindicação de autoridade ilegítima, interpretação arbitrária e ponto de vista especulativo. Também é digno de atenção a questão das interpretações tradicionais que se recebe de terceiros, pois é bastante comum aplicar ao texto interpretações pré-concebidas. Tanto uma interpretação pessoal, especulativa ou tradicional deve passar pelo crivo do que especialistas da hermenêutica chamam de “distanciamento”. Este é um componente necessário do trabalho crítico, porém trata-se de um processo difícil e pode ser penoso, pois o “distanciamento” leva o estudioso não simplesmente a aprender, mas a avaliar, pensar de

---

<sup>23</sup> VIRKLER, 2001, p. 15.

<sup>24</sup> BRASILEIRO, 2014, p. 84.

maneira crítica, é um tipo de desarticulação com os próprios pensamentos e interpretações tradicionais.<sup>25</sup>

## 2. PÓS-MODERNIDADE

A pós-modernidade é o período que ganhou força na década 70, do século 20 e tem influenciado a forma de pensar e interpretar a realidade. Foi uma reação ao modernismo, movimento filosófico que o antecedeu, caracterizado pela racionalidade, cuja influência se deu do Renascimento e Iluminismo.<sup>26</sup>

Podemos entender o conceito de pós-modernidade como a destruição de algo anterior, para a introdução de uma nova formatação, como descrevem alguns pensadores.<sup>27</sup>

A pós-modernidade é caracterizada pelo<sup>28</sup>:

- Pluralismo de opiniões, conceitos, comportamentos, ideologias e crenças;
- Relativismo que dita que a defesa da verdade absoluta consiste em arrogância e pretensão de domínio;
- Pragmatismo, o qual prescreve que a busca de resultados é o que importa em detrimento aos métodos;

Outras características do homem pós-moderno são apontadas<sup>29</sup>:

- Novidade, tornando-o sempre aberto e criativo;
- Imediatismo que se trata de uma era, na qual o ato de esperar foi erradicado e o adjetivo em voga é a instantaneidade;
- Secularização, o homem pós-moderno não serve a Deus, mas se faz servir Dele.

É fato que o pós-modernismo causou profundas mudanças na sociedade, cujas três esferas dessa transformação nas relações humanas são: o questionamento acerca da verdade ser encontrada perdeu a importância, pois cada indivíduo passa a ter sua própria verdade, em um contexto em qual não se diz mais a verdade, mas uma verdade dentre tantas outras. O indivíduo pós-moderno também se tornou essencialmente individualista e o hedonismo sua meta de vida e a pluralidade religiosa é uma tônica nesta era.<sup>30</sup>

Em um contexto que abraça “verdades” particulares em detrimento a real verdade, discorreremos acerca do significado da expressão verdade em grego e em latim. Em grego, o termo verdade é *alétheia*, que significa “o não esquecido, o não escondido, o não dissimulado”. Ou seja, no grego, a verdade é o que está plenamente visível, aquilo que é evidente, é tão somente uma automanifestação da realidade, é o que realmente é, e o oposto da verdade no grego é o que está encoberto, é o dissimulado, a mera aparência, o falso. Em latim, o termo verdade é *veritas*, e está relacionado à precisão e ao rigor de um relato. No

<sup>25</sup> CARSON, 2001, p. 21.

<sup>26</sup> LAUTER, 2014, p. 263.

<sup>27</sup> CRUZ, D. N. Algumas características da pós-modernidade na concepção de Gilles Lipovetsky. **Revista Intuito**, v. 6, n. 1, p. 79-95, junho de 2013, p. 78.

<sup>28</sup> PALLISTER, 2005, p. 26-28.

<sup>29</sup> MELCHIOR, M. N. A religião pós-moderna em Zygmunt Bauman. **Anais: XI Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões**, Goiânia, 2009, p. 2.

<sup>30</sup> LAUTER, 2014, p. 271.



latim, a verdade está relacionada à narrativa de fatos ocorridos, ou seja, a verdade é a enunciação dos fatos reais, como eles exatamente são, e o oposto da verdade no latim é a mentira ou a falsificação.<sup>31</sup>

No português a expressão verdade é definida como a conformidade com o real, princípio certo.<sup>32</sup> A verdade tem correlação no seu significado tanto no grego, como no latim, assim como no português, mas em tempo pós-moderno, o dissimulado, a falsificação, a falta de conformidade com o real, também pode se tornar uma verdade. E isso é uma total incoerência, até mesmo irracionalidade, cada qual com sua verdade, cada qual com o que acha certo. A situação resultante da historiografia moderna é semelhante à dos judeus no tempo dos juízes, cada indivíduo faz o que acha certo.<sup>33</sup>

### 3. A INFLUÊNCIA DA PÓS-MODERNIDADE NA INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

Diante deste cenário ambíguo, fluído, líquido, relativo, subjetivo, plural, pragmático, secularizado e individualista, a interpretação bíblica sofreu influências danosas. Agora entraremos no cerne da questão, a hermenêutica pós-moderna aplicada à Escritura Sagrada. O liberalismo teológico em voga nesta era, nega a infalibilidade e inerrância da Escritura e este movimento danoso tem penetrado nos seminários teológicos e, conseqüentemente, nos púlpitos das igrejas.<sup>34</sup>

Muitas são as interpretações bíblicas e a hermenêutica é feita em função do indivíduo e seu mundo, ainda que cada uma das interpretações seja contraditória, devem ser respeitadas. A exemplo, o texto da carta aos Romanos no capítulo 1 que traz a mensagem de oposição à prática do homossexualismo. Hoje, igrejas inclusivistas, que aderiram ao movimento gay, trazem uma nova interpretação ao texto contradizendo a interpretação feita dentro de uma correta exegese, e a nova roupagem do texto vem com um significado que atende aos anseios deste grupo.<sup>35</sup>

Inseridos neste contexto<sup>36</sup>, o único pecado é fazer a afirmação que uma das leituras é certa e a outra errada. A Bíblia Sagrada torna-se refém das diversas interpretações pessoais e contraditórias, ninguém mais pronuncia categoricamente a verdade, mas a sua verdade, e esse subjetivismo gera pluralismo e pragmatismo, em qual o único mal passa a ser a intolerância.

Essa inversão de valores é peculiar à pós-modernidade, a destruição dos marcos, absolutos e princípios que geram essa hermenêutica distorcida e um evangelho híbrido. A interpretação bíblica não deve ser criada, mas respeitada em seu contexto histórico, gramatical, social, a intenção do autor e o seu público alvo.

<sup>31</sup> CHAUÍ, M. **Iniciação à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2012, p. 112.

<sup>32</sup> FERREIRA, A. B. de H. **Mini Aurélio**: minidicionário da língua portuguesa, Século XXI. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 707.

<sup>33</sup> FISCHER *apud* CARSON, 2001, p. 19.

<sup>34</sup> LOPES, 2008b, p. 213.

<sup>35</sup> PALLISTER, 2005, p. 28.

<sup>36</sup> PALLISTER, 2005, p. 27.

A hermenêutica bíblica está atrelada a compreensão e interpretação bíblica, porém, nos dias atuais, o relativismo, que é a negação da verdade absoluta, revela de maneira múltipla e contextual, torna a interpretação correta fadada ao fracasso e rejeição.<sup>37</sup>

A hermenêutica pós-moderna é uma espécie de paradigma do pensamento contemporâneo, enquanto a originalidade do texto é imergida, emergem significados fragmentados, fruto da concepção e interpretação individual de cada leitor. É exatamente isso que tem acontecido com a interpretação bíblica, “o novo coordena, ordena e altera tudo”.<sup>38</sup> É uma era em crise, na qual só há espaço para o novo em detrimento do tradicional.

No texto da primeira carta aos Coríntios, Paulo afirma:

Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível [...]. Aos sem lei, como se eu mesmo o fosse, não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo, para ganhar os que vivem fora do regime da lei. Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns. Tudo faço por causa do evangelho, com o fim de me tornar cooperador com ele (1Co 9.19-23).

A princípio, dentro da perspectiva de uma compreensão espontânea, ou seja, automática e inconsciente, pode-se entender equivocadamente que o apóstolo se refere a um pragmatismo, no qual o mesmo não se importa com os meios utilizados para alcançar seu objetivo. Porém, se realizada uma simples exegese é demolida essa equivocada compreensão.

Muitos críticos julgam a atitude do apóstolo Paulo como uma atitude camaleônica, dentro dessa perspectiva narrada anteriormente, entendendo que o apóstolo traz uma mensagem nova a cada situação. E não é isso que trata o texto, o apóstolo Paulo não tenta ajustar sua mensagem a fim de agradar o auditório, não se trata de ser pragmático, mas flexível, maleável e adaptar metodologicamente a mensagem do evangelho nos mais diversos contextos. Trata-se de ser sensível à cultura para quem se emite a mensagem, a fim de não criar entraves na compreensão plena do evangelho. A mensagem não pode ser mudada, mas os métodos para expô-la não podem ser engessados. O próprio Senhor Jesus pregou uma única mensagem, porém, adotou métodos flexíveis em suas abordagens. Quando pregou para um doutor da lei chamado Nicodemus, usou uma abordagem; quando pregou a uma mulher samaritana, usou uma outra abordagem; noutra ocasião com o publicano Zaqueu uma outra diferente e assim Jesus tinha abordagens diferentes para pessoas diferentes, mas sem mudar a mensagem, apenas os métodos.<sup>39</sup>

As regras básicas para uma fiel hermenêutica bíblica foram substituídas pelo pragmatismo e as perguntas pragmáticas que regem um “sermão” são: O que funciona? O que é prático? Sendo assim, o pragmatismo, não a teologia, tem sido o vetor das mensagens pregadas da Bíblia. Não é a verdade que importa, mas o que funciona. Resultado, igrejas cheias

---

<sup>37</sup> LAUTER, 2014, p. 272.

<sup>38</sup> BARTH, W. L. O homem pós-moderno, religião e ética. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v.37, n. 155, p. 89-108, março de 2007, p. 39.

<sup>39</sup> LOPES, H. D. **De Pastor à Pastor**: princípios para ser um pastor segundo o coração de Deus. São Paulo. Hagnos, 2008a, p. 149.

e sermões vazios, mensagem com muito do homem e pouco de Deus. A busca pelo que funciona e não pela verdade, pelo que dá certo e não pelo que é certo faz parte da hermenêutica pós-moderna caracterizada pelo pragmatismo.

Aliás, na filosofia pós-moderna do pragmatismo, um conhecimento é verdadeiro pelos resultados e aplicações práticas, ou seja, a marca da verdade é a verificabilidade dos resultados e eficácia da aplicação; se não traz resultados positivos, não é verdade.<sup>40</sup> O pragmatismo é a substituição da mensagem dentro dos padrões exegéticos e hermenêuticos, pela demanda das novidades do mercado, é a substituição da pregação do Evangelho pelo entretenimento, é a troca do alimento rico e nutritivo da Palavra de Deus pelo cardápio nauseabundo de vãs filosofias.

A mensagem bíblica neste contexto, é mercadejada, o que é transmitido como interpretação é o que o povo quer ouvir, não o que precisa ouvir; nada de imposição, a mensagem tem que ser leve e bem-humorada. A sociedade pós-moderna é sedenta por resultados, o sucesso é medido por resultados, daí a obediência às leis do mercado hermenêutico pós-moderno, a mensagem é deturpada e adulterada.<sup>41</sup>

A interpretação bíblica não se dá por meio de intuições, desejos e pensamentos, mas uma fiel hermenêutica. O grande desafio nos nossos dias é incutir a importância da hermenêutica bíblica para que a mensagem pregada e ensinada seja repassada sem impurezas. Em uma era sem absolutos, a mensagem bíblica, sua verdade e princípios éticos e morais são absolutos, e isso vai de encontro com as filosofias pós-modernas, pois, no que se refere à fé, o homem pós-moderno é pluralista e pragmático. O supremo valor é a tolerância com a diversidade. O grande pecado é dizer que alguém está errado.<sup>42</sup>

Os pregadores bíblicos que estão sob influência de tais filosofias, leem a Bíblia, interpretando-a de forma subjetiva e extrabíblica, sem uso das regras hermenêuticas, não analisam a Bíblia em seu contexto histórico e exegético. A função do interprete bíblico é ajustar seus pensamentos à ideia real da Escritura, não à demanda pós-moderna e se abrir a todos os conceitos, crenças e valores. O alvo do indivíduo pós-moderno é agradar a si mesmo, há uma inversão da verdade nesta era, a teologia da prosperidade e da confissão positiva colocou o homem no trono e destronou Deus e isso é resultado da hermenêutica pós-moderna, uma interpretação equivocada da Escritura.<sup>43</sup>

Stott<sup>44</sup> cita Phyllis Garlick e Evelyn Frost, como exemplos dessa hermenêutica pós-moderna, interpretam a salvação como saúde psicofísica. Garlick enfatiza que o poder salvador da graça de Deus é para o homem como um todo, gera cura física e mental e Frost refere-se à saúde física como aspecto da vida eterna hoje. Em oposição, a correta interpretação bíblica com relação à salvação não indica que qualquer tipo de cura, quer seja natural ou sobrenatural, esteja atrelada à salvação que agora é oferecida ao ser humano através de Cristo por intermédio do Evangelho. Não se pode afirmar que a cura física está

---

<sup>40</sup> CHAUI, 2012, p. 114.

<sup>41</sup> LOPES, 2008b, p. 217.

<sup>42</sup> PALLISTER, 2005, p. 27.

<sup>43</sup> LOPES, 2008b, p. 105.

<sup>44</sup> STOTT, 2010, p. 102.

pronta e inteiramente disponível, à semelhança da salvação. É fato que toda a criação, inclusive o corpo humano, será completamente redimido, mas isso se dará na consumação, quando a doença e a morte deixarão de existir. Antecipar esse fato é fruto de uma hermenêutica pragmática, ou seja, pós-moderna.

Vale ressaltar que, apesar dessas espúrias interpretações terem surgido com os nomes de Garlick e Frost durante as décadas de 40 e 50 do século passado, percebe-se a forte influência e aceitação na atualidade. Um outro exemplo da falta de exegese e consequentemente, uma distorcida hermenêutica é a teologia da libertação desencadeada por Gustavo Gutiérrez, no qual a interpretação bíblica é feita em termos da libertação dos oprimidos, libertação social, política e econômica. No que se refere à salvação, a Bíblia não traz a ideia de libertação sociopolítica, a salvação não é oferecida em termos de reforma da sociedade e suas estruturas, isso é uma confusão teológica grosseira.<sup>45</sup>

Percebe-se claramente que a proposta pós-moderna é massagear o ego humano. A hermenêutica pós-moderna converge a essa satisfação, agradar o indivíduo, corresponder suas expectativas, não frustrar os anseios. Nada de falar acerca de pecado, nada de confronto, nada de promessas vindouras. O indivíduo pós-moderno quer uma mensagem suave e concreta aqui e agora. A hermenêutica bíblica refém da lei do mercado, também atende a um público que busca experiências místicas.

O estudo e exame da Escritura são substituídos pela ênfase às experiências místicas, eis uma geração que busca o misticismo, não a verdade. O alvo dessa geração é agradar a si mesma, não a Deus. Os fenômenos sobrenaturais, os milagres, as emoções, o sensorial, são aceitos, recebidos em detrimento de uma correta interpretação bíblica.<sup>46</sup>

Diante dessa diversidade, a hermenêutica pós-moderna atende à demanda, ou seja, é o público quem determina o significado da Bíblia. “A pós-modernidade poderia ser chamada de geração de escolhas”.<sup>47</sup> Não há absolutos, a verdade nesta era é relativa.

O melhor intérprete da Bíblia é a própria Bíblia. O texto deve ser estudado dentro do contexto, com um trabalho exegético. Interpretações inovadoras não têm lugar numa hermenêutica fiel.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante deste cenário ambíguo, subjetivo, inconsistente, relativista, pluralista, pragmático e politicamente correto, contemplamos a decadência do preciso, do consistente, do coerente, da singularidade, da ética, do que é certo e da verdade. A sociedade passou por uma metamorfose escandalosa, parece retroceder ao invés de progredir. Não há lugar para estudos e exames acurados, o aprendizado é autômato, a razão é dominada pela emoção, a convicção é minada pelo relativismo, o direito de expressão só é aceito quando há convergência ao sistema. A discordância tornou-se sinônimo de desrespeito.

---

<sup>45</sup> STOTT, 2010, p. 111.

<sup>46</sup> LOPES, 2008b, p. 100.

<sup>47</sup> LOPES; 2008b, p. 151.

Inseridos neste contexto, o grande desafio é resgatar princípios elementares que regem a sociedade de forma equilibrada, o fato de cada indivíduo criar sua verdade e abandonar a uniformidade acaba desembocando num caos social. Os aspectos pós-modernos têm sido absorvidos sem filtro, sem exame, têm sido abraçados cegamente, e a interpretação bíblica foi afetada diretamente por essas chagas.

O objetivo deste trabalho foi trazer um vislumbre da influência dos aspectos da pós-modernidade na interpretação bíblica. As implicações da hermenêutica pós-moderna, seus danos e mazelas que resultam na distorção da interpretação e espúria aplicação para os dias atuais. Também procurou reforçar a urgente necessidade do retorno a uma correta exegese bíblica e, conseqüentemente, uma correta hermenêutica, livre de interpretações pessoais e parciais, direcionando o leitor ao seu devido lugar, de mero leitor, não co-autor que dá novo sentido ao texto.

É necessário reforçar o grito daqueles que já clamam por integridade, por verdade, por autenticidade em prol da hermenêutica bíblica. Há um ataque destruidor à verdade, os aspectos desta era são como canhões direcionados a toda construção autoral, social, histórica, gramatical do texto original. A correta hermenêutica não deve ser substituída pela interpretação pós-moderna, a qual simplesmente atende a gostos e anseios que correspondem às expectativas egocêntricas do homem pós-moderno.

Este trabalho intensificou a necessidade urgente de um resgate a fiel hermenêutica, um estudo exegético da Escritura, a propagação das verdades intrínsecas dos textos, sem interpretações pessoais. Uma erradicação da proposta pós-moderna de inovar, de desconstruir, de relativizar, de pluralizar, destacando a importância da busca por uma interpretação e investigação dos textos bíblicos em seus contextos histórico, social, gramatical, dentro das normas e métodos exegéticos, ainda que o indivíduo pós-moderno não se sujeite às regras e restrições.

Espera-se que outros trabalhos venham reiterar o tema abordado, solidificando a importância de uma correta interpretação, como um grito que ecoa por uma fiel hermenêutica. Trabalhos que refutem essa hermenêutica pós-moderna, essa desconstrução com os textos, esse sentido fluidificado e subjetivo, produzido por indivíduos com ideologias neutras.

## REFERÊNCIAS

BARREIRA, M. M. Cristianismo e pós-modernidade segundo Vattimo. **Revista Redescições:** Revista on line do GT de Pragmatismo e Filosofia Norte-americana, ano 01, v. 02, p. 1-8, 2009.

BARTH, W. L. O homem pós-moderno, religião e ética. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v.37, n. 155, p. 89-108, março de 2007.

BAUMAN, S. A cultura é um campo de batalha e um parque de diversões. Entrevista ao jornalista Luis Antônio Giron. **Revista Época online**. Publicado em 08 de fevereiro de 2014. Disponível em: < <http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2014/02/bzygmunt-baumanb->

cultura-e-um-campo-de-batalha-e-um-parque-de-diversoes.html> Acesso em 29 de fevereiro de 2016.

BRASILEIRO, J. C. **Hermenêutica bíblica avançada**. Apostila para estudos individuais do curso bíblico para treinamento de obreiros, 2014.

CARSON, D. A. **Os perigos da interpretação bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2001.

CHAUÍ, M. **Iniciação à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2012.

CRUZ, D. N. Algumas características da pós-modernidade na concepção de Gilles Lipovetsky. **Revista Intuito**, v. 6, n. 1, p. 79-95, junho de 2013.

FERREIRA, A. B. de H. **Mini Aurélio**: minidicionário da língua portuguesa, Século XXI. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

LAUTER, G. G. Os desafios da Hermenêutica na Pós-modernidade: um estudo introdutório sobre o pós-modernismo e sua influência na interpretação bíblica. **Revista Batista Pioneira**, v. 03, n. 02, p. 261-276, Dezembro 2014.

LOPES, H. D. **De Pastor à Pastor**: princípios para ser um pastor segundo o coração de Deus. São Paulo. Hagnos, 2008a.

LOPES, H. D. **Pregação expositiva**. São Paulo: Hagnos, 2008b.

MELCHIOR, M. N. A religião pós-moderna em Zygmunt Bauman. **Anais: XI Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões**, Goiânia, 2009, p. 1-41.

PALLISTER, A. **Ética cristã hoje**. São Paulo: Shedd, 2005.

SCHMIDT, L. K. **Hermenêutica**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

STEWART, A. **As bases da interpretação bíblica**. Apostila de Hermenêutica do Seminário Teológico Batista Nacional, 2º Semestre, 2013.

STOTT, J. **A missão cristã no mundo moderno**. Viçosa: Ultimato, 2010.

VIRKLER, H. A. **Hermenêutica avançada**: princípios e processos de interpretação bíblica. São Paulo: Vida, 2001.

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## A DISCIPLINA ECLESIAÍSTICA NA TEOLOGIA CRISTÃ REFORMADA DO SÉCULO XXI

Ecclesiastic discipline in Reformed Christian Theology of the 21st century

Leonardo Aparecido Reis Bedani<sup>1</sup>

### RESUMO

Neste trabalho realiza-se uma pesquisa bibliográfica, elegendo as contribuições de teólogos expoentes da teologia reformada do século XXI, a fim de analisar o ensino dos mesmos sobre disciplina eclesiástica. O presente artigo busca ser relevante ao propor como justificativa a solidificação dessa doutrina na vida da igreja contemporânea. Dessa maneira, questiona-se: será que a igreja contemporânea entende o que é disciplina eclesiástica? A teologia reformada tem formado teólogos que irão aplicar essa perspectiva doutrinária para este momento histórico? E, ainda, de que modo as características culturais deste tempo podem influenciar na aplicação da disciplina corretiva? Esta prática é fundamentada no ensino de Jesus, registrado no Evangelho de Mateus 18:15-19 e nos ensinamentos de outros escritos do Novo Testamento, especialmente no de Paulo em sua primeira carta à igreja de Corinto, no capítulo 5. As escolas teológicas oriundas da Reforma Protestante, especialmente, a que foi influenciada diretamente por João Calvino, deram demasiada importância para essa prática, como característica de uma igreja bíblica e séria, como pode ser notado nas grandes confissões de fé reformadas. Para tal pesquisa, serão utilizados como base os estudos de Calvino (2007), Dever (2007), Dever e Alexander (2005), Leeman (2012 e 2016) e as principais confissões de fé reformadas, a saber a confissão de fé Escocesa (1560), a confissão Belga (1561), o catecismo de Heidelberg (1563), os cânones de Dort (1618) e a confissão de fé Batista de Londres (1689). Assim, a metodologia aplicada é a pesquisa bibliográfica descritiva para explicitar o ensino e aplicação dessa doutrina. Por conseguinte, o presente trabalho não tem a pretensão de esgotar o assunto tratado, mas, sim, trazer à tona sua relevância para os dias atuais,

<sup>1</sup> O autor é graduado em Engenharia Mecânica pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, mestrando em Ministério pela Piedmont International University e seminarista da Igreja Batista Itaipu em Foz do Iguaçu. Email: bedanil@piedmontu.edu

iniciando um novo processo de discussão. Ressalta-se que com a influência do antropocentrismo acentuado pelo relativismo da pós-modernidade, a disciplina no âmbito da igreja local tem sido esquecida e vista por muitos como uma prática desnecessária e, em consequência disso, muitos cristãos podem não ter um conhecimento básico sobre o assunto ou até mesmo podem desconhecer tal prática, a qual é essencial para a saúde de uma igreja.

**Palavras-chave:** Disciplina Eclesiástica. Teologia Reformada. Igreja Contemporânea.

## ABSTRACT

In this article, a bibliographic research is carried out. The contributions of reformed theologians of the 21st century were chosen for an analysis of their teaching on ecclesiastical discipline. This article seeks to be relevant when proposing the solidification of this doctrine in the life of the contemporary church. Thus, the following questions are made: does the contemporary church understand what ecclesiastical discipline is? Has Reformed Theology trained theologians who will apply this doctrinal perspective to this historic moment? And yet, how can the cultural characteristics of that time be influencing the application of corrective discipline? This practice is based on the teaching of Jesus, recorded in the Gospel of Matthew 18: 15-19 and in the teachings of other New Testament writings, especially in Paul's first letter to the church in Corinth, chapter 5. Theological schools that came from the Protestant Reformation, especially the one that was directly influenced by John Calvin, gave too much importance to this practice, as a characteristic of a biblical church, as can be seen in the great Reformed confessions of faith. For this research, the studies of Calvin (2007), Dever (2007), Dever and Alexander (2005), Leeman (2012 and 2016) and the main Reformed confessions of faith, namely the Scottish confession of faith (1560), the Belgic confession (1561), the Heidelberg catechism (1563), the Dort canons (1618) and the London Baptist confession of faith (1689). The methodology applied to explain the teachings and application of this doctrine is descriptive bibliographic research. The present work does not intend to exhaust the subject, but rather to bring out its relevance for the present day, starting a new process of discussion. With the influence of anthropocentrism being accentuated by the postmodernity's relativism, it is noteworthy that the discipline at the local church has been forgotten and seen by many as an unnecessary practice. As a result, many Christians may not have a basic knowledge about the subject or even may be unaware of such a practice, which is essential for the church's health.

**Keywords:** Ecclesiastical Discipline. Reformed Theology. Contemporary Church.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe fazer uma defesa da disciplina eclesial, como uma prática saudável e ordenada nas Escrituras. A pesquisa é iniciada apresentando como Jesus Cristo e, especialmente, o apóstolo Paulo ordenaram a aplicação da disciplina corretiva na igreja local.

A teologia influenciada pela ala calvinista da Reforma Protestante deu grande ênfase à prática dessa doutrina, como é demonstrado nas grandes confissões das igrejas reformadas e que, aqui, serão avaliadas, a saber: a confissão de fé Escocesa (1560); a confissão Belga (1561); o catecismo de Heidelberg (1563); os cânones de Dort (1618); e a confissão de fé Batista de Londres (1689).



Vive-se em tempos em que o relativismo e o antropocentrismo têm dominado a teologia e os púlpitos e, conseqüentemente, essa disciplina tem sido esquecida e deixada de lado, pois como afirma Dever “as igrejas batistas do século XX abandonaram a disciplina eclesiástica”.<sup>2</sup> Mohler chega a dizer que provavelmente a falta de aplicação da disciplina corretiva é a falha mais visível da igreja contemporânea.<sup>3</sup> Devido a isso, faz-se as seguintes indagações: será que a igreja contemporânea entende o que é disciplina eclesiástica? A teologia reformada tem formado teólogos que irão aplicar essa perspectiva doutrinária para este momento histórico? E, ainda, de que modo as características culturais deste tempo têm influenciado na aplicação doutrinária?

A intenção do artigo é demonstrar como a igreja contemporânea tem compreendido esse tema, como a cultura vigente tem influenciado significativamente essa prática e, ainda, como a teologia reformada tem aplicado essa doutrina para a igreja atual. Não é uma proposta simples, mas, será assumida uma tentativa de ajudar as comunidades eclesiásticas na compreensão sobre sua ação e missão bíblicas.

É com esta intenção que o presente trabalho busca mostrar a relevância deste tema, disciplina eclesiástica, ao analisar os escritos de Calvino (2007), Dever (2007), Dever e Alexander (2005) e Leeman (2012 e 2016), pois se pretende apresentar os fundamentos bíblicos para essa prática. Nesse sentido, elegem-se como objetivos: expor o ensino de Jesus e do apóstolo Paulo sobre o assunto; analisar como a cultura presente pode influenciar o entendimento do cristianismo atual; mostrar os ensinamentos das principais confissões reformadas sobre esse tema; e apresentar o posicionamento de teólogos reformados da atualidade e expoentes sobre esse assunto. A finalidade a ser perseguida é a solidificação dessa doutrina na vida da igreja contemporânea.

## 1. FUNDAMENTOS BÍBLICOS DA DISCIPLINA ECLESIASTICA

A disciplina eclesiástica é definida por Leeman como “uma das partes do processo de discipulado, aquela em que corrigimos o pecado e apontamos ao discípulo o melhor caminho”.<sup>4</sup> A partir dessa definição é possível observar a natureza educativa presente em tal prática, ou seja, corrigir o que está errado e mostrar o correto. O texto base para a efetivação da prática é encontrado no Evangelho de Mateus, capítulo 18, dos versículos 15 a 19, que diz:

Se teu irmão pecar [contra ti], vai argui-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão. Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça. E, se ele não os atender, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano. Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra terá sido ligado nos céus, e tudo o que desligardes na terra terá sido desligado nos céus. Em verdade também vos digo que, se dois dentre vós, sobre a terra, concordarem a respeito de

<sup>2</sup> DEVER, M. **Nove marcas de uma igreja saudável**. São José dos Campos: Fiel, 2007, p. 198.

<sup>3</sup> MOHLER Jr, A. **Church discipline: the missing mark**. Disponível em: <[http://d3pi8hptl0qhh4.cloudfront.net/documents/sbjt/sbjt\\_2000winter3.pdf](http://d3pi8hptl0qhh4.cloudfront.net/documents/sbjt/sbjt_2000winter3.pdf)>. Acesso em: jul. 2019.

<sup>4</sup> LEEMAN, J. **Disciplina na igreja: como a igreja protege o nome de Jesus**. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 29.

qualquer coisa que, porventura, pedirem, ser-lhes-á concedida por meu Pai, que está nos céus (Mt 18.15-19 - ARA).

Jesus nos versículos anteriores falou sobre o cuidado de não tentar outros cristãos a pecar e, segundo Hendriksen (2010), Jesus ordena que ao invés de o discípulo ser pedra de tropeço para alguém, ele precisa se dedicar ao ato de buscar o irmão que pecou e restaurá-lo.<sup>5</sup> Leeman ao comentar sobre texto afirma que “a autoridade que a igreja exerce é a autoridade de Deus. A igreja o representa como um embaixador”.<sup>6</sup>

Grande debate gira em torno da frase “contra ti” no versículo 15 do capítulo de Mateus 18, visto que essa frase não aparece em alguns manuscritos. Porém, essas palavras não interferem no ensino geral da passagem que alude ao mandato de se envolver pessoalmente no processo de restauração de um irmão que está em pecado.<sup>7</sup> Segundo Carson et al, esse texto é dirigido “à pessoa do discípulo que está consciente do pecado de outros discípulos e aceita [...] como sua responsabilidade fazer algo a respeito”.<sup>8</sup>

Dito isso, pode-se reconhecer nesse texto bíblico do Evangelho de Mateus, três passos a serem seguidos: primeiro, confrontar o irmão que pecou sozinho (v. 15); segundo, confrontar com mais dois ou três (v. 16); e, por último, confrontar com a comunidade inteira (v.17), pois, segundo Hendriksen, a palavra “igreja” nesse contexto, “deve ser tomada no sentido de ‘a comunidade dos crentes localmente organizada’”.<sup>9</sup>

O objetivo claro de Jesus, aqui, é ganhar o irmão, ou seja, não é em última instância a punição. Deve-se dizer que erros podem ser cometidos nessa área, se não seguirem esses passos ou se o intuito de disciplinar seja, em última instância, a punição e não a restauração do irmão. É, por isso, que a disciplina no âmbito da igreja local é um ato de amor e cuidado entre os membros da congregação.

Também é importante salientar que se após a exortação feita por toda a comunidade ainda não houver o arrependimento e abandono do pecado pelo irmão que está no processo de disciplina, este deve ser tratado como “gentio e publicano” (Mt 18.17). Esses termos usados por Jesus têm gerado controvérsias quanto ao seu significado. Bruce afirma que essas palavras indicam que o transgressor precisa ser excluído,<sup>10</sup> pois são utilizadas por Jesus para se referir aos que estão “alheios ao reino de Deus”.<sup>11</sup> Entretanto, o alvo último desse ato ainda é a restauração do irmão na congregação local.<sup>12</sup>

Outro texto importante para esse assunto é encontrado no capítulo 5, na primeira carta do apóstolo Paulo à igreja de Corinto, que diz:

<sup>5</sup> HENDRIKSEN, W. **Comentário do Novo Testamento – Mateus Vol. 01 & 02**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, vol. 2, p. 237.

<sup>6</sup> LEEMAN, J. **A Igreja e a surpreendente ofensa do amor de Deus**: reintroduzindo as doutrinas sobre a membresia e a disciplina da Igreja. São José dos Campos: Fiel, 2012, p. 222.

<sup>7</sup> HENDRIKSEN, 2010, vol. 2, p. 237-238.

<sup>8</sup> CARSON, D. A.; FRANCE, R. T.; MOTYER, J. A.; GORDON, J. W. **Comentário Bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 1395.

<sup>9</sup> HENDRIKSEN, 2010, vol. 2, p. 241.

<sup>10</sup> BRUCE, F. F. **Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2009, p. 1581.

<sup>11</sup> HENDRIKSEN, 2010, vol. 2, p. 242.

<sup>12</sup> CARSON; FRANCE; MOTYER; GORDON, 2009, p. 1395.

Geralmente, se ouve que há entre vós imoralidade e imoralidade tal, como nem mesmo entre os gentios, isto é, haver quem se atreva a possuir a mulher de seu próprio pai. E, contudo, andais vós ensoberbecidos e não chegastes a lamentar, para que fosse tirado do vosso meio quem tamanho ultraje praticou? Eu, na verdade, ainda que ausente em pessoa, mas presente em espírito, já sentenciei, como se estivesse presente, que o autor de tal infâmia seja, em nome do Senhor Jesus, reunidos vós e o meu espírito, com o poder de Jesus, nosso Senhor, entregue a Satanás para a destruição da carne, a fim de que o espírito seja salvo no Dia do Senhor [Jesus]. Não é boa a vossa jactância. Não sabeis que um pouco de fermento leveda a massa toda? Lançai fora o velho fermento, para que sejais nova massa, como sois, de fato, sem fermento. Pois também Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado (1Co 5.1-7 – ARA).

Nesse texto, pode-se perceber que um irmão da igreja estava possuindo “a mulher de seu próprio pai”, ou seja, estava praticando relações sexuais com a sua madrasta.<sup>13</sup> Paulo em um tom de aparente indignação diz que esse homem deveria ser excluído da igreja (v. 2, 5 e 7). De acordo com Leeman, o processo de Paulo nesse capítulo “começa pouco antes de onde o processo de Jesus termina”, no Evangelho de Mateus capítulo 18, pois Paulo “parte do pressuposto de um não arrependimento irreduzível” enquanto o processo apresentado por Jesus “existe para descobrir se a pessoa está ou não irreduzivelmente obstinada – para verificar o que Paulo dá como certo”.<sup>14</sup> Outra diferença nessas duas passagens é que, na apresentada no Evangelho de Mateus, o cristão que viu o pecado do irmão ainda precisa que duas ou três testemunhas concordem com ele e depois que a igreja toda confirme sua palavra. Já em 1 Coríntios 5 toda a igreja já reconhecia esse pecado.<sup>15</sup>

Alguns princípios podem ser inferidos desse texto. Primeiro, Paulo fala que a aplicação da disciplina é necessária, pois no versículo 2, o apóstolo assume que a excomunhão já deveria ter sido praticada pela igreja. Segundo, é possível ver nesse texto um dos objetivos da disciplina: o impedimento da propagação do mal dentro da igreja (v. 6-7). Terceiro, é possível observar que a excomunhão é uma forma legítima de se aplicar a disciplina corretiva (v. 2-7). Além do que, a igreja, por intermédio de seus membros, deveria participar desse processo (v. 4-5). Os textos de Mateus 18 e 1 Coríntios 5 podem ser considerados como textos bases para o processo de disciplina a ser aplicado no contexto de comunidades eclesiais.<sup>16</sup>

Quando analisados os dois textos, muitos cristãos acreditam que Mateus 18 ensina a tratar dos pecados “comuns” e 1 Coríntios 5 apresenta a maneira de tratar pecados mais “escandalosos”.<sup>17</sup> Porém, como já exposto, esses textos são complementares um ao outro, e não dois modelos distintos e, portanto, as comunidades locais não devem tratar os pecados simplesmente como “pequenos” ou “grandes” ou “comuns” e “escandalosos”. Ao contrário, deve-se sempre olhar para “pecado versus arrependimento”, pois “mesmo quando o pecado

<sup>13</sup> KISTEMAKER, S. **Comentário do Novo Testamento – 1Coríntios**. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, p. 198.

<sup>14</sup> LEEMAN, 2016, p. 65.

<sup>15</sup> LEEMAN, 2016, p. 65-66.

<sup>16</sup> CASEMIRO, A. D. **A disciplina eclesial**. Disponível em: <<https://bereianos.blogspot.com/2016/08/a-disciplina-ecclesiastica.html>>. Acesso em jul. 2019.

<sup>17</sup> LEEMAN, 2016, p. 60-61.

de alguém parece grande, a igreja ainda precisa estar convencida de que a pessoa de fato não está arrependida”.<sup>18</sup> A diferença, então, não está no tipo de pecado, mas sim se há arrependimento ou não da parte do transgressor.

Leeman ainda, resume alguns princípios bíblicos gerais correlacionados ao objetivo de se aplicar a disciplina dentro da igreja e que são fundamentados em Mateus 18 e de 1 Coríntios 5. Primeiro, a disciplina tem como propósito expor o pecado para que esse possa ser tratado e lançado fora. Segundo, a aplicação do processo de disciplina tem como objetivo advertir às pessoas sobre um julgamento maior que há de vir. Terceiro, essa prática tem como propósito salvar, ou seja, restaurar o irmão que está seguindo por caminhos de morte. Em quarto lugar, a disciplina no âmbito da igreja local procura proteger a igreja. Por último, essa prática visa a proteção do nome de Jesus diante dos incrédulos.<sup>19</sup>

Outros textos das Escrituras, também, abordam sobre a disciplina, mostrando que era uma prática comum na igreja neotestamentária (Gl 6.1; Ef 5.11; Tt 3.10; 2 Ts 3.14,15; 2 Jo 2.9). Porém, os dois textos mais claros e detalhados sobre o assunto são os tratados acima. Com isso, construiu-se os princípios básicos, comprovando a origem bíblica dessa doutrina, bem como diretrizes para sua aplicação.

## 2. A INFLUÊNCIA DA CULTURA CONTEMPORÂNEA E A DISCIPLINA ECLESIASTICA NAS PRINCIPAIS CONFISSÕES DE FÉ DA TEOLOGIA REFORMADA

O pós-modernismo é o pensamento que se fortaleceu e cresceu após o fracasso do comunismo, simbolizado pela queda do muro de Berlim.<sup>20</sup> Segundo Domingues, “o pensamento pós-moderno se verifica na recusa à essência absoluta das coisas”.<sup>21</sup> Assim essa cultura é avessa a verdades absolutas. Lewis, em seu livro de ficção e humor *Cartas de um Diabo ao seu aprendiz*, retrata, a partir da mão de um de seus personagens, a cultura de sua época como irracional, que não busca o que é verdadeiro ou falso, mas apenas aquilo que lhe convém, caracterizando o que viria a ser chamado de pós-modernismo.<sup>22</sup>

Campos afirma que o pluralismo “desenvolveu-se de maneira impressionante no período pós-moderno, porque este é o período das contestações, do abandono e das rejeições dos padrões e das crenças anteriores”.<sup>23</sup> Seguindo na mesma linha, o autor também afirma que o pós-modernismo elevou a experiência religiosa como autoridade. Assim, a importância de uma fonte de autoridade revelada perde seu valor, quando comparada à experiência do indivíduo. Como mostrado por Amaral Filho, a cultura contemporânea tem influenciado o processo de disciplina eclesial, devido a diversas influências recebidas, especialmente do

<sup>18</sup> LEEMAN, 2016, p. 66.

<sup>19</sup> LEEMAN, 2016, p. 35-36.

<sup>20</sup> CAMPOS, H. C. O pluralismo do pós-modernismo. *Fides Reformata*, 1997. Disponível em: <[https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2019/02/1\\_O\\_Pluralismo\\_do\\_Pos-Modernismo\\_Heber\\_Campos.pdf](https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2019/02/1_O_Pluralismo_do_Pos-Modernismo_Heber_Campos.pdf)>. Acesso em jul. 2019..

<sup>21</sup> DOMINGUES, Gleyds Silva. *A arte da pesquisa na construção de ideias e argumentos*, 2019, p. 140.

<sup>22</sup> LEWIS, C. S. *Cartas de um diabo a seu aprendiz*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 2.

<sup>23</sup> CAMPOS, 1997, p. 2.

Iluminismo e sua forte ênfase no poder da razão humana, relegando a religião a uma esfera ausente do senso de comunidade, restrita somente ao indivíduo.<sup>24</sup>

Casemiro lista algumas acusações que geralmente são feitas contra a prática da disciplina eclesiástica, são elas: falta de amor pelo irmão impenitente, é contrária à liberdade cristã; é contrária à felicidade do indivíduo; afasta as pessoas da igreja; é hipócrita, pois todos pecam; e, por fim, é injusta.<sup>25</sup> Todas essas acusações são fundamentadas em argumentos antropocêntricos e possuem como pano de fundo a relativização das escrituras, demonstrando a influência da pós-modernidade no pensamento de vários cristãos dessa era.

Mohler Jr. afirma que a falta de disciplina eclesiástica começou a ser sentida dentro do protestantismo a partir do século XX, quando a igreja começou a ser influenciada negativamente pela cultura individualista, deixando gradativamente de lado o aspecto congregacional da vida cristã.<sup>26</sup> Sendo assim, pode-se concluir que a cultura contemporânea fortemente moldada pelo pós-modernismo influenciou e continua influenciando a teologia e a prática da igreja cristã no que tange à disciplina eclesiástica.

Ao analisar as principais confissões de fé oriundas da teologia reformada, faz-se necessário uma breve exposição do pensamento de seu principal expoente, João Calvino. Em suas *Institutas* ele afirma que “a disciplina é necessária à Igreja” para que esta possa ser ordenada.<sup>27</sup> Ele apresenta a disciplina corretiva como o nervo da igreja, ligando cada um de seus membros aos outros e guardando-os em seus lugares específicos. Ele, ainda, diz que:

[...] a disciplina serve de freio para deter e domar aos que vociferam contra a doutrina de Cristo; serve também de aguilhão para fustigar aos negligentes e preguiçosos; serve ainda de vara paterna para castigar, com clemência e com a mansidão do Espírito de Cristo, aos que caíram gravemente.<sup>28</sup>

Nesse sentido, observa-se como este reformador considerava a disciplina como aspecto essencial para a manutenção da igreja de Cristo. É nessa mesma linha que as confissões subsequentes que sofreram influência de seu ensino defendem a prática da disciplina nas igrejas como sendo um princípio bíblico.

As principais confissões de fé reformada são a confissão de fé Escocesa (1560), a confissão Belga (1561), o catecismo de Heidelberg (1563), os cânones de Dort (1618), a confissão de fé de Westminster (1647) e a confissão de fé Batista de Londres (1689). Como a confissão de fé Batista de Londres é extremamente parecida com a confissão de fé de Westminster e o autor é de confissão Batista, apenas a de Londres será analisada.

A confissão de fé Escocesa afirma no capítulo XVIII, que a disciplina eclesiástica é uma das marcas de uma verdadeira igreja, além da pregação fiel das escrituras e da administração

<sup>24</sup> AMARAL FILHO, W. **A disciplina eclesiástica na contemporaneidade**. Mackenzie, 2009. Disponível em: <<http://www.editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/viewFile/1136/850>>. Acesso em: jul. 2019.

<sup>25</sup> CASEMIRO, 2016, p. 1.

<sup>26</sup> MOHLER Jr, 2000, p. 16

<sup>27</sup> CALVINO, J. **A instituição da religião cristã**. São Paulo: UNESP, 2007, p. 651.

<sup>28</sup> CALVINO, 2007, p. 651-652.

correta das ordenanças. Além disso, essa confissão diz que a disciplina serve para “reprimir o vício e estimular a virtude”.<sup>29</sup>

A confissão Belga traz em seu artigo 29, que a terceira marca da verdadeira igreja é a disciplina eclesiástica “para castigar os pecados” e que todos os crentes, como são chamados a participarem de uma congregação local de seguidores de Jesus, devem se submeter à essa disciplina.<sup>30</sup>

O catecismo de Heidelberg afirma como se dá o processo da disciplina para aqueles que se dizem cristãos, mas “se comportam na doutrina ou na vida como não cristãos”. Devem ser feitas várias admoestações aos cristãos em pecado deliberado, antes de eles serem disciplinados pela comunidade eclesiástica da qual fazem parte, porém, caso não haja arrependimento, devem ser “excluídos da congregação”.<sup>31</sup>

Os cânones de Dort, em seu capítulo sobre a corrupção do homem e sua conversão, afirmam que os apóstolos e os mestres que os sucederam buscaram cuidar do povo de Deus por intermédio da pregação do evangelho, da administração das ordenanças e da aplicação da disciplina.<sup>32</sup>

A confissão de fé Batista de Londres mostra que Deus deu a cada uma das congregações locais a autoridade de exercer a disciplina sobre seus membros. O documento, também, pontua que todos os seguidores de Cristo são ordenados a serem membros de congregações locais e, conseqüentemente, submissos à disciplina aplicada pela igreja.<sup>33</sup>

Assim, pode-se ver que dentro das principais confissões que moldaram a teologia reformada é atribuído grau de importância para o assunto da disciplina eclesiástica e sua aplicação na vida da igreja. Isso indica que a prática de disciplina tem por finalidade a recondução de posturas e, ainda, o redirecionamento quanto às ações distanciadas dos princípios revelados nas Escrituras.

### 3. O ENSINO CONTEMPORÂNEO DA DISCIPLINA ECLESIASTICA

Grandes teólogos Batistas contemporâneos de tradição reformada têm ensinado sobre a importância desse assunto na vida da igreja, como Mark Dever e Jonathan Leeman. Leeman, em seu livro sobre a prática da disciplina na igreja, lista seis motivos pelos quais se deve praticá-la: primeiro, provém das Escrituras; segundo, “é uma implicação do evangelho”; terceiro, ajuda a igreja a se manter saudável; quarto, guarda o bom testemunho da igreja diante da sociedade; quinto, chama a atenção dos pecadores para um julgamento maior que

<sup>29</sup> **CONFISSÃO DE FÉ ESCOCESA.** Disponível em: <[http://www.monergismo.com/textos/credos/confissao\\_escocesa.htm](http://www.monergismo.com/textos/credos/confissao_escocesa.htm)>. Acesso em: jul. 2019.

<sup>30</sup> **CONFISSÃO BELGA.** Disponível em: <[http://www.monergismo.com/textos/credos/confissao\\_belga.htm](http://www.monergismo.com/textos/credos/confissao_belga.htm)>. Acesso em: jul. 2019.

<sup>31</sup> **CATECISMO DE HEIDELBERG.** Disponível em: <[http://www.monergismo.com/textos/catecismos/catecismo\\_heidelberg.htm](http://www.monergismo.com/textos/catecismos/catecismo_heidelberg.htm)>. Acesso em: jul. 2019.

<sup>32</sup> **CÂNONES DE DORT.** Disponível em: <<http://www.monergismo.com/textos/credos/dort.htm>>. Acesso em: jul. 2019.

<sup>33</sup> **CONFISSÃO DE FÉ BATISTA DE LONDRES.** Disponível em: <<http://www.monergismo.com/textos/credos/1689.htm>>. Acesso em: jul. 2019.

há de vir e, por último e mais importante, “protege o nome e a reputação de Jesus Cristo na terra”.<sup>34</sup>

Respondendo a grande influência do fundamentalismo nas igrejas evangélicas de hoje, o autor também afirma que os princípios da disciplina, apresentados em seu livro, não se tratam de “jurisprudência para fundamentalistas”. Ele define fundamentalismo como a ânsia de querer respostas muito específicas, ultrapassando o que a escritura apresenta. A Bíblia “nos oferece as orientações gerais, ou seja, o modelo”.<sup>35</sup> Com isso, o autor reconhece que o processo de disciplina é mais complexo do que se imagina e, por isso, deve-se confiar em Deus e clamar por sabedoria para lidar com cada situação que pode surgir.

Seguindo nessa mesma direção, ele apresenta alguns princípios bíblicos, no sentido de entender e praticar o mandamento deixado por Jesus de arguir o irmão em pecado. Ele afirma que a disciplina é um processo natural do discipulado, pois, em suas palavras:

[...] ser discipulado é, entre outras coisas, ser disciplinado – e um cristão é discipulado por meio da instrução e da correção, como em uma aula de matemática em que o professor explica a lição e depois corrige os erros dos alunos.<sup>36</sup>

Com isso, o autor deixa claro que a prática disciplinar deveria ser um processo natural da igreja, visto que sua aplicação objetiva a correção de pensamentos, atitudes e práticas daqueles que vivem, obstinadamente, cometendo algum pecado. E se é pecado faz-se necessário que haja confissão e arrependimento. A comunidade eclesial pode ajudar nesse processo, mantendo posicionamento firme e disciplinando em amor.

Mark Dever, em seu livro sobre as marcas de uma igreja saudável faz um panorama bíblico sobre a disciplina eclesial e analisa como os cristãos do passado, especialmente os batistas, a conduziam em suas igrejas. Analisando, principalmente, o trabalho de Greg Wills em *Democratic Religion* (Religião democrática), ele afirma que os pastores Batistas “do século XIX consideravam como sua principal tarefa o pregarem fielmente a palavra de Deus e ministrarem com fidelidade a disciplina piedosa”. Acrescenta-se a isso o fato de “grande parte do compromisso histórico dos Batistas com a liberdade religiosa era motivada pelo desejo de que a igreja exercesse sua disciplina sem a interferência do Estado”.<sup>37</sup>

O autor também apresenta motivos pelos quais deve-se praticar a disciplina na comunidade local. O primeiro é para o benefício do irmão que está em pecado; segundo, para que outros cristãos possam ver o perigo do pecado; terceiro, é saudável para a igreja, pois ajuda a mantê-la santa; quarto, para o testemunho da igreja aos olhos da sociedade incrédula, pois “quando as igrejas são vistas se conformando com o mundo, isso torna mais difícil a tarefa de evangelização”;<sup>38</sup> e, por último, para glorificar a Deus. Finalizando sobre esse assunto ele afirma que:

---

<sup>34</sup> LEEMAN, 2016, p. 24.

<sup>35</sup> LEEMAN, 2016, p. 22

<sup>36</sup> LEEMAN, 2016, p. 30

<sup>37</sup> DEVER, 2007, p. 196

<sup>38</sup> DEVER, 2007, p. 209

[...] Precisamos amar uns aos outros e ser responsáveis uns pelos outros, porque todos nós teremos ocasiões em que a nossa carne desejará seguir um caminho diferente do que Deus revelou nas Escrituras [...]. Se quisermos ver nossas igrejas saudáveis, temos de nos preocupar ativamente uns com os outros, até o ponto da confrontação.<sup>39</sup>

Dever e Alexander apresentam diversos conselhos práticos para a aplicação da disciplina em uma igreja local. Eles começam afirmando que “a disciplina corretiva é semelhante a uma cirurgia – corrige algo que está errado no corpo, para que não resulte em uma enfermidade mais grave”.<sup>40</sup> Continuando na mesma linha de argumentação eles afirmam que “negligenciar a disciplina corretiva pode ser letal para a igreja”<sup>41</sup>, pois pode permitir que o pecado se alastre na vida da membresia, causando consequências graves para a comunidade eclesial, impedindo que a igreja desfrute de saúde e cresça em obras produtivas, manchando o testemunho da comunidade.

O primeiro conselho dado aos pastores de igrejas que querem começar a aplicar essa doutrina é estimular publicamente amizades intencionais entre os membros, com o objetivo de prestar contas uns aos outros. Segundo os autores:

[...] confessar nossos pecados uns aos outros nos faz trazê-los à luz, onde podem ser tratados no contexto de amizades mutuamente santificadoras, nas quais as pessoas fortalecem umas às outras por meio da oração, do encorajamento e da aplicação da Palavra.<sup>42</sup>

Esse é um processo que, segundo eles, deve vir antes da aplicação da disciplina corretiva pública, pois os relacionamentos em amor entre os membros da congregação são os ligamentos da igreja que a auxiliam em seu crescimento. Outro conselho dado pelos pastores é o envolvimento de todos os presbíteros da igreja, para proteger a liderança de ceder às pressões que uma disciplina pode trazer.

Uma lista de membros que necessitam especialmente de oração e de cuidado, mesmo que não seja por motivos pecaminosos, é apresentado pelos autores como outra maneira de preparar a igreja para um processo de disciplina, pois “uma das utilidades dessa lista é conscientizar a igreja da necessidade de oração em favor de qualquer membro que peca de maneira escandalosa e impenitente”.<sup>43</sup> E, quando o processo chega ao ponto da excomunhão de um membro, os pastores devem ensinar e lembrar a igreja que a exclusão é “a remoção de uma pessoa do rol de membros e, mais fundamentalmente, a exclusão da pessoa da participação da ceia do Senhor”.<sup>44</sup>

Por fim, os pastores encorajam compreensão dos outros líderes de outras congregações a prosseguirem no caminho árduo de levar às igrejas a compreenderem o papel saudável e bíblico da disciplina em suas vidas, através da pregação, oração e paciência.

---

<sup>39</sup> DEVER, 2007, p. 211-212

<sup>40</sup> DEVER, M.; PAUL, A. **Igreja intencional**. São José dos Campos: Fiel, 2008, p. 88

<sup>41</sup> DEVER; ALEXANDER, 2008, p. 88.

<sup>42</sup> DEVER; ALEXANDER, 2008, p. 89.

<sup>43</sup> DEVER; ALEXANDER, 2008, p. 91.

<sup>44</sup> DEVER; ALEXANDER, 2008, p. 92.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura moderna tem influenciado a igreja e sua compreensão da doutrina da disciplina corretiva. Porém, excelentes teólogos e pastores têm levantado sua voz, fazendo ecoar o ensino bíblico, proporcionando o entendimento dessa doutrina para a igreja contemporânea.

Muitos cristãos têm perdido o senso de comunidade por conta da ênfase exacerbada no individualismo, característico da cultura atual.<sup>45</sup> Como consequência, os membros se sentem retraídos, não querendo envolver-se na vida de outros irmãos, abrindo espaço para murmurações e o crescimento do pecado dentro da igreja. Outro problema que a cultura atual relegou às igrejas é o relativismo, em que a autoridade das escrituras é negada, tornando textos mais “espinhosos” como Mateus 18 e 1 Coríntios 5, praticamente inutilizáveis. A solução para isso é o retorno às escrituras como um todo, pois elas são consideradas como única fonte de fé e prática.

Além disso, a disciplina que se recebe do Senhor, como diz o autor da Carta aos Hebreus, pode parecer em um primeiro momento motivo de tristeza, porém, no final, produz frutos de paz e justiça (Hb 12.11). O autor está falando sobre a disciplina que Deus exerce sobre seus filhos, e uma das maneiras de serem disciplinados pelo Senhor é por meio da autoridade, que ele mesmo delegou a uma comunidade de crentes reunidos localmente. Desse modo, mostrou-se que a disciplina é, em última instância, amorosa, uma vez que busca a restauração do irmão que está em pecado.

A igreja contemporânea atual tem-se mostrado cada vez mais avessa à disciplina corretiva na igreja e, conseqüentemente, tem havido uma falta de compreensão dessa prática. Apesar de muitos fatores estarem envolvidos nisso, apresentou-se a influência da cultura como um fator determinante para esse resultado. Assim, a teologia reformada, seguindo a tradição de João Calvino e seus expoentes, tem levantado grandes nomes como Mark Dever, Jonathan Leeman e Albert Mohler Jr, lembrando a importância da prática dessa doutrina na história da igreja, sua fundamentação bíblica, apontando os erros e mostrando o caminho bíblico.

Por fim, apregoa-se a necessidade de se ter pastores bíblicos, que levantem suas vozes para o ensino da igreja contemporânea, que exponham o que a Bíblia ensina, que corrijam tanto os erros de entendimento sobre práticas que se distanciam da verdade revelada, como apresentem princípios práticos para a aplicação dessa doutrina bíblica, saudável e equilibrada.

## REFERÊNCIAS

AMARAL FILHO, W. **A disciplina eclesiástica na contemporaneidade**. Mackenzie, 2009. Disponível em: <<http://www.editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/viewFile/1136/850>>. Acesso em: jul. 2019.

BRUCE, F. F. **Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2009.

---

<sup>45</sup> MOHLER Jr, 2000, p. 17.

CALVINO, J. **A instituição da religião cristã**. São Paulo: UNESP, 2007.

CAMPOS, H. C. O pluralismo do pós-modernismo. **Fides Reformata**, 1997. Disponível em: <[https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2019/02/1\\_O\\_Pluralismo\\_do\\_Pos-Modernismo\\_Heber\\_Campos.pdf](https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2019/02/1_O_Pluralismo_do_Pos-Modernismo_Heber_Campos.pdf)>. Acesso em jul. 2019.

**CÂNONES DE DORT**. Disponível em: <<http://www.monergismo.com/textos/credos/dort.htm>>. Acesso em: jul. 2019.

CARSON, D. A.; FRANCE, R. T.; MOTYER, J. A.; GORDON, J. W. **Comentário Bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

CASIMIRO, A. D. **A disciplina eclesial**. Disponível em: <<https://bereianos.blogspot.com/2016/08/a-disciplina-ecclesiastica.html>>. Acesso em jul. 2019.

**CATECISMO DE HEIDELBERG**. Disponível em: <[http://www.monergismo.com/textos/catecismos/catecismo\\_heidelberg.htm](http://www.monergismo.com/textos/catecismos/catecismo_heidelberg.htm)>. Acesso em: jul. 2019.

**CONFISSÃO BELGA**. Disponível em: <[http://www.monergismo.com/textos/credos/confissao\\_belga.htm](http://www.monergismo.com/textos/credos/confissao_belga.htm)>. Acesso em: jul. 2019.

**CONFISSÃO DE FÉ BATISTA DE LONDRES**. Disponível em: <<http://www.monergismo.com/textos/credos/1689.htm>>. Acesso em: jul. 2019.

**CONFISSÃO DE FÉ ESCOCESA**. Disponível em: <[http://www.monergismo.com/textos/credos/confissao\\_escocesa.htm](http://www.monergismo.com/textos/credos/confissao_escocesa.htm)>. Acesso em: jul. 2019.

DEVER, M. **Nove marcas de uma igreja saudável**. São José dos Campos: Fiel, 2007.

DEVER, M.; PAUL, A. **Igreja intencional**. São José dos Campos: Fiel, 2008.

HENDRIKSEN, W. **Comentário do Novo Testamento – Mateus Vol. 01 & 02**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

KISTEMAKER, S. **Comentário do Novo Testamento – 1Coríntios**. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

LEEMAN, J. **A Igreja e a surpreendente ofensa do amor de Deus**: reintroduzindo as doutrinas sobre a membresia e a disciplina da Igreja. São José dos Campos: Fiel, 2012.

LEEMAN, J. **Disciplina na igreja**: como a igreja protege o nome de Jesus. São Paulo: Vida Nova, 2016.

LEWIS, C. S. **Cartas de um diabo a seu aprendiz**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MOHLER Jr, A. **Church discipline**: the missing mark. Disponível em: <[http://d3pi8hptl0qhh4.cloudfront.net/documents/sbjt/sbjt\\_2000winter3.pdf](http://d3pi8hptl0qhh4.cloudfront.net/documents/sbjt/sbjt_2000winter3.pdf)>. Acesso em: jul. 2019.

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## IGREJA EM CÉLULA E PREGAÇÃO EXPOSITIVA: UMA RELAÇÃO COMPLEMENTAR

Cell church and expositive preaching: a complementary relationship

Rafael Blume Pereira de Almeida<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo analisa a articulação entre a proposta de igreja em célula e a proposta da pregação expositiva. Analisa-se a relação complementar entre elas, para evidenciar que sua prática conjugada resulta em uma igreja com membros que tem profundo relacionamento com as Escrituras e formação bíblica. Se por um lado a igreja em célula tem sido criticada pela ênfase nos relacionamentos, colocando em risco, com isso, a profundidade no estudo na Palavra de Deus; por outro a pregação expositiva pode ser o fundamento da formação de uma igreja em célula forte, profunda nos relacionamentos e profunda na exposição e formação bíblica de seus membros. Para produzir as reflexões deste artigo optou-se primeiramente por discorrer sobre o conceito de pregação expositiva, sobre o conceito de uma igreja em célula, buscando estabelecer o diálogo entre ambos, demonstrando a proeminência da pregação expositiva como um dos pilares fundamentais na vida da igreja em célula. Demonstrou-se a validade dessa relação complementar que acontece nas igrejas Elim San Salvador, Catedral de Louvor Maranata, igreja Batista Filadélfia e igreja Videira. Há referências bíblicas para fundamentar as reflexões aqui presentes e menção a autores que se destacam por publicações que tratam dos referidos conceitos.

**Palavras-chaves:** Igreja Saudável. Pregação Expositiva. Igreja em células. Relacionamento. Complementaridade.

<sup>1</sup> Mestre em Teologia Pastoral pela FABAPAR, na linha de pesquisa Leitura e Ensino da Bíblia, sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup> Marivete Zanoni Kunz. E-mail: [rafaelblume@gmail.com](mailto:rafaelblume@gmail.com)

## ABSTRACT

This article analyzes the articulation between the Cell Church proposal and the Expository Preaching proposal, analyzing a complementary relationship between them, and showing that their combined practice may result in a church with more profound relationships and knowledge of the Scriptures by its members. If, on the one hand, Cell Church has been criticized for its emphasis on relationships, jeopardizing the depth of study of the Word of God, on the other hand, Expository Preaching can be the foundation for the formation of a Church in a Cells, profound in relationships and profound in the biblical exposition. For the discussion, it was chosen to discuss the concept of Expository Preaching and the concept of Church in Cells, to establish a dialogue between them, demonstrating a prominence of Expository Preaching as one of the fundamental pillars in the life of the Church in Cells. The validity of this complementary relationship was demonstrated through churches like Elim San Salvador, Cathedral of Praise Maranata, Baptist Church Philadelphia, and Church Videira. Biblical references and other authors who deal with these concepts were presented to support the reflections.

**Keywords:** Healthy Church. Expository Preaching. Cell Church. Relationship. Complementarity

## INTRODUÇÃO

Este artigo se propõe a contribuir com a proposta de igrejas em célula, analisando a importância e o uso da pregação expositiva dentro deste contexto de igreja. Uma vez que a igreja em célula tem sido acusada de excessiva ênfase relacional e não possuir profundidade no estudo na Palavra de Deus.<sup>2</sup> Este artigo se propõe a analisar a proposta de igreja em célula e sua estrutura, em paralelo, a importância da pregação exegética expositiva formando uma igreja em célula com relacionamentos profundos, profunda na exposição e formação bíblica de seus membros.

Hernandes Dias Lopes afirma que “muitos pastores, infelizmente, abandonaram o compromisso com a fé verdadeira”.<sup>3</sup> Muitos destes, tão dedicados ao movimento de crescimento da igreja, deram exagerada atenção ao crescimento numérico à custa da dedicação à pregação bíblica genuína.<sup>4</sup> Um dos principais desafios da igreja contemporânea, de forma geral, é retomar a prática de sermões bíblicos relevantes e construir novamente uma igreja, na qual, em meio ao crescimento numérico que se experimenta hoje no Brasil, os membros tenham cultura bíblica. Assim, analisa-se o conceito de pregação expositiva e sua prática como proposta de proclamação bíblica.

Porém, outro aspecto importante a ser formado nas igrejas é a construção de comunidades de comunhão, discipulado e evangelismo. Caminho pelo qual a igreja em célula tem trilhado e apregoadado. A igreja em célula tem como proposta um resgate da característica comunitária da igreja primitiva, propondo à recuperação de valores bíblicos, a aplicação de

<sup>2</sup> BEZZERIL, Moisés C. **Igreja em células**: uma ameaça à eclesiologia reformada e ao pastorado apostólico. Teresina, 2005. Disponível em: <[HTTPS://REFORMADOS21.COM.BR/2016/03/02/IGREJA-EM-CELULAS-UMA-AMEACA-A-ECELESIOLOGIA-REFORMADA-E-AO-PASTORADO-APOSTOLICO-13/](https://reformados21.com.br/2016/03/02/igreja-em-celulas-uma-ameaca-a-eclesiologia-reformada-e-ao-pastorado-apostolico-13/)>. Acesso: 07 fev. 2019, p. 15.

<sup>3</sup> LOPES, Hernandes Dias. **Pregação expositiva**: sua importância para o crescimento da igreja. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 12.

<sup>4</sup> LOPES, 2008, p. 13.

estruturas que facilitem e promovam uma vida comunitária de cuidado mútuo e discipulado pessoal e vivencial.

Visto que, a proposta do movimento de igrejas em células não é de arrefecer a pregação da palavra ou o culto tradicional, antes, sua intenção é uni-la ou completá-la com as reuniões e encontros relacionais em grupos pequenos. Willian A. Beckham, em seu livro “A Segunda Reforma”, afirma que:

O propósito deste livro não é enfraquecer a asas do grupo grande da igreja tradicional, mas incentivá-la a também começar a usar a asa do grupo pequeno. A vida do grupo grande tradicional deve ser equilibrada com a vida em comunidade em grupo pequeno.<sup>5</sup>

O artigo analisará a hipótese de uma igreja saudável, articulando o modelo celular, a pregação expositiva e a relação interna entre elas como proposta prática para uma igreja forte e saudável. Assim, é necessária uma análise da interação entre a igreja em célula e a pregação expositiva de forma que se possa experimentar profundidade comunitária, porém sem perder a profundidade escriturística na vida da igreja.

## 1. A PREGAÇÃO EXPOSITIVA COMO FUNDAMENTO DA IGREJA

Há uma necessidade inicial de conceituarmos a pregação expositiva. Pregar é entregar a Palavra de Deus e Deus fala através da Bíblia. As Escrituras são recheadas de ensinamentos sobre a obra da pregação da Palavra de Deus. “E assim, a fé vem pela pregação, e a pregação pela palavra de Cristo” (Rm 10.17).

A proclamação da palavra é a missão da igreja. É a ordem da grande comissão. As palavras de Jesus são imperativas, como a ordem de um rei que comanda “ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura” (Mc 16.16). É a tarefa que Paulo entrega a Timóteo seu discípulo: “Prega a Palavra” (2Tm 4.2). É o propósito do chamado da igreja como diz Pedro:

Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para sua maravilhosa luz (1Pe 2.9).

A Palavra de Deus manifesta o Seu poder. Pela sua Palavra Deus manifesta seus propósitos. A pregação não pode ser negligenciada. Deus usa sua palavra para manifestar seus propósitos na terra. Por ela Deus alcança os pecadores, transforma corações, produz fé, controla o mundo, cumpre seus propósitos.

Na história da igreja, a pregação teve sempre papel primordial. Ela foi a ferramenta de trabalho dos pais da igreja. A história da igreja tem pregadores como João Crisóstomo, o maior pregador da igreja grega e considerado o maior pregador da história da igreja. Agostinho, o maior pregador da igreja Ocidental, um pregador que com seus sermões influencia a teologia até os dias de hoje no meio acadêmico. Ainda os pré-reformadores como Jhon Wycliffe, que

---

<sup>5</sup> BECKHAN, William A. **A segunda Reforma**: a igreja do Novo Testamento no Século XXI. Curitiba: Ministério igreja em célula do Brasil, 2007, p. 77.

acusou as pregações de sua época, declarando que toda pregação que não fosse centrada na Bíblia devia ser rejeitada. Jhon Huss, um estudioso e pregador bíblico que por causa de sua fidelidade à Bíblia na pregação, foi martirizado.

Diante desta luta a favor da pregação bíblica, a reforma traz consigo a máxima *Sola Scriptura*, reafirmando que a Bíblia é a autoridade máxima sobre a igreja, sendo sua regra única de fé e prática. Assim, o papel fundamental de cada cristão é conhecer e obedecer a Palavra de Deus. Os reformadores se tornaram, então, pregadores eruditos, como Martinho Lutero e João Calvino. Estes pregaram a Bíblia, usando o método expositivo *lectio continua*, cuja Bíblia era pregada em seus diversos documentos, versículo por versículo, do início ao fim. Essa obra dos pregadores reformados promove um avivamento na igreja e na forma de pregação, que havia se perdido com a igreja romana. MaCartney relata esta experiência:

Uma das características mais proeminentes da adoração da igreja reformada sempre foi a pregação de livros bíblicos, isto é, pregar um livro inteiro da Bíblia ou uma secção importante de um livro, começando no início e continuando, capítulo por capítulo, ou até versículo por versículo, de maneira que toda a mensagem do escrito sagrado seja apresentada de modo contínuo durante uma série de semanas ou meses.<sup>6</sup>

Os reformadores fizeram da pregação expositiva sua bandeira e missão. Lutero chega a afirmar: “Eu simplesmente ensinei, preguei, escrevi a Palavra de Deus; nada fiz além disso. [...] A palavra fez tudo”.<sup>7</sup> Lutero considerava a pregação seu trabalho mais importante. Para Lutero, a Palavra de Deus tinha três maneiras de se manifestar. A primeira era Jesus Cristo, a Palavra encarnada, a segunda era a Bíblia, a Palavra escrita e em terceiro a pregação sendo a Palavra proclamada. Lutero preparou mais de mil sermões, escreveu comentários dos livros de Gênesis, Salmos, Romanos, Gálatas, Hebreus, II Pedro e Judas e séries sobre partes dos Evangelhos e Epístolas.

Calvino, por sua vez, considerava que a pregação devia simplesmente respeitar o conteúdo, a mensagem e a forma da passagem. A pregação deveria sempre conformar-se à passagem, pois a Palavra de Deus, para Calvino, era a voz do próprio Deus. Ele pregava versículo por versículo, fazendo explicações e aplicações para cada um e, assim, ele conduzia sua agenda de pregação. Pregou ao longo de seu ministério livros inteiros da Bíblia, pregando versículo por versículo. Para Calvino, a característica principal de uma igreja é a pregação fiel às Escrituras e, por isso, dedicou-se com tanto esmero nessa tarefa.

No caminho da história surgem os puritanos. Eles foram considerados a geração mais culta de todos os tempos. Para os puritanos a pregação era a tarefa principal da igreja. Sua busca à pureza os fez homens muitos dedicados a preservar uma verdadeira doutrina nas Escrituras. Entre eles estão homens como Jhon Knox, Jhon Owen. Além de profundos nas escrituras, de serem expositores eruditos, também eram pregadores muito intensos.

---

<sup>6</sup> MACARTNEY, apud LOPES, 2008, p. 47.

<sup>7</sup> LUTERO, apud LOPES, 2008, p. 58.

Richard Baxter (1615-1692), talvez o mais conhecido de todos os pregadores puritanos, afirmou certa vez: “preguei como se nunca mais fosse pregar novamente, como um moribundo a outro moribundo”.<sup>8</sup>

No século XIX, haviam vários grandes pregadores expositivos. Entre eles estavam Charles Haddon Spurgeon, Charles Finney e Dwight Lyman Moody. O século XX produziu vários pregadores expositivos que se tornaram homens muito influentes através de suas poderosas pregações, entre eles, D. Martyn Lloyd-Jones, Jhon Stott, Jhon Piper.

Jhon Stott, por sua vez, torna-se um dos escritores cristãos mais influentes do seu século e também o pregador expositivo mais conhecido do seu tempo. Este se torna um dos grandes defensores da pregação expositiva. Ele conceitua pregação expositiva como:

Toda pregação autêntica é pregação expositiva. Ela se refere ao conteúdo do sermão (verdade bíblica) em lugar de seu estilo (um comentário fluente). Explicar as Escrituras é extrair do texto o que está nele contido e expô-lo. O expositor abre o que parece fechado, torna claro o que é obscuro, desembaraça o que está amarrado e revela o que se encontra empacotado. O oposto da exposição é a ‘imposição’; que significa impor ao texto o que não existe nele.<sup>9</sup>

A pregação expositiva é o método de pregação que surge da consciência de que não se deve pregar sobre a Bíblia, ou sobre princípios que foram tirados da Bíblia, muito menos sobre ideias e conselhos do pregador. A pregação expositiva reivindica que a tarefa do pregador é pregar a Bíblia. Um caminho que começa da leitura da perícopa, passa pela explicação do texto e, então, se faz aplicações relevantes aos seus ouvintes.

A pregação expositiva é comunicação de um conceito bíblico, derivado de, e transmitido de um estudo histórico, gramatical e literário de uma passagem em seu contexto, que o Espírito Santo primeiro aplica à personalidade e experiência do pregador, e então, através do pregador, aplica aos ouvintes.<sup>10</sup>

Alguns valores são inegociáveis para que uma pregação possa ser considerada pregação bíblica. A primeira verdade é que a Bíblia é a Palavra de Deus, que, ao expô-la, Deus fala com todo seu poder e autoridade. Assim, a congregação precisa ser exposta a toda a Bíblia e não somente às passagens prediletas do pastor ou às passagens mais emocionantes, mesmos as mais duras ou as mais difíceis. É necessário, não somente, pregar a Bíblia, mas pregar toda a Bíblia. Pois “toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça” (2Tm 3.16).

Em seguida, ao reconhecer que a Bíblia é a Palavra de Deus, somente cabe ao pregador entregar a Palavra de Deus. Não a sua. Entregar a Palavra de Deus como os profetas do antigo testamento a entregavam. Os profetas não davam as suas perspectivas. Eles apenas diziam: “Assim diz o Senhor”. Ou, ainda, os pregadores precisam expor as Escrituras segundo o modelo de Esdras que enfatiza a leitura e a explicação. “Leram no livro, na Lei de Deus,

<sup>8</sup> BAXTER, apud LOPES, 2008, p. 58.

<sup>9</sup> STOTT, apud LOPES, 2008, p. 68.

<sup>10</sup> ROBINSON, Haddon W. **Pregação bíblica**: o desenvolvimento e a entrega de sermões expositivos. 2.ed. São Paulo: Shedd, 2002, p. 18.

claramente, dando explicações, de maneira que entendessem o que se lia” (Ne 8.8). Ou, ainda, como Pedro fez a exposição do texto de Joel 2.28,29 no dia de pentecostes.

Para proclamar a Palavra de Deus, o pregador precisa fielmente ir à busca da mensagem original do autor bíblico. Qual sua intenção? Qual a mensagem transmitida para os ouvintes originais? A função do pregador não é de preparar uma mensagem, mas fazer uma pregação que exponha a mensagem fiel do texto. Esse caminho em direção ao significado original do texto leva o pregador a erudição e estudo, beneficiando seu ministério e a congregação. Na busca da intenção do autor, é preciso vencer as barreiras da interpretação de um texto antigo, a saber: o tempo, a língua, a cultura e a geografia. Assim, nesta busca é necessário um caminho exegético na reconstrução do entendimento das línguas originais. Assim como, a análise minuciosa de seu contexto, a reconstrução do cenário histórico, na qual o texto está imerso, bem como a cosmovisão vinda da cultura em seu tempo. Construindo essa ponte com o passado, faz-se a leitura do texto como se fosse o ouvinte original, com os conceitos, cultura, língua e referências do tempo antigo. A cosmovisão contemporânea é fundamental no momento de aplicação da mensagem, mas não pode ser usada no momento de interpretação do texto.

Encontrando a mensagem do texto, agora o pregador pode expô-la. Porém, de maneira relevante ao mundo contemporâneo. Como esta mensagem se aplica à vida dos homens hoje? Como esta mensagem responde as questões do mundo atual? Pregar expositivamente não é aplicar uma aula de história e cultura hebraica antiga, mas extrair a Palavra de Deus do texto, para então, aplicar a vida cotidiana e, ajudar o indivíduo enfrentar conflitos no seu dia a dia.

A pregação expositiva é o desafio de vencer a tensão entre a mensagem de um texto antigo e as necessidades e questões do mundo contemporâneo. A pregação bíblica leva a duas obrigações. A primeira é de ser fiel ao texto bíblico e a segunda de ser sensível ao mundo atual.

## **2. A IGREJA PRIMITIVA COMO PARADIGMA PARA O ENSINO DA IGREJA EM CÉLULAS NA CONTEMPORANEIDADE**

A igreja em células nasceu do desejo de retornar a um estilo de vida eclesiástico que parecesse mais próximo do estilo de vida de Jesus com seus discípulos e da vida da igreja primitiva. Um resgate a uma igreja que voltasse a ser mais pessoal, íntima e ainda compartilhasse o ministério entre todos, mobilizando todos à comunhão, evangelismo e discipulado. Para tal, a proposta é levar a igreja a uma mudança de valores e estrutura e, assim, viver uma vida mais comunitária e orgânica.<sup>11</sup>

### **2.1 A igreja primitiva e a ênfase do seu ensino**

Neighbour tem sido mencionado como “[...] o pai do movimento igreja em células”. Ele afirma que sua proposta pessoal nunca foi desenvolver um modelo de igreja, mas “[...] ajudar

---

<sup>11</sup> SNYDER, Howard. **Vinho novo em odres novos**: vida nova para a igreja. Tradução de Norio Yamakami; Lucy Yamakami; Daniel Yoshimoto. São Paulo: ABU, 2005, p. 93-104.



a igreja a pensar antes sobre como vive a sua vida, não somente sobre mudar suas estruturas. A teologia gera metodologia”.<sup>12</sup> A proposta teológica de Neighbour é pensar em como viver uma vida de igreja mais próxima à vivida pela igreja primitiva. Uma maneira de pensar uma prática eclesiológica “encarnacional”, vivendo “comunidades bíblicas e holísticas”, inserindo-se em “[...] segmentos pequenos e escuros da sociedade com a luz da presença de Cristo”.<sup>13</sup> Sendo assim, a igreja em célula se apresenta como uma proposta missional da igreja.<sup>14</sup>

Na perspectiva de Neighbour, muitos pastores e igrejas adotaram a metodologia de célula, como um modelo apenas e não como uma reflexão teológica, adotando a metodologia, sem teologia. “A importância de desenvolver valores essenciais antes de criar estruturas foi frequentemente ignorada”. E algumas igrejas que adotaram as células como modelo, antes, se “[...] afastaram para muito longe do modelo neotestamentário”.<sup>15</sup>

A igreja nos seus primeiros séculos reunia-se prioritariamente nas casas: “[...] os cristãos se reuniam em casas particulares. Disto acha-se indicações no Novo Testamento”.<sup>16</sup> Os cultos se realizavam no primeiro dia da semana e eram denominados de festas ágapes. O tom dos cultos era festivo, cheio de alegria e gratidão. Como parte do encontro, havia uma grande refeição, para a qual cada um trazia sua contribuição. Partiam o pão e celebravam a Ceia do Senhor. Juntos liam as Escrituras, faziam orações e cantavam hinos. Os primeiros prédios construídos para encontros da igreja só vão ser encontrados no terceiro século.<sup>17</sup>

Essa realidade é percebida nos próprios documentos do apóstolo Paulo,<sup>18</sup> como em suas saudações às igrejas. Como exemplo, pode-se observar “Saudai Priscila e Áquila, meus cooperadores em Cristo Jesus, [...]; saudai igualmente a igreja que se reúne na casa deles” (Rm 16.1,5), “Saudai Filólogo, Júlia, Nereu e sua irmã, Olímpias e todos os santos que se reúnem com eles” (Rm 16.15), “As igrejas da Ásia vos saúdam. No Senhor, muitos vos saúdam, Aquila e Priscila e, bem assim, a igreja que está na casa deles” (1Co 16.19), ainda “Saudai os irmãos de Laudicéia, e Ninfa, e à igreja que ela hospeda em sua casa” (Cl 4.15), e às irmãs Áfia, e Arquipo, nosso companheiro de lutas, e à igreja que está em tua casa” (Fm 2). Hendriksem comentando a respeito de Filemon 2, analisa:

Paulo acrescenta: *e à igreja em sua casa*. Já que nos séculos 1º e 2º os templos do modo como os concebemos hoje ainda não estavam disponíveis, as famílias cultuavam a Deus em seus próprios lares. Tais cultos eram frequentados pelos membros da casa: pai, mãe, filhos, empregados. Se ela

<sup>12</sup> NEIGHBOUR Jr, Ralph Webster. **Unidade básicas do Corpo de Cristo**: vivendo a presença, o poder e o propósito de Deus em comunidades bíblicas. Curitiba: Ministério igreja em células do Brasil, 2009, p. 15.

<sup>13</sup> NEIGHBOUR Jr, 2009, p. 19.

<sup>14</sup> Tem-se adotado recentemente o termo missional com a intenção do resgate do verdadeiro sentido da missão da igreja. Missão é a própria natureza do ser do cristão e, inevitavelmente, da igreja (WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus**: uma teologia bíblica da missão da igreja. Tradução de Valéria Coicev. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 32).

<sup>15</sup> NEIGHBOUR Jr, 2009, p. 64.

<sup>16</sup> GONZÁLES, Justo L. **História do cristianismo**: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 98.

<sup>17</sup> GONZÁLES, 2011, p. 98; SNYDER, 2005, p. 74.

<sup>18</sup> COMINSKEY, Joel. **O grupo pequeno cheio do Espírito**: como conduzir o seu grupo pequeno a usar os dons para a edificação do corpo. Curitiba: Ministério igreja em células, 2008, p. 82.

fosse suficientemente espaçosa para acomodar outros, esses também eram convidados. A igreja primitiva contava com muitos membros hospitaleiros, prontos e ansiosos a oferecer seus lares para propósitos religiosos. Assim, em Jerusalém “muitos se achavam reunidos e oravam” na casa de Maria, mãe de João Marcos (At 12.12). Lídia convidou bondosamente a Paulo e Silas, Timóteo e Lucas a usarem sua casa como sede (At 16.15,40). Aonde quer que Áquila e Priscila fossem, recebiam, tanto quanto possível, adoradores em sua casa. Logo, tanto em Éfeso (I Co 16.19) como em Roma (Rm 16.3-5), havia uma igreja na casa deles”. Laudicéia também possuía sua casa-igreja (CNT Cl 4.15). E igualmente Corinto, na casa de Gaio (Rm 16.3-5). Se o número de crentes fosse pequeno numa cidade, uma casa-igreja poderia ser suficiente; se existisse grande número ou se morassem longe uns dos outros, era necessário mais de uma. Assim não é de se surpreender que Filemom também tivesse demonstrado essa mesma hospitalidade. Já que a membresia da igreja colossense era provavelmente pequena em número, é perfeitamente possível que a congregação inteira se reunisse para adoração em sua casa.<sup>19</sup>

Sobre a igreja nas casas, Henry, em seu comentário de Romanos 16.3-5, afirma que “parece, então, que uma igreja em uma casa não é algo tão absurdo como alguns pensam”. Na sua perspectiva, provavelmente havia uma congregação de cristãos que se reunia na casa de Áquila e Priscila em determinado tempo. Quando Priscila e Áquila estavam em Éfeso, embora não passassem de hóspedes ali, também tiveram uma igreja em sua casa naquele lugar (1Co 16.19). “Um homem verdadeiramente piedoso terá o cuidado de levar a fé consigo aonde quer que for”.<sup>20</sup>

As reuniões da igreja eram participativas, e todos se envolviam. Nos dias atuais, os cultos contam com a participação e envolvimento de menos de 10% da comunidade. Na primeira carta aos Coríntios, Paulo apresentou muitas instruções sobre o culto. “Que fazer, pois, irmãos? Quando vos reunis, um tem Salmo, outro doutrina, este traz revelação, aquele, outra língua e, ainda, outro interpretação, seja tudo feito para edificação” (1Co 14.26).

O culto acontecia em um cenário em que havia a participação de todos os presentes, em um ambiente no qual as pessoas se reuniam em grupos pequenos. Em um ambiente onde todos trabalhavam, onde o corpo de Cristo funcionava, com seus diversos membros e dons, em que havia edificação.<sup>21</sup>

A intensão do ensino das escrituras nunca foi transmitir apenas conhecimento e informação. Discipular não é somente transmitir conhecimento cognitivo, conteúdo, mas também levar à prática da Palavra de Deus. Jesus, quando entrega a missão à igreja, enviando os discípulos a pregar e fazer discípulos, ensina como deveria ser esta tarefa: “Ensinando a guardar todas as coisas que vos tenho ensinado” (Mt 28.20). O trabalho do discipulado tem um aspecto cognitivo e outro aspecto afetivo e também prático. Por um lado, é preciso ensinar, transmitir conhecimento, doutrina, informação. Por outro lado, é preciso ensinar a

<sup>19</sup> HENDRIKSEM, William. **Comentário do NT: 1 e 2 Tessalonicenses, Colossenses e Filemom**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 481.

<sup>20</sup> HENRY, Mathew. **Comentário bíblico Novo Testamento: Atos a Apocalipse**. 2010, p. 421.

<sup>21</sup> NEIGHBOUR Jr, 2009, p. 76.

guardar, a observar, a obedecer, a praticar, para que se torne hábil. Por um lado, é preciso saber a palavra; por outro, é preciso ajudar o discípulo a desenvolver a habilidade de viver e praticar o ensino.

Jesus é o modelo para a prática de ensino e discipulado na vida da igreja. Paulo transmite esta verdade, afirmando aos coríntios “sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (1Co 11.1) e, ainda, afirma à igreja de Éfeso:

Sede imitadores de Deus como filhos amados; e andai em amor, como também Cristo nos amou e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave (Ef 5.1-2).

Ao olhar os relatos dos evangelhos, observa-se Jesus tendo uma vida voltada para o ensino com estilo orgânico, relacional e não institucional. Jesus ensinou publicamente e também formava seus discípulos em um nível mais próximo e íntimo de ensino. Jesus ensinou, por exemplo, a parábola dos semeadores publicamente, mas deu explicações em particular para seu pequeno grupo de discípulos. Jesus promoveu ensino, também exemplo e ainda promoveu envios e experiências. O ensino ou discipulado de Jesus tinham um nível amplo de aprendizagem que ia além do discurso, promoviam a obediência e habilidades.

A base da vida da igreja era relacional. “Jesus chamou os doze para estar com ele” (Mc 3.14). A base do discipulado era um relacionamento pessoal. E também, na vida da igreja primitiva. Igreja são pessoas e não templos, instituição ou programas.

Esse era o entendimento dos apóstolos. O templo são as pessoas, a igreja é a comunidade da fé. De maneira comunitária, viviam como família da fé, compartilhando sua vida, seus bens, e vivendo os mais diversos “uns aos outros” proposto pelas Escrituras. E eles viviam como uma comunidade de amor e compartilhamento, reunindo-se nas casas. Essa reunião se dava não por causa da perseguição, como alguns reivindicam. A igreja tinha uma expressão pública, reunia-se publicamente, também se reunia no templo, mas, mesmo assim, não perdia a característica comunitária e relacional em grupos pequenos.

## **2.2 As reuniões em células e sua proximidade com a igreja primitiva: proposta e propósitos**

A célula vem como resposta à volta de um estilo de vida em grupos pequenos, comunitário, evangelizador e multiplicativo. A célula não é uma reunião semanal, que ocorre em uma casa, mas um grupo de irmãos que experimentam juntos a comunhão, o discipulado, o evangelismo e o ensino. A célula tem uma agenda que percorre vários dias na semana. Há encontros semanais com todos os participantes, há encontros menores de discipulado e prestação de contas, há visitas e encontros evangelísticos intencionais.

A célula tem uma estrutura simples e relacional. A ênfase não é encontro da célula, mas a ênfase está nas pessoas. É um grupo de pessoas que estão dispostas a viver igreja diariamente. A agenda da célula básica está em um dia ter um encontro intencional de discipulado, outro dia ter um encontro intencional com um incrédulo, outro dia encontrar com todos os membros da célula para uma reunião de comunhão, adoração e edificação. Outro dia a célula se encontra com as demais células para uma celebração recheada de

adoração e ensino. É, ainda, comum a intimidade da célula ser tão grande que nos demais dias se encontrem para lazer e diversão juntos ou para um tempo juntos de oração, ou ainda para realizarem ações sociais e comunitárias.<sup>22</sup>

Não é possível desenvolver um relacionamento profundo em grandes grupos, em auditórios e salas de aula. Uma igreja em que há relacionamento de amor entre os irmãos, precisa dos grupos pequenos, de um ambiente onde todos possam falar e ser escutados. Um ambiente em que todos se conheçam e a aplicação dos ensinamentos bíblicos possa ser verdadeiramente prática e aplicada ao dia a dia de cada um.

Assim Joel Comiskey conceitua a célula:

É um grupo de três a quinze pessoas que se encontram semanalmente fora dos prédios da igreja com o propósito de evangelismo, comunhão e discipulado, com o alvo da multiplicação do grupo.<sup>23</sup>

Conceituando a célula tem-se ainda que,

A célula é um grupo pequeno de cinco a doze membros, onde são experimentados comunhão, evangelismo pessoal, discipulado e ensino; onde o alvo é a multiplicação. Em uma igreja em células a vida da igreja emana da célula.<sup>24</sup>

A célula trabalha em cinco sistemas básicos de trabalho. O primeiro é uma vida de comunidade. Assim, um dos propósitos da célula é garantir um ambiente no qual todos se conheçam íntima e pessoalmente, no qual os membros funcionem como um corpo, servindo uns aos outros e compartilhando suas alegrias e tristezas. Uma comunidade marcada por amor, intimidade e serviço mútuo.

O segundo propósito é o de evangelismo. Cada membro é incentivado a manter relações fora do encontro semanal da célula com incrédulos para compartilhar o evangelho. Cada membro é desafiado, mobilizado e enviado. Uma das estratégias mais comuns é incentivar cada membro a desenvolver relacionamento intencional com três amigos e encontrá-los semanalmente com o propósito de compartilhar a sua fé. Durante o encontro da célula, há um momento em que todos compartilham como foram os encontros com seus amigos e oram juntos pelos que estão evangelizando.

O terceiro sistema é o discipulado pessoal. Cada membro é conectado a um cristão mais maduro que vai lhe ajudar a crescer no conhecimento da Palavra e ajudá-lo a pôr em prática seus ensinamentos, criando um ambiente de prestação de contas e compartilhamento mais profundo, um ambiente favorável à exortação e ao consolo.

O próximo sistema é de formação de liderança. O líder da célula é visto como um facilitador. Ele motiva que todos os membros da célula trabalhem, participem, funcionem. O líder tem como objetivo formar outros líderes, levando-os a ter conhecimento e habilidade

---

<sup>22</sup> ALMEIDA, Rafael Blume Pereira. **Igreja: movimento multiplicador**. Curitiba: Ministério igreja em Célula, 2014, p. 23.

<sup>23</sup> COMISKEY, 2008, p. 13.

<sup>24</sup> ALMEIDA, 2014, p. 22.

necessária para multiplicar a célula. Esta é um celeiro de novos líderes para a igreja uma vez que os membros estão sempre sendo treinados com conhecimento e habilidades para tal.

Por fim, o quinto sistema é o treinamento. Cada membro deve estar passando por um processo de desenvolvimento pessoal contínuo. Um trilho de treinamento é formado na igreja, um currículo de ensino que é desenvolvido em vários âmbitos. De um lado, ele tem um currículo em sala de aula, recebendo ensino de maneira formal. De outro, há também o currículo que se desenvolve no ambiente de discipulado pessoal.

### 3. A RELAÇÃO COMPLEMENTAR ENTRE PREGAÇÃO EXPOSITIVA E IGREJA EM CÉLULA

A partir da análise conceitual é possível articular uma proposta de relação complementar entre elas. A proposta tem como ponto norteador o modelo de ensino-aprendizagem proposto por Neighbour que leva em consideração o ensino das Escrituras por meio das diferentes esferas de aprendizado. Estas esferas, conforme apresentadas por ele, possuem uma estrutura hierárquica no processo de aprendizagem. Elas são classificadas como domínio cognitivo, afetivo e psicomotor ou das habilidades. “O domínio cognitivo é a esfera do conhecimento. Aí se requer um mestre que possa apresentar a matéria de modo eficaz”. Neste campo, tem-se o ensino formal, com a característica de púlpito-auditório, professor-aluno. Fundamental para transmitir conhecimento, informação e aprofundar o ensino.<sup>25</sup>

O domínio afetivo é também fundamental para a formação do conhecimento. “Esta esfera inclui os nossos valores. Ela requer um facilitador que ajude os membros do grupo a compartilhar suas experiências e percepção”. Aqui o campo é o do conhecimento do outro, das experiências, das percepções, dos sentimentos, da recepção afetiva do conteúdo. O modelo é do compartilhamento em que há a figura do facilitador, conduzindo o grupo a compartilhar sua compreensão, experiências, vivências, dificuldades, impressões e sentimentos sobre determinado conteúdo.<sup>26</sup>

Há ainda o domínio psicomotor. “Nesta esfera que se encontram as nossas habilidades. Para desenvolver uma habilidade, temos de praticar e repetir determinadas ações”. Agora tem-se a figura do pai ou do mentor. Neste ambiente há as orientações vivenciais de como aplicar na prática o conteúdo exposto no culto de domingo e discutido na reunião da célula. Um ambiente no em que há a figura mais experiente e há conselhos práticos e prestação de conta no desenvolvimento de habilidades e hábitos para a aplicação do conteúdo na experiência diária e pessoal.<sup>27</sup>

A igreja em célula, como proposta de ensino-aprendizagem, conduz o ensino, levando em consideração as três esferas de aprendizagem. Assim o início hierárquico do trabalho educacional começa com o domínio cognitivo. Como alicerce do ensino cognitivo tem a igreja os encontros do grupo grande, no qual um ambiente aluno-professor se desenvolve. A

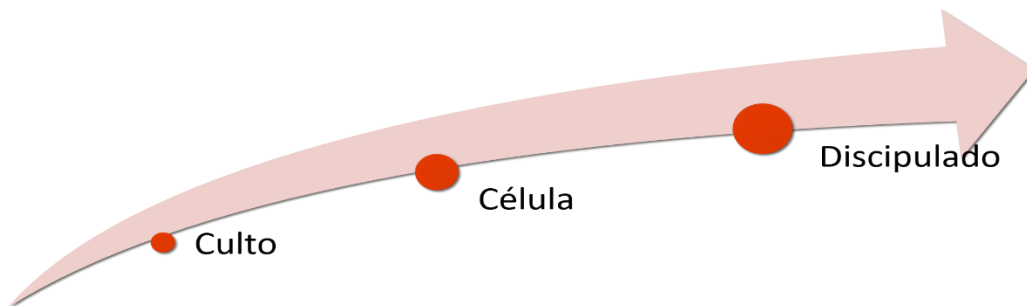
<sup>25</sup> NEIGHBOUR Jr, Ralph Webster. **Manual do líder de célula**. 4.ed. Curitiba: Ministério igreja em células do Brasil, 2004, p. 173.

<sup>26</sup> NEIGHBOUR Jr, 2004, p. 173.

<sup>27</sup> NEIGHBOUR Jr, 2004, p. 173.

pregação e o ensino cognitivo não são menosprezados, mas valorizados como necessários e fundamentais na construção de conhecimento.

Figura 1 – PROCESSO HIERÁRQUICO DO TRABALHO EDUCACIONAL



Neste momento, tem-se, em primazia, da pregação expositiva, construindo a base pela qual a educação se desenvolve nos demais domínios da experiência e aprendizagem da igreja. Daí o pilar da pregação expositiva, como já dito, ser tão fundamental.

A proposta do culto dominical de uma igreja em célula saudável está no ensino da Palavra de Deus através da pregação expositiva. Quando a igreja se encontra para adorar a Deus, a pregação expositiva das escrituras é o centro do culto. A proclamação das verdades de Deus é o propósito da grande celebração. Cada membro deve ouvir os ensinamentos, explicações e aplicações do texto, fazendo anotações, sínteses, análises para reter o máximo de conhecimento. A pregação expositiva ministrada no culto de domingo é o norte para todas as atividades desenvolvidas nas células da semana seguinte. A pregação expositiva é não só o centro do culto dominical, mas também da célula e dos encontros de discipulado.

Figura 2 – PRIMAZIA DA pregação expositiva

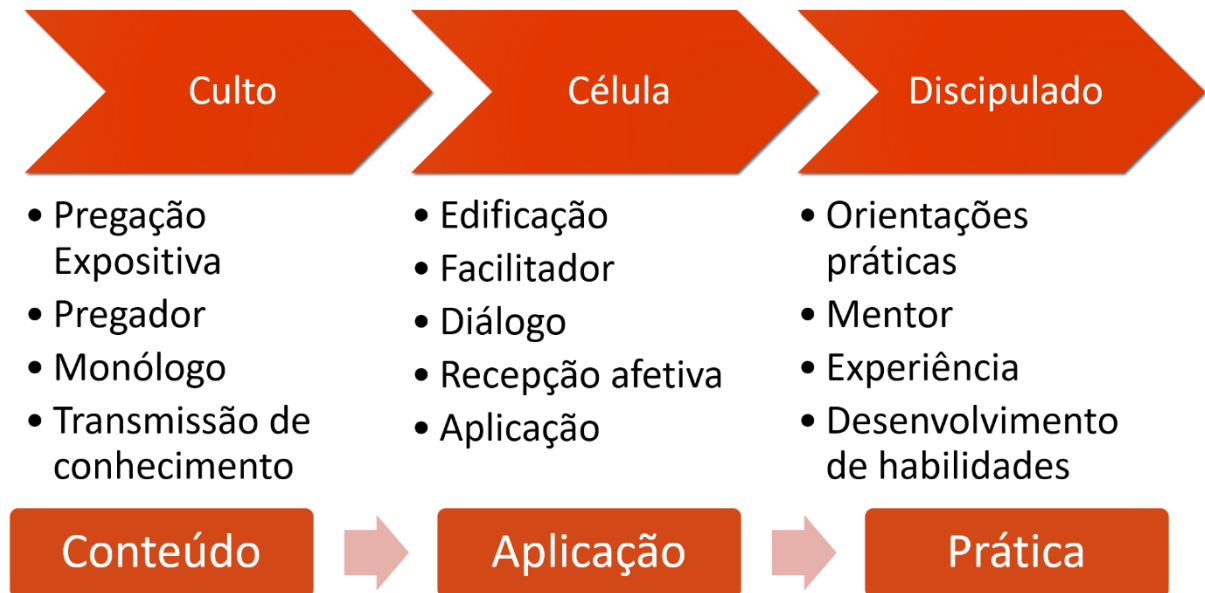


Uma vez que o ensino é comunicado, a experiência da aprendizagem avança para um segundo encontro semanal, o encontro da célula. Durante este encontro, o propósito é levar a um compartilhar de percepções, sentimentos e experiências sobre o conteúdo recebido. Um ambiente em que todos compartilham, em que o líder é um facilitador que estimula a

participação de todos. Com este propósito, a reunião começa com um quebra-gelo, conduzindo a uma primeira participação simples, e preparando os corações para uma reunião no qual todos dialogam. Aqui se alcança o domínio afetivo. Os valores vindos da pregação expositiva são internalizados afetivamente por meio do diálogo, fortalecendo o entendimento do sermão, acrescido das experiências e aplicações vindas da vida dos membros, chegando a um grau de aplicação tal que se revela na realidade e necessidade de cada membro.

Uma terceira reunião na semana alcança o domínio de atividades ou o âmbito prático. O encontro de discipulado pessoal, pelo qual um crente mais maduro e experiente se torna mentor, um pai espiritual, desenvolvendo valores necessários às práticas do dia a dia. Neste ambiente há um nível mais profundo de compartilhamento, confiança, relacionamento e proximidade.

Figura 3 – PROPOSTA DE ENSINO INTEGRAL



Assim, a proposta é levar o ensino integral da Palavra de Deus, por meio da pregação expositiva em: reuniões, no grande grupo, nos cultos. Também o compartilhamento e vivência em grupos pequenos, promovendo a existência de um mentor pessoal na prática do ensino. Assim, mostrar que, o ensino no âmbito do conhecimento, dos valores e da prática, é possível e necessário, por meio desta relação complementar.

Muitas igrejas em células pregam de maneira séria, disciplinada, expositiva, inclusive de maneira *lectio continua*, versículo por versículo. Tem-se entre elas a igreja Catedral de Louvor Maranata, em São Luís do Maranhão que prega em série, livros inteiros da Bíblia em seus cultos de domingo. A igreja Videira, em Goiânia, ficou conhecida, entre suas características por ter promovido séries de pregações de livros inteiros, versículo por versículo em seus cultos de domingo. A igreja Batista Filadélfia, em São Luís do Maranhão, prega séries de mensagens, em livros inteiros, *lectio continua*.

Entre as igrejas em célula que são referência mundial, tem-se a igreja Elim, em El Salvador, América Central. Esta é uma igreja de cerca de 150.000 membros. Dezenas de milhares de células, considerada uma das maiores igrejas locais do mundo.<sup>28</sup>

Joel Comiskey descrevendo o comprometimento de Elim com a pregação expositiva relata que,

Durante os cultos de ensino na noite correspondente, Mario Vega ou um pastor de distrito prega sobre um versículo ou um trecho da Palavra de Deus. O objetivo é alimentar o povo de Deus e a melhor maneira é por meio da exposição cuidadosa da Palavra de Deus. “Fazemos discípulos de nossa gente por meio do ensino da sã doutrina”, disse Mário.<sup>29</sup>

Ainda, descrevendo a maneira expositiva que Elim usa para pregar a Palavra de Deus, Comiskey descreve o que viu em sua visita à igreja,

Elim San Salvador tem os cultos de ensino bíblico nas noites de segunda a quarta-feira, embora nem toda igreja Elim ao redor do mundo, o faça dessa forma. Quando visitei Elin San Salvador em 2003, estavam estudando o livro de Mateus nas noites de segunda-feira, o livro de I João nas terças e o livro de 2 Coríntios nas quartas. Normalmente, Mario Vega toma apenas até três versículos de casa vez, porque deseja realmente aprofundá-los. Nas noites de quinta-feira a sábado estudam as doutrinas básicas.<sup>30</sup>

Com esses exemplos, é possível observar que a relação complementar já existe e tem gerado resultados positivos. Além de existir o diálogo, é importante reforçar que estabelecer a relação complementar é necessário e fundamental.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sermão de domingo e as pregações nos demais cultos fornecem o conhecimento que será desenvolvido na experiência do encontro da célula. Assim, esta mensagem precisa ser de fato a Palavra de Deus. Neste aspecto, a maneira mais saudável para garantir o crescimento bíblico e espiritual da igreja é a prática de pregação expositiva nos cultos da igreja.

Sendo assim, a mesma pregação expositiva alcança três momentos. Primeiramente, a exposição formal do texto bíblico, proporcionando sua explicação e realizando as primeiras aplicações. A pregação expositiva, em um segundo momento, na reunião da célula, encontra um novo ambiente informal e dialógico, com ênfase na assimilação de valores e na extensão de suas aplicações de maneira mais precisa e pessoal. A pregação expositiva ainda reverbera em mais um encontro mediado por um mentor, com ênfase em compartilhamento profundo e prestação de contas, tendo como alvo garantir a prática diante das dificuldades e diferenças individuais.

A igreja em células articulada à pregação expositiva realiza um culto de celebração centralizado na exposição bíblica, no qual o pastor cumpre seu papel de mestre, treinando a

<sup>28</sup> COMINSKEY, Joel. **Paixão e persistência**: história da igreja de Elim. Curitiba: Ministério igreja em células do Brasil, 2006, p. 80.

<sup>29</sup> COMINSKEY, 2006, p. 80.

<sup>30</sup> COMINSKEY, 2006, p. 80.



igreja ao longo das Escrituras. Em seguida, a igreja em células tem a segurança de que as reuniões de grupos pequenos estão devidamente fundamentadas nas Escrituras. Quando a base do diálogo deste encontro é a busca pela aplicação prática fundamentada em uma exposição sólida da Palavra de Deus. Nesse momento, o líder de célula não se apresenta como um mestre, uma vez que ele apenas recorda os ensinamentos da pregação expositiva e empenha seus esforços como facilitador da célula ajudando cada membro a perceber de que forma a mensagem em questão se aplica à vida de cada um.

A igreja em célula precisa se empenhar em pregar expositivamente, especialmente porque “a volta à prática da pregação expositiva em um período marcado pela superficialidade no púlpito e pelo analfabetismo bíblico nos bancos das igrejas é necessidade urgente.”<sup>31</sup> Assim, uma igreja em células cumpre sua proposta quando é uma comunidade que consegue estabelecer um equilíbrio entre a exposição da Palavra de Deus e a vida prática e comunitária das Escrituras por meio dos grupos pequenos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rafael Blume Pereira. **Igreja: movimento multiplicador**. Curitiba: Ministério igreja em Célula, 2014

BECKHAN, William A. **A segunda Reforma: a igreja do Novo Testamento no Século XXI**. Curitiba: Ministério igreja em célula do Brasil, 2007.

BEZZERIL, Moisés C. **Igreja em células: uma ameaça à eclesiologia reformada e ao pastorado apostólico**. Teresina, 2005. Disponível em: <<https://reformados21.com.br/2016/03/02/igreja-em-celulas-uma-ameaca-a-eclesiologia-reformada-e-ao-pastorado-apostolico-13/>>. Acesso: 07 fev. 2019.

COMINSKEY, Joel. **O grupo pequeno cheio do Espírito: como conduzir o seu grupo pequeno a usar os dons para a edificação do corpo**. Curitiba: Ministério igreja em células, 2008.

COMINSKEY, Joel. **Paixão e persistência: história da igreja de Elim**. Curitiba: Ministério igreja em células do Brasil, 2006.

GONZÁLES, Justo L. **História do cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.

HENRY, Mathew. **Comentário Bíblico Novo Testamento: Atos a Apocalipse**. 2010.

HENDRIKSEM, William. **Comentário do NT: 1 e 2 Tessalonicenses, Colossenses e Filemom**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

LOPES, Hernandes Dias. **Pregação expositiva: sua importância para o crescimento da igreja**. São Paulo: Hagnos, 2008.

---

<sup>31</sup> LOPES, 2008, p. 13.

NEIGHBOUR Jr, Ralph Webster. **Manual do líder de célula**. 4.ed. Curitiba: Ministério igreja em células do Brasil, 2004.

NEIGHBOUR Jr, Ralph Webster. **Unidade básicas do corpo de Cristo**: vivendo a presença, o poder e o propósito de Deus em comunidades bíblicas. Curitiba: Ministério igreja em células do Brasil, 2009.

ROBINSON, Haddon W. **Pregação bíblica**: o desenvolvimento e a entrega de sermões expositivos. 2.ed. São Paulo: Shedd, 2002.

SNYDER, Howard. **Vinho novo em odres novos**: vida nova para a igreja. Tradução de Norio Yamakami; Lucy Yamakami; Daniel Yoshimoto. São Paulo: ABU, 2005.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus**: uma teologia bíblica da missão da igreja. Tradução de Valéria Coicev. São Paulo: Vida Nova, 2012.

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## A CONFIABILIDADE DO TEXTO BÍBLICO

KOSTENBERGER, Andreas J.; KRUGER, Michael J. **A heresia da ortodoxia**: como o fascínio da cultura contemporânea pela diversidade está transformando nossa visão do cristianismo primitivo. São Paulo: Vida Nova, 2014.

Felippe de Amorim Ferreira<sup>1</sup>

A obra foi produzida por dois autores especialistas em Novo Testamento e professores de grandes universidades. O primeiro deles é Andreas J. Kostemberger, Ph.D. pelo Trinity Evangelical Divinity School. É professor do Southeastern Baptist Theological Seminary. O segundo autor é Michael J. Kruger, Ph.D. pela Universidade de Edimburgo. É professor associado de Novo Testamento no Reformed Theological Seminary. Ambos são autores de vários livros e artigos na área da teologia.

A obra se apresenta como um recurso acadêmico para quem quer aumentar seus argumentos a respeito da confiabilidade do texto bíblico que chegou até os tempos atuais. Os autores têm uma visão bastante conservadora em relação ao texto sagrado, combatendo em todos os momentos as relativizações que a contemporaneidade quer colocar sobre tudo, inclusive sobre o texto bíblico.

A obra está dividida, basicamente, em três partes, além da introdução e da conclusão. A primeira parte tem como título: "A Heresia da Ortodoxia: O pluralismo e as origens do novo testamento". Essa primeira parte do livro está subdividida em três capítulos, a saber: 1 - A tese

---

<sup>1</sup> Graduado em Teologia. Pós-graduado em docência universitária e em aconselhamento pastoral. Mestrando em Teologia pela FABAPAR. E-mail: [felippeamorim@hotmail.com](mailto:felippeamorim@hotmail.com)

de Bauer-Ehrman: Suas origens e influência. 2 - Unidade e pluralidade: Quão diversificado era o cristianismo primitivo? 3 – A Heresia do Novo Testamento: quão cedo ela surgiu?

A segunda parte do livro tem como título: A Escolha dos livros: uma investigação da formação do cânon do Novo Testamento. A subdivisão em capítulos ficou da seguinte forma: 1 – O começo no lugar certo: O significado do cânon no cristianismo primitivo. 2 – Interpretação das evidências históricas: a formação do cânon no cristianismo primitivo. 3 – A definição dos limites: os livros apócrifos e os limites do cânon.

A terceira parte do livro tem como título: Mudanças no relato: manuscritos, escribas e transmissão textual e está subdividida da seguinte forma: 1 – Guardiões do texto: como os textos eram copiados e veiculados no mundo antigo? 2 – Adulterações do texto: o texto do Novo Testamento foi alterado ao longo do caminho?

O livro pode ser resumido como sendo uma refutação à tese de Bauer-Ehrman que, basicamente, milita em prol da diversidade no cristianismo primitivo. Segundo os dois teólogos, não existia um cristianismo unificado e que acreditava nas mesmas coisas no primeiro século, o que existia eram “cristianismos”, ou seja, uma diversidade de entendimentos diferentes sobre as doutrinas cristãs. A consequência lógica desse pensamento é que um cristianismo com doutrinas relativamente unidas, como conhecemos hoje, teria surgido somente séculos à frente.

Nesse contexto, pode-se entender o título do livro: *A Heresia da Ortodoxia*. Este expressa a ideia contemporânea de que defender um cristianismo unificado no primeiro século (ortodoxia) seria uma verdadeira heresia. O título também carrega em si um pouco de ironia diante da forma como a sociedade atual encara a questão da verdade. A questão da diversidade é tão valorizada, que defender uma verdade se tornou impopular e gera rótulos não simpáticos àqueles que defendem a existência de uma única verdade, o que implica dizer que os outros conceitos antagônicos são falsos. Esse pensamento é uma contradição em si mesmo, pois admite que duas afirmações contraditórias sejam verdade ao mesmo tempo.

Os autores de *A Heresia da Ortodoxia* investiram mais de 300 páginas, argumentando contra esse pensamento relativista, especialmente, no que diz respeito às questões que envolvem a formação da doutrina cristã e do cânon cristão no primeiro século.

O primeiro capítulo do livro foi dedicado para explicar o que seria a tese de Bauer-Ehrman, a qual recebeu muita atenção e ganhou muito prestígio nos EUA, especialmente entre os teólogos do "Jesus Seminar" que difundiram as ideias por todo o mundo. Walter Bauer foi um teólogo alemão nascido em 1877 e que era conhecido por sua proeminência intelectual. Produziu algumas obras importantes, dentre elas está a obra "Ortodoxia e Heresia no Início do Cristianismo". Essa obra tinha como tese central a afirmação que não existia uma ortodoxia entre os cristãos do primeiro século, o que existia eram vários "cristianismos" desconexos. Isso gerou muita repercussão no meio acadêmico cristão e chegou aos nossos dias como uma explicação simpática à filosofia relativista que domina a sociedade ocidental contemporânea.

Bauer se levantou contra a pregação amplamente aceita antes da publicação de sua obra de que o cristianismo nasceu da pregação unificada dos apóstolos e que eles tinham uma

mensagem homogênea a ser proclamada. Isso seria a ortodoxia cristã que era rejeitada por Bauer. A linha argumentatória de Bauer consistiu em uma comparação histórica entre as crenças cristãs nos quatro mais importantes centros cristãos do primeiro século: Ásia Menor, Egito, Edessa e Roma. Segundo o autor, em cada um desses locais o cristianismo se desenvolveu de maneira diferente e apenas no quarto século a elite eclesiástica da igreja chegou a uma ortodoxia. Nesse pensamento, não existia unidade doutrinária vinda dos apóstolos, mas ela foi construída artificialmente ao longo da história. Essa tese gerou reações de diferentes naturezas. Embora ela tenha demorado a aparecer no meio teológico, quando apareceu suscitou apoio e oposição de um grande número de teólogos. Mesmo não sendo unanimidade no meio acadêmico, a tese de Bauer chegou com muita força na mente de um número significativo de cristãos.

Mais recentemente, a tese de Bauer foi difundida por Bart Ehrman que dava muita importância à publicação de Bauer a tal ponto de classificá-la como a mais importante do século XX sobre a história do cristianismo primitivo. Para desconstruir essa força que a tese de Bauer ganhou, os autores do livro aqui resenhado analisaram os argumentos desenvolvidos por Bauer e foram demonstrando como eles não eram sólidos e, portanto, não tinham como se sustentar diante do escrutínio da história.

No capítulo dois os autores demonstram como as crenças cristãs ortodoxas são mais antigas que as heresias a respeito do evangelho. Os movimentos heréticos são posteriores às doutrinas cristãs difundidas pelos apóstolos. Os autores apresentam uma cronologia que demonstra que até o final do segundo século, portanto, antes do surgimento das maiores heresias, a ortodoxia cristã já estava estabelecida e era conhecida pelo mundo cristão. Eles procuram deixar claro que a essência dessa ortodoxia chegou até os dias atuais.

A tese de Bauer se baseia especialmente em documentos posteriores aos escritos do Novo Testamento, isso enfraquece sensivelmente o seu argumento e deixa lacunas que, certamente, demonstram que ele é inválido. O capítulo três trata desse assunto e busca demonstrar como os livros do Novo Testamento são muito anteriores às heresias que contrastam com os ensinamentos de Cristo. Um dos argumentos derrubados no terceiro capítulo é o que defende que existem discrepâncias irreconciliáveis no texto do Novo Testamento. Contudo, os autores demonstram que as diferenças encontradas nos textos são irrelevantes e não mudam a mensagem central do Evangelho. Essas diferenças apenas demonstram que os textos foram escritos por diferentes pessoas que deram enfoques diferentes nas mesmas histórias e nos mesmos conceitos.

O capítulo quatro dá início à parte dois do livro, tratando a respeito do significado do cânon para os primeiros cristãos. Os argumentos de Bauer foram ferozes e nocivos contra a confiabilidade do cânon do Novo Testamento. Eles levantaram dúvidas sobre a validade desses escritos como documentos úteis para demonstrar uma ortodoxia cristã no primeiro século.

Três argumentos foram levantados em defesa da confiabilidade do Cânon e contra as ideias de Bauer. O primeiro diz respeito à característica do povo das alianças que, pelo contexto da comunicação divina, esperavam receber documentos escritos que registrassem

as atividades divinas. O segundo argumento fala sobre a expectativa de uma revelação divina que expusesse a história da redenção, a qual se deu através da autoridade apostólica e seus escritos. O terceiro argumento diz respeito ao sentimento dos primeiros cristãos de que eles não criaram o cânon, mas, sim, que eles receberam o cânon.

O quinto capítulo continua o tema do Cânon bíblico. No terceiro capítulo foi refutada a tese de que o cânon só teria surgido no final do segundo século. Neste capítulo, os autores apresentaram uma breve história da formação o Cânon e esclarecem que os livros do Novo Testamento já eram aceitos como sagrados no primeiro século da era cristã.

Os autores passam, no sexto capítulo, a discutir a questão dos livros apócrifos e sua autoridade. As mais antigas fontes cristãs demonstram que seria anacrônico equiparar as datas de composição e, portanto, a autoridade dos apócrifos. Eles foram escritos em um período posterior aos livros canônicos, uma vez que o seu conteúdo depende dos livros canônicos. Não é possível equiparar a autoridade dos livros canônicos e dos apócrifos.

O sétimo capítulo discute sinteticamente o trabalho dos escribas para refutar a tese de Bauer e Ehrman de que esses trabalhadores teriam interferido no texto original e não tinha rigor de cópia suficiente para que o texto atual seja de confiança. O capítulo apresenta argumentos que comprovam que existia uma preocupação com a transmissão do texto e os escribas eram profissionais de confiança.

O último capítulo do livro levanta a argumentação em favor da confiabilidade do texto bíblico em oposição às insinuações de que o texto pode ter sido adulterado ao longo do tempo. Os autores apresentam diversos argumentos em favor da afirmação que o texto que há na contemporaneidade é o mesmo texto que saiu das mãos dos autores. Essa afirmação baseia-se na tradição dos tempos bíblicos de cuidado ao copiar documentos, também se baseia na quantidade de manuscritos disponíveis do Novo Testamento. A comparação entre eles, mostra que não houve modificações consideráveis a ponto de invalidar a confiabilidade da Bíblia.

Em sua conclusão, o livro apresenta o propósito mais profundo de sua existência. A ideia não era apenas refutar a tese de Bauer, mas refletir a respeito das razões pelas quais ela é tão aceita no mundo contemporâneo. A mente relativista da sociedade atual aceita com muita facilidade a ideia de que a Bíblia não é um livro normativo e que não existe uma verdade absoluta.

Os autores apresentam conselhos diante dessa realidade. Em primeiro lugar a igreja deve continuar pregando a palavra de Deus como a verdade dEle para o tempo atual. Também é aconselhado à igreja continuar confrontando os falsos evangelhos que se levantam e apresentar a verdade ao mundo. Em terceiro lugar, a igreja deve se manter em atitude de oração para que consiga cumprir sua missão na Terra.

O livro levanta questões bastante relevantes para o tempo atual. A seguir serão apresentadas em forma de tópicos as principais ideias do livro.

1 – A tese de Bauer era que antes de existir uma ortodoxia no cristianismo, existia uma confusão de doutrinas e que nunca existiu essa unidade que os cristãos conservadores defendem em relação ao cristianismo do primeiro século. Para Bauer, a unidade do

cristianismo foi construída a partir do quarto século e, portanto, é artificial. 2 – A tese de Bauer foi amplamente rebatida no livro e com sucesso refutada. Através de argumentos históricos, linguísticos e teológicos, os autores conseguiram demonstrar que existia uma unidade no cristianismo do primeiro século e que as heresias surgiram principalmente a partir do segundo século, quando as ideias cristãs bíblicas já estavam estabelecidas e eram amplamente aceitas. 3 – A tese de Bauer foi amplamente aceita nos tempos atuais devido ao espírito relativista que habita na mente de muitas pessoas. Esse relativismo tem atingido em cheio a religião, negando que existam princípios imutáveis e verdades absolutas. 4 – O relativismo é um prejuízo para o cristianismo bíblico e precisa ser combatido pelos cristãos. É preciso que se pregue o evangelho como ele é e defendendo o que ele defende.

O livro é um bálsamo para quem crê na Bíblia como a Palavra de Deus e defende a existência de uma verdade absoluta que mora em Deus e em seus princípios. O relativismo tem tornado a religião contemporânea uma espécie de "mercado da fé", em que cada um pega as mercadorias a partir do seu gosto e deixa na prateleira o que não lhe agrada. A verdade bíblica não funciona assim. Os cristãos precisam aceitar toda a verdade que está nas Escrituras, começando pela verdade de que a Bíblia é a palavra de Deus e nela não há mentiras ou falsidades. Tentar desconstruir as Escrituras como a fonte da verdade divina é uma tendência contemporânea, mas não pode ser aceita pelos cristãos da atualidade.

A "heresia da Ortodoxia" é um livro importante para o mundo atual e deve ser estudado com atenção e coração aberto para que seus conceitos penetrem na mente e no coração do leitor, de tal forma que seja compreendida a mensagem de que a Bíblia é a palavra infalível de Deus. A obra será muito útil para estudantes de teologia, teólogos formados ou qualquer outro profissional que tenha interesse em estudar a Bíblia como texto confiável do ponto de vista histórico, literário e espiritual. Também se considera importante a leitura dessa obra para jovens cristãos que estejam estudando em universidades. Nesses ambientes acadêmicos o relativismo é a palavra de ordem e a leitura desta obra pode ser uma vacina contra a perda da fé.

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## RETOMANDO O QUE NÃO SE DEVIA PERDER

BEEKE, Joel. **Pregação Reformada:** proclamando a palavra de Deus do coração do pregador para o coração do povo de Deus. Tradução de Francisco W. Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2019. 600 p.

Bernardo Stollmeier Kuss<sup>1</sup>

Joel Beeke é um pastor e teólogo americano. Atualmente, ministro na Heritage Netherlands Reformed Congregation, presidente e professor do Puritan Reformed Theological Seminary, ambos em Grand Rapids, Michigan. Publicou 50 livros, Beeke é PhD em Teologia e um nome de peso entre os teólogos reformados da atualidade.

Fundamental ao cristão convicto assim pode-se categorizar este livro. Em um contexto geral de desinteresse e desestímulo ao pensar crítico, qualquer discurso pode ser aceito e reproduzido, independentemente de sua qualidade ou veracidade, inclusive no meio cristão. Cada vez menos se lê a Bíblia e, menos ainda, se usa a mesma como padrão. Posto isso, pode-se dizer que às mentes preguiçosas e aos ouvidos acostumados a pregações no estilo massagem de ego, o livro de Beeke causa comichão.

Sistematicamente direto, Beeke lembra que o ministério da pregação é substancial – a fé vem por se ouvir a Palavra de Deus. “E como ouvirão, se não houver quem pregue?” (Rm 10.15). Ele, então, convoca um retorno à pregação reformada experiencial. Bem longe de ser experiencialista, Beeke critica a pregação “algodão-doce”, que tem sabor, mas não alimenta, ou seja, pode causar uma experiência emocional, mas não nutre e não faz crescer. Ao mesmo tempo, ele critica a pregação fria, que só enche os ouvidos de informação, mas não enche seus corações. Sendo assim, a pregação experiencial deve envolver esses dois aspectos.

<sup>1</sup> Graduando em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. E-mail: bernkuss@hotmail.com



Ela é a exposição rigorosa e constante de doutrina, vivamente aplicada à prática, ao coração do ouvinte, logo, é a pregação que toca primeiro o pregador, para, então, ser compartilhada com o público. “Tocar” no sentido mais profundo possível; como um ferro incandescente, que derrete o coração por sua fragilidade e sujeira pecaminosa diante de um Deus santo e poderoso, convencendo da total incapacidade do homem e da obra magnífica de Cristo, e da dependência humana dela. Pontos tão fundamentais à pregação que são facilmente negligenciados.

Após essa definição, Beeke exemplifica copiosamente com histórias de vida, de ministério e, principalmente, a teologia de pregadores reformados dos últimos 500 anos, de Zuínglio a Lloyd-Jones. Tais relatos montam, de maneira sucinta, mas profundamente inspiradora e envolvente, uma galeria de heróis piedosos, cujas vidas com Deus faziam irradiar a Sua glória nos púlpitos.

Na terceira parte do livro, Beeke faz considerações práticas valiosíssimas, ressaltando aptidões e práticas necessárias ao pregador. Aplicar rigorosa e coerentemente a Palavra, primeiro a si e, então, ao público. Abordar temas doutrinários indispensáveis e pregar por santidade, são exemplos do que Beeke aborda, sempre ilustrando e complementando ricamente com citações de homens piedosos, reformados, puritanos e outros servos de Deus.

Este livro encorpado de teologia precisa ser “mastigado” calmamente, correndo-se o risco de não ter seus “nutrientes” bem aproveitados. Isso, entretanto, não elitiza seu público alvo, nem o limita ao meio acadêmico ou pastoral. Beeke consegue explicar verdades muito profundas, sem usar termos rebuscados ou construções difíceis. Isso torna a leitura muito agradável, por isso, indica-se a obra também ao meio cristão leigo, como estímulo às pessoas para que busquem pregações profundamente bíblicas, fiéis, piedosas e que estimulem seus pastores a produzirem pregações do mesmo nível.

O tema é vital à vida cristã. O livro é esmerado, impactante e necessário. Que o Senhor continue usando o autor para despertar a igreja e levantar mais pregadores preocupados e comprometidos com a Sua obra.

## NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Serão aceitos, para avaliação pela comissão editorial/consultiva, artigos científicos, resenhas de literatura, relatos de casos, comunicações breves, e outros artigos que estejam relacionados aos objetivos de divulgação da Revista. O material é encaminhado aos consultores e revisores, que decidirão sobre a conveniência da publicação, de forma integral ou parcial, encaminhando ao autor sugestões e possíveis correções. Os artigos serão analisados no sistema *Double Blind Review* (dupla avaliação cega, ou seja, autores e pareceristas permanecem anônimos durante o trabalho de edição), sendo necessária para a publicação a aprovação de pelo menos dois pareceristas.

Os artigos deverão ser enviados em formato de arquivo digital para o e-mail [marivete@batistapioneira.edu.br](mailto:marivete@batistapioneira.edu.br)

A Revista Ensaios Teológicos foi licenciada com uma *Licença Creative Commons*. O seu conteúdo é compartilhado no sistema Open Journal Systems, mas com determinadas restrições. A licença indica que há permissão para download e compartilhamento, desde que atribuam crédito à revista e ao autor de cada conteúdo, sem que seu conteúdo seja alterado e sem permissão para fins comerciais.



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

### Digitação

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word for Windows”, em formato A4 (21,0 x 29,7), com margem esquerda de 2,5 cm e margens direita, superior e inferior de 2,0 cm, fonte “Times New Roman”. No caso de uso de fonte especiais, especialmente das línguas originais, deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.

### Resumo / Abstract

O resumo e sua tradução para o inglês, o abstract, não podem ultrapassar 250 palavras, com informações que permitam uma adequada caracterização do artigo como um todo. No caso de artigos científicos, o resumo deve informar o objetivo, a metodologia aplicada e os resultados principais. Deverão ser apresentadas de 3 a 5 palavras-chave (keywords) logo após ao Resumo e Abstract.

### Texto principal

O título do artigo deverá ser escrito em negrito, letras maiúsculas, centralizado, fonte tamanho 16. Os subtítulos deverão ser alinhados à esquerda (sem recuo), negrito e fonte

tamanho 12. O texto padrão também deve ser em fonte tamanho 12, com espaçamento simples entrelinhas. Citações deverão ser digitadas em fonte tamanho 11, com recuo da margem esquerda de 4,0 cm, e notas de rodapé digitadas em fonte tamanho 10. No decorrer do texto, as referências deverão ser feitas em nota de rodapé, sendo que a primeira ocorrência deverá ser completa e as subsequentes deverão obedecer ao padrão “AUTOR, data, página”.

Recomenda-se que os artigos contenham de 30 a 50 mil caracteres (incluídos os títulos, notas e espaços). As abreviaturas utilizadas devem obedecer às convenções universais e, quando for o caso, abreviaturas não convencionais poderão ser usadas, seguidas de sua forma em extenso, entre parêntesis, na sua primeira citação.

### **Referências**

A lista de referências efetivamente utilizadas no artigo deverá ser apresentada ao final, em ordem alfabética por sobrenome de autores, de acordo com a Norma ABNT/NBR-6023 da Associação Brasileira de Normas Técnicas. Obras anônimas tem sua entrada a partir do título do artigo ou pela entidade responsável por sua publicação. A referência deve ser alinhada à esquerda, sem recuo para a sua segunda linha.

### **Resenhas**

Resenhas deverão ser de obras literárias recentes (máximo 3 anos de publicação) e devem conter no máximo duas páginas em A4, fonte Times New Roman, tamanho 12. Devem conter título criativo, referência completa da obra, síntese dos temas abordados e crítica da obra ao final da mesma.